



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO
história

BRUNO CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES

O ANARQUISMO SEM ADJETIVOS:

**A TRAJETÓRIA LIBERTÁRIA DE ANGELO
BANDONI ENTRE PROPAGANDA E
EDUCAÇÃO**

2018

**O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre
propaganda e educação**

Bruno Corrêa de Sá e Benevides

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani.

Rio de Janeiro

2018

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

CB465 Corrêa de Sá e Benevides, Bruno
O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária
de Angelo Bandoni entre propaganda e educação /
Bruno Corrêa de Sá e Benevides. -- Rio de Janeiro,
2018.
193

Orientador: Carlo Maurizio Romani.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em História, 2018.

1. Angelo Bandoni. 2. Anarquismo. 3. Biografia.
I. Maurizio Romani, Carlo, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre
propaganda e educação**

Bruno Corrêa de Sá e Benevides

Aprovador por:

Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Giovanni Stiffoni (Membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dr.^a Claudia Feierabend Baeta Leal (Membro externo)
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Prof. Dr. Luigi Biondi (Membro externo)
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Angela de Castro Gomes (Suplente interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais (Paulo Corrêa de Sá e Benevides Filho e Marcia Coelho e Benevides) que indiretamente proporcionaram esta jornada.

Nós desejamos a liberdade e o bem-estar de todos os homens, de todos os homens sem exceção. Queremos que cada ser humano possa se desenvolver e viver do modo mais feliz possível. E acreditamos que esta liberdade e este bem-estar não poderão ser dados nem por um homem, nem por um partido, mas todos deverão descobrir neles mesmos suas condições, e conquistá-las.

Errico Malatesta

TABACARIA

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!

Gênio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)

Agradecimentos

De todas as dificuldades existentes no cotidiano brasileiro, estudar, talvez, seja um dos processos mais complexos. Uma vereda repleta de espinhos. Ainda mais em se tratando de uma pesquisa de pós-graduação, parece que os percalços se afloram, se fortalecem. Já não bastassem os inconvenientes da pesquisa em si, é preciso driblar os obstáculos impostos pelas realidades tão desfavoráveis, sobretudo se o seu lugar de fala parte de zonas nitidamente excluídas de alguns aparatos culturais. Como vivi a maior parte da minha vida nos subúrbios cariocas, a ausência de bibliotecas e de boas livrarias, o distanciamento dos centros universitários, os antagonismos sociais e a percepção pejorativa que o ato de estudar possui entre a própria população concedem ao fato tom de dramaticidade. A sociedade, portanto, faz a sua parte e o Estado, do outro, termina o serviço com louvor, conseguindo manter inúmeros indivíduos à margem de um verdadeiro processo educacional – apenas poucos podem ter acesso. No Brasil, nessa questão educacional, *A Sociedade contra o Estado* (de Clastres) é ampliada e o que temos são alguns indivíduos não apenas contra o *Estado*, mas contra toda a *Sociedade*. Como questionou Fernando Pessoa em seu heterônimo Álvaro de Campos, “Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?” Parece que sim, pois é mais fácil tirar uma carteira de trabalho (transformando-me em um promissor mercado consumidor) do que obter um diploma. Além disso, a rede de sociabilidade que nos cerca concede maior valor por seu patrimônio acumulado do que pelas conquistas intelectuais ou ações de cidadania. Mesmo assim, o que matém a chama acesa? No meu caso foi a paixão pela História, o contato com o anarquismo e o apoio incondicional de algumas pessoas. De modo que é preciso reconhecer essa participação em forma de agradecimento. Assim, por esses dois anos de pesquisa, agradeço à minha irmã Paula Benevides por toda a preocupação e apoio. Ao Professor Alexandre Samis por ter gentilmente me enviado um exemplar do seu livro. À Historiadora Claudia Leal por ter aceitado ler este trabalho e fazer parte da banca examinadora. Ao professor Luigi Biondi por igualmente ter aceitado compor a banca como membro externo. Ao Professor Giovanni Stiffoni por ter gentilmente cedido boa parte da documentação policial sobre o meu objeto de pesquisa que se encontrava no *Archivio Centrale Dello Stato*. A ele também devo as horas de debates intelectuais, por ter me ensinado os primeiros rudimentos da língua italiana, pela leitura dessa dissertação e por compor a banca avaliadora. Ao Historiador chileno Jorge Canales Urriola que conheci em um congresso na Argentina (Buenos Aires) e prontamente me enviou alguns documentos policiais sobre Angelo Bandoni. À Professora Angela Roberti pela estima e o apoio. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em

História (PPGH) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento da pesquisa. Em janeiro de 2017, tive o prazer imenso de receber um e-mail da bisneta de Angelo Bandoni (neta do Spartaco Bandoni, filho de Angelo) que acabou se tornando uma pessoa querida e próxima. Nesse sentido, agradeço o contato feito por Vania Bandoni. Ao Professor Frank Jacob da Universidade de Nova York que me recepcionou com toda a gentileza em um congresso realizado na Alemanha (Würzburg) e que recentemente me enviou saudações e apoio na pesquisa. Agradeço especialmente ao meu orientador e Professor Carlo Romani pelo incentivo, pela confiança, sempre mantendo portas abertas ao diálogo e por ter, desde o início, “abraçado” o tema e acreditar nos resultados deste trabalho. Agradeço aos meus amigos de pós-graduação pelo apoio constante, em especial à minha grande amiga Helena Trindade pelas horas gastas em longas conversas, no processo de revisão dos textos e na leitura das fontes manuscritas (o seu conhecimento em paleografia foi fundamental e a sua amizade incondicional). Por fim, agradeço à minha companheira Paula Rodrigues que muito contribuiu na confecção dos fichamentos da bibliografia e das fontes e que bravamente me aturou nos períodos de amarguras. Muito obrigado!

Resumo

Este trabalho trata da reconstrução biográfica do anarquista corso-italiano Angelo Bandoni, que viveu no Brasil no período compreendido entre 1900 e 1947. Responsável por editar alguns periódicos que atingiram notoriedade entre o operariado, sobretudo nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Bandoni também organizou uma das primeiras experiências de escola no país atravessada por concepções libertárias e destinada aos filhos dos trabalhadores. Por este feito, passou a ser reconhecido, segundo alguns memorialistas que vivenciaram o seu mesmo espaço social e temporal, como “o professor”. Apesar de sua forte tendência antiorganizacional, busca-se compreender a sua ação enquanto militante para além das vertentes do anarquismo, evitando a sua classificação de maneira rígida e inexorável dentro do movimento libertário. Com base nessa perspectiva, acredita-se que a melhor descrição de Angelo Bandoni seja a de um “anarquista sem adjetivos”, na medida em que ele mesmo não definiu rigidamente a sua posição. O uso da abordagem biográfica (micro-história) permite enxergar o indivíduo como sujeito histórico ao conceder ênfase às ações individuais dentro das estruturas sociais, possibilitando, inclusive, compreender as especificidades do grupo social a qual Angelo Bandoni fez parte.

Palavras-chave: Angelo Bandoni – Anarquismo – Biografia

Abstract

This work deals with the biographical reconstruction of the Corsican-Italian anarchist Angelo Bandoni, who lived in Brazil between 1900 and 1947. Responsible for editing some periodicals that reached notoriety among the working class, especially in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro, Bandoni also organized one of the first experiences of school in the country crossed by libertarian conceptions and destined to the children of the workers. For this done, became recognized, according to some memorialists who have experienced their same social and temporal space, as “the teacher”. Despite his strong anti-organization tendency, seeks out to understand his action as a militant beyond the strands of anarchism, avoiding his classification in a rigid and inexorable way within the libertarian movement. Based on this perspective, we believe that Angelo Bandoni's best description is that of an “anarchist without adjectives”, in that he himself has not rigidly defined his position. The use of the biographical approach allows one to see the individual as a historical subject by giving emphasis to individual actions within social structures, making possible to understand the specificities of the social group to which Angelo Bandoni belonged.

Keywords: Angelo Bandoni – Anarchism – Biography

Sumário

Introdução	1
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	18
Um anarquista sem adjetivo... ..	18
Capítulo 01 – Eis o Homem	35
1.1. – <i>Da Terra de Napoleão ao território de Dante: o início de tudo entre a Córsega e a Itália (1868-1900)</i>	38
1.1.1 – Entre um mar de gente	38
1.1.2 – O Casal Bandoni: “Sai da casa de sua parentela”	42
1.1.3 – <i>É hora de partir: de Bastia à Itália.</i>	45
1.1.4 – A Itália no final da segunda metade do Século XIX	48
1.1.5 – Um breve apontamento do anarquismo na Itália no final da segunda metade do Século XIX	49
1.1.6 – Bebendo do “Caldo Cultural”	53
1.1.7 – O anarquista transgressor	55
1.1.8 – Encruzilhadas: “ <i>um delinquente nato</i> ”?	57
1.1.9 – Sob o Sol da Argélia	59
1.2. No calor dos trópicos: a experiência libertária no Brasil (1900-1947)	61
1.2.1 – Fazer a América?	61
1.2.2. – Enquanto isso, na República Federativa... ..	64
1.2.3. – São Paulo no <i>boom</i> industrial	68
1.2.4 – Fazendas paulistas: um inferno de Dante	75
1.2.5 – Na capital da República	77
1.2.6 – Anarquismo e o operariado no Brasil	79
1.2.7 – Eu conheço cada palmo desse chão: <i>La Propaganda Anarchica</i>	82
1.2.8 – A Greve de 1917 e a Repressão policial contra o anarquismo a partir da década de 1920.....	88
1.2.9 – Última parada: a <i>Quarta parada</i>	90
Capítulo 2 – “O professor”, o poeta e o Conferencista	94
2.1 - A educação libertária como “nova tendência revolucionária”	94
As práticas pedagógicas do “professor”	95
2.2 – Poesias e Conferências	107

2.2.1 – Poesias	109
2.2.2 – O conferencista	124
Capítulo 3 – Angelo Bandoni: um articulista da imprensa libertária	132
3.1 – O reconhecimento: “ <i>momento di palpitante</i> ” (1ª fase – 1900-1911)	132
3.2 – A Guerra Social: “ <i>Non ho più patria!</i> ” (2ª fase – 1912-1917).....	144
3.3 – Um último suspiro: “ <i>Noi siamo anarchici</i> ” (3ª fase – <i>Alba Rossa</i> e <i>Germinal!</i>) ..	156
Considerações Finais	166
Referências	169

Lista de abreviaturas

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp)

AMORJ – Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

ANRJ – Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

ANA – Archivo General de la Nación Argentina, Buenos Aires

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo

ACS – Archivio Centrale Dello Stato, Roma

BNRJ – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

CEMLA – Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos, Buenos Aires

CPC – Casellario Politico Centrale

DLHC – Département de La Haute-Corse

IISH – International Institute of Social History (Amsterdã)

RCPN 6º Subdistrito da Capital – Registro Civil das Pessoas Naturais do 6º Subdistrito da Capital (Brás, São Paulo)

TER-RJ – Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Rio de Janeiro.

Imagens, quadros e mapas

Imagens

Imagem 01 – Foto da Rua rue Droite, atual rue du Chanoine Letteron, em Bastia.....	40
Imagem 02 – Fotografia da Escola Moderna Francisco Ferrer, Cândido Rodrigues, São Paulo.....	102
Imagem 03 – Trecho da poesia <i>Progresso e Civiltà</i>	111
Imagem 04 – Trecho da poesia <i>L'odissea de Sante Caserio</i>	112
Imagem 05 – Anúncio da festa de comemoração de um ano do <i>C. E. Libertário Germinal</i> ..	116
Imagem 06 – Opúsculos publicados por Angelo Bandoni.....	126

Quadros

Quadro 01 – As Práticas Libertárias de Angelo Bandoni.....	8
Quadro 02 – Lista de Locais por onde Angelo Bandoni passou entre os anos de 1911 a 1944.....	84
Quadro 03 – Publicações tipográficas de Angelo Bandoni.....	88
Quadro 04 – Poesias publicadas por Angelo Bandoni.....	112

Mapas

Mapa 01 – Mapa ampliado da rue Droite, atual rue du Chanoine Letteron, em Bastia.....	40
Mapa 02 – Região da Toscana, Itália.....	43
Mapa 03 – Ramal da E F São Paulo-Minas no início do Século XX.....	63
Mapa 04 – Traçado da Estrada de Ferro no Estado de São Paulo no início do Século XX.....	86

Introdução

“No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as ‘gestas dos reis’. (...) ‘Quem construiu Tebas das sete portas?’ – perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso” (GINZBURG, 2011, p.11).

“(...) Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (WHITE, 1994, p.98).

O interesse pelo tema desenvolvido nesta pesquisa surgiu ainda na graduação, durante a elaboração do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Naquela ocasião pesquisávamos sobre os primeiros focos (1919-1921) de resistência ao fascismo a partir de periódicos anarquistas ligados ao movimento operário nacional. Um dos jornais utilizado como fonte foi o *Alba Rossa*, periódico publicado e editado no Brasil, mais especificamente em São Paulo, porém pertencente à comunidade italiana radicada nesta cidade.

As primeiras informações sobre o jornal vieram através do trabalho do historiador João Fábio Bertonha, intitulado *Sob a sombra de Mussolini*. Em sua obra, Bertonha analisa todas as ações antifascistas encetadas por italianos em São Paulo entre os anos de 1919 a 1945. O então jornal *Alba Rossa* logo nos despertou interesse, na medida em que é considerado pelo autor como um dos pioneiros na luta contra o fascismo (BERTONHA, 1999b, p.56).

A partir daí, surgiu o interesse em conhecer o editor (ou os editores) responsável por esse periódico. Foi nessa ocasião que pela primeira vez tivemos o contato com o nome Angelo Bandoni, visto que foi o editor principal do jornal. Esse contato preliminar desencadeou um esforço por iniciar uma pesquisa, tanto na historiografia nacional, quanto na estrangeira, sobre todo e qualquer tipo de referência a respeito de quem teria sido Bandoni. Após uma exaustiva busca, constatamos, de uma maneira geral, que se tratou de um

anarquista de origem italiana que migrou para o Brasil nos primeiros anos do século XX, e foi responsável por editar e contribuir com artigos em alguns periódicos que ganharam a notoriedade entre o operariado nas duas maiores capitais do país (Rio de Janeiro e São Paulo). Além disso, Bandoni vem sendo reconhecido como um organizador de escolas libertárias destinadas aos filhos de trabalhadores italianos residentes no território nacional.

Outra faceta de sua militância foi a intensa ação enquanto conferencista e propagandeador dos ideais libertários, não apenas por meio da produção jornalística, mas a partir da formação de círculos anarquistas na capital e pelo interior do Estado de São Paulo, mantendo sempre contato com outros ativistas anárquicos de origem estrangeira (principalmente italiana), como Tobia Boni, Gigi Damiani, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai, Neno Vasco, Florentino de Carvalho, Edgard Leuenroth, entre outros.

Como melhor será exposto a seguir, inexitem no Brasil pesquisas que se dedicaram em elaborar um estudo específico sobre a trajetória biográfica de Angelo Bandoni, onde conjuntamente realizassem uma análise e uma compreensão de seus escritos deixados nas páginas da imprensa anárquica. Foi pensando nessa lacuna que este trabalho ganhou sentido e vida. Estudos sobre a trajetória dos militantes durante os primeiros anos da República têm sido algo bastante comum nos últimos anos na historiografia sobre o anarquismo. Entretanto, nem sempre foi assim. Essa nova modalidade de investigação é relativamente recente e representou uma virada na compreensão sobre a história do anarquismo no país. Para uma melhor percepção, cabe aqui fazer uma breve digressão das principais tendências dos estudos históricos do movimento anarquista no Brasil nos últimos quarenta anos.

O estudo do anarquismo e do movimento anarquista enquanto fenômeno social e pertencente à cultura libertária vem sendo realizado, em verdade, desde a década de 1970 e por distintas áreas de conhecimentos, como a História, as Ciências Sociais e a Educação. Contudo, antes mesmo do surgimento dessa primeira geração de pesquisas desenvolvidas na academia, já existiam alguns trabalhos clássicos produzidos por militantes (ou não) do anarquismo, onde em geral são memórias individuais e coletivas ou até mesmo reflexões no campo teórico do anarquismo, a partir de ativistas como, por exemplo, José Oiticica (1945), Edgard Leuenroth (1963), Edgard Rodrigues (1999) e Everardo Dias (1962). Por outro lado, já nas obras memorialísticas, podemos mencionar os relatos de Tito Battini (1991) e Zélia Gattai (1994), ambas utilizadas nesta pesquisa.

A geração dos anos 1970 foi marcada pelos estudos sobre o anarquismo atrelado ao movimento operário do início do século XX tendo relação direta com o processo migratório

de estrangeiros de origem europeia que chegavam ao Brasil desde a segunda metade do oitocentos (MARAM, 1979). Nesse momento também foi sedimentada a posição que defendeu a ideia de um anarcossindicalismo predominante no bojo do movimento operário brasileiro até os anos 1920¹.

A partir da década de 1980, com a ampliação do acesso às fontes de caráter jornalístico e policial e com a formação de arquivos com fundos sobre o movimento operário, houve um grande crescimento de pesquisas acadêmicas que se aprofundaram no estudo do anarquismo circunscrito à relação sindicalismo e o operariado no Rio e São Paulo², ressaltando sempre as lutas da classe de trabalhadores contra o patronato, como a greve de 1917 (LOPREATO, 2000), a insurreição anarquista no Rio de Janeiro (ADDOR, 1986) e a repressão policial (LEAL, 2006), muito em razão da influência que a percepção histórica do marxismo (principalmente a luta de classes e a concepção classista fabril) exerceu sobre as análises que envolvessem a temática do mundo do trabalho.

Por outro lado, com o forte impacto provocado pela revisão do estruturalismo e das abordagens que, como dito, conduziam desde a década de 1970 os estudos no campo da História do trabalho, sobretudo a partir da influência exercida pela *Newleft* inglesa (especialmente com E. P. Thompson³) e o alcance do coletivismo da obra de Cornelius Castoriadis (1979), *Socialismo e Barbárie*, ressaltando a participação popular autogestionária e não classista, somado ainda ao aporte teórico proveniente da difusão dos textos de Michel Foucault sobre a sociedade disciplinar e o poder (FOUCAULT, 1979), pouco a pouco o interesse da pesquisa histórica do anarquismo desloca-se para outros temas distintos daqueles que se circunscravam somente em relação ao movimento operário. Nesse sentido, a partir das décadas de 1980 e 1990, tal perspectiva permitiu aos historiadores explorar temas antes não visitados e que envolvessem e percebessem os ideais libertários a partir de inúmeros tecidos da malha social. Como exemplo, podemos citar questões sobre a identidade, manifestações

¹ “O anarcossindicalismo e seus militantes formaram a ideologia e dominaram a liderança do primeiro movimento operário brasileiro, constituído em sua grande maioria de homens e mulheres vindos da Europa” (MARAM, 1979, p. 11). Esse tema sofreu aprofundamento com o trabalho de Eric Gordon (1978) e Yara Khoury (1981).

² Ver: *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. (FERREIRA, 1978); *O movimento anarquista em São Paulo: 1906-1917* (MAGNANI, 1982); *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil* (SAMIS, 2002); *Anarquismo e sindicalismo revolucionário* (TOLEDO, 2004); *Travessias Revolucionárias: Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)* (*Idem*) e *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil: 1906-1936* (OLIVEIRA, 2009).

³ A crítica mais feroz ao estruturalismo foi efetuada pelo mais citado historiador em todos os tempos, renovador da História Social, E. P. Thompson em: *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. (1981).

culturais e práticas educacionais, dando ênfase ao que se passou a chamar de *cultura libertária*⁴, e que estaria situada para além do movimento sindical e fabril. Resumindo em uma frase: de acordo com essa nova orientação, os libertários saem das páginas da luta de classe e ingressam na produção de cultura.

As análises que ganharam força a partir de todo esse arcabouço teórico foram as pesquisas que enfatizaram a ação dos indivíduos em detrimento da coletividade enquanto agentes históricos. De acordo com esta perspectiva, as mulheres, por exemplo, tornaram-se protagonistas de lutas (RAGO, 2007) e transgressoras da sociabilidade burguesa (RAGO, 1985). Além disso, a partir da grande influência que a micro-história exerceu no *mainstream* da historiografia nacional desde os anos 1990, e com a influência da *Social History*, tais estudos reafirmando as ações dos sujeitos históricos (principalmente de sujeitos “comuns”) ganham proeminência. Neste sentido, tais percepções metodológica e teórica passam a ser utilizadas nas contribuições sobre a História do movimento anarquista no Brasil. Inúmeros trabalhos emergiram dedicados em esmiuçar as trajetórias de vida de diversos militantes, possibilitando, através dessa percepção micro, uma melhor compreensão do anarquismo no país. Por outro lado, buscou-se enxergar a dimensão múltipla e cotidiana do conflito estabelecido entre determinados sujeitos históricos e a sociedade burguesa, afastando-se das temáticas que privilegiavam o embate contra o patronato durante as greves e as revoltas.

Assim, diversos estudos, como esse que está sendo apresentado sobre Angelo Bandoni, voltaram seu interesse na trajetória biográfica e na análise das práticas de militância de ativistas anarquistas, como por exemplo, o trabalho seminal da historiadora Yara Khoury sobre um dos principais ácratas do chamado “anarcossindicalismo” nacional, Edgard Leuenroth (1988), a pesquisa de Regina Duarte sobre o anarquista Avelino Foscolo (1991) e do anarquista espanhol de vertente sindicalista Florentino de Carvalho, na verdade pseudônimo de Raymundo Primitivo Soares, elaborada por Rogério Nascimento (2000). Cabe ressaltar ainda os estudos que investigam as histórias das vidas e as experiências libertárias dos anarquistas Oreste Ristori de Carlo Romani (2002), Luce Fabbri da historiadora Margareth Rago (2001), do anarquista Giulio Sorelli,⁵ também de origem italiana, por

⁴ Eis algumas obras seminais envolvendo a cultura libertária: *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil* (HARDMAN, 2003), *O Teatro Operário na Cidade de São Paulo: Teatro anarquista* (VARGAS; LIMA, 1980) e *Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura* (PRADO, 1986).

⁵ Em verdade, o objetivo principal da autora foi o de estudar o sindicalismo revolucionário a partir da trajetória de vida de três militantes de origem italiana que migraram para o Brasil, no caso a de um anarquista (Sorelli), do socialista Alceste De Ambris, e do sindicalista Edmondo Rossoni que depois passou a atuar no sindicalismo fascista. (TOLEDO, 2004).

Edilene Toledo (2004), do libertário de origem portuguesa Neno Vasco (na verdade Gregório Nazianzeno Moreira de Queiroz e Vasconcelos) por Alexandre Samis (2009b) e finalmente a do anarquista Edgar Rodrigues por Carlos Addor (2012)⁶.

Fora do Brasil algumas pesquisas também passaram a estudar a trajetória biográfica e as ações libertárias de anarquistas de origem estrangeira (sobretudo italiana) que migraram em direção ao território brasileiro se estabelecendo no país de forma permanente ou temporária.

Em geral são estudos voltados para uma análise conjunta de diversos militantes, realizando quase que uma prosopografia e ao mesmo tempo uma investigação de inúmeros periódicos anarquistas publicados no Brasil pela comunidade italiana. Dos trabalhos mais notórios, podemos destacar a tese de doutorado da historiadora francesa Isabelle Felici (1994b), que apreciou diversos jornais anarquistas escritos em italiano e editados no país entre 1890 e 1920, possibilitando apontar o aspecto da emigração e a contribuição dos italianos para o nascimento do movimento sindical brasileiro.

Outro exemplo de trabalho a ser destacado é do historiador Luigi Biondi, que analisa a difusão do anarquismo no interior da comunidade italiana em São Paulo, entre os anos 1904 e 1905, principalmente por meio da difusão do periódico *La Battaglia*, e de forma secundária a partir dos jornais *La propaganda Libertaria* e *Guerra Sociale*, acabando também por ressaltar a trajetória biográfica de diversos anarquistas provenientes da Itália (BIONDI, 1994). Finalmente a terceira pesquisa que merece destaque é a recente tese de doutorado de Jorge Canales Urriola, cuja proposta é compreender a relação entre a transnacionalidade⁷ do anarquismo e o processo de migração dos trabalhadores italianos (particularmente provenientes da Emilia-Romagna) que partiram em direção ao Brasil e à Argentina nos últimos anos dos *oitocentos*. Tal pesquisa proporcionou, ao mesmo tempo, uma análise conjunta de biografias de alguns ácratas e de diversos veículos da imprensa libertária produzidos na região portenha e em São Paulo (URRIOLA, 2016).

Esses três últimos estudos promovidos por historiadores estrangeiros (Felici, Biondi e Urriola), são, inclusive, os únicos trabalhos que fizeram aprofundadas investigações sobre Angelo Bandoni, não apenas a partir de seus textos deixados na imprensa anarquista, mas por meio da utilização de documentos da polícia italiana que, de certa forma, trazem dados

⁶ Não ousamos esquecer a elaboração de uma biografia sobre Gigi Damiani, porém realizada por um estudioso estrangeiro: Ugo Fedeli (1954).

⁷ Sobre a transnacionalidade e o movimento anarquista italiano, ver: *Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915* (TURCATO, 2007), onde o autor ressalta que o anarquismo italiano não sofreu rupturas graças ao caráter transnacional desse movimento, tendo em vista a integração promovida, a partir da imprensa anárquica, entre militantes espalhados por distintos lugares do mundo (EUA e a América do Sul, por exemplo).

biográficos que não haviam sido explorados. De maneira mais intensa, os escritos de Bandoni e a sua trajetória são melhores apreciados na citada tese da historiadora Isabelle Felici, que foi capaz de perquirir toda a sua produção tipográfica ao longo de todo o período em que viveu no Brasil. Entretanto, a autora não tratou de compreender questões mais específicas sobre quem foi Angelo Bandoni. Ademais, sua conclusão sobre qual seria a posição deste militante dentro do anarquismo nos parece, haja vista, uma releitura mais apurada das fontes, limitada e ao mesmo tempo generalizante.

No Brasil, a historiografia sobre o anarquismo não despertou interesse em estudar a trajetória biográfica e a atuação libertária de Angelo Bandoni de forma exclusiva. *Grosso modo* tudo o que foi escrito sobre Bandoni no país apenas menciona alguns dos seus artigos ou o seu envolvimento na formação e organização de escolas libertárias, contudo, sempre dentro de uma análise em conjunto com outros temas, ou outros militantes e nunca com exclusividade. Também foi comum encontrar estudos que apenas fazem menção ao Bandoni de maneira implícita. Por implícito, entendemos ser aquelas referências que mencionam algum artigo ou jornal editado por ele, porém sem fazer alusão direta ao seu nome⁸.

Dentre esses trabalhos, podemos citar alguns que atingiram certa notoriedade e fazem menção ao Bandoni: *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo, 1870-1920*, um grande estudo sobre a experiência italiana no Brasil de Zuleika Alvim (2006), a obra *Do Outro Lado Atlântico*, de Angelo Trento (1989, p.223) e *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS* das autoras Maria Luiza Tucci Carneiro e Boris Kossoy (2003). Bandoni também foi lembrado em *Eu não tenho onde morar*, de Eva Blay (1985) e em *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*, de Carlo Romani, que enfatiza a relação de companheirismo entre Ristori e Bandoni (2002). Por fim, fazendo menção indireta, cabe citar os estudos *Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890* da historiadora Claudia Leal (2006) e ainda *Travessias Revolucionárias* de Edilene Toledo (2004)⁹.

⁸ Por exemplo, podemos citar o artigo de Edilene Toledo que menciona que a direção do jornal *Guerra Sociale* pertencia aos anarquistas Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai, o que é um equívoco, pois o jornal inicialmente e durante algum tempo foi organizado e dirigido por Angelo Bandoni (ver: *Guerra Sociale*, n. 1, 11 de setembro de 1915, ano I) (TOLEDO, [S.d], p. 01-22).

⁹ Além desses mais conhecidos, eis alguns textos que fazem menção ao Bandoni, seja como articulista, seja como educador: Maria Luiza Tucci Carneiro, em *Memórias de uma jovem anarquista* (2002, p. 39-54); Federico Crocci Faccettanera: os primeiros passos da propaganda fascista em São Paulo 1922-1924, (2008, p. 171); João Fábio Bertonha. Libero Battistelli e giustizia e libertà no Brasil: um aspecto da luta antifascista italiana na América (1999a, p. 213-234); Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio: *O movimento operário e a educação dos trabalhadores na primeira república*: a defesa do conhecimento contra as trevas da ignorância (RIO, 2009, p. 168 e ss); Clayton Peron Godoy: *Ação Direta*: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo:1892-1908 (2013); S.M.P. Valente: O movimento anarquista no Brasil.

Como já mencionado, ainda que exaustivamente referenciado por inúmeros estudos, inexistiu no Brasil e no estrangeiro trabalho que exclusivamente tenha se dedicado na compreensão da trajetória biográfica e das ações libertárias de Angelo Bandoni. Tendo em vista esta ausência historiográfica, pretendeu-se, por meio desta pesquisa, rescrever a sua história de vida ressaltando a sua prática de militância enquanto anarquista.

Deste modo, a pergunta central que permeou essa investigação foi: *o que foi o anarquismo para Angelo Bandoni?* Essa problemática exordial permitiu o desmembramento em outras indagações que também nos serviram de norte: *quem foi Angelo Bandoni e qual foi a sua a posição dentro do anarquismo?*

Sobre a sua posição no anarquismo, ou se preferir, a vertente a qual melhor poderia ser classificado, grande parte dos historiadores tendeu a considerá-lo, como veremos, um *antiorganizador* clássico, sendo contrário a qualquer forma de organização. Outros chegaram a identificá-lo como um individualista. Contudo, como demonstraremos, um exame mais apurado da sua produção tipográfica e a consulta de documentação inexplorada sobre o Bandoni revelam que é impossível (e um equívoco) catalogar este militante de maneira rígida em qualquer tipo de vertente anárquica.

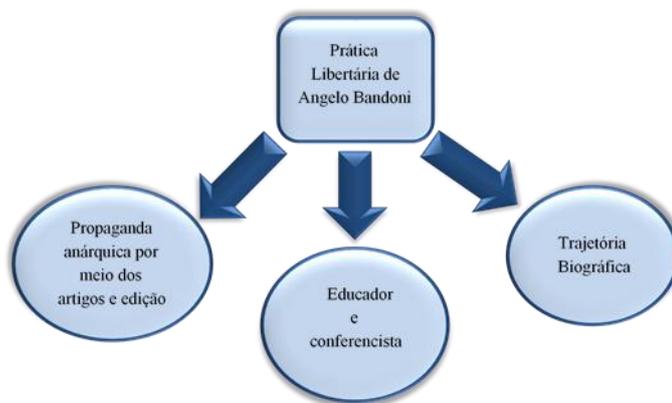
Acreditamos que Bandoni tenha sido profundo crítico das organizações mais verticalizadas (como partidos e sindicatos), já que em algumas ocasiões ressaltou positivamente o papel dos agrupamentos formados por trabalhadores, mas desde que não centralizados. Na prática, por diversas vezes o encontramos envolvido na formação de círculos e de escolas libertárias, realizando inclusive solicitações burocráticas perante a Administração Pública para a concessão de licença de funcionamento dessas organizações. Tais percepções contribuíram para repensar essa imagem *antiorganizadora* de Angelo Bandoni modelada pela historiografia. Por outro lado, também rejeitamos a posição que identifica as suas críticas às organizações sindicais como elemento que o ligasse ao *insurrecionalismo* defendido por Luigi Galleani, posto que o antissindicalismo de Bandoni é mais um reflexo da desconfiança gerada pela experiência sindical italiana (lugar hegemônico inicialmente no fim do século XIX pelo socialismo reformista) do que propriamente uma aproximação às ideias galleanistas, mas disso falaremos em detalhes quando for o momento.

(1994, p.260-269); Kauan Willian dos Santos: *“Paz entre nós, guerra aos senhores”*: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas *guerra sociale* e *a plebe* na segunda década do século XX em São Paulo. (2016a); Rose Dayanne Santos de Brito: *No rastro de Benjamim Mota*: a defesa das leis sociais e direitos políticos na primeira República (1901-1904) (2016), entre outros.

Em seus escritos, além de frequentemente cair em contradições teóricas, Bandoni não assumiu claramente a sua posição dentro do anarquismo. O mesmo “antiorganizador” e “individualista” paradoxalmente chegou a declarar-se [anarco]comunista do ponto de vista econômico e libertário politicamente, entre outras variações e incongruências que veremos em detalhes. Diante disso, a hipótese que orienta este trabalho é que a melhor definição de Angelo Bandoni seria a de um anarquista sem adjetivos, na medida em quem não possuiu uma posição fixa dentro do movimento libertário.

De todo modo, ainda pensando sobre a pergunta central (*o que foi o anarquismo para Angelo Bandoni?*), defendemos que a sua ação anárquica apenas pôde ser inteiramente compreendida quando analisada sobre o crivo de um tripé que sustentou a sua prática libertária. Para fins deste trabalho, tal prática está sustentada por três pernas, que seriam: a sua trajetória biográfica, a sua ação enquanto conferencista, educador e poeta e, finalmente, a sua atuação enquanto articulista e editor de jornais que contribuíram na propaganda anarquista, conforme o esquema abaixo:

Quadro 01 – As Práticas Libertárias de Angelo Bandoni



Fonte: Elaboração do Autor

Entender a sua ação libertária enquanto educador e articulista é algo claro, mas por qual razão devemos considerar a sua trajetória de vida como parte integrante de sua prática anárquica? A biografia de Angelo Bandoni é a própria expressão de sua militância. Bandoni não foi um “anarquista de final de semana”. Suas convicções acerca da anarquia refletiram diretamente em suas escolhas individuais. Ele não apenas acreditava nas ideias, mas foi capaz de viver do e para o anarquismo. Inclusive, por algum tempo foi o seu trabalho, de onde extraia o seu sustento e o de sua família. Em outras palavras, a sua vida foi toda direcionada

(determinada?) pelos ideais anárquicos. É em razão disso que compreender a sua direção biográfica significa forçadamente estudar a sua prática anarquista.

Imigrante de cultura italiana, anarquista desde o período que viveu na Itália, deslocando-se para o Brasil buscando trabalhar nas tradicionais fazendas de café no interior do Estado de São Paulo (mesmo que apenas durante os primeiros anos de sua chegada), Bandoni, difícil não reconhecer, foi símbolo do clássico ácrata ao estilo paradigma europeu, o qual Claudio Batalha tentou desconstruir¹⁰. Entretanto, mesmo tendo o primeiro contato com o anarquismo na península itálica, o seu aprofundamento e amadurecimento ocorre em solo brasileiro. O estudo sobre Angelo Bandoni demonstra o quão complexo e polimórfico foi o anarquismo no Brasil durante os primeiros anos da República. A análise sobre a sua trajetória é de grande relevância, pois permite mapear a sua origem social, as suas relações cotidianas, o seu grau de instrução e a maneira como se deu a sua participação política. Tais proposições apontam como dito, para uma grande heterogeneidade dos anarquistas. Ressalta também a luta de resistência contra o padrão de comportamento imposto pela sociedade burguesa, partindo, entretanto, não de uma classe, mas de ações individualizadas. Neste sentido são pertinentes as palavras de Giovanni Levi

(...) nos intervalos entre sistemas normativos estáveis ou em formação, os grupos e as pessoas atuam com uma própria estratégia significativa capaz de deixar marcas duradouras na realidade política que, embora não sejam suficientes para impedir as formas de dominação, conseguem condicioná-las e modifica-las (LEVI, 2000, p. 45).

Outro ponto importante da pesquisa sobre o anarquismo à luz de um caso particular é o grau de complexidade presente no movimento anarquista no Brasil, principalmente na experiência paulista. Isso porque alguns grupos editoriais (como o *La Battaglia*, do qual Bandoni fez parte) e seus integrantes não poderiam ser classificados como *antiorganizadores* de forma tão generalizada, como o fizeram Lucien van der Walt e Michael Schmidt, ao vinculá-los à tradição anárquica insurrecionalista (2009, p.132). Esta investigação cuidou de apenas um caso específico, fato que não nos possibilita afirmar quais eram as distintas multiplicidades de vertentes libertárias existentes neste grupo de propaganda anárquica (como

¹⁰ A imagem mais corrente do operariado na Primeira República é a do italiano anarquista. De acordo com Batalha “Caricata, ela reúne dois componentes fundamentais: por um lado, associação automática entre trabalhador e imigrante – este, por sua vez, reduzido ao italiano; por outro, a atribuição de um ideário único, o anarquismo, àquele momento histórico. (...) pouco importa (...) se a imensa maioria jamais tivera qualquer contato com o anarquismo” (BATALHA, 2000, p. 07).

em outros grupos editoriais). Contudo, o caso Bandoni demonstra que é um equívoco tal generalização e, sobretudo apressada, pois não tratou de analisar caso a caso a trajetória e a posição de cada militante. Aqui recorreremos à proposta dos “modelos generativos” do antropólogo norueguês Frederik Barthes, método este que viabiliza o tipo de abordagem em que recusa qualquer tipologia, ou, no caso em análise, classificações, e se dedica a encontrar as apreciações sob medida para cada caso em espécie. De acordo com o autor, “obtem-se melhor resultado estabelecendo os fatos do passado quando isso é possível, e não por interpretações conjecturais baseadas em esquemas preestabelecidos, nem recorrendo, mesmo com competência, a receitas historiográficas já prontas”.¹¹

O estudo sobre Angelo Bandoni, por outro lado, possibilita enxergar, assim como em outros libertários, a natureza transnacional do anarquismo ítalo-brasileiro ao longo das primeiras décadas do século XX. Segundo Davide Turcato (2007), a transnacionalidade anárquica pode ser percebida por dois primas: o primeiro através do contato entre militantes espalhados pelo mundo realizado por meio de correspondências que eram escritas e depois publicadas na imprensa anarquista, e o segundo a partir do intenso deslocamento de ativistas que estiveram em diversas regiões do globo na intenção de fazer e trazer a propaganda libertária. Bandoni, em seus jornais, também publicou inúmeras cartas escritas por leitores (grande parte anarquista) de diversos países. Do mesmo modo, a sua trajetória biográfica não deixa de ser um exemplo do anarquista que se desloca de região em região, nacional e internacionalmente, visando à propagação da anarquia.

Grosso modo, a realização de toda a pesquisa apenas foi possível em razão da utilização de aportes teórico e metodológico específicos. Do ponto de vista teórico, somente com a crítica¹² providencial de E. P. Thompson sobre o estruturalismo no que diz respeito à força exercida pelas estruturas sociais sobre os indivíduos é que esse trabalho se tornou possível¹³. Como muito bem salientou o historiador britânico, as ações individuais, a partir

¹¹ “But this we do best by establishing the facts of the past where possible, and not by conjectural interpretations based on pre-established schemas or by pursuing the craft of historiography, no matter how competently” (BARTH, 1981, p. 06).

¹² “Na década de 1950 os estruturalismos (...) fluíam com a corrente, e se reproduziam por toda a parte como ideologia. (...) No fim, estruturalismos mais ambiciosos e mais sofisticados passaram a se moda” (p. 86). “Assim, um historiador, face ao estruturalismo, deve farejar e sentir no ar um cheiro de conservador” (p. 87). “Nesse sistema não há homens bons ou maus, ou melhor, todos os homens são dotados de vontade igualmente neutra, suas vontades estando submetidas à vontade inexorável do processo social”. (p. 87), (THOMPSON, 1981).

¹³ Também se torna possível em razão da “inflexão trazida pela sua obra ao introduzir o termo ‘cultura’ na perspectiva classista tradicional que privilegiava os aspectos relativos à infraestrutura” permitindo o aparecimento, segundo Carlo Romani, de novos sujeitos na história. Desta forma, os camponeses, bandidos,

das escolhas pessoais ou de um determinado grupo, não podem ser compreendidas apenas como puro reflexo da influência exercida pelas estruturas. Por consequência, Thompson confronta a história enquanto um processo sem sujeito, onde as ações humanas seriam expulsas da noção de processo histórico (THOMPSON, 1981, p. 92).

De certo modo, isso remete um pouco, à percepção histórica de Errico Malatesta e o papel das ações individuais ao rebater o historicismo e a visão evolucionista da história:

(...) a história é feita pelos homens. Tendo em vista que não queremos permanecer simples espectadores indiferentes à tragédia histórica, que queremos participar com todas as nossas forças das escolhas dos eventos que nos parecem mais favoráveis à nossa causa, é-nos preciso um critério que sirva de guia na apreciação dos fatos que se desenrolam, sobretudo para poder escolher o posto que devemos ocupar na batalha (MALATESTA, 1989, p. 15).

No mesmo sentido do anarquista italiano, Barth ressalta que não podemos perder de vista que “os fenômenos que estudamos são moldados por consciência e propósitos humanos, uma vez que os atos sociais não são simplesmente causados, mas intencionados, devemos considerar estas intenções e entendimentos dos atores se desejamos capturar o contexto essencial dos atos”¹⁴.

Por outro lado, a trajetória biográfica e a militância anárquica de Angelo Bandoni foram entendidas nesta pesquisa como reflexo de ações conscientes, mas, com base ainda nos ensinamentos de Barth, distante de uma extrema racionalidade, compreendendo os contextos decisórios dos quais os atores dispõem, já que a “escolha não é sinônimo de liberdade, e homens e mulheres raramente fazem escolhas sob circunstâncias escolhidas por eles mesmos” (BARTH, 1981, p.89), em outras palavras, é necessário que façamos a análise sem nos distanciar das necessidades da vida real.

Além disso, o leque de escolhas e dos posicionamentos de um sujeito sobre uma determinada opinião, neste trabalho, foi entendido como forma de resistência à sociedade burguesa, permitindo, do mesmo modo, ressaltar modalidades autônomas de atuações individuais promovidas para além das relações inseridas no modo de produção capitalista.

luddistas, anarquistas, por exemplo, “considerados como trabalhadores pré-políticos”, por estarem “ausentes da consciência de classe desenvolvida com a modernidade industrial, tornaram-se novos atores políticos em um palco que anteriormente os excluía” (ROMANI, 2013, p. 08).

¹⁴ “I hold that we must acknowledge that most of phenomena we study are shaped by human consciousness and purpose. Since social acts are thus not simply ‘caused’ but ‘intended’, we must consider these intentions and understandings of actors if we wish to capture the essential contexts of acts” (BARTH, 1981, p. 03).

Bandoni foi um militante anarquista que ao longo de todo o seu percurso de vida resistiu e confrontou as estruturas de poder, todavia, não foi um operário fabril (apesar de ter trabalhado como agricultor e vendedor autônomo). Neste sentido, compactuamos com Cornelius Castoriadis ao alegar que a luta contra o capitalismo e as estruturas não podem partir unicamente dos indivíduos obrigatoriamente agrupados em torno de uma classe trabalhadora que esteja envolvida pelo modo de produção capitalista-industrial. Assim, o não pertencimento de Bandoni a uma classe não tem o condão de desqualificar as suas ações de luta, que são, acima de tudo, participações autônomas, como bem salientou Castoriadis:

(...) As mudanças profundas introduzidas na vida social contemporânea por movimentos que não têm nem podem ter definição nem fundamentos 'de classe' (...) são tão importantes e germinais para reconstrução da sociedade quanto aquelas introduzidas pelo movimento operário (CASTORIADIS, 1979, p. 30).

Além de todo esse arcabouço teórico, esta pesquisa contou, na esfera metodológica, com um conjunto de métodos históricos que auxiliaram no processo de crítica e na interpretação de todo o corpo documental (fontes policiais, arquivos pessoais e escritos jornalísticos).

Apesar de grande parte dos dados sobre Angelo Bandoni durante a fase de sua vida na Itália terem sido colhidos a partir de informações produzidas pelas polícias de cada cidade por onde passou, nos valem dessas narrativas para traçar um relato rico e detalhado sobre Bandoni. Ao lermos tais relatórios dos agentes da lei tínhamos a sensação de estarmos sentados frente a frente desses personagens aguardando notícias sobre a sucessão de fatos, mesmo que, neste caso, a documentação produzida pela polícia não fosse termos colhidos em um interrogatório, mas um conjunto de informações sobre Bandoni, isso graças à possibilidade de comparar os atos processuais investigativos e judiciais a um caderno de nota produzido por um historiador fazendo às vezes de um antropólogo, da maneira como demonstrou Carlo Ginzburg¹⁵.

¹⁵ Essa maneira de lidar com os relatórios policiais, sem sombra de dúvida, foi amparada na proposta que Carlo Ginzburg concedeu aos processos da inquisição por ele analisados. Ginzburg defende a possibilidade, guardadas as devidas proporções, de que a figura do juiz-inquisidor presente em uma sessão de interrogatório poderia facilmente ser comparada à figura de um antropólogo. Desta forma, os dados ali colhidos poderiam servir, não apenas para observar a fala do interrogador, mas dialogicamente a voz do interrogado (GINZBURG, 2007, p. 281-284).

Essa possibilidade, todavia, como o próprio Ginzburg alertou, merece cautela na hora de analisar as informações policiais, pois estas não são neutras e nada objetivas, mas extremamente subjetiva (ou seja, imparcial). Sendo necessário que sejam lidas “como produtos de uma relação específica, profundamente desigual”. Recomenda ainda o autor que, para decifrá-las, “devemos aprender a captar por trás das superfícies lisa do texto um sutil jogo de ameaças” e interesses, possibilitando desembaraçar os “fios multicores que constituíam o emaranhado” das notas produzidas pela polícia (GINZBURG, 2007, p. 281-284).

Além dessa perspectiva metodológica, as documentações policiais, pessoais, público-administrativas e todas as informações contidas nos periódicos sobre Angelo Bandoni, mesmo aquelas aparentemente mais simples e a princípio insignificantes, foram capazes, quando organizadas e analisadas em conjunto, de aos poucos possibilitar a reconstrução de sua biografia e permitir que descortinásemos a sua visão de mundo, tudo como bem recomendou Roberto Darton ao fazer o mesmo com o burguês de Montpellier (DARTON, 1988). As referências sobre Bandoni não se encontravam guardadas em um fundo documental de um Arquivo específico pronto para serem pesquisadas. Na verdade, os dados estão espalhados e são extremamente fragmentados quando não repletos de lacunas. Para uma pesquisa que se propôs a elaborar, em parte, uma biografia, esses hiatos poderiam ser devastadores. Por isso a maneira de como lidar com a documentação é de extrema importância. Assim, muito utilizado foi o recurso da *descrição densa*¹⁶ (emprestada da antropologia), cuja finalidade, em uma pesquisa histórica, é elaborar uma detalhada e exaustiva descrição de todas as informações que pudessem ser espremidas e retiradas de um documento, e a partir daí serem interpretas à luz dos contextos:

(...) esta perspectiva [descrição densa] parte de um conjunto de sinais significativos e tenta ajustá-los em uma estrutura inteligível. A descrição densa serve, portanto para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto (LEVI, 1992, p.142).

¹⁶ O conceito de cultura formulado por Geertz parte da semiologia, também chamada de ciência geral dos signos, já que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos ou de significação. Dentre esses sistemas de signos, Geertz toma como objeto de investigação e análise um rito – a briga de galos na ilha de Bali –, o qual o antropólogo denominou de uma briga absorvente, buscando confirmar o seu conceito semiótico de cultura, pois, da descrição densa desse evento tão particular, pode-se representar toda a sociedade balinesa, em que a disputa se encontra contextualizada (Ver: GEERTZ, 2008).

Essas informações coletadas em razão de uma descrição detalhada, como dito, precisam ser interpretadas. Na verdade, esse conjunto de dados nada mais é que indícios que possibilitam a reconstrução dos fatos e da narrativa, como fios que “compõem um tapete”, que neste ponto, vão se “compondo em uma trama densa e homogênea” (GINZBURG, 1989, p. 170). Na análise documental também fizemos uso do *paradigma indiciário*, método esse que possui origem longínqua e incerta, mas que no século XIX passou a ser utilizado pela medicina e lentamente vai se afirmando no campo das humanidades¹⁷. Desta forma, a grande quantidade de referências sobre Angelo Bandoni foi coligida com base nesse paradigma, buscando dar aos indícios colhidos das fontes uma homogeneidade, um sentido e uma lógica, permitindo, por meio deles, reconstruir a trajetória do nosso biografado e a sua posição dentro do anarquismo.

Como já ressaltamos, nossa proposta possui três objetivos centrais: reconstruir a biografia de Angelo Bandoni, analisar a sua prática enquanto educador e organizador de escolas libertárias e, finalmente, compreender a sua visão de mundo a partir dos seus escritos deixados na imprensa anarquista. Desse modo, é chegada a hora de falarmos sobre a metodologia utilizada para a parte da pesquisa que cuidou de rescrever a trajetória de vida de Bandoni, no caso a micro-história, e a sua vertente biográfica, restaurada após décadas de um “sono” profundo.

Muito já foi falado sobre a influência que o estruturalismo exerceu nas pesquisas históricas entre a década de 1940 e 1970. Na história social, até anos 1980, a *história* não foi diferente, pois era concebida como uma “história das entidades sociais”, ressaltando o papel da comunidade de resistência (aldeia, paróquia, cidade, etc), o grupo profissional, a ordem e a classe (REVEL, 1998, p.226). No contrafluxo, boa parte da historiografia pós anos 1980 manifestou insatisfação em relação a essa maneira de se conceber a pesquisa histórica “baseada em conceitos totalizantes de classe social”, que tendiam a reduzir o sentido “das ações humanas apenas a um subproduto de forças produtivas” (LORIGA, 1998, p. 226).

Assim, mais especificamente no final da década de 1970, se desenvolveu entre os historiadores italianos a chamada micro-história (BENSA, 1998, p. 225). Nesse sentido, após anos de interesse pelos destinos coletivos, “os indivíduos voltaram a ocupar um lugar central” nas pesquisas na área de conhecimento da história, (LORIGA, 1998, p. 225) onde pouco a

¹⁷ “(...) disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo” Ainda segundo o autor, “nesse sentido o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente” (GINZBURG, 1989, p. 151 e 157).

pouco se deslocou à atenção dos estudos econômicos e políticos, voltando interesse para a subjetividade dos sujeitos históricos.

Deste modo, emerge a micro-história como uma prática baseada “na redução de escala da observação”, por meio de uma análise microscópica. Apesar dessa clássica definição a este método de análise, não se tratou unicamente na alternância do modo de observação do objeto histórico, mas em desvendar a complexidade das estruturas sociais, sem perder “a visão da escala e do espaço social de cada indivíduo” (LEVI, 1992, p. 37).

Para Giovanni Levi, a função da micro-história consiste em revelar fatores previamente não observados, e a partir deles extrair generalizações novas e compreender a complexidade das então chamadas entidades sociais nas quais um determinado indivíduo faz parte:

(...) Os fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos, quando se altera a escala de observação. É então possível utilizar esses resultados para extrair uma generalização mais ampla, embora as observações iniciais tenham sido feitas, dentro de dimensões relativamente estreitas e mais como experimentos que como exemplo (LEVI, 1992, p. 141).

Os estudos escorados nessa forma de análise abrem um portão para repensar a possibilidade da biografia no campo da pesquisa histórica. De modo que, passou-se, entre os historiadores, a despertar interesse em história de vidas de “indivíduos medíocres”, sem interesse por si mesmo, como o caso do moleiro Menochio retratado por Carlo Ginzburg, porém o compreendendo como se fosse um “microcosmo de uma estrutura social inteira” em um determinado período histórico (GINZBURG, 2011, p. 20).

Mas nem sempre foi assim. A biografia até o final do século XIX estava voltada para a escrita de memórias de grandes homens, que ganharam notoriedade por seus feitos, intelectualidade ou elevação moral. Com o fortalecimento da “história científica” (isto é, positiva), as ações promovidas por esses “grandes homens” não bastaram para explicar o “curso dos acontecimentos” históricos, sendo preciso “levar em consideração as instituições e o meio (a raça, a nação,...)” (LORIGA, 1998, p. 231), fato que acarretou o descrédito e o desuso da biografia.

Esse fosso ainda perduraria por muito tempo, até porque o interesse, mesmo com a presença das escolas dos *Annales*, seria reservado aos estudos dentro da lógica da *longa*

duração, optando por uma história mais serial e quantitativa, não concedendo espaço para as ações individuais. A reviravolta surgiu exatamente no contexto de emergência da *nova História*, e o desenvolvimento da micro-história¹⁸. De todo modo, por essa perspectiva, a biografia não exige que o biografado seja um indivíduo típico, mas ao contrário, “vidas que se afastam da média levam talvez a refletir sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social” (LORIGA, 1998, p. 249).

Dentro desse prisma, ressurgiu o interesse pelos estudos biográficos, onde basicamente busca-se compreender o singular (o indivíduo) como um elemento de tensão social, e não imbuído da “missão de revelar a essência da humanidade”. (LORIGA, 1998, p. 249) A essa maneira de vislumbrar os estudos sobre a trajetória biográfica é que Sabina Loriga chamou de ‘biografia coral’, em que somente analisando diferentes movimentos individuais, “é que se pode romper com as homogeneidades aparentes de um determinado grupo social”¹⁹.

Outra característica que envolve a nova biografia é a utilização de recursos literários, que não está ligado unicamente em razão de uma escolha estética, mas como estratégia que convida o leitor a participar “da construção de um objeto de pesquisa” (REVEL, 1998, p.34). Neste sentido, como bem ressaltou Carlo Romani:

O texto biográfico é carregado de uma narratividade que torna o estilo da escrita muito mais literário do que, por exemplo, um trabalho de história quantitativa. A biografia tem, antes de tudo, a preocupação em contar uma história. Esta história contada demanda a presença de um narrador. O estilo literário e a linguagem adotada na narrativa aguçam as interações existentes entre história e arte, entre história e literatura, e colocam o historiador em uma delicada situação da necessidade do domínio da arte de contar. O historiador torna-se um literato (ROMANI, 2016, p. 14).

Outrossim, mesmo que possa causar estranheza o historiador enquanto literato, seja como for, cabe reforçar as palavras de Hayden White (citado na epígrafe) sobre as narrativas históricas, que nada mais são, se pensarmos bem, “ficções verbais cujos conteúdos são tanto

¹⁸ Na verdade, o caminho havia sido aberto, na década de 1960, por E. P. Thompson e a sua crítica ao estruturalismo, tantas vezes já enunciado aqui.

¹⁹ (LORIGA, 1998, p. 249). Outra questão sobre as biografias é a narrativa dos fatos, que geralmente são arranjados dentro de uma perspectiva linear, onde o sujeito biografado assume uma posição fixa até o final de sua vida. Contudo, não pensamos assim. Como veremos no momento oportuno, para compreender a trajetória biográfica de Angelo Bandoni, e até mesmo a sua posição acerca do anarquismo, além da utilização de outros teóricos, faremos uso da percepção biográfica proferida por Pierre Bourdieu, que entende ser a história de vida repleta de variações, onde o mesmo ser é capaz de transitar por diferentes campos e por distintas zonas no interior do mesmo campo, conferindo à trajetória um mar de possibilidades e contradições (BOURDIEU, 2006, p. 183-191).

inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura”.

Com base a tudo que foi exposto, a trajetória biográfica de Angelo Bandoni foi pensada e reconstruída exatamente em consonância com tais abordagens, ou seja, percebendo-o como um sujeito que, ao longo de toda a sua vida, tentou romper com as homogeneidades das estruturas sociais (até mesmo entre os anarquistas, foi possível perceber essa luta). Aliás, a sua biografia não possibilita apenas uma melhor compreensão dos grupos sociais no qual fez parte (os anarquistas, e o anarquismo no Brasil) ou o movimento operário ao trazer à tona a sua rede de complexidade, mas percebê-lo como sendo um indivíduo que viveu em prol dos ideais libertários e resistiu à imposição dos valores políticos e dos modos de viver burguês.

Posto desta maneira, essa pesquisa, portanto, convida aos leitores, por meio do uso de uma linguagem fluída e lançando mão do recurso literário em algumas ocasiões, a estabelecer contato com o anarquista Angelo Bandoni, um sujeito inquieto, contestador e que soube viver libertariamente.

Para tanto, este trabalho foi dividido em duas partes, onde a primeira é composta por uma seção intitulada “Considerações Preliminares” e a segunda por três capítulos. Nas considerações preliminares, analisamos o objetivo central dessa dissertação, que é compreender a vertente anárquica a qual Bandoni possuiu maior proximidade ao longo de toda a sua militância, demonstrando que este anarquista sofreu a influência de múltiplas tendências, o que o aproximaria de um “anarquismo sem adjetivos”.

No primeiro capítulo, buscamos reescrever a trajetória biográfica de Angelo Bandoni em dois momentos: o primeiro durante a sua vivência no exterior, e o segundo no intervalo de tempo em que permaneceu no Brasil.

Já no segundo capítulo, a pesquisa analisou as suas ações de propaganda anarquista enquanto professor, poeta e conferencista. Finalmente, no terceiro capítulo, examinamos a sua produção tipográfica a partir de alguns artigos publicados em seus jornais, e em outros periódicos da imprensa libertária.

A pesquisa, acima de tudo, permitiu a aproximação com a experiência, a prática e a inspiradora teoria anarquista. O grande apreço do autor por seu objeto de estudo (sobretudo a trajetória biográfica e a propaganda anárquica de Bandoni) é, em grande medida, um misto de mal-estar e inveja, provocados pela história de vida de um sujeito que se arriscou corajosamente a viver e sobreviver utopicamente.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Um anarquista sem adjetivo...

Durante o período em que viveu no Brasil, Bandoni tendeu a assumir uma posição não muito bem definida dentro do anarquismo. Nesse sentido, inúmeras vezes se declarou contrário à tese que dizia ser obrigatória a conformação dos anarquistas em torno de uma organização sindical, de modo que grande parte da historiografia recente o define como um antiorganizador (FELICI, 1994a).

Outro ramo dessa historiografia, contudo, foi mais além, e tendeu a identificar as suas críticas às organizações sindicais como um elemento que o ligasse ao insurrecionalismo defendido pelo anarquista italiano Luigi Galleani. Isso se deu em razão da classificação elaborada por Schmidt e van der Walt (2009, p. 123-124), que afirmam serem duas as correntes do anarquismo: o anarquismo insurrecionalista e o anarquismo de massas. Na primeira vertente, as reformas seriam ilusórias, sendo os movimentos de massa organizados (como os sindicatos) incompatíveis com o anarquismo, concedendo ênfase à ação armada contra a classe dominante e suas instituições, como o principal meio de despertar uma revolta espontânea revolucionária (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009, p. 123)²⁰.

No Brasil, essa maneira de classificar teve guarida a partir do trabalho de Felipe Corrêa, *Rediscutindo o anarquismo*, ao ressaltar a crítica feita pelos anarquistas italianos de São Paulo, sobretudo daqueles agrupados em torno do periódico *La Battaglia*, no início do século XX, em relação aos militantes operários que tenderam a se agrupar em torno de uma organização sindical, cujo objetivo, de acordo com eles, era a conquista de reformas imediatas no bojo das relações trabalhistas, deixando de lado a luta maior que deveria ser pela revolução social. Tal posição, ainda segundo o autor, seria uma nítida evidência da proximidade deste grupo em relação aos insurrecionalistas, cuja base teórica seria Luigi Galleani e que seriam melhor denominados como antiorganizadores²¹ (CORRÊA, 2012, p. 173-174, ver também: VAN DER WALT; SCHMIDT, 2009, p. 132).

²⁰ Ainda segundo os autores, se enquadrariam nessa estratégia: anarquistas como Luigi Galleani, Emile Henry, Ravachol, M. Jacob, Nicola Sacco, Bartolomeo Vanzetti, C. Duval e Severino Di Giovanni. Foi defendido também por franceses do Bando de Bonnot e os russos do Chernoe Znamia e do Beznachalie, entre outros que defenderam, ainda que momentaneamente, o insurrecionalismo.

²¹ Tanto os autores sul-africanos, quanto Corrêa, não trataram de classificar direta e especificamente Angelo Bandoni. Mas como este fez parte do grupo de articulistas do jornal *La Battaglia* e manteve posição de críticas às organizações sindicais, trabalhos recentes tenderam a classifica-lo como um insurrecionalista e influenciado pelas teorias galleanistas (ver por exemplo: SANTOSA, 2016, p. 36-37 e SANTOSb, 2016).

Ainda dentro dessa perspectiva, tal anseio pela taxinomia dos anarquistas no Brasil entre aqueles a favor ou avessos às organizações não seria uma proposta neutra do ponto de vista histórico, mas uma demanda oriunda de seus defensores no afã de fazer uma reflexão para o tempo presente no intuito de legitimar a existência de alguns grupos anárquicos na atualidade. Esses defensores ainda seriam responsáveis por incorporar ao debate uma discussão sobre os modelos de organização anarquista ocorrida na Europa na segunda metade dos anos 1920.

A referida disputa encetada nos anos vinte envolveu alguns militantes russos exilados na França após a repressão bolchevique²² e outros anarquistas. De uma maneira geral, o debate se estabeleceu a partir das posições dos russos, por meio da publicação de “A Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas”²³ e de duas respostas, denominadas de “A Síntese Anarquista”²⁴, publicadas por Volin e Sebastian Faure (CORRÊA, 2012, p. 180-181). As críticas à Plataforma, nome como o movimento passou a ser reconhecido, foram contundentes e envolveram as figuras mais proeminentes do anarquismo internacional, bastando mencionar Errico Malatesta, Luigi Fabbri, Camillo Berneri, Sébastien Faure, Max Nettlau, Alexander Berkman, Emma Goldman, entre outros (ROSSINERI, 2011, p. 16).

Ainda de acordo com os partidários da divisão dos anarquistas brasileiros entre organizadores versus antiorganizadores, seria possível “identificar similaridades significativas entre a proposta da Síntese e a defesa do “anarquismo sem adjetivos” na Espanha do século XIX” (sustentado por Tárrida de Marmól e Ricardo Mella), nas reflexões de Emma Goldman e no modelo praticado pela FAI (Federação Anarquista Ibérica). Por outro lado, segundo essa mesma perspectiva, poderia, também, identificar semelhanças entre a Plataforma e a teoria de Bakunin e a prática da ADS (Aliança da Democracia Socialista)²⁵, assim como nas posições

²² Estes anarquistas russos se articularam em torno da revista *Dielo Truda*, por meio de um grupo conhecido pelo próprio nome da revista, que tinha entre seus militantes Makhno e Arshinov.

²³ A proposta platformista reconhece “a necessidade dos anarquistas se unirem em uma organização de bases sólidas que, em meio às massas, deve impulsionar a revolução social violenta e estabelecer o comunismo libertário”. Além disso, “constitui uma proposta de programa para os anarquistas”, que reúne uma série de medidas e dentre essas “destacam-se os princípios propostos para o modelo de organização anarquista defendido” (CORRÊA, 2012, p. 181).

²⁴ Volin acusou a Plataforma de estar desenvolvendo um modelo bolchevique de organização, que apontava para uma forma autoritária de organização, e “defendeu a proposta de uma organização anarquista que associasse as diversas tendências do anarquismo”. A sua posição consolidou-se em 1934, “na qual defende “unificar, em certa medida, a teoria e também o movimento anarquista, num conjunto harmonioso, ordenado, acabado” (ROSSINERI, 2011 e CORRÊA, 2012, p. 181).

²⁵ Basicamente, a ADS (1868), tanto durante o seu funcionamento de forma pública quanto durante o período em que funcionou secretamente, foi uma organização criada por Bakunin e os bakuninistas que serviria para

da FAU (Federação Anarquista Uruguaia) e da FAKB (Federação dos Anarco-Comunistas Búlgaros) (CORRÊA, 2012, p. 184-185).

No Cone Sul, a partir da década de 1980, por iniciativa da FAU (fundada em 1956), desenvolveu-se a difusão de uma tendência “neoplataformista” denominada especificismo. Tal tendência era defensora de propostas semelhantes com o plataformismo dos anos 1920, “ainda que de uma fundamentação diferente e de uma genealogia diferente”²⁶. A partir dessa proposta inicial, outras de origem latino-americana vão surgindo e se desenvolvendo inclusive no Brasil²⁷. Em contraposição, consolidou-se o movimento denominado sintetismo cujo objetivo foi a constituição de federações locais heterogêneas, declaradamente anarquistas, defendendo a diversidade tática capaz de reunir militantes de diferentes tendências anárquicas, unindo-se na Internacional de Federações Anarquistas (IFA, já existente desde 1968), sendo que esta última não exerce nenhum tipo de poder de comando sobre tais federações regionais.

Em outras palavras, de uma maneira geral, o objetivo das análises até aqui apresentadas é defender que a proposta dos atuais grupos especificistas latino-americanos é uma derivação histórica do movimento plataformista europeu de meados da década de 1920. E, por consequência, este último seria um desdobramento direto mais próximo das ideias de Bakunin no seio da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), isso em razão da estratégia de luta e da forma organizativa adotadas pelo especificismo. Do mesmo modo, como corolário, no caso do movimento anarquista brasileiro desenvolvido nos primeiros anos do século XX, os grupamentos defensores das organizações (sindicais) possuiriam maior semelhança com este modelo bakuninista, devendo, assim, ser considerados pertencentes a um anarquismo mais “original”, mais legítimo.

Em contraposição, aqueles contrários a um projeto organizativo via sindicatos, como os libertários italianos de São Paulo (especificamente os militantes reunidos em torno do *La Battaglia*), teriam se afastado da Internacional e das proposições do teórico russo, e em razão disso passariam a propagar, equivocadamente, a antiorganização, por serem seguidores do insurrecionalismo de Luigi Galleani. Tais análises, entretanto, são sensivelmente

conceder suporte a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) com o objetivo de impulsionar os movimentos sociais, porém sem exercer relação de dominação ou hierarquia sobre a Internacional (BAKUNIN, 2010, p. 24).

²⁶ “Postula que os anarquistas devem se agrupar em organizações de caráter ideológico especificamente anarquista e dali trabalhar nos movimentos sociais. Também se insiste na unidade teórica, na unidade tática e no desenvolvimento de políticas da organização específica aos movimentos sociais nos quais seus militantes participam. aprofundando as bases do especificismo” (CORRÊA, 2012, p. 238).

²⁷ A fundação, em 2012, da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), por exemplo.

generalizantes, pois classificam de forma inexorável os militantes italianos, não ressaltando e se atentando para as especificidades de cada anarquista. Além disso, realizam um estudo histórico sem considerar as fontes e não se atentam para a história do próprio anarquismo na Itália. Em outras palavras, dobram o passado para justificar o presente, e acabam por cometer equívocos²⁸. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa é, por meio do exame dos textos produzidos por Angelo Bandoni em sua integralidade, repensar a sua adjetivação enquanto antiorganizador e insurrecionário gallianista, fato que será feito a seguir.

Desde os primeiros anos em que Angelo Bandoni chegou ao Brasil tratou de firmar posição contrária quanto à organização dos trabalhadores anarquistas em sindicatos. Em seu jornal *Germinal*, por exemplo, no mês de outubro de 1902, parafraseou ironicamente o discurso feito pelos adeptos das organizações contra os patrões ao escrever que: “nós continuaremos a trabalhar para vocês, porque nascemos para trabalhar; mas apenas nas seguintes condições: queremos mais respeito! Mais salário! E menos trabalho”. Mas que, apesar de tais propostas, os locais de resistência dos anarquistas deveriam permanecer sendo as habituais localidades de propaganda, como as oficinas, os cafés e a reunião pública, portanto, não haveria necessidade da via sindical.

Os trabalhadores (...) se encontram em qualquer lugar: os lugares públicos, nas oficinas, nas associações operárias de qualquer tendência. É nestes lugares que nós devemos alcançá-los, falar-lhes das injustiças quotidianas, das privações imerecidas, da atrevida e bárbara opulência dos patrões, visando promover e agravar a intolerância. Devemos voltar os olhos para as mistificações, pô-las em guarda contra as falsas promessas e antecipar-lhe – com lógica – a experiência dos meios termos. Agindo de tal forma, estamos seguros de não ter que dar golpes no voto e de conduzir uma contribuição válida à emancipação proletária²⁹.

Para Bandoni, o problema das organizações, e principalmente as sindicais, seria a reunião das massas, entendidas como inconscientes, pertencentes aos “pobres de espírito que

²⁸ Sobre essa ideologização da história do anarquismo há o extenso trabalho de René Berthier, *Commentaires sur “Black Flame” et divers autres ouvrages. Reflexions sur l’anarchisme et le syndicalisme révolutionnaire*. Cercle d’Études libertaires Gaston-Leval, 2017. Nessa obra em vias de tradução ao português, Berthier traça uma comparação entre as ideias propostas principalmente por Michael Schmidt e Lucien van der Walt, Felipe Corrêa e Edilene Toledo, verificando a sustentação das mesmas ou não nas fontes da época.

²⁹ “I lavoratori (...) si trovano ovunque: nei luoghi pubblici, nelle officine, nelle associazioni operaie di qualunque tendenza. E' in questi luoghi che noi dobbiamo raggiungerli, parlargli delle ingiustizie quotidiane, delle immeritate privazioni, della sfacciata e incivile opulenza dei padroni, onde promuovere ed acuire l'insofferenza. Dobbiamo schiudergli gli occhi alle mistificazioni, metterli in guardia contro le false promesse e anticipargli – colla logica – l'esperienza dei mezzi termini. Agendo in tal guisa, siamo sicuri di non dover dare colpi nel vuoto e di portare un contributo valido all'emancipazione proletaria” (*Germinal*, n. 17, 18 de outubro de 1902, “Nuovo giornale”).

se deixam facilmente enganar-se pelo primeiro charlatão”, que, sendo possuidores de uma boa retórica, seriam capazes de desviar os trabalhadores conscientes do seu objetivo principal. Deste modo, a via organizativa deveria ser um meio e não um fim em si mesma³⁰.

A partir de março de 1905, no jornal *La Battaglia*, Bandoni elaborou uma sequência de artigos sobre as organizações operárias. Nessa ocasião, argumentou ser legítima a intenção daqueles que pretendem resistir contra as imposições patronais por meio de tendências associativas, mas desde que tal proposição possibilite, por meio da solidariedade profissional, o desenvolvimento de “uma maneira que – de reivindicação em reivindicação – possa conduzir a bela e a completa emancipação da tríplice tormenta: econômica, política e moral” do proletariado. Contudo, da maneira como vinham sendo concebidas, nada mais seriam que a manifestação exuberante de um corporativismo com a “preponderância parlamentar do elemento reformista-democrático-social” e, “diga o que disserem, os socialistas e os anarquistas da organização operária, nunca poderão prescindir da fatalidade econômico-política de um domínio parasitário”³¹. Neste mesmo texto, aproveita para denominar-se antiorganizador³², fato que, certamente, contribuíra para que aumentasse ainda mais a sua proximidade com tal vertente, tanto entre os demais militantes quanto para a historiografia atual. No entanto, alguns fatos posteriores precisam ser invocados para rechaçarmos esta posição.

Em razão de tais críticas feitas aos defensores das organizações operárias, Angelo Bandoni se envolveu em uma grande polêmica com Giulio Sorelli, anarquista italiano defensor do sindicalismo revolucionário e residente no Brasil desde 1893 (TOLEDO, 2004). Sorelli rebateu os argumentos de Bandoni ressaltando algumas contradições em seus discursos. Na primeira, questionou como seria possível invocar a solidariedade entre o

³⁰ “Organizem-se! Grita o povo triste; a união faz a força’. E organizem-se portanto; mas, misericórdia, organizados que faremos mais? A organização é um meio!... É preciso um fim para conseguir. Como utilizaremos este meio? Qual o fim que com isso poderemos alcançar?” (“Organizzateve! si grida al popolo gramo; l’unione fa la forza. E organizzateve dunque; ma, di grazia, organizzati che faremo mai? L’organizzazione è un mezzo!... ci vuole un fine da conseguire. Come impieghieremo questo mezzo? quale il fine che, con esso potremo raggiungere” *Germinal*, n. 20, 29 de novembro de 1902, p. 02, “Lo Stato presente della lotta di classe”).

³¹ “Dato pure l’incremento più florido, più rigoglioso del *corporativismo*, checchè ne dicano i socialisti e gli anarchisci dell’organizzazione operaia, non se potrà mai prescindere dalla fatalità *economico-politica* d’un dominio parassitario e di coercizione” (*La Battaglia*, n. 35, 19 de março de 1905, p. 01, “L’Organizzazione Operaia (II)”).

³² “(...) Deixamos portanto aos paladinos do reformismo o recrutamento da milícia corporativista; nós antimilitarista, **antiorganizadores** – chamamos os desertores do nosso caminho. O anárquico – na propaganda – **não deve buscar harmonização fictícia de entendimento**, não deve ser imóvel a mania de fazer número: o oportunismo – em tática – é uma miragem que conduz ao desastre” (“La siamo dunque ai paladini del reformismo il recrutamento della milizia corporativista; noi – antimilitaristi, antiorganizzatore – chiamiamo i disertori sulla mostra via” *La Battaglia*, n. 35, 19 de março de 1905, p. 01, “L’Organizzazione Operaia (II)”).

proletariado e, ao mesmo tempo, desprezar o esforço empreendido pelos trabalhadores espalhados pelo mundo na tentativa de criar associações operárias, fato que, para o sindicalista, seria a maior prova “dos laços solidários”³³.

Já a segunda contradição apontada por Sorelli, e que possui grande relevância para esta pesquisa, ocorre quando, ironicamente, comentou que até mesmo o “antiorganizador Bandoni”, em uma carta enviada ao jornal *Avanti!*, defendia a conformação dos professores de São Paulo em uma organização específica visando melhorias salariais desta categoria:

(...)

Uma prova: Bandoni, o nosso contraditor, é antiorganizador convicto. No entanto, quando os próprios interesses entram em baila, e quando o melhoramento econômico da classe a qual pertence é prejudicado é fato sentir como uma necessidade; ora Bandoni se esquece de ser antiorganizador [...] e das suas opiniões abstratas, e escreve uma carta ao *Avanti!* patrocinando a ideia de uma organização entre os professores.

(...)³⁴

Em respostas às provocações de Sorelli, Bandoni rebatera que, apesar de sua posição, ele não poderia “censurar o anarquista, o qual entra em uma liga profissional” visando a defesa de seus direitos. Entretanto, o que para ele seria intolerável é a possibilidade de um militante se inserir na via sindical, e a partir daí deixar de lado o desejo pela revolução e contentar-se apenas com os ganhos imediatos:

(...) O que eu não poderei tolerar é quando qualquer anarquista entra, infiltra-se em uma liga operária e tendo tomado o gosto, se mete a fazer propaganda institucional e ousasse, além disso, beber a todo custo conscientes e inconscientes dos benefícios alcançáveis com resistência, com a luta corporativista são tais que nos faz esquecer a propaganda revolucionária. Como não poderei tolerar que os quatro companheiros (...) viessem para magnificar a praticidade da corporação, no regime capitalista.³⁵

³³ *La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01.

³⁴ “Una prova: Bandoni il nostro contraddittore, è antiorganizzatore convinto. Eppure quando gli interessi propri sono entrati in ballo, quando il miglioramento economico della classe alla quale appartiene si è fatto sentire come una necessità; ebbene, allora Bandoni si dimentica di essere antiorganizzatore [...] le sue vedute astratte e scrive una lettera sull'*Avanti!* patrocinando l'idea di una organizzazione fra gli insegnanti” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Ancora sulle organizzazione”).

³⁵ “Ciò ch'io non potrei tollerare si è che quell'anarchico entrato, infiltratosi in una lega operaia ed avendovi preso gusto, si mettesse fare propaganda istituzionale e osasse por di piu far bere ad ogni costo a *coscienti* ed incoscienti che i benefici conseguibili colla resistenza, colla lotta corporativista siano tale da farci trasenrare la propaganda apertamente rivoluzionaria. Come non potrei tollerare che i quattro compagni fornai (...) venissero a magnificatei la praticità della cooperazione, in regime capitalista” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Prima che si prenda una cantonata”).

Assim, sem uma explicação plausível e de forma um tanto contraditória, Bandoni argumentava que ninguém podia “impedir o mestre republicano de fazer propaganda republicana, o socialista de fazer do socialismo”, como, de igual modo, não seria possível “impedir o anarquista antiorganizacionista de combater todas aquelas associações profissionais que pretendem ser suficientes para combater a luta de classes”³⁶. Contudo, a despeito do seu argumento, a questão de fundo, para o seu contraditor, era a sua crítica feita às organizações no plano teórico, e, paradoxalmente, na prática, defender, quando de seu interesse, o seu uso em busca do melhoramento econômico da categoria a qual fazia parte.

Diante desse nítido contrassenso, o editor do jornal *La Battaglia*, Oreste Ristori, sai em defesa de Bandoni e argumentou que a pretensão de seu companheiro foi esclarecer que, se as organizações possuíssem como objetivo unicamente a propaganda revolucionária, em tais casos, as associações seriam válidas, mas, não sendo esta a hipótese, a sua existência não haveria utilidade:

E acima de tudo, uma explicação de grande utilidade: somos nós organizadores? Sim e não. Sim, se a organização deve servir como meio para difundir mais largamente e em modo mais brusco uma educação revolucionária nas massas; não, se a organização deve exaurir as forças do proletariado em um movimento tendente a conseguir dos melhoramentos impossíveis no regime capitalista. Em termos mais explícitos, não acreditamos em uma certa utilidade as organizações operárias que para a propaganda doutrinária que podem por dentro. O resto, é tudo ruído, clamor, clamor inútil, tempo pessimamente gasto, trabalho de demolição e regresso.³⁷

Outro ponto tratado por Bandoni ainda no âmbito das organizações profissionais foi a questão da greve em busca do melhoramento econômico de uma determinada categoria. No periódico *L’Azione Anarchica*, publicado em novembro de 1905, defendeu que a greve precisava ser entendida como o “sinal precursor da revolução”, não devendo ser tratada apenas como um artifício para que o operariado obtivesse ganhos no tocante à relação trabalhista, da forma como pretendia o corporativismo sindical. Ademais, de acordo com o

³⁶ “Tutto ciò non può impedire al maestro repubblicano di fare propaganda republicana, al socialista di fare del socialismo, come non potrebbe impedire all’anarchico antiorganizzatore di combattere tutte quelle associazione professionale che pretendono essere (...) per combattere la battaglia di classe” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Prima che si prenda una cantonata”).

³⁷ “Ed anzitutto, una spiegazione di somma utilità: siamo noi organizzatori? Sì e no. Sì, se l’organizzazione deve servire come mezzo per diffondere più largamente ed in modo più spiccio un’educazione rivoluzionaria nelle masse; no se l’organizzazione deve esaurire le forze del proletariado in un movimento tendente a conseguire dei miglioramenti *impossibili* in regime capitalista. In termini più espliciti, non reteriamo di una certa utilità le organizzazioni operaie che per la propaganda dottrinaria che vi si può far dentro. Il resto, è tutto chiasso, clamore inutile tempo pessimamente sprecato, opera di demolizione e di regresso” (*La Battaglia*, n. 37, 02 de abril de 1905, p. 01, “Gli anarchici e il Corporativismo”).

seu entendimento, a conquista de melhorias impediria que os trabalhadores, “constrangidos pela fome”, ocupassem as praças, pois “quanto maior será o número destes condenados, tanto maior a probabilidade de ver estourar” o processo revolucionário, e que para este fim a associação operária seria fundamental. Por esta razão, concluiu não ser ilegítima a greve por ganhos imediatos, mas desde que não inibisse a referida Revolução Social

(...) Depois que o trabalhador começou a conhecer os seus direitos naturais ele mesmo se uniu com os outros seus companheiros e nas associações juntamente estabeleceram as bases de suas lutas, e de luta em luta conquistam aqueles pequenos melhoramentos possíveis no círculo de ferro do organismo capitalístico, sem perder de vista o objetivo precípulo da Revolução Social (...) ³⁸.

Na edição de fevereiro de 1912 do periódico *La Battaglia*, Angelo Bandoni, em um artigo intitulado “Descendo à praça”, ressaltou dois movimentos populares urbanos que emergiram nesta ocasião ³⁹. O primeiro foi o reavivamento da Liga dos Inquilinos de 1907 que pretendia a união dos inquilinos contra o encarecimento dos aluguéis, já o segundo ansiava pela criação de um Comitê de agitação conta a alta do custo de vida. A elevação dos aluguéis decorria, segundo Bandoni, da omissão do governo no controle dos “impostos”, isto é, das locações. Deste modo, seria preciso sensibilizar o poder para que pusesse fim a este arbítrio dos proprietários. Para ele, dever-se-ia exercer uma ação ostensiva, nos domínios urbanos, apropriar-se da cidade a fim de expor ao poder público as reivindicações dos operários-inquilinos “tomando a praça”, o que, simbolicamente, significaria extrapolar as fronteiras das ruas operárias, adentrando áreas de uso socialmente diferenciado, como são as referidas praças ⁴⁰.

Ainda de acordo com Bandoni, já existiria em São Paulo um grande movimento organizado, com subcomitês em vários bairros, que lutava contra os altos aluguéis. Esses

³⁸ “Dopo che il lavoratore ha cominciato a conoscere i suoi diritti naturali e se stesso si unisce con gli altri suoi compagni e nell’associazione insieme stabiliscono le basi della loro lotta, e di scaramuccia in scaramuccia conquistano quei piccoli miglioramenti possibili nella cerchia di ferro dell’organismo capitalístico, senza perdere di vista lo scopo precípulo della rivoluzione sociale (...)” (*L’Azione Anarchica*, 19 de novembro de 1905, “Il corporativismo e la rivoluzione”).

³⁹ Sobre a conjuntura ver: “A conjuntura que cerca o processo de acumulação industrial repleta de crises que mudam o panorama da produção e do consumo, do trabalho e do salário, muito rapidamente, por vezes no espaço de um ano. Nesse sentido, 1912 marca a grande retomada do crescimento industrial, em que alguns setores industriais têm uma alta demanda de trabalhadores qualificados, pagam salários melhores do que a média, enquanto em outros há desemprego. Houve uma elevação salarial do quarto trimestre de 1911 ao primeiro trimestre de 1912, alcançando até junho. Neste mês inicia-se um rápido declínio salarial e os preços dos gêneros alimentícios se elevam, atingindo o preço máximo do ano em dezembro de 1912” (BLAY, 1985).

⁴⁰ *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Scendiamo in piazza!”.

subcomitês funcionavam no Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, Lapa, Brás, Mooca, Belenzinho, mas decaíram por “falta de agitadores, não de bons propósitos”⁴¹.

A linha de ação proposta por Bandoni, no episódio em apreço, é de grande relevância na medida em que, mais uma vez, contradiz a sua “tendência” antiorganizativa, uma vez que ele sugeria que um comitê de agitação se formasse, a fim “de mobilizar um Exército Locatário”, cuja função seria diminuir os poderes dos proprietários. Para compor este exército, seriam convidados representantes de “todas as associações populares” e se constituiria um comitê central composto de “outras pessoas”, excluindo-se aquelas que “sempre dominam tudo”, numa clara menção a predominância de italianos nos movimentos políticos. A atuação se faria através de conferências, formação de subcomitês, convites “nos muros” e artigos em jornais. Pensava Bandoni que seriam assim arregimentados cerca de “50 mil combatentes que seguirão resolutos para o campo de batalha: a praça”⁴².

Assim, por esta e outras tendências organizativas, frisa-se, um tanto contraditórias, vale registrar que Angelo Bandoni foi apenas um profundo crítico das organizações mais verticalizadas (como partidos e sindicatos), já que em algumas ocasiões ressaltou positivamente o papel dos agrupamentos formados por trabalhadores, mas desde que não centralizados, e que não os desviassem do foco principal que seria a ação revolucionária. No tocante a esta contradição, como defendeu Pierre Bourdieu (2006), a trajetória biográfica de qualquer indivíduo é repleta de variações, onde o mesmo ser é capaz de transitar por diferentes campos e por distintas zonas no interior do mesmo campo. Neste mesmo sentido, segundo Carlo Romani:

A biografia, enquanto gênero histórico, existe justamente devido a esses indivíduos que, independentemente das relações de classe ou poder, ousaram reclamar para si próprios a condução de suas vidas, de suas histórias pessoais, interferindo e transformando, desta forma, o desenvolvimento de uma história mais ampla, geral. Portanto, torna-se terreno fértil para uma biografia histórica aquela trajetória individual que foge à expectativa do mais genérico e singulariza-se durante sua existência, (...) (ROMANI, 2016, p. 19).

⁴¹ Propõe o articulista que o movimento recomesse, pois, só em São Paulo, “são 50 mil famílias” que tem o mesmo problema do aluguel alto para casas insalubres e sem conforto. Três meses após o movimento de fato se alastrou e conseguiu adesão de várias associações (“Noi sappiamo, tuttavia, che – se il movimento iniziato in S. Paulo, di un comitato abbastanza numeroso – non fosse stato abbandonato subito, in mano di tre o quattro soltanto, un risultato soddisfacente si sarebbe ottenuto. Ricordiamo che si erano già costituiti dei sottocomitati al Bom Retiro, a Barra Funda, a Agua Branca, alla Lapa, al Braz, alla Mooca, al Belemzinho ecc. Sono mancati gli agitatori, non i buoni propositi. (...) Solo in S. Paulo sono circa cinquantamila famiglie immerse che non protestano, che non si ribellano (...)”, *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Scendiamo in piazza!”).

⁴² *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Descendo à praça”.

Deste modo, portanto, acreditamos que o antissindicalismo de Angelo Bandoni possui outra explicação histórica. Queremos com isso dizer que a sua aversão aos sindicatos é mais um reflexo da desconfiança gerada pela experiência sindical italiana, que do fim do *oitocentos* até a primeira década do século XX, foi lugar hegemônico pelo socialismo (tanto o de ênfase mais reformista, quanto o de matriz revolucionária). Como bem salientou Maurizio Antonioli, a corrente sindicalista revolucionária italiana, que tendeu a adotar o termo em uso na França, fez “parte da esquerda revolucionária do partido socialista, e que ela reivindicará sempre a sua origem socialista e a inspiração marxista de suas próprias ideias” (2004, p. 193). Ainda segundo o autor, o movimento sindicalista (revolucionário ou reformista) iniciou a “sua atividade no interior do P.S.I.”⁴³ (Partido Socialista Italiano, criado em 1892) (2004a, p. 193-194).

Essa conjuntura inicial do sindicalismo italiano possibilita, de certo modo, explicar o descrédito de Bandoni (assim como outros anarquistas de origem italiana em São Paulo) em relação às associações profissionais. Durante o seu contato preliminar com os ideais libertários nas regiões italianas da Toscana e da Ligúria, quando era ainda jovem (1888-1900), os sindicatos estavam sendo ocupados ideologicamente pelo socialismo. Esta percepção, sem dúvida, irá influenciar, mais tarde, já no Brasil, suas posições em relação às organizações operárias.

Esta zona de influência, em seus textos, ficou bastante evidente a partir de um longo debate travado com o anarquista de origem espanhola, Florentino de Carvalho, nas páginas do periódico *Guerra Sociale*, acerca da organização dos trabalhadores anarquistas em sindicatos. Na ocasião, Bandoni ressaltaria que o sindicalismo, mesmo aquele de caráter revolucionário, não trazia em seu conteúdo nada que possibilitasse, de fato, a revolução social, pois, para ele “é inútil, falsas ilusões”, porque ao conciliar com os “patrões, os usurpadores, os parasitas”, os sindicalistas revolucionários propõem uma revolução que “não virá a transformar a propriedade de privada, em comum; nós, pobres renegados, teremos sempre o pior. O anárquico sindicalista não pode fazer mais”⁴⁴.

⁴³ Somente a partir de novembro de 1912, com o nascimento da União Sindical Italiana (U.S.I.), cuja adesão atingiu cerca de um milhão de trabalhadores de distintas categorias, presenciou-se uma maior participação dos anarquistas no âmbito sindical (ANTONIOLI, 2004a, p. 198-199).

⁴⁴ “È inutile farsi illusioni; fino a tanto che vi saranno dei padroni, degli usurpatori, dei parassiti, fino a tanto che una rivoluzione tremenda non verrà a trasformare la proprietà, di privata, in comune, noi, poveri diseredati, avremo sempre peggio. L’anarchico sindacalista non può far di più” (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 04, “L’anarchico sindacalista”).

Em resposta, Florentino de Carvalho afirmaria que Bandoni estaria sendo injusto ao julgar as organizações operárias observando “apenas o seu lado crítico”, “principalmente nos países onde ela tomou um caráter mais conservador” ao serem ocupadas pelos socialistas⁴⁵. Em outro artigo, ainda sobre esta mesma polêmica⁴⁶, o anarquista espanhol⁴⁷ defendeu que, ao contrário da afirmativa de Bandoni, as ações dos militantes ácratas nas associações não eram inúteis, não se limitando apenas à tarefa de representá-las nos congressos, e que a dura repressão sofrida pelos libertários demonstrava a tonalidade revolucionária que possuíam⁴⁸.

Apesar das críticas contundentes às organizações, os julgamentos proferidos por Angelo Bandoni se orientaram mais especificamente em relação às associações de trabalhadores (sindicatos), pois, na prática, como já ressaltamos, por diversas vezes o encontramos envolvido na formação de círculos, de escolas libertárias e até mesmo realizando solicitação burocrática perante a Administração Pública para a concessão de licença de funcionamento de um “sindicato”. Em consulta a edição do dia 18 de junho de 1912 do jornal *Correio Paulistano*, tivemos o conhecimento do seguinte despacho proferido pelo Secretário do Interior do Estado de São Paulo em razão desta solicitação:

Atos Oficiais

- Ofícios despachados:

Do professor Angelo Bandoni, de Cândido Rodrigues, comunicando ter constituído um sindicato para colaboração, defesa e fiscalização dos colonos da zona⁴⁹.

Em que pese esse aparente paradoxo, Bandoni, durante o ano de 1912, passou a residir, com a sua família, no município paulista de Cândido Rodrigues⁵⁰. Foi nessa ocasião que organizou a sua terceira experiência de escola libertária (Escola Moderna de Cândido Rodrigues). Por essa razão, acreditamos que esta solicitação para a constituição de um

⁴⁵ *Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 04, “Atitude dos Anarquistas ante o movimento operário. Palestrando com os amigos redatores da Guerra Sociale”.

⁴⁶ Que segue na edição seguinte, ver: *Guerra Sociale*, n. 12, ano II, 08 de janeiro de 1916, p. 03, “Pro e Contro il Sindacalismo”.

⁴⁷ Cabe ressaltar a posição de Florentino de Carvalho ao contra-argumentar Bandoni. Ele auto se denomina anarquista sem adjetivo, e que o seu apoio as organizações não pode resultar em um rótulo: “Já, no precedente artigo, declarei que sou anarquista... sem adjetivos. O simples fato de adoptar incidentalmente a organização operária como um meio fator de emancipação da Humanidade, me obriga, de modo algum a arvorecer o rótulo de sindicalista, que fica bem unicamente aos indivíduos cujas aspirações não vão além da luta de classes, do melhoramento econômico, ou de uma organização social futura sob as bases puramente sindicalistas” (*Guerra Sociale*, n. 10, 11 de dezembro de 1915, p. 03, “Pro e contro il Sindacalismo”).

⁴⁸ *Guerra Sociale*, n. 10, 11 de dezembro de 1915, p. 03, “Pro e contro il Sindacalismo”.

⁴⁹ *Correio Paulistano*, 18 de junho de 1912, p. 05, “Atos Oficiais”.

⁵⁰ Como veremos no Capítulo 01.

sindicato seja, na verdade, um pedido de autorização para o funcionamento desta unidade escolar, e não a formação de uma associação profissional. É que a legislação específica vigente à época considerava ser sindicato qualquer grupamento destinado ao estudo, custeio e a defesa dos interesses dos trabalhadores rurais⁵¹.

De todo modo, tal fato serve para mitigar essa percepção antiorganizacionista cunhada em torno de Angelo Bandoni e que ele próprio ajudou a forjar, mesmo que com contradições à parte. Por outro lado, ainda a respeito de sua tendência antissindicalista, cabe pontuar que a posição de Bandoni dentro do movimento libertário implica realizar uma distinção entre aqueles contrários aos sindicatos, mas que não eram adeptos integralmente do individualismo italiano (esses últimos seguidores, por exemplo, de Luigi Galleani, e que serão denominados insurrecionalistas).

Essa integral proximidade com as ideias galleanistas não se comprova na prática. Durante duas décadas como articulista, jamais chegou a mencionar em seus textos qualquer indício dessa influência. Além disso, durante o período em que Bandoni ainda residia na Itália (1886-1900), Luigi Galleani migrava do republicanismo para o socialismo (1881-1885), quando passou, inclusive, a fazer parte do *Partito Operario Italiano*, partido este que viria se transformar no então PSI, em 1892 (SENTA, 2012, p. 18-19). Portanto, Galleani não tinha se convertido em um anarquista. Sua proximidade com a percepção libertária apenas aconteceria em 1892⁵², e a defesa de sua proposta antiorganizationista⁵³ e insurrecionária teria se vislumbrado, principalmente, nos Estados Unidos onde residiu entre 1901 e 1919” (2012, p. 17). Porém, o que merece ser frisado é que neste momento Angelo Bandoni já havia iniciado a produção de seus textos (1900), e de forma incipiente já vinha firmando posição contrária às organizações.

⁵¹ Ver art. 1º do Decreto n. 979, de 6 de janeiro de 1903: “é facultado aos profissionais da agricultura e industrias ruraes de qualquer genero organizarem entre si syndicatos para o estudo, custeio e defesa dos seus interesses” (sic).

⁵² De acordo com Antonio Senta, “in August 1892 he attended the Congress of the Partito operaio italiano in Genova with Pietro Gori, both representing the anarchists. It was an important event because it marked officially the division between anarchists and legalitarian socialists and Galleani played a major role in it pushing for the split” (SENTA, 2012, p. 21).

⁵³ Mesmo assim, não rechaçamos totalmente a ideia de que Luigi Galleani tenha influenciado os anarquistas italianos em São Paulo, e especialmente Bandoni. Porém, tal afirmação é especulativa, na medida em que praticamente não fez referência sobre Galleani. Portanto, apenas é possível fazer aproximações ligeiramente teóricas, como esta: “Galleani was among those anarchists who concluded that any artificial or formal organization is unnatural and therefore authoritarian, because the association is the nature's rule. (...) Besides, he drew from Kropotkin that history was a perpetual struggle between freedom and authority, going towards the complete success of freedom, only attainable through a massive social revolution capable of dispossessing the bourgeoisie's wealth and destroying the State in order to establish a free communist regime” (SENTA, 2012, p. 23). Podemos perceber um pouco dessa tendência nos textos de Bandoni, mesmo assim de forma aproximativa.

O que é possível verificar de fato, pela análise das fontes, foi um forte traço de proximidade com o comunismo anárquico de Errico Malatesta, na medida em que prosseguiu como um grande defensor da solidariedade anárquica, defendendo que o anarquismo do ponto de vista econômico deveria seguir as bases do comunismo (ou seja, uma tendência mais comunitária), e, no plano político, necessitaria trilhar pelos ideais libertários. Ademais, chegou a fazer clara crítica aos individualistas. Vejamos em detalhe o seu pensamento:

[...] Onde não existem leis coercitivas, os homens querem ser iguais no direito de consumir; onde existem leis, a anarquia é absolutamente impossível.

Não são anarquistas - para nós - todos aqueles individualistas em seu sentido estrito, ou mais claramente os *amorfos*.

A Anarquia é, para nós, um organismo, uma forma, da qual a única forma coesiva será a solidariedade.

(...)

ANÁRQUICO é sinônimo de SOLIDÁRIO. Com SOLIDARIEDADE se vence; com SOLIDARIEDADE se pode viver anarquicamente.

(...) nós entendemos por anarquista de pensamento tanto aquele que não evita o uso da violência, quando com a violência se pode frear a injustiça sistemática ou afetar a resolução do problema social, quanto que, em economia, se afirmam comunistas, e, na política, Libertários.⁵⁴

Esta proximidade com as ideias malatestinianas de Angelo Bandoni não seria uma excepcionalidade. Como bem salientou Edilene Toledo, no Brasil diversos anarquistas iriam defender a ideia de que a forma organizativa da sociedade após o processo revolucionário seria, “no plano teórico, na forma do anarco-comunismo, cujos maiores representantes foram Kropotkin e Malatesta” (2004, p. 47).

No tocante ao papel da solidariedade como única possibilidade para a existência do anarquismo, como evidenciado no texto de Bandoni, esta mesma compreensão pode ser encontrada nas palavras de Malatesta ao mencionar que “somente a mais completa aplicação do princípio da solidariedade pode destruir a luta, a opressão e a exploração, e a solidariedade

⁵⁴ “Dove non vi sono leggi coercitive, gli uomini vogliono essere eguali nel diritto di consumare; dove vi sono delle legge, l’anarchia è assolutamente impossibile. Non sono anarchici – per noi – tutti gli individualisti nello scopo, o più chiaramente: *gli amorfisti*. L’Anarchia è per noi, un organismo, una forma, di cui unica forza coercitiva sarà la solidarietà. (...) ANARCHICO è sinonimo SOLIDARISTA. Colla SOLIDARIETÀ si vince; colla SOLIDARIETÀ si può vivere anarchicamente. Concludiamo dicendo: si chiamino pure cogli appellativi più veaghi di *Amorfisti, Naturisti, Nichilisti*, ecc., noi riteniamo per anarchici di pensiero [...] coloro che non rifuggono dalla violenza, quando colla violenza si può frenare l’ingiustizia sistematica o affrettare la risoluzione del problema sociale, coloro che, in economia, si affermano comunisti e, in politica, Libertari” (La *Battaglia*, n. 11, 4 de Setembro de 1904, p. 02 e 03, “Distinguiamo”).

só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada dos interessados” (MALATESTA, 1989, p. 12-13).

Para a perspectiva do comunismo anárquico, a primeira obrigação, quando a revolução viesse à tona e rompesse o sistema vigente, seria realizar imediatamente o comunismo libertário, que corresponderia a um comunismo sem governo, pertencente aos homens livres (KROPOTKIN, 1975, p. 46 e 51). E, diferentemente do coletivismo, onde a remuneração seria proporcional às horas de trabalho dedicadas por cada pessoa à produção das riquezas, na perspectiva anarco-comunista “todos os produtos do trabalho – comida, roupas, moradia, e tudo mais o que for útil – estarão sob posse comum da sociedade. Todos poderão usá-los livremente, e todos usufruirão de toda a riqueza de maneira comum”. No comunismo, cada um trabalharia na medida de suas possibilidades e consumiria na medida de suas necessidades – um sistema que exigiria um aprofundamento ético sem precedentes e a garantia de que se cooperaria em tal sentido (MARINI, 2016, p. 315-316).

Na edição de abril de 1905 do jornal *La Battaglia*, Bandoni publicou um artigo em forma de diálogo entre duas personagens fictícias, Vittorio e Beppino. Essa estratégia de escrita, na verdade um artifício lúdico, que muito se aproxima de alguns escritos do próprio Malatesta (como nos textos *Entre Camponeses* e *No Café*), pretendia não subordinar o leitor aos seus argumentos, mas, acima de tudo, imprimia uma conversa franca, contendo algumas peculiaridades familiares, e sendo de fácil compreensão (ver: SAMIS, 2009a, p. 31).

O diálogo em apreço envolve a participação de um interlocutor a favor do individualismo e de outro que se posiciona em defesa do comunismo anárquico. Para o defensor do individualismo, o comunismo teria o importante papel de assegurar a distribuição e o uso dos meios produtivos e de seus produtos a toda coletividade, o que seria privilégio de poucos. Entretanto, neste sistema econômico, a liberdade individual nunca poderia ser completa, uma vez que o indivíduo deverá cumprir obrigações que lhe seriam impostas em razão do coletivo, em detrimento da maioria:

(...) Porquanto não haverá leis coercitiva, tu, no comunismo deverá trabalhar metodicamente e, para cima e para baixo, quanto aos outros para ser censurado (criticado). Deverá vestir como os outros, fazer a barba, pentear-se como os outros, comer igualmente, habitar uma casa feita no estilo em voga, etc, etc. Enfim, terás de comportar-te em conformidade com o comportamento geral. Eu, nesse cumprimento a exigência do desenvolvimento coletivo, do costume, do capricho dos outros, não posso me acomodar a chama-lo de liberdade.⁵⁵

⁵⁵ “Per quanto non vi saranno leggi coercitive, tu, in *comunismo* dovrai lavorare metodicamente e, su per giù, quanto gli altri, per non essere biasimato. Dovrai vestire come gli altri, raderti la barba perttinati come gli altri,

Em contrapartida, para o interlocutor adepto do comunismo, o maior problema do individualismo seria a exclusão da solidariedade, a base para “vencer a resistência exorbitante de qualquer esforço individual”. Além disso, após a revolução social ocorreria um estado de *amorfia individualística* que, ao generalizar-se, afetaria todos os serviços e empregos dos trabalhadores coletivos (como o meio de comunicação e transporte), colocando a sociedade em “extremo perigo”. Outrossim, “o homem traz em si uma prepotente necessidade de descobrir, de conhecer”, necessidade esta que não “harmoniza em nada com o ideal de exemplificação individualista”. Ao final de seus argumentos, afirmava que apesar de certos defeitos, como a ligeira restrição da liberdade, o comunismo anárquico garantiria uma vida baseada na ajuda mútua. E assim terminou o diálogo. Bandoni permitiu deste modo, que o leitor pudesse compreender que essa segunda posição, a comunitária, seria a forma mais viável de organização anarquista⁵⁶.

Esses são, portanto, alguns indícios que demonstram que a influência teórica do anarquismo propalado por Angelo Bandoni tem amparo no anarco-comunismo malatestiniano, e não no individualismo (ou insurrecionalismo) difundido por Luigi Gallenai. Por conta disso, este fato contribui para rechaçar a tese que afasta a percepção libertária dos militantes italianos de São Paulo como um caso historicamente desvinculado em relação a AIT. Isso em razão do papel que Errico Malatesta⁵⁷ possuiu ao conduzir a seção italiana da Internacional dos Trabalhadores, entre 1871 a 1876, de uma posição “simplesmente abstencionista e federalista, a adotar os ideais básicos do anarquismo bakuniniano” e, em seguida, a ultrapassá-los através da elaboração do princípio “anarco-comunista”⁵⁸ e de uma excepcional concepção revolucionária, a “propaganda pelo fato” (MARINI, 2016).

cibarti all'uso comune, abitare una casa fatta sullo stile in voga, ecc, ecc. Infine, dovrai comportarti in conformità dell comportamento generale. Io questo conformarsi alle esigenze di sviluppo collettivo, al costume, ai capricci degli altri, non posso adattarmi a chiamarlo libertà” (*La Battaglia*, n. 87, 02 de abril de 1905, p. 03, “Polemizzando?!”).

⁵⁶ “L'uomo porta in se un prepotente bisogno di scuoprire, di conoscere, bisogno che non armonizza per nulla coll'ideale di semplificazione individualista. L'uomo può e deve cercare di vivere più largamente, più intensamente la vita, deve profittare di tutti i mezzi di sviluppo, d'integrazione che gli porgono la natura e la Società” (*La Battaglia*, n. 87, 02 de abril de 1905, p. 03, “Polemizzando?!”).

⁵⁷ Assim como, Carlo Cafiero (1846-1892) e Andrea Costa (1851-1910).

⁵⁸ Ainda segundo o autor: “paradoxalmente, portanto, a nova interpretação do anarquismo bakuniniano elaborada pelos internacionalistas suíços e italianos, que superava o coletivismo do russo mantendo inalterada a perspectiva materialista subjacente, embora não pudesse eliminar as divergências básicas entre o pensamento marxiano e o bakuniniano, aproximava essas duas correntes de ideias, mostrando assim sua matiz comum. A originalidade e, ao mesmo tempo, o paradoxo da elaboração “anarco-comunista” são inegáveis: aquelas mesmas pessoas que, nos primeiros anos de vida da Internacional, haviam combatido e renegado a tendência marxista, agora, depois de

Em outras palavras, a morte de Bakunin (1876) não significou um ponto final ao crescente movimento federalista libertário e operário na Itália; muito menos simbolizou a sua estagnação. Tanto foi assim, que em outubro de 1876, foi celebrado em Tosi, localidade próxima de Florença, um congresso (Congresso de Florença-Tosi) no qual se estabeleceram as bases das teses do comunismo anarquista como alternativa ao coletivismo de Bakunin (MARINI, 2016, p. 313). Esta proposta consignada na década de setenta não era ainda uma elaboração definitiva, pois não havia sido “adotada diretamente a fórmula do “comunismo anarquista””, apesar de terem sido expostos os pressupostos teóricos de uma ideia que seria desenvolvida ao longo de 1880-1890 por Cafiero, Malatesta, Kropotkin e Reclus⁵⁹ (2016, p. 314 e NETTLAU, 2008, p. 188).

A solidificação definitiva de Errico Malatesta em relação ao anarco-comunismo iria acontecer no ano de 1881, em Londres, quando os remanescentes da primeira AIT se reuniram, sob o nome de Congresso Internacional Socialista Revolucionário, e realizaram o primeiro congresso anarquista. Na ocasião, o anarquista, representante de diversos grupos italianos, propôs ainda a reestruturação da Internacional dos Trabalhadores a partir de uma orientação revolucionária de luta contra os governos, para o qual seria necessária uma estrutura dupla: por um lado um órgão destinado a difundir a propaganda entre as massas e impulsioná-las à revolta, e por outros grupos de ação, organizados e federados em sigilo para a ação violenta (que receberia o nome de “propaganda pelo fato”, tese que já vinha sendo defendida desde o Congresso de Berna em 1876) (AVILÉS, 2012, p. 171). Ademais, foi ainda nesta década (1880) que Malatesta, e outros nomes importantes do anarquismo desse momento (Andrea Costa antes de se tornar socialista e Francesco Saverio Merlino), vão perceber a necessidade de uma “organização dos grupos socialistas anárquicos voltados para o movimento social”, muito embora o antiorganizacionismo ainda seria predominante na Itália até 1900 (ROMANI, 2013, p. 19).

Por tudo que foi exposto até aqui, um exame mais apurado da sua produção tipográfica e a consulta de documentação até então inexplorada sobre o Bandoni revelam que é arriscado (e talvez um equívoco) catalogar este militante de maneira rígida em qualquer tipo de vertente anárquica. Desta forma, a sua melhor definição, talvez, seja a de um “anarquista sem adjetivos”, como na proposição defendida pelos anarquistas Fernando Tarrida e Ricardo

poucos meses da morte de Bakunin, abandonavam parcialmente sua perspectiva coletivista para aderir a uma teoria comunista elaborada pelo próprio Marx” (MARINI, 2016, p. 299).

⁵⁹ Já Andrea Costa, gradualmente, foi aderindo a uma perspectiva mais parlamentarista e legalista.

Mela⁶⁰, os pioneiros a utilizarem essa expressão e a mencionar a importância de uma “síntese”⁶¹ entre as correntes anárquicas (CODELLO, 2017, p. 59). O anarquista cubano, Tarrida, por exemplo, afirmou ser anarquista e expressou “a anarquia sem adjetivos” (1890), pois a anarquia é um axioma e as formas organizativas ou os modelos econômicos adotados (corporativista ou comunitário) são questões meramente secundárias (TARRIDA, 2007, p. 131). Já para o espanhol Mela (1900):

(...)

De nossa parte nos limitamos a registrar um fato: anarquistas de todas as crenças caminham resolutamente para [...] uma grande síntese social, que abraça todas as diversas manifestações de ideais. A marcha é silenciosa: em breve haverá o rumoroso desmembramento (...).⁶²

Assim, tendo em vista as especificidades dos anarquistas italianos em São Paulo, especialmente de Angelo Bandoni, temos que grande parte das práticas desses militantes não comportam um enquadramento fixo nas classificações até então formuladas, já que a tradição italiana recebeu historicamente a influências de múltiplas tendências.

⁶⁰ Ver também o seguinte texto: MELLA, *Libre cooperación y colectivismo anarquista*, [S. d.].

⁶¹ Entre aspas, com a preocupação de não incorrer em um possível anacronismo, visto que o movimento de síntese acontecerá em ocasião bem posterior, isto é, na década de 1920, com Sebastian Faure, Volin, em contraposição aos plataformistas, conforme já ressaltamos.

⁶² “Per parte nostra ci limitiamo a registrare un fatto: anarchici di tutte la credenze cammiano resolutamente verso la [...] di una sintesi sociale, che abbraccia tutte le diverse manifestazioni dell’ideale. La marcia è silenziosa: presto avverrà il rumorosa smembramento (...)” (*L’Azione Anarchica*, 19 de novembro de 1905, “L’Anarchismo nascente”).

Capítulo 1 – Eis o Homem

Santos, São Paulo, Brasil
09 de maio de 1900

O som da potente buzina anunciava a chegada de mais uma embarcação no movimentado porto de Santos, que no início do século XX, já era uma cidade pertencente ao então Estado Federativo de São Paulo. Com posição estratégica, localizado ao longo de um estuário protegido do mar na parte interior de uma ilha atlântica, esse porto foi portão de entrada e saída de inúmeros produtos diretamente ligados aos maiores ciclos de crescimento econômico do Brasil.

O vapor que anunciava chegada era um típico navio do *oitocentos*, possuindo toda uma estrutura feita de aço, uma grande chaminé exalando imensa quantidade de fumaça preta e uma bandeira hasteada na popa composta por três faixas coloridas tremulando incessantemente em razão dos ventos que sopravam do mar. Na bochecha da proa, em letras garrafais, carregava o nome *Città di Genova*⁶³, identificação de mais uma embarcação da famosa *La Voce*, empresa que por inúmeras vezes e anos navegou por mares sul-americanos costeando o litoral brasileiro, aportando as principais zonas portuárias do país, sendo responsável, inclusive, pelo transporte de mercadorias e de imigrantes que penetraram no continente⁶⁴.

Apesar da capital paulistana gozar de temperaturas mais amenas, a cidade de Santos, por ser litorânea e encontrar-se na altitude do nível do mar, possui condição climática tropical. Na ocasião da chegada do navio vindo do porto italiano de Gênova, era um dia típico de outono possivelmente com escassez de umidade e elevação térmica em razão da sensação de calor ampliada pela forte presença do Sol. Tais condições concediam um tom de dramaticidade aos passageiros que aguardavam o desembarque, já que as viagens ocorriam em condições desumanas. Em média, em fins do século XIX, um deslocamento feito por vias marítimas entre a Itália e o Brasil durava entre 21 a 30 dias. Além disso, os vapores que faziam a travessia transportavam um número “de passageiro superior em até um terço de sua real capacidade” (TRENTO, 1989, p. 44).

⁶³ ANRJ, Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. Relação de passageiros do vapor *Città di Genova*, Santos, 09-05-1900.

⁶⁴ Interessante propaganda desta empresa pode ser encontrada em conhecido periódico da época na seção de anúncios: *Correio da Manhã*, 18 de janeiro de 1902, p. 03.

No porão do *Città di Genova*, local destinado àqueles que vinham na terceira classe, as condições infames e o calor dos trópicos eram agravados pelo ambiente fechado que obstava a penetração da mais leve brisa do mar. No segundo dia de viagem já não havia onde pisar, pois poças de vômitos espalhavam-se por todos os lados em decorrência dos enjoos causados pelo balanço do mar (GATTAI, 1994, p. 116). Foram nessas condições que o passageiro de número 14, Angelo Bandoni, atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil. Com uma complexão magra e alta, possuindo “cabelos e barbas negras”⁶⁵, chegou sozinho e com a idade de 32 anos, deixando para trás uma vida inteira no velho mundo, porém, com os olhos cheios de esperanças e ao mesmo tempo incertezas do que encontraria na República brasileira.

Em sua imensa maioria, os imigrantes que entraram no Brasil desde a segunda metade do século XIX, especialmente os de origem italiana, eram destinados para o trabalho nas lavouras de café nas grandes fazendas em São Paulo, que em 1900, encontrava-se em franca expansão. Para aqueles que se atreviam na travessia do Atlântico, deslocavam-se prioritariamente com o intuito e o sonho de “fazer a América”, constituírem família e prosperar (PEREIRA, 2008, p. 136). Mas, na prática, a realidade era bem diferente, pois o trabalho nos cafezais na zona rural paulista não oferecia tantas oportunidades como se acreditava (TETI, 2001, p. 135).

Se o intenso fluxo migratório de italianos ocorreu visando a necessidade de mão de obra, qual teria sido então a motivação para que Bandoni cruzasse os mares tropicais em direção ao Novo Mundo? Teria vindo, assim como a grande maioria dos imigrantes, “fazer a América” buscando o devido lugar ao Sol que lhe fora retirado em sua terra natal? Certamente que não, pois a sua militância anarquista o empurraria para outras águas. Mas não sendo o desejo de buscar a prosperidade, teria então vindo exclusivamente com o fito de “anarquizar” o Brasil, propagando as ideias libertárias? Talvez. Ou, sejamos francos, teria o nosso personagem optado pelo Brasil como quase que um exílio? Um lugar onde, após anos de repressão e inúmeras prisões sofridas na Europa, pudesse viver libertariamente, trabalhar e passar em paz os últimos dias de sua vida? Mais provável que sim.

Como veremos em momento oportuno, a sua aproximação com o anarquismo ocorreu na Europa, mas se aperfeiçoa na América, encontrando neste continente um grande espaço de oportunidade, onde as suas inspirações anárquicas serão relativamente aceitas, sobretudo entre parte da comunidade italiana presente em São Paulo. Portanto, se pudesse resumir, o Brasil

⁶⁵ “Bandoni Angelo, da Livorno, (...), alto, magro, capelli e barba neri (...)” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Legazione D’Italia n. 100, Rio de Janeiro, 28 aprile 1902”).

para Angelo Bandoni foi, em primeiro lugar, um refúgio e depois um local onde pudesse falar e contar um pouco sobre o anarquismo, isso porque para as autoridades republicanas, ele era apenas um trabalhador agrário⁶⁶, mas por debaixo dos panos escondia uma vida pregressa de desobediência e rebeldia⁶⁷.

Bandoni embarcou em Gênova em direção ao porto de Santos por meio de uma passagem subvencionada⁶⁸, ou seja, paga pelo governo brasileiro ou por iniciativa de algum fazendeiro de café, prática comum a grande parte dos imigrantes italianos chegados da Europa até o ano 1902, uma vez que poucos vieram por conta própria (HUTTER, 1987, p. 62).

Se não bastassem as dificuldades da viagem, o desembarque era outro calvário. No exterior do navio, Bandoni e os demais passageiros foram conduzidos a um local ainda no porto, onde homens eram mantidos de um lado, e as mulheres do outro, e ali foram despídos da roupa do corpo e em seguida eram lavadas juntas as que traziam em trouxas, tudo com a finalidade de desinfecção, já que eventualmente os passageiros chegavam contaminados por moléstias contagiosas (SEGAWA, 1987, p. 24). Em razão de tal procedimento, teve que permanecer durante algumas horas aguardando que lhe devolvessem os seus pertences (GATTAI, 1994, p. 116)⁶⁹.

Depois de horas a fio aguardando a sua liberação no porto de Santos, finalmente Bandoni deve ter embarcado em um trem pertencente ao “corredor de exportação”⁷⁰, e dali partido em direção ao interior de São Paulo, mais precisamente em uma região ao Norte do Estado, também produtora de café, chamada de Águas Virtuosas, cidade esta pertencente ao

⁶⁶ ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. Relação de passageiros do vapor *Città di Genova*, Santos, 09-05-1900.

⁶⁷ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma, n. 19671”.

⁶⁸ ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. Relação de passageiros do vapor *Città di Genova*, Santos, 09-05-1900.

⁶⁹ Os estrangeiros chegados ao porto de Santos com a finalidade de trabalhar nas regiões do plantio do café eram encaminhados às Hospedarias de Imigrantes, que tinham a finalidade de amparar o estrangeiro recém-chegado, até o seu encaminhamento como mão-de-obra para a lavoura (SEGAWA, 1987, p. 23). No Estado de São Paulo, uma hospedaria construída na capital, mais especificamente no bairro do Brás, ganhou notoriedade na tarefa de recepcionar os imigrantes. Em consulta feita aos registros de entrada no arquivo do Museu do Imigrante (sede dessa antiga hospedaria, A pesquisa foi feita através do portal <http://www.inci.org.br/acervodigital/livros.php>, que pertence ao Museu do Imigrante. Acesso em: 05 de jun de 2016), não constam informações sobre a passagem de Bandoni em uma dessas casas anfitriãs, o que é curioso, pois foi um procedimento padrão para aqueles que tiveram a passagem paga e se destinariam ao trabalho nos cafezais, o que por um tempo foi com o que se ocupou nos primeiros anos após a sua chegada ao Brasil.

Na lista de embarque, no campo condição, aparece a palavra italiana *Contadino*, que significa camponês. Como veremos adiante, era comum o imigrante declarar-se camponês para ter a sua entrada facilitada no Brasil e do mesmo modo não precisar arcar com o custo da viagem (ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. Relação de passageiros do vapor *Città di Genova*, Santos, 09-05-1900).

⁷⁰ Sistema de malha ferroviária responsável pela articulação entre o porto de Santos, a capital paulistana e o interior rural de São Paulo, servindo como escoadouro de mão-de-obra e produtos (ver: HOLLOWAY, 1984).

Município de Altinópolis⁷¹. Encontrava-se, assim, livre para iniciar uma longa jornada pelo Brasil que levaria quatro décadas. Entretanto, essa trajetória não começou em solo paulistano. Na verdade, ela se iniciou 30 anos antes, e por incrível que parece, não na Itália, mas em uma cidade setentrional na ilha francesa da Córsega, e para compreendermos o desenrolar dessa trama, vamos retornar ao seu ponto de origem.

1.1. – Da Terra de Napoleão ao território de Dante: o início de tudo entre a Córsega e a Itália (1868-1900)

1.1.1 – Entre um mar de gente

Bastia, Norte da ilha de Córsega

03 de julho de 1868

O mês de julho estava apenas começando naquela tarde de verão de 1868⁷². Após um longo e exaustivo dia de trabalho, Giovanni Bandoni finalmente chegou a sua residência, e logo cumprimentou a sua jovem esposa, Assunta Casanova, de 23 anos de idade⁷³, com um singelo beijo na testa. Em seguida, sentou-se à mesa enquanto aguardava que sua companheira lhe servisse um prato da refeição que havia preparado.

Assunta vinha realizando o trabalho doméstico com certa dificuldade. A sua barriga estufada por conta da gestação em estágio avançado a comprometia na execução das atividades do cotidiano. Em seu ventre, carregava o seu filho que estava na iminência de nascer. Se menino, iria se chamar Angelo, nome comum em Bastia⁷⁴, e receberia o sobrenome do pai (Bandoni).

⁷¹ Sabemos disso a partir de um artigo que Bandoni submete ao periódico dirigido pelo anarquista, também de origem italiana, Tobia Boni. É o primeiro texto que escreve no Brasil, isso após sete meses de permanência (Ver: *Palestra Social*, n. 02, 02/12/1900, p. 4).

⁷² Por ser um mês de verão, os dias em junho e julho, segundo os dados climáticos de Bastia, tende a ser mais seco e com maior presença do sol. As temperaturas chegam a variar em uma média máxima de 28°C entre os meses de julho a agosto (Consulta feita em: <https://www.wunderground.com/fr/bastia?MR=1>. Acesso em: 26 de setembro de 2016).

⁷³ DLHC. *Etat Civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.

⁷⁴ Foi recorrente o registro de recém-nascidos com o nome Angelo (na verdade em francês *Angel*), demonstrando que se tratava de um prenome bastante comum em Bastia. Chegamos a tal conclusão após ter consultado inúmeras certidões dos nascidos nesta Comuna entre os anos de 1860-1870 (Ver: DLHC. *Etat Civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 1860-1870).

Contudo, naquela final de tarde do dia 2 de julho, Assunta ficaria impedida de cuidar do seu marido, e Giovanni não descansaria após o seu dia de trabalho. Tudo foi interrompido com o então nascimento de seu filho, na madrugada de 03 de julho.

Em 3 de julho

O ano de mil oitocentos e sessenta e oito, no dia 04 de julho, sábado, às 12:15, o registro de nascimento de ANGEL em Bastia, ontem, às 02 horas, declarado filho do pai BANDONI Jean, marmoreiro, idade de vinte quatro anos e ASSUNTA CASANOVA, sua esposa, com idade de vinte três anos, residentes em Bastia, rua Direita, [...] dois, nativo de Livorno, na Itália, o sexo da criança foi reconhecido como masculino. A seguir Moulalti Louin, serralheiro, idade de trinta e cinco anos, e Lovizi Ludovie, idade de trinta e seis anos, marmoreiro, [...] domiciliado em Bastia, declarou e presenciou o feito do ato da criança Bandoni [...] com o presente ato após a leitura [...]. Lapourelli Dominique deputado Municipal da vila de Bastia. Ofício estado civil [...]⁷⁵.

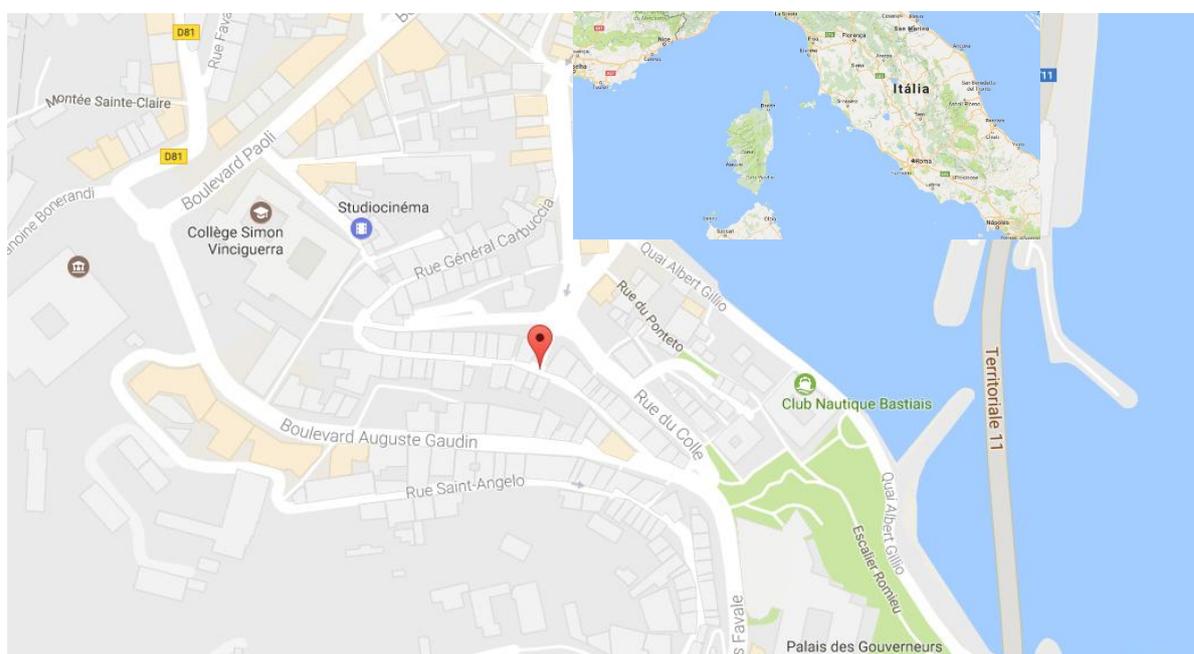
À época do nascimento, a família residia na Comuna de Bastia, região localizada ao extremo Norte da Ilha francesa da Córsega, que fica assentada entre o mar e uma montanha de 960 metros (no lado oriental da *Serra di Pignu*), sendo considerada a principal região portuária da ilha. A Comuna está localizada a 50 km a oeste da ilha de Elba, e aproximadamente a 90 km da Itália continental (REY, 2008, p. 05)⁷⁶.

⁷⁵ “Bandoni, Angeli. Le 3 juillet. L an mil huit cents et soixante huit le quatre juillet jour de samedi a midi et quart acte de naissance de Ange in à Bastia hier, à deux heure de relevé fills pere Bandoni Jean, Marbrier age vingt quatre ans et de Assumptiva Casarosa son epouse age de Vingt trois deumentant à Bastia rue Droite tour deux natif de Livorno a Itália le sexe il infant acte se connaitre masculin pur le suivre Moulalti Louin serreurier age de trint cinq ans et Lovizi Ludovie, age de trent six ans, marbrier tumoiner domiciliee à Bastia, sur les declaration et presentutiou avouer faite du acte infant pur le su Bandoni pere el out signiture Avec un present act aprie lectura farte. Constate suivant la loi par nom Lapourelli Dominique adjoint Municipal de la ville da a Bastia. Office de etat civil pur delle le Maire” (DLHC. *Etat Civil*. Registre d’état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868). Aqui cabe realizar um esclarecimento. Isabelle Felici, sua tese de doutorado *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920*, e na obra de Maurizio Antonioli et al, *Dizionario biografico degli anarchici italiani*, menciona que Bandoni (2004b) nasceu no dia 02 de julho. Todavia, tal afirmação são feitas com base nas informações da polícia italiana. Ambos os trabalhos não mencionam a certidão de nascimento de Angelo.

⁷⁶ A Córsega foi, durante anos, principalmente ao longo do século XVIII, palco de inúmeras disputas e influência de diferentes reinos italianos, até que em 1729, com a eclosão da Revolução Corsa (1729-1755), levou à criação de um governo nacional (1755-1769) liderado por Pasquale Paoli (1725-1807). Apesar do processo de independência, algumas cidades italianas, como por exemplo Gênova, mantiveram ainda forte presença em algumas zonas costeiras (como Ajaccio, Bastia, Bonifacio, Calvi e San Fiurenzu). Contudo, esta ocupação não impediu que a ilha fosse tomada pelos franceses em 1768, fazendo com a experiência de independência durasse menos de um ano, e Paoli e outros insurgentes acabassem sendo exilados em 1769 (REY, 2008, p. 05). Mesmo após a conquista da Córsega pela França, no aspecto econômico, foi comum a presença de comerciantes judeus livorneses e carpinteiros napolitanos na construção de embarcações navais em estaleiros, bem como a circulação de trabalhadores agrícolas sazonais de algumas regiões italianas – como a Toscana e Sardenha, em particular – cujos movimentos faziam parte das velhas estratégias de produção do período em que a Córsega encontrava-se sobre o domínio do Reino genovês (REY, 2008, p. 06).

Em Bastia, a família Bandoni residia em uma zona da cidade habitada por uma população mais proletarizada, e bastante próxima do mar (conforme o Mapa 01). Tais informações são cruciais para o mapeamento da origem social e econômica de Angelo. De acordo com as informações constante em sua certidão de nascimento⁷⁷, os Bandoni moravam na *rue Droite* (rua Direita), que mais recentemente passou a ser designada de *rue du Chanoine Letteron*⁷⁸, uma região formada por habitações mais humildes e de pequeno porte (ver Imagem 01).

Mapa 01 - Mapa ampliado da rue Droite, atual rue du Chanoine Letteron, em Bastia



Fonte: Google Maps

As complexidades políticas e militares entre os anos 1793-1814 levaram a Córsega a um turbilhão em disputa de sua soberania. Contudo, em 1815, apesar da queda do primeiro Império Napoleônico, tornou-se iminente a integração política da Córsega à França, sobretudo pela “falta de projetos concorrentes”, como, por exemplo, a fracassada tentativa de alguns corsos em envolver a ilha no *Risorgimento* (processo de unificação dos Reinos Italiano) (REY, 2008, p. 07). De qualquer forma, a despeito destes tumultuosos anos, cabe ressaltar que a influência histórica dos Reinos Italianos sobre a Córsega foi conducente para a existência de um intenso fluxo migratório, contribuindo para que a população local fosse formada por estrangeiros provenientes da península itálica.

⁷⁷ DLHC. *Etat Civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.

⁷⁸ Após exaustiva busca sobre todas as ruas e avenidas da cidade de Bastia, não encontramos nenhum logradouro chamado rue Droite. Foi casualmente, lendo um pouco sobre a cidade em seus dias atuais, é que encontramos uma reportagem onde mencionava que a rue Droite havia sido renomeada para rue du Chanoine Letteron. (Ver: <http://www.corsematin.com/article/bastia/importante-operation-de-police-en-cours-a-bastia>, acesso em: 05 de julho de 2016).

Imagem 01 – Foto da Rua rue Droite, atual rue du Chanoine Letteron, em Bastia



Fonte: Google Maps View Street

O pai de Bandoni tinha como profissão o trabalho de artesão especializado na manipulação de mármore. A relação entre a sua atividade laboral e a permanência em Bastia como região onde oferecia oportunidade de ganhar a vida será melhor analisada a seguir. Por ora, é importante ressaltar que, tanto Assunta quanto Giovanni não nasceram em Bastia, mas na região da Toscana na Itália, mais precisamente em Livorno⁷⁹.

Filhos de pais trabalhadores e de origem humilde, residindo em uma região com baixas condições econômicas da Comuna de Bastia, Angelo Bandoni nasceu entre um “mar de gente”. Ao que parece, seus genitores não possuíam uma educação formal e nem uma profissão com renda fixa. Nascido nesta realidade familiar, Bandoni foi mais um entre tantos milhões de indivíduos que enfrentaram a extrema dificuldade sofrida pelas classes menos abastadas da Europa, sobretudo na região mediterrânea, onde, durante a segunda metade do século XIX, o incipiente processo de industrialização contribuiu para a diminuição de oportunidade de trabalhos artesanais (manuais), que gradativamente foram sendo substituídos pela mecanização, gerando uma horda de gente sem emprego⁸⁰.

⁷⁹ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma, 1º agosto de 1902”.

⁸⁰ Tal processo foi muito bem explicado pelo historiador Eric Hobsbawm: “Ao mesmo tempo, a máquina e a fábrica tiravam a base de massas consideráveis que, até fins do século XIX, produziam os mais familiares bens de consumo urbanos – roupas, calçados, móveis e assemelhados – por métodos artesanais, abrangendo desde os do altivo mestre-artesão até os das suadas oficinas e os das costureiras de sótãos. Se o número deles, segundo as

Tais fatos de caráter econômico explicam, de certo modo, o grande fluxo migratório de pessoas que saíram em busca de trabalho por outras regiões da Europa, especialmente na Itália. Não é fácil precisar se esse foi exatamente o caso da família Bandoni quando deixaram Livorno e partiram em direção à Córsega. Essa é uma questão aberta, mas que enfrentaremos a seguir.

1.1.2 – O Casal Bandoni: “Sai da casa de sua parentela”

Os pais de Bandoni, como já mencionamos, nasceram na região da Toscana, mais precisamente na cidade de Livorno⁸¹. Em uma exaustiva consulta a inúmeras certidões de casamentos lavradas em Bastia⁸², não encontramos uma que registrasse o casamento entre Assunta Casanova e Giovanni Bandoni.

Deste modo, podemos chegar a duas conclusões: ou não se casaram religiosa e “juridicamente”, o que seria incomum na segunda metade do século XIX⁸³, ou constituíram matrimônio ainda em Livorno⁸⁴ antes de partirem em direção à Córsega. Para todos os efeitos, vamos considerar essa segunda opção como a mais plausível. A questão, contudo, é tão imprecisa que apenas nos permite ficar no plano das especulações.

De qualquer forma, de preciso e sólido temos a informação de que ambos nasceram na região da Toscana e possuíam uma faixa etária de idade bastante próxima, quer dizer, vieram ao mundo durante a década de 1840. Quando Angelo Bandoni nasceu, seu pai possuía 24 anos de idade, e sua mãe, como já foi ressaltado, 23 anos. Assim, respectivamente nasceram em 1844 e em 1845⁸⁵.

aparências, não diminuiu de modo notável, sua participação na força de trabalho tornou-se menor, a despeito do espetacular aumento da produção” (2013, p. 184).

⁸¹ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Preffettura di Livorno, Ufficio Provinciale n. 1341, 12 giugno 1902”.

⁸² DLHC. *Etat Civil*. Registre d'état civil: mariages, Bastia, 2 e 225, 1868.

⁸³ Sobre o Casamento durante o século XIX na Europa Central e Mediterrânea, ver: PERROT, 2014, p. 174-175 e 224-225.

⁸⁴ Durante os anos 1840, Livorno era uma cidade portuária, sendo considerada como um importante entreposto comercial. Apesar de ser forte na área do comércio, Livorno, já nesse período, possuía uma indústria naval incipiente, e uma urbanização proeminente (TESTA, s.d., p. 01). Além disso, esta cidade é uma província pertencente à região da Toscana, que até o final da segunda metade do oitocentos, era relativamente bem povoada (aproximadamente 79,6 habitantes por quilômetro quadrado), contando com cerca de 1.500.000 de habitantes (BRESCHI; MALANIMA, 2002, p. 02-03).

⁸⁵ DLHC. *Etat Civil*. Registre d'état civile: naissances, Bastia, 2 e 225, 1868.

Mapa 02 – Região da Toscana, Itália



Fonte: BRESCHI; MALANIMA, 2002, p. 02-03

Ainda sobre o casal, é quase impossível precisar o ano e com qual idade se conheceram e vieram contrair o matrimônio. Entretanto, caso realmente tenham se casado, as perguntas que merecem reflexão são: por que e em qual ano partiram em direção à Bastia? Diante de tais indagações, uma explicação cabal pode ser levantada. Nesse sentido, a motivação para saída de ambos da província de Livorno possivelmente tenha a ver com a realidade econômica vivenciada pela região da Toscana durante o processo de unificação da Itália⁸⁶. Bem, se considerarmos esta possibilidade, temos que admitir que o deslocamento de Assunta e Giovanni pode ter ocorrido a partir da década de 1860.

Tais encaixos econômicos ao longo da década de 1860 podem ter provocado a necessidade de Giovanni e Assunta saírem de Livorno a procura de novas oportunidades. Na certidão de nascimento de Bandoni, seu pai é descrito como *marbrier*, uma profissão artesanal que trabalha com a manipulação de mármore. Esta atividade laboral possivelmente tenha sido adquirida ainda na Toscana, região na qual se localiza o famoso polo marmoreiro da

⁸⁶ Com o processo de unificação, portanto, o porto de Livorno teve a sua importância diminuída, passando a entrar em concorrência com outros portos da península. Comerciantes de outros países, não encontrando condições positivas para a permanência na cidade, foram para outras regiões em busca de novas oportunidades. Isso provocou um empobrecimento em cascata, que envolveu todas as categorias de trabalhadores e alguns proprietários de terras que haviam se estabilizado em torno do comércio e do porto. O único setor que não sofreu com o descenso econômico foi o industrial emergente, que pode desfrutar do efeito retardado, porém benéfico, do protecionismo praticado ainda durante o período monárquico. Na verdade, em razão da conjuntura política e da instabilidade econômica “a realidade social de pauperismo foi evidente para todos” (TESTA, s.d., p. 16).

Lunigiana, em Carrara (ROMANI, 1997, p. 152). No mesmo sentido, a Comuna de Bastia na Córsega também se destacou na exploração de minérios, sendo a utilização de mão de obra italiana nas minas uma prática bastante comum, como muito bem explica o trecho que citamos abaixo. Isso talvez tenha despertado o interesse de Giovanni Bandoni no deslocamento até a ilha na tentativa de ser absorvido pela oferta de trabalho, pois possuía experiência com esta modalidade de atividade. Ao que tudo indica, foi o que acabou acontecendo.

“O pequeno desenvolvimento industrial da Córsega, acarretou a chegada de novos contingentes de imigrantes italianos. Na verdade, a industrialização e a exploração de jazidas minerais, especialmente na região de Bastia e Cap Corse (cobre, antimônio Ersu, amianto Canari, Feringule de ferro, entre outros) e nas planícies orientais (Lingueta cobre, arsênio Matra, fundição de Sari-Solinzara), exigiu a chegada de uma força de trabalho experiente vinda do norte da Itália (Emilia Romagna, Liguria, Lombardia, Piemonte, Toscana, etc);” (REY, 2008, p. 10).

Essa explicação, apesar de especulativa, permite, de certo modo, entender e mapear o deslocamento do casal, que sai da casa de sua parentela e caminha em direção à Córsega. Além disso, tal deslocamento, como mencionado, foi prática comum entre os livorneses (e originários de outras regiões da Itália). Aliás, o intenso fluxo migratório foi parte integrante da história da Córsega nos *oitocentos*, principalmente de estrangeiros originários da Toscana e da Sardenha, que ofereciam grandes contingentes de migrantes sazonais durante as principais atividades agrícolas, e também com a presença de artesãos. Tais imigrantes provenientes da Itália constituíam praticamente toda a população estrangeira residente na ilha desde o ano de 1851, onde os italianos compunham cerca de 3.800 habitantes para uma população estrangeira total de 4.245 pessoas, ou seja, cerca de 1,6% da população corso (REY, 2008, p. 08).

Por outro lado, cabe ressaltar que esse forte aumento da presença estrangeira de italianos na Córsega atingiu o seu auge na década de 1890 entrando em descenso nos anos seguintes, tendo como fator um pífio desenvolvimento industrial em razão de uma situação econômica nada sólida na região mediterrânica, atingindo o seu ponto crítico na virada do século (REY, 2008, p. 11 e HOBBSAWM, 2012). Esse problemático contexto econômico na ilha francesa pode explicar as razões que levaram a família Bandoni a fazer o caminho de volta às terras de origem.

1.1.3 – *É hora de partir: de Bastia à Itália.*

A família Bandoni deixou a Córsega em 1886⁸⁷, justamente durante um conturbado período econômico que assolou a região Mediterrânea. Somado a esse fator, deve-se levar em conta o fortalecimento do Estado francês no momento de um nacionalismo arraigado capaz de criar sérias complicações para os estrangeiros, fazendo com que grande número de migrantes deixasse a ilha francesa⁸⁸.

De todo modo, esse fortalecimento da presença do Estado francês na Córsega, as incidências de reações xenófobas, aliada ainda a uma conjuntura econômica rarefeita, podem ter contribuído para o deslocamento da família em direção à Itália em 1886, que sai de Bastia e chega à cidade de Spezia, na Ligúria, bastante próxima da região marmoreira de Carrara, mantendo por algum tempo residência fixa⁸⁹.

Sobre a saída da família Bandoni de Spezia alguns anos depois, um ponto nebuloso que merece ser ressaltado é a ausência de informações sobre Assunta Casanova, principalmente pelas fontes policiais. Por uma razão desconhecida, tais informações sobre a saída da família desta cidade restringem-se apenas ao pai (Giovanni)⁹⁰.

Segundo os relatórios policiais, a família teria saído de Spezia em direção ao Brasil sem a presença da mãe. Algumas questões podem ser extraídas dessa informação. Pode ser que Assunta tenha simplesmente passado despercebida no relatório da polícia investigativa italiana. Entretanto, olhando por um lado mais obscuro, talvez a mãe de Bandoni tenha falecido na Ligúria, e aproveitando-se da complicada conjuntura política e econômica da Itália no final do século XIX, Giovanni Bandoni decidira viajar para São Paulo. É um caso a ser considerado, pois quando resolveu mudar-se para a América, sua esposa contava com a idade de 48 anos, uma idade relativamente avançada para a época, que somada, talvez, a uma

⁸⁷ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”.

⁸⁸ Um primeiro reflexo desse processo de fortalecimento do Estado Nacional franco foi o esforço em tornar a língua francesa o idioma oficial e a mais falada, em contraposição ao corso e ao italiano, que se fazia presente em razão da influência histórica na região. Além disso, não podemos esquecer, que no contexto do final do século XIX, as relações internacionais entre a França e a Itália foram particularmente tensas, tanto no campo da rivalidade política (diplomática) quanto nos assuntos econômicos. Segundo algumas análises, esta situação de impasse provocou a existência de um forte xenofobismo contra aqueles que não eram franceses natos ou não nascidos na Córsega, criando, inclusive, um ambiente onde os italianos eram tratados de forma pejorativa, com desprezo e, por vezes, vítimas de violência passando a ser responsabilizados pelo aumento de desemprego na ilha (REY, 2008, p. 12).

⁸⁹ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”.

⁹⁰ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Legazione D’Italia, n. 13766, Rio de Janeiro, 28 aprile 1902”.

eventual doença, a tenha levado a óbito prematuramente. Em que pese à plausibilidade, esta hipótese é algo extremamente imprecisa.

Esses, portanto, foram os últimos passos que se têm conhecimento sobre os genitores de Angelo Bandoni. As informações sobre Assunta perdem-se de vista. Já sobre o seu pai, como dito, temos conhecimento que viajou ao Brasil em 1893. Na verdade, os relatórios policiais divergem quanto ao paradeiro de Giovanni. As informações provenientes da Prefeitura de Livorno, por exemplo, afirmam que “a sua família tinha emigrado em 1893 para a América (Argentina)”⁹¹. Em contrapartida, as notas prestadas pela Delegação Italiana sediada no Rio de Janeiro noticiam que “o pai emigrou ao Brasil em 1893”⁹².

De todo modo, em razão de pesquisa feita sobre este fato⁹³, chegamos à conclusão que Giovanni definitivamente não migrou para a Argentina. Daí restou-nos confirmar se de fato teria vindo residir no Brasil naquele mesmo ano (1893), como mencionavam as notas policiais. Em consulta feita ao fundo de entrada de vapores no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, e também ao registro de matrículas dos imigrantes entrados na Hospedaria da Capital de São Paulo (Museu do Imigrante), finalmente encontramos as informações da chegada de Giovanni Bandoni ao porto de Santos, no vapor *Provence*, no dia 19 de janeiro de 1893⁹⁴. Apesar disso, essas foram às últimas notícias que tivemos sobre o seu pai, confirmando, assim, que de fato havia penetrado em solo brasileiro. Mas o que lhe aconteceu ao chegar à América é praticamente “um beco sem saída”.

Neste momento, vamos falar um pouco da fase pré-adulta e adulta de Angelo Bandoni. Por pré-adulta, compreendemos a parte de sua vida que vai do nascimento até aos 18 anos completos (que foi o justamente o período em que viveu na Córsega). Praticamente não há informações sobre a sua infância, muito menos sobre a fase de sua vida que hoje corresponderia à adolescência. Contudo, por ter nascido no seio de uma família de

⁹¹ “E ascritto alla setta anarchica, e come tale si manifesti dupo che con la famiglia elhe emigrato nell 1893 in America (Argentina)” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

⁹² “Il padre emigró al Brasile nel 1893.” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Legazione D’Italia, n. 13766, Rio de Janeiro, 28 aprile 1902”).

⁹³ A sobreposição de informações sobre Giovanni pode ser elucidada quando consultamos pessoalmente o fundo do Archivo Intermedio, na cidade de Buenos Aires (Arquivo, que por sua vez está diretamente ligado ao ANA). Além disso, fizemos consulta ao banco de dados do CEMLA (essas informações também podem ser consultadas através do portal eletrônico: <http://www.cemla.com/>. Acesso em: 28 de out de 2016), cujo objetivo do centro é manter registros de entrada de estrangeiros na Argentina desde o início do século XIX. Não encontramos nenhuma ocorrência onde registrasse, que no ano de 1893, Giovanni Bandoni tenha chegado à região portenha.

⁹⁴ ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. Relação de passageiros do vapor *Provence*, Santos, 19-01-1893. O *Provence* se dirigia a Buenos Aires e a família desembarcou na escala em Santos, daí a confusão da polícia italiana.

trabalhadores simples, é bem provável que por algum tempo tenha trabalhado com o seu pai, e com ele aprendido um pouco de sua profissão e ao mesmo tempo ajudado na complementação da renda familiar.

Apesar da permanência de Giovanni Bandoni na cidade de La Spezia, Angelo Bandoni não seguiu essa mesma tendência, e durante os 14 anos em que viveu na Itália, não possuiu residência fixa, deslocando-se por diversas cidades⁹⁵. De todo modo, entre os 18 e os 30 anos, na fase aguda de sua juventude, viveu em solo italiano. Depois de 18 anos residindo na Córsega, aprendeu a falar o francês e, por vias paterna e materna, certamente conheceu o italiano.

Angelo Bandoni sabia ler e escrever a língua francesa⁹⁶. O conhecimento do idioma possivelmente foi conquistado ao frequentar, quando criança, o ensino básico, que havia se tornado obrigatório em Bastia desde a emergência do Império Napoleônico em 1804⁹⁷ (GHERARDI, 2011, p. 25).

Já no tocante ao italiano, acreditamos que, em um primeiro momento, apenas falava o idioma, não sabendo ler ou escrever. Além disso, cremos que tais habilidades, assim como o aprofundamento no conhecimento da gramática, foram adquiridas na Itália, por meio de um processo autodidático com base em uma série de tentativas e erros. Deste modo, a leitura certamente serviu de alicerce para a sua aproximação com o anarquismo. Outro ponto que merece destaque é que Bandoni, como já assinalado, não era italiano de nascimento, mas sim cidadão francês⁹⁸. Se computado o tempo de permanência nas três regiões (Córsega, Itália e Brasil), nosso biografado corso-italo-brasileiro era, do mesmo modo, trilingue, sendo conhecedor do português, francês e do italiano.

⁹⁵ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”.

⁹⁶ Sabemos disso através da troca de correspondências entre Bandoni e um companheiro do Rio de Janeiro chamado Motta Assumpção, e que passou a ser publicada no primeiro jornal de Angelo editado em São Paulo. Na seção *Piccola Posta*, a troca das missivas entres os dois se dava pelo uso do francês, talvez como estratégia para dificultar o trabalho de investigação da polícia (*Germinal*, n. 06, 16 de maio de 1902, p. 4). José Motta Assunção, português, gráfico, classificado por Edgar Rodrigues como individualista, escrevia também sob os pseudônimos Carrad Aubar, Cesar Mendes. Escreveu e publicou o livro *Origens e Ortografia da Língua Brasileira* (RODRIGUES, 1997, p. 116-18)

⁹⁷ “Se ‘a Revolução realmente abriu o campo de possibilidades’ e fez a escola o emblema de uma nova empreitada, com a finalidade de combinar instrumentação teórica e prática. Os primeiros professores da Córsega constituíam uma vanguarda no magistério (...). Nos anos seguintes à Revolução Francesa, a Concordata de 1801 coloca a instrução no seio da Igreja. O tempo, portanto, apontam para a secularização do sistema escolar” (GHERARDI, 2011, p. 25). (...) “A escola é considerada cara: em uma economia agrária ainda em grande parte com base na auto-suficiência, o dinheiro vem da contribuição do orçamento familiar. Os agricultores mais simples procuram pagar o professor em outras formas: sacos de batatas, porco, e aves são sinais de reconhecimento e cortesias (...)” (GHERARDI, 2011, p. 26).

⁹⁸ ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. *Recadastramento de Estrangeiros*, São Paulo, 14-12-1944. O mesmo documento pode ser encontrado no APESP.

1.1.4 – A Itália no final da segunda metade do Século XIX

Quando Angelo Bandoni chegou à Itália, acompanhado de sua família, o país já havia consolidado o seu processo de unificação (em 1870). Não bastasse o conturbado cenário político, o contexto econômico não era nada favorável, contribuindo na formação de alguns movimentos sociais de caráter popular tendo como base os trabalhadores rurais, artesãos e da indústria, como foi o caso, por exemplo, do anarquismo na região central e meridional da costa tirrênica da Itália.

De maneira geral, na Europa Ocidental, a passagem do sistema de produção feudal para o de produção capitalista seguiu linhas básicas em todos os países que se industrializaram. Na verdade, o que variou foi à época em que esse processo aconteceu. Basicamente, os pilares dessa passagem foram: concentração da terra nas mãos de poucos proprietários; altas taxas de impostos sobre a propriedade (...); “a oferta por parte da grande propriedade produtora de produtos a preços inferiores no mercado, eliminando a concorrência do pequeno agricultor”, e, finalmente, a “transformação deste em mão de obra assalariada para a indústria nascente” (ALVIM, 2006, p. 219).

Desta feita, à medida que se implantava tal processo, um excedente de mão de obra foi sendo liberado a tal ponto, que nem o setor agrícola, muito menos a incipiente industrialização (e tardia) de países como a Itália e Alemanha, por exemplo, possuíam condições de absorvê-lo. Somado a isso, deve-se considerar um crescimento demográfico nunca visto, como o ocorrido no século XIX, momento em que a população da Europa “aumentou em duas vezes e meia” ao avanço da tecnologia, permitindo que tarefas antes executadas pelo homem “pudessem ser realizadas por máquinas”; e a “melhoria sem precedentes dos transportes”, colocando à disposição do mercado “verdadeiras hordas de camponeses sem terra e desocupados” (ALVIM, 2006, p. 220).

Deste modo, na segunda metade do *oitocentos*, a Itália era uma península dividida economicamente e culturalmente desde o centro em direção ao norte. O Norte tem um perfil capitalista bastante avançado, onde a Igreja não possuía uma participação junto ao latifúndio, aos velhos sistemas agrários do sul. As cidades de Milão, Turim, Bolonha, já eram centros industriais importantes nas últimas décadas do XIX, de grande destaque no cenário europeu. (ROMANI, 2013, p. 12).

Essa foi à conjuntura social e econômica da Itália durante a segunda metade do século XIX. Como bem salientou Zuleika Alvim, o avanço do capitalismo ao Norte da península possibilitou a criação de um exército de trabalhadores sem trabalho, gerando uma condição de fome e miséria possibilitando desencadear revoltas populares às vezes em proporções incontroláveis:

Foi exímia a habilidade do capital em gerar um exército de trabalhadores, condição *sine qua non* para a sua multiplicação incessante. Mas quando o número de desempregados, impossível de ser absorvido no novo sistema, começou a constituir ameaça, foi preciso tomar providências imediatas. A fome, associada à miséria e ao desespero, poderia com certeza desencadear revoltas populares em escala incontrolável, o que os donos de indústrias queriam evitar a todo custo (2006, p. 220).

Além disso, cabe ressaltar que a realidade de pobreza e de fome, muito antes de ter alcançado o campo, atingiria as cidades, onde vivia uma multidão expulsa da agricultura, sobretudo nas regiões mais ao Norte do país. Dessa forma, quando as dificuldades não puderam mais ser contornadas, buscou-se trabalho primeiramente nas cidades, e em seguida nos países vizinhos. Quando todos esses subterfúgios deixaram de provocar efeito, buscou-se a emigração (p. 226).

1.1.5 – Um breve apontamento do anarquismo na Itália no final da segunda metade do Século XIX

A história do anarquismo na Itália é caracterizada por muitos altos e baixos em razão de uma acentuada repressão, não apenas em relação a este movimento, mas contra todo aquele que defendesse uma proposta revolucionária no século XIX. A formação de federações declaradamente ditas anárquicas apenas começam a surgir a partir da década de 1880, muito embora antes deste período alguns militantes organizados em associações locais se declaravam neste sentido (PERNICONE, 2009, p. 5).

De acordo com Carlo Romani, em razão dessas inconstâncias cronológicas, alguns historiadores começaram a perceber tais rupturas como parte integrante de uma descontinuidade e um desaparecimento do anarquismo italiano. Ainda segundo este autor, o

movimento anarquista é aparentemente invisível até a metade dos anos 1880, uma vez que se encontrava diluído no que sobrou das antigas seções locais e regionais dos trabalhadores (ROMANI, 2013, p. 10).

A história do anarquismo italiano tem sua origem em consequência do *Risorgimento*⁹⁹. De todo modo, esse processo de centralização política não produziu apenas vozes consonantes. Nas regiões rurais, por exemplo, tal processo foi rechaçado, dando início a uma oposição ferrenha ao Estado politicamente centralizado. Na década de 1860, por exemplo, o Sul da Itália encontrava-se internamente dividido em razão da feroz guerra civil na qual os camponeses se opuseram ao fortalecimento de um Governo central, que assumiria o contorno de um “Estado estrangeiro”. Na medida em que a unificação avançava, com ela caminhavam medidas que forçaram o pagamento de taxas tributárias e o recrutamento dos filhos de camponeses para um exército distante. Em vista disso, é possível perceber a presença de ideias que giravam em torno de uma crítica em oposição ao surgimento do Estado centralista (LEVY, 1999, p. 01-05).

No Norte da península, em 1868, uma onda de tumultos populares foi frequente tendo como causa a introdução do imposto sobre os grãos. A política geral do Estado italiano do *fiscalismo* (que seria a taxaço sobre artigos de consumo popular) foi posta em ordem para pagar as dívidas da guerra de libertação nacional, prejudicando, assim, as camadas mais humildes. Entre os anos de 1872 e 1873, uma série de paralisações estouraram em Milão, Turim, Florença e Bolonha, acompanhadas por agitações de trabalhadores sem terra no Vale do Pó (1999, p. 05).

Esta conjuntura possibilitou, durante o início da década de 1870, a proliferação de muitas seções regionais e locais da Associação Internacional dos Trabalhadores (a AIT),

⁹⁹ A unificação da Itália, que se deu entre os anos de 1850 e 1870, teve como principal responsável o conde Camillo Benso de Cavour, do Reino de Sardenha. Este processo de centralização política ficou conhecido como *Risorgimento*. Na verdade, o processo foi iniciado já no final do século XVIII, em um contexto europeu de afirmação nacional, que visava a liberdade política, a independência e a unidade da Itália (TOLEDO, 2004, p. 89).

Segundo Edilene Toledo, o *Risorgimento* destacava o caráter de renascimento cultural e político de superação de uma “condição de servidão e decadência, de retorno a um passado glorioso, consideradamente mítico, pois a Itália não tinha sido um estado unificado desde o Império Romano”. Por outro lado, os ideais do Romantismo também influenciaram decisivamente a cultura política italiana (TOLEDO, 2004, p. 89). Tratou-se dessa forma de um processo de redescoberta gradual e de reivindicação da Itália buscando a sua própria identidade nacional que, ao fim, levaria a conquista da sua independência da presença estrangeira.

fundada desde 1864 em Londres¹⁰⁰. O chamado internacionalismo italiano espalhou-se rapidamente e logo contou com mais de 30.000 membros¹⁰¹.

Em que pese essa realidade, na Itália, o anarquismo iniciou o seu processo de desenvolvimento quando Bakunin chegou a Florença em 1864. Nesta cidade, ele cria uma sociedade secreta, e posteriormente segue em direção à Nápoles, local em que encontra com Errico Malatesta que se tornará seu discípulo na irmandade internacional, sociedade secreta fundada pelo russo (chamada de Fraternidade Internacional) (WOODCOCK, 2002, p. 144).

Em 1864, quando Bakunin vai até Nápoles, começa a se difundir no Sul da Itália outro ideal de libertação, porém não mais nacional. A partir dessa década é que começam a se multiplicar a formação das sessões da Internacional dos Trabalhadores, aquelas as quais nos referimos linhas atrás (MARINI, 2016 e ROMANI, 2013, p. 18).

Essas seções da Internacional na Itália desde 1868 tenderam a se aproximar mais das propostas coletivistas bakuninistas, do que em relação a vertente do comitê central cujo líder teórico era Marx. Em 1872, quando houve a cisão – o rompimento que encerra a Primeira AIT – a maioria das sessões italianas não seguiu o caminho do comitê central, e acabaram aderindo à Federação do Jura e depois à Internacional fundada em Saint-Imier que dá continuidade ao internacionalismo operário até o ano de 1878¹⁰².

Na metade de 1871, Bakunin contou com a participação de dois líderes que vão se juntar a ele concedendo o primeiro impulso visando a organização do movimento anarquista na Itália: Carlo Cafieiro e Errico Malatesta (WOODCOCK, 2002, p. 153 e PERNICONE, 2009, p. 03)¹⁰³.

Os anos da década de 1870 foram os mais combativos dos movimentos de organização de trabalhadores na Itália. Entretanto, a partir de 1875 há um declínio acentuado dessa combatividade. Em 1878, tem-se a promulgação de leis, que se denominaram de leis contra as

¹⁰⁰ Sobre a AIT ver: MARINI, 2016, p. 19.

¹⁰¹ A maior parte dos seus membros consistia de artesãos vindo da Itália Central e Nápoles, e de uma representação nacional de intelectuais e estudantes. Primitivas organizações de trabalhadores – os *fasci* – eram também representadas e foram precursoras do Partido Operário Italiano (1999, p. 05 e também PERNICONE, 2009, p. 77-81).

¹⁰² Assim, aproximadamente 90% das seções italianas seguiram esse mesmo caminho sindical, e “apenas alguns centros do norte da Itália não realizaram esse trajeto e migraram para as posições socialistas que levariam à criação do Partido Socialista” (ROMANI, 2013, p. 10 e MARINI, 2016, p. 32).

¹⁰³ Em razão da influência bakuninista, as associações buscam manterem-se como secretas, uma vez que a “visibilidade facilitaria a possibilidade de repressão ao grupo”. Entretanto, os grupos mais visíveis se organizariam por meio da ação sindical, através das sessões da Internacional, com o objetivo de “burlar a repressão por parte da polícia e dos agentes militares”, já que, depois da Comuna de 1871, “as sessões da Internacional foram ligadas diretamente à causa da revolução”. Contudo, a partir de 1872, as sessões italianas da Internacional também seriam perseguidas (ROMANI, 2013, p. 18).

“associações para delinquência” (*associazione di malfattori*), ou seja, uma forma legal de punir os membros da Internacional, passando a enquadrá-los na categoria de bandidos, de delinquentes e malfeitores (ROMANI, 2013, p. 11, PERNICONE, 2009, p. 154-155 e MASINI, 1974).

Entre os anos de 1878 e 1885, houve grande perseguição aos trabalhadores envolvidos na organização sindical, momento em que ocorreu a primeira saída desses militantes italianos para outros países da Europa que ainda eram mais flexíveis como a Suíça, a França e a Alemanha. Por outro lado, tem início também a emigração de italianos para a América do Norte (EUA) e posteriormente para a Argentina. O próprio Errico Malatesta, por exemplo, em 1885 vai encontrar refúgio na região da Patagônia. Segundo Carlo Romani, esses militantes internacionalistas saídos da Itália “ainda não se declaravam anarquistas, mas em grande parte seguidores das ideias de Bakunin” (ROMANI, 2013, p. 11). Assim, foi apenas em Buenos Aires, que Malatesta enunciou um projeto socialista e anarquista de libertação social a partir da publicação de seu periódico bilíngue (italiano e espanhol) *La Questione Sociale* em meados de 1885 (WOODCOCK, 2002, p. 172 e MASINI, 1974).

A partir de 1886 até o ano de 1893, há uma organização mais sólida do anarquismo na Itália, o qual passou a ser inserido mais efetivamente dentro das organizações operárias no final dos anos 1880 e começo dos anos de 1890, quando vão aparecer federações anarquistas em Livorno, Florença, Carrara, depois em Imola, em Cesena, e em várias outras cidades. Em 1893, mais especificamente entre os meses de novembro a janeiro, no ápice do novo movimento de organização dos trabalhadores, começam a eclodir processos de convulsão social como os *fasci* operários na Sicília¹⁰⁴.

Em 1898, ocorreu o último grande motim na Itália do século XIX. No mês de maio, em Milão, o general Bava-Beccaris – sob a ordem de Umberto I – mandou disparar sobre a multidão, matando cerca de 400 pessoas entre homens, mulheres e crianças, que estavam atrás das barricadas, provocando uma verdadeira chacina. A vingança será o motivo reclamado por Gaetano Bresci para fazer o atentado que vai matar o rei Umberto I dois anos depois (PERNICONE, 2009, p. 292-293). Esses dois eventos, inclusive, serão constantemente lembrados por militantes italianos residentes em São Paulo. O próprio Angelo Bandoni

¹⁰⁴ Em 1894, o movimento dos *fasci* incendiou os trabalhadores anarquistas federados da Lunigiana na Toscana, região das marmorarias de Carrara, onde vão acontecer os grandes motins que se propagam por toda a península. Como consequência, tem-se uma forte repressão durante o governo do primeiro ministro Francesco Crispi, que contribui na criminalização das associações anarquistas, sendo taxadas como associações de delinquentes (PERNICONE, 2009, p. 284).

dedicou alguns artigos sobre esses dois episódios, que foram publicados, inúmeras vezes, em alguns de seus periódicos.

De todo modo, o movimento socialista dos trabalhadores na Itália, que no início sofreu influência dos bakuninistas, posteriormente, a partir da metade da década de 1880, vai assumir o caráter anarquista, sendo muito dificultoso percebermos uma linha de continuidade. Se não bastassem as dificuldades e a grande repressão policial, o movimento também sofre com a concorrência dos socialistas parlamentaristas, no caso do Partido Socialista Italiano criado em 1890 (LEVY, 1999, p. 06).

Alguns historiadores tenderam a afirmar que a década de 1890 foi catastrófica para o anarquismo italiano, acarretando o seu desaparecimento, reaparecendo das cinzas apenas em 1900. Contudo, importante interpretação contrária foi oferecida por Turcato, que defendeu que o movimento anarquista italiano não desapareceu, mas permaneceu ativo por meio de inúmeros de militantes que saíram da Itália e foram habitar em outras regiões do mundo, porém mantendo a chama libertária acesa por meio da circulação de periódicos e da troca de correspondência de caráter transnacional (TURCATO, 2007).

1.1.6 – Bebendo do “Caldo Cultural”

Quando Angelo Bandoni chega ao solo italiano em 1886, o movimento anarquista, portanto, já fervilhava e encontrava-se, como vimos, em sua fase de melhor solidez. Acreditamos que foi a partir deste momento que pela primeira vez Bandoni manteve contato com os ideais libertários. Deste modo, foi na Itália que adquiriu o *capital simbólico*¹⁰⁵ que lhe permitiu inserir-se no *campo*¹⁰⁶ do movimento anárquico, e a partir daí lentamente o seu conhecimento sobre o pensamento anarquista e a sua militância vão sendo aperfeiçoados.

Carlo Romani menciona alguns dados sobre o ambiente social vivenciado na Itália no final do século XIX, que podem conferir luz ao caso, trazendo certa compreensão como se

¹⁰⁵ Conforme expressão de Pierre Bourdieu: “O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio” (BOURDIEU, 2003, p. 145).

¹⁰⁶ Usando também a definição de Campo em Bourdieu: “O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções” (BOURDIEU, 2003, p. 179).

deu essa aproximação entre a camada mais baixa da população e o anarquismo, mencionando, ainda, como a denominada “cultura da praça” foi fator determinante para a sua disseminação:

(...) o aumento do desemprego ocorrido no início da década de 1880 acabou trazendo outros elementos aos bares, engrossando assim o caldo humano integrante deste ambiente da “cultura da praça”. São o estudante, o jornalista e o artesão empobrecido, que fechou seu negócio e perdeu seus clientes, também empobrecidos, que desceram, por necessidade, à categoria de trabalhadores diaristas, eventuais, à cata de um esporádico trabalho que viesse a surgir. Frequentadores dos cafés, um bar um pouco mais sofisticado, um espaço mais recente de convivência, onde liam os jornais e travavam discussões sobre a política italiana, esta pequena burguesia decadente passa a ser um outro pilar de propaganda do anarquismo, fazendo circular os periódicos do movimento e trocando informações com os ativistas proletários (2002, p. 32).

Nesse ambiente os desempregados e os trabalhadores braçais sem emprego fixo passaram a se reunir nos bares e na *osteria* como extensão da praça, “lá ocupando seu tempo ocioso e vislumbrando possibilidades de trabalho e sobrevivência. Entre um gole e outro de vinho circulavam as notícias sobre os últimos acontecimentos e propagavam-se novas ideias”. Nos últimos anos do século XIX, tais ambientes, transformaram-se no único lugar seguro para as reuniões proletárias de cunho político (ROMANI, 2002, p. 32).

Durante o período em viveu na Itália, possivelmente Angelo Bandoni tenha bebido desse caldo cultural e com isso aprendido a ler e a escrever o italiano sob uma série de tentativas e erros. Como levou a vida “vagando” de cidade em cidade, certamente deve ter frequentado esses ambientes de praça e bares onde ideias surgiam e fluíam. Além dos periódicos e panfletos que circulavam entre a massa proletária, provavelmente beneficiou-se do contato com outros ácratas alfabetizados, adquirindo um conhecimento sobre cultura geral em enciclopédias e livros clássicos de escritores libertários¹⁰⁷, o que lhe permitiu pouco a pouco forjar-se como anarquista.

Além disso, como bem salientou Eric Hobsbawm ao comentar sobre o período, esse processo de intercâmbio de informação foi capaz de difundir uma leitura filosófica mais clássica bastante distante do conhecimento popular, contribuindo para que o repertório mais tradicional da literatura do povo inevitavelmente passasse a conter sinais abundantes de uma

¹⁰⁷ Como por exemplo o livro *Germinal*, de Émile Zola, o qual muito influenciou Bandoni. Tanto é assim, que fundou um jornal com este nome e um Círculo educativo libertário onde *Germinal* fazia parte do título, ver: *Germinal*, n. 10, 13 julho de 1902.

cultura erudita (2005, p. 64). Desta maneira, podemos inferir que foi por meio desse contato indireto que Bandoni tomou conhecimento de algumas obras de pensadores iluministas (enciclopedistas) e da literatura italiana, e que por consequência acabou reimprimindo em algumas de suas futuras publicações¹⁰⁸.

Desta forma, esse primeiro contato com o pensamento libertário ocorrido durante os anos em que transitou por diferentes regiões do Centro da Itália, somado a um oportunismo, visto que no Brasil encontrou solo fértil e pouco explorado, serão encarados aqui como elementos que determinarão sua ação anarquista anos depois em São Paulo. O que deve ser considerado é que a germinação das concepções libertárias foi para Bandoni um processo contínuo, uma maturação sempre constante, seja qual for o ambiente social em que tenha vivido (no estrangeiro ou no período em que viveu em território brasileiro). Seja como for, muito dos seus textos publicados nos periódicos ou mesmo em opúsculo permitem conhecer as obras e os autores os quais manteve contato, sua forma de escrever, e seu nível de conhecimento cultural.

1.1.7 – O anarquista transgressor

Os anarquistas italianos não formavam um coro uníssono. Os militantes se diferenciavam em razão de alguns elementos ligados basicamente à estratégia de luta. Desde a década de 1880, surgiu na Itália uma vertente que adquiriu muita força, uma forma de associação socialista e anárquica caracterizada por sua resistência em atuar nas organizações sindicais dirigidas pelos socialistas parlamentaristas¹⁰⁹. Essa oposição às organizações vai dominar o cenário do movimento social italiano, influenciando “os grupos sociais de trabalhadores e anarquistas na década de 1880 não ligados a uma concepção de partido tanto republicano quanto socialista” (ROMANI, 2013, p. 19 e LEVY, 1999, p. 05).

Os contrários às associações, de acordo com Pio Marconi, foram influenciados, ainda que inconscientemente, pelo individualismo de Max Stirner (1979, p. 37 *apud* ROMANI, 2002, p. 42). Stirner considerava a transgressão como um instrumento de afirmação do Eu nos

¹⁰⁸ Um bom exemplo é o opúsculo *La Protesta Umana*, publicado em 1902, após a sua chegada ao Brasil. O seu texto, apesar de possuir uma linguagem rebuscada e bastante filosófica, faz referência a autores como, por exemplo, Diderot, Voltaire e Rousseau. Por mais que a compreensão desses autores não fosse a mais correta, essas citações permitem conhecer um pouco o grau de cultural que Angelo Bandoni possuía.

¹⁰⁹ Como tivemos a oportunidade de analisar nas “Considerações Preliminares”.

confrontos contra o Estado e a cultura dominante. Ainda nesse sentido, o Estado e o indivíduo seriam duas realidades opostas, onde apenas um poderia subsistir¹¹⁰:

Todo o Estado é um regime despótico, que o déspota seja um ou muitos, que sejam todos os dominadores, cada um exercendo a sua ação despótica sobre os outros, como se pena que acontece numa república. Isto acontece de fato quando uma lei, uma vez estabelecida na sequência da clara vontade de uma assembleia nacional, passa a ser uma lei para todo o indivíduo, que lhe deve obediência e perante a qual tem o dever de obediência (STIRNER, 2004, p. 156).

Muito embora não tivessem lido Stirner, cujos textos somente vieram a circular com maior intensidade na Itália após a tradução de sua obra em 1902, os camponeses diaristas italianos já agiam transgressivamente, praticando um anarquismo que, primeiro por necessidade e depois por convicção, aproximava-se, em certa medida, de algumas práticas teorizadas pelo individualismo (ROMANI, 2002, p. 40-41). Na maioria dos casos, tais práticas transgressivas eram materializadas através das constantes ações de furtos e outros delitos contra o patrimônio. Assim, por exemplo, a expropriação (furto justificado na perspectiva de uma sociedade na qual será abolido o privilégio da propriedade privada) parece representar de fato a aplicação das hipóteses stirnerianas sobre a transgressão.

A prática de furtos, para além de representar a suposta influência do individualismo stirneriano, também se justificava na larga difusão e aceitação das ideias¹¹¹ de Joseph P. Proudhon na Itália, que se tornaram presentes antes mesmo da chegada de Bakunin nos anos 1860 (WOODCOCK, 2002, p. 148). A ideia de Proudhon sobre a propriedade, onde esta seria elevada à categoria de roubo por ser injusta e da mesma forma a origem dos males sociais (PROUDHON, 1975, p. 14)¹¹², certamente influenciou os trabalhadores italianos adeptos à prática do furto justificado.

Tais proposições, deste modo, devem ser consideradas para a compreensão das ações delituosas daqueles anarquistas que possuíam proximidades com o individualismo. Angelo Bandoni foi condenado algumas vezes pela prática dos delitos de furto e falsificação. Essas ações certamente foram cometidas por Bandoni em razão de um misto do fator necessidade, já

¹¹⁰ Ver: RAMALHO, Tiago. O individualismo em Max Stirner. *Kaios: Revista de Filosofia e Ciências*. Lisboa, n.14, p.31-49, nov. 2015.

¹¹¹ “A influência de Proudhon também impregnava a Itália sob a forma do mutualismo” (p. 150).

¹¹² “Procurar uma origem racional e legítima naquilo que não é senão roubo, fraude e rapina, tal devia ser o cúmulo da loucura proprietária, o mais alto grau de escuridão onde a perversidade do egoísmo pôde lançar espíritos, aliás, esclarecidos” (PROUDHON, 1975, p. 138).

que viveu mudando-se constantemente sem possuir um trabalho fixo, associado a uma prática do anarquismo enquanto comportamento transgressor da cultura burguesa, um pouco fruto da influência individualista presente no contexto italiano (isso ao menos em sua primeira fase de contato com as ideias anárquicas, quando ainda vivia no estrangeiro).

1.1.8 – Encruzilhadas: “*um delinquente nato*”?

Em razão de seu comportamento aparentemente inquieto, o que de certa forma tem a ver com o espírito de resistência libertária fazendo frente aos valores da cultura burguesa (provocando ações de desobediência civil), Angelo Bandoni sofreu consequências drásticas, que além de uma constante vigilância por parte das autoridades, acarretaram a restrição de sua liberdade.

Contabilizando o tempo em que foi mantido preso na Itália e depois na Argélia, Bandoni teve sua liberdade privada por 08 anos. Um paradoxo enorme para qualquer libertário, pois no auge de sua juventude vivida na Itália (dos 18 aos 32 anos, o que daria um intervalo de 14 anos) mais da metade viveu encarcerado (oito anos), sofrendo limitação do seu bem de maior valor, que no caso seria a liberdade (isso para um anarquista). De uma maneira geral, todos os delitos praticados foram perpetrados contra o patrimônio (furtos) e contra a fé pública (uso de moeda falsificada).

A *causa delicti*, deste modo, tem a ver com a prática do anarquismo nos moldes que comentamos anteriormente. Por outro lado, como Bandoni não se estabeleceu fixamente em nenhuma cidade, e viveu transitando por distintas regiões da costa tirrênica da Itália, por onde passava acabava cometendo crimes sempre ligados à questão patrimonial. Não possuindo trabalho fixo em razão da frágil situação econômica na península desde a década de 1870, esta circunstância nos faz supor que tais delitos foram praticados visando o seu sustento, bem coma sua permanência nas cidades por onde passou. Isso durante os meses em que não conseguia exercer nenhuma atividade remunerada.

Além de visar à sobrevivência, essas subtrações de bens possivelmente objetivavam o custeio dos seus deslocamentos de localidade para outra, que nesse momento era feito via trem, já que a malha ferroviária, desde as décadas de 1840 e 1850, já se faziam presentes na região centro-meridional italiana a partir dos troncos Livorno-Pisa-Firenze e Pisa-Lucca,

Pistoia-Firenze e Livorno-Pisa até Gênova (AMBITO 8: PIANA-PISA-PONTEDERA, s.d., p. 13).

Após a chegada da família em Spezia em 1886, Bandoni, segundo relatos policiais, vai aparecer em Lucca, uma comuna pertencente à região da Toscana. Nessa cidade, em razão de uma sentença da Corte de Assise de 25 de junho de 1887 “foi condenado a dois anos de reclusão por uso doloso de moeda falsa”¹¹³. Em 11 de janeiro de 1890, é posto em liberdade e as autoridades de Lucca se encarregam de realizar o seu retorno novamente à cidade de Spezia, que como sabemos era onde a sua família tinha residência fixa.

No mesmo mês em que deixou a prisão em Lucca (janeiro de 1890), Bandoni foi novamente denunciado pela Autoridade Judiciária da *Arma dei BB Carabinieri* de Pegazzano, localizada na cidade de Spezia, só que desta vez foi-lhe imputado o crime de furto¹¹⁴.

No final da década de 1890, o cerco vai se fechando para muitos anarquistas em razão da insistente repressão, e para Bandoni essa realidade não seria diferente. Sob uma constante vigilância e tornando-se *persona non grata* em diversas cidades italianas, a polícia vai se encarregando de manter intacta e fortalecida a sua imagem de um sujeito anormal, dado ao crime e à vagabundagem¹¹⁵.

Tais proposições contribuíram para que os anarquistas fossem considerados como anormais e criminosos que assumiriam uma essência de monstruosidade, segundo os ensinamentos de Michel Foucault. O delinquente enquanto aberração social, na segunda metade do *oitocentos*, ainda segundo esse autor, teria se manifestado primeiramente naqueles que desrespeitavam os ditames do pacto social, transformando-se e transformados em inimigos políticos. O ser anarquista, em razão de sua rejeição a qualquer forma de governo, corresponderia a um desses criminosos recalcitrantes da tal convenção social e, portanto, assumiriam o espectro de verdadeiros monstros sociais (FOUCAULT, 2001, p. 101).

Não tendo mais para onde ir, Bandoni, o “sujeito perigoso”¹¹⁶, vê-se envolvido e preso em uma verdadeira “encruzilhada”, onde as autoridades de cada cidade nas quais foi

¹¹³ “[...] sentenza 25 di giugno 1877 della Corte di Assise di Lucca fu condannato ad anni due di reclusione per spendita dolosa di false monete” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

¹¹⁴ “Uscito da quelle carceri il 11 gennaio 1890, fu rimpatriato a Spezia con foglio di via” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

¹¹⁵ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma, 1º agosto 1902”.

¹¹⁶ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma, 1º agosto 1902”.

encarcerado o querem bem distante. Sem opção, a única luz no fim desse túnel foi fugir, e o local escolhido foi o Norte da África, mais especificamente a Argélia¹¹⁷.

1.1.9 – Sob o Sol da Argélia

A ida para a Argélia nasceu para Bandoni, portanto, como uma necessidade de fuga, já que na Itália as coisas não andavam favoráveis à sua permanência. Desta forma, o que precisa ser problematizado é por que o deslocamento se deu justamente para o Norte da África, mais especificamente a Argélia.

Duas são as explicações prováveis: a primeira é que esta região era colônia do Império Francês desde 1830 (YAZBEK, 2010)¹¹⁸. Como Bandoni era corso (francês de nascimento), possivelmente teve facilidade de habitar temporariamente o solo argelino. Por outro lado, existiam na região do Magreb alguns focos do movimento anarquista em grande efervescência. Na Argélia, por exemplo, diversos jornais anarquistas foram publicados em no país no final do século XIX¹¹⁹, o que permite compreender que o anarquismo na capital argelina possuía uma presença considerável¹²⁰ (WALT; SCHMIDT, 2013, p. 04). Esses dois fatores certamente foram grandes atrativos para a fuga de Bandoni para aquela região.

Apesar dessa possibilidade de permanência, parece que o anarquista se manteria incorrigível, e a sua passagem pela África em pouco tempo estaria com os dias contados. Sem trabalho e sem ter conhecimento de uma profissão, Angelo Bandoni novamente se envolve na prática de furtos qualificados em Argel, e acaba sendo preso por longos 05 anos¹²¹ (condenação prolatada em 05 de novembro de 1890), onde possivelmente tenha sido, além da pena restritiva de liberdade, condenado a realização de trabalhos forçados, prática comum àqueles que cometiam crime de furto ou roubo nas colônias francesas (FABRE, 2008, p. 15).

¹¹⁷ “Em seguida, ele deu a se esconder e conseguiu fugir para a Argélia” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

¹¹⁸ Para uma melhor análise sobre a presença francesa na Argélia da ver também: BOAHEN, 2010.

¹¹⁹ Como por exemplo, *L’Action Revolutionnaire*, em 1887, *Le Tocsin*, em 1890, *Le Libertaire*, em 1892, e o *La Marmite Sociale*, em 1893 (WALT; SCHMIDT, 2013, p. 04).

¹²⁰ De acordo com Benedict Anderson, em 1894, o influente jornal anarco-comunista de Jean Grave, *La Révolte* tinha assinantes em localidades distantes, como na Argélia e no Egito, ao passo que o jornal anarcoinsurrecionalista de Emile Pouget, *Le Père Peinard* tinha assinantes na Argélia e na Tunísia, uma antiga província otomana que havia se tornado um protetorado francês em 1881 (ANDERSON, 2005).

¹²¹ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma, 1º agosto 1902”.

Na prisão na Argélia, pouco se sabe sobre o que lhe aconteceu durante os anos em que cumpriu a sua pena. Contudo, se foi preso por delitos ligados à prática do anarquismo, pode ser que tenha sido mantido sobre a custódia do Estado colonial francês junto a outros presos seguidores das ideias libertárias. Talvez tenha sido no calor argelino, e em uma das Colônias Penais (*Bagnes Coloniaux*), que tivesse mantido contato mais sólido com a teoria anarquista a partir da proximidade de outros companheiros mais experientes que ali também cumpriam penas¹²².

Cumprida a pena em junho 1895, Bandoni é expulso da Argélia por “decreto do Governador Geral de Assise” de Argel, e entregue na fronteira de Ventimiglia (cidade pertencente à região da Ligúria) pelas autoridades franco-argelinas, no dia 12 de dezembro de 1895, sendo em seguida reexpatriado em Spezia¹²³.

Após o retorno à Itália, em 25 de dezembro de 1895, novamente Bandoni foi arrestado pela P. S. (*Pubblica Sicurezza*), mas agora na cidade de Carrara, na Toscana, sendo “repatriado” em Spezia. Entre 1895 a 1899 somem-se as suas pegadas. A única notícia que se tem é que “se dedica a vida ociosa, vagando de cidade em cidade”¹²⁴. As coisas pareceriam calmas, até que em 23 de maio de 1899 é condenado (a 01 ano de reclusão) e preso na cidade de Gênova, novamente sob a imputação de furto. Mesmo tendo apelado da decisão, a sentença de primeira instância foi mantida pelo Tribunal local em 05 de julho deste mesmo ano¹²⁵.

Antes mesmo de cumprir a pena por completo, Bandoni, em abril de 1900, requereu e adquiriu passagem e passaporte e embarcou no porto de Gênova em direção ao Brasil. Em maio de 1900, como vimos, desembarca em Santos, sozinho, com 32 anos, sem dinheiro e com uma longa ficha criminal. Não fazia a menor ideia sobre o futuro que lhe aguardava. Era a época da grande imigração italiana, quando diversos anarquistas foram ao exílio deixando a terra natal.

¹²² Para um melhor conhecimento sobre o sistema penal francês nas colônias ver: BANAT-BERGER, Françoise. *Les institutions judiciaires en Algérie*, 2010. Disponível em: <<http://www.archives-judiciaires.justice.gouv.fr/index.php?rubrique=10845&article=15477>>. Acesso: 28 de dez. 2016.

¹²³ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”.

¹²⁴ “(...) D’allora si diede a vita oziosa, vagando di città in città, finche il 20 marzo 1899 fu arrestato in Genova per imputazione di furto, (...)” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

¹²⁵ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Genova, Risposta a nota 1.967I, 09 agosto 1902”.

1.2. No calor dos trópicos: a experiência libertária no Brasil (1900-1947)

1.2.1 – Fazer a América?

O Brasil para Angelo Bandoni foi um exílio depois que a sua permanência na Itália havia se tornado impraticável por conta da intensa perseguição policial. Bandoni chegou a São Paulo em um contexto de intenso fluxo migratório de estrangeiros, especialmente de italianos, que desembarcaram no país com o intuito de trabalhar nas fazendas de café.

Tendo em vista a situação econômica da Itália na segunda metade do século XIX, emigrar foi a solução encontrada, e ao mesmo tempo uma via de mão dupla, na medida em que esse panorama geral se harmonizava perfeitamente com as necessidades dos novos países (como EUA, Argentina e Brasil), que por motivos variados iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para os seus territórios (ALVIM, 2006, p. 220)¹²⁶.

Nesse sentido, sobre esse período de forte chegada de estrangeiros ao Brasil e a possibilidade de prosperar, Neno Vasco, importante militante anarquista de origem portuguesa, escreveu que:

(...) os imigrantes, de um modo geral, têm um único objetivo: fazer a um peculiozinho para retornar a seu país. Pelo menos isso é uma ideia fixa para eles na maioria das vezes. Essa atitude, a estranheza que sentia pelo novo meio, as diferenças de língua e clima, a incerteza causada pela instabilidade de sua situação econômica e de moradia, militavam contra a propaganda e ação de qualquer doutrina social (MARAM, 1979, p. 33).

Para além desse mundo de expectativas em torno de um *El Dorado* americano, em São Paulo e no Rio de Janeiro, o imigrante veio a formar o suporte principal da força de trabalho, tendo substituído o trabalhador brasileiro em quase todas as ocupações, exceto nas mais subalternas. Ademais, se os italianos eram considerados ignorantes e retrógrados pelas elites de seus países, no Brasil, os empregadores viam os europeus como gente trabalhadeira, ambiciosa, mais adaptável à vida urbana que o próprio brasileiro (MARAM, 1979, p. 14)

¹²⁶ No caso do Brasil, os imigrantes saíam das províncias do Norte e do Sul da Itália (bem como de outros países) movidos não por uma “febre temporária”, mas por um verdadeiro êxodo populacional que aquele país conheceu a partir de meados do século XIX. Assim, criou-se o imaginário de um Brasil afável, gentil, onde os estrangeiros se deparariam com uma natureza luxuriante e abundante, da qual seria possível extrair alimentos à vontade, inexistiria a dicotomia entre ricos e pobres e, finalmente, permaneceria a ideia de que seria fácil enriquecer (ALVIM, 2006, p. 218).

Por outro lado, em que pese à visão do estrangeiro como indivíduo dado ao trabalho, deve-se considerar a forte presença de ideias sobre a inferioridade racial do trabalhador brasileiro mestiço. Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, verifica-se grande influência, entre as elites políticas e intelectuais brasileiros, das teorias europeias sobre inferioridade racial. Sob a influência de teóricos como Gobineau, Agassiz e Le Bom, tais elites apontavam um programa intenso de imigração como única saída favorável. Entre as inúmeras correntes, “destacavam-se os que afirmavam uma opção ‘mais otimista’, encontrando-a num processo progressivo de ‘branqueamento’ do Brasil”. Nessas versões, o diagnóstico para o problema do desenvolvimento do país estava na nacionalidade no povo que, no limite, deveria ser substituído (LIMA; HOCHMAN, 2000, p. 319-320).

A explicação racial tem seu grau de importância na compreensão do fenômeno da imigração. Contudo, esse intenso fluxo está diretamente melhor relacionado com o aspecto de caráter econômico, que seria a expansão cafeeira e a necessidade de mão de obra para o trabalho nas fazendas. A partir da segunda metade do oitocentos, o que se tem é um consumo crescente de café na Europa e América do Norte, provocando o aumento da produção dessa commodities no Brasil, impulsionando o fluxo de trabalhadores da Europa Meridional para São Paulo (HOLLOWAY, 1984, p. 17)¹²⁷.

De todo modo, em razão desse grande fluxo internacional de pessoas em direção ao Brasil, em São Paulo, os italianos constituíam o maior grupo de alóctone que entrou nessa localidade. Considerando todas as regiões do país onde houve a presença de estrangeiros ítalos, estima-se que entre os anos de 1887 a 1930, quase 1,5 milhões adentraram o país vindos da península itálica (TRENTO, 1989, p. 18). A presença italiana foi tão intensa que alguns observadores à época concordariam com as palavras de Antonio Piccarolo, proeminente intelectual socialista nascido na Itália. Dizia ele, em 1913 sobre São Paulo, que ao se chegar à capital do Estado “tinha-se a impressão de estar na Itália, na Itália de além-mar, para onde, juntamente com a língua, são transportados os costumes, as tradições domésticas,

¹²⁷ Até a proclamação da República, em 1889, a escravidão sedimentava a relação de trabalho no campo, que era constituída basicamente sobre a dicotomia senhor-escravo. No contexto da expansão do café no Oeste de São Paulo, essa instituição estava em declínio, sendo finalmente abolida em 1888. Como séculos de escravidão tinham condicionado a produção agrícola, a importação subsequente de trabalhadores da Europa Meridional e, mais tarde, de outras áreas foi motivada pelo mesmo objetivo do tráfico negreiro do século XVI: suprimir a escassez de mão de obra, destinando os “imigrantes para o café”. Desta forma, esse fluxo migratório em massa para as fazendas cafeeiras convergiu, na década de 1880, para formar em São Paulo uma estrutura rural complexa que movimentou a economia brasileira e durou até que a crise da década de 1930 sucumbisse seus alicerces (HOLLOWAY, 1984, p. 19).

as festas populares, tudo enfim, o que nos pode lembrar de coração a nossa terra de origem” (MARAM, 1979, p. 14).

A chegada de Bandoni ao Brasil, desta forma, aconteceu dentro desse contexto de entrada de imigrantes no país visando o trabalho nos cafezais paulistas. Em razão disso, como já mencionamos, em um primeiro momento (a partir de maio de 1900), Angelo habitou em uma região rural ao Norte do Estado paulista denominada Águas Virtuosas¹²⁸, que por sua vez estava ligada à plantação cafeeira, e por isso possivelmente ali tenha trabalhado em alguma fazenda levantando o mínimo de renda para o seu sustento. Essa cidade, na realidade, pertencia ao Município de Altinópolis, e ambas se conectavam com a capital e o porto de Santos por meio da malha ferroviária a partir do ramal E.F. São Paulo-Minas. Além disso, cada uma delas possuía uma estação de trem¹²⁹ que serviam não apenas para o escoamento da produção como para o transporte de pessoas.

Mapa 03 – Ramal da E F São Paulo-Minas no início do Século XX



Fonte: Mapa disponível no portal – http://www.estacoesferroviarias.com.br/por_ramal/index_spm.htm .
Consultado em: 21 out 2016

Como a sua permanência no Brasil não objetivava “fazer a América” em busca de uma prosperidade e posteriormente retornar à Itália, rapidamente Bandoni tornou a se envolver com o que sabia fazer de melhor: no caso a prática do anarquismo. Já nos primeiros meses de estadia (sete meses após a sua chegada) no país, de Águas Virtuosas passou a submeter

¹²⁸ *Palestra Social*, n. 02, 02 de dezembro de 1900, p. 4, “Piccola Posta”.

¹²⁹ Basicamente quase todo esse ramal foi abandonado a partir da década de 1970. Consequentemente, as Estações de Altinópolis e Águas Virtuosas encontram-se desativadas.

artigos ao periódico *Palestra Sociale*, cujo diretor era Tobia Boni que viria a ser seu companheiro.

Boni, natural de Siena na Toscana, chegou ao Brasil em setembro de 1898¹³⁰, e em novembro de 1900 fundou o referido jornal que possuía periodicidade incerta de publicação. Apesar da maior parte dos artigos publicados não apresentar autoria, alguns nomes aparecem como o de Gigi Damiani¹³¹, Augusto Donati¹³² e o do próprio Angelo Bandoni. Essa primeira proximidade com os militantes italianos, principalmente com Damiani, de origem romana, e posteriormente com Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai, ambos nascidos na Toscana, inaugura uma fase de longa amizade entre companheiros provindos da Itália central que, apesar das divergências no campo teórico sobre o anarquismo, comporão o grupo de ácratas ao qual Bandoni pertenceu ao longo de toda a sua jornada de propaganda anárquica em solo brasileiro, dividindo, vez ou outra, tablados de conferências e páginas da imprensa anarquista.

Em razão de dificuldades financeiras, um mal que constantemente assolava a imprensa libertária no Brasil, o *Palestra Sociale* deixou de circular em maio de 1901 (FELICI, 1994b, p. 122). Coincidentemente, em julho do mesmo ano, Angelo Bandoni deixou a cidade de Águas Virtuosas e registrou presença em Eldorado, que fica localizada ao Sul do Estado de São Paulo, no Vale do rio Ribeira, fazendo a publicação do seu primeiro opúsculo – *La Protesta Umana*¹³³. É praticamente impossível compreender as razões desse deslocamento repentino, que não seria o único, pois o nosso personagem tendeu a mudar-se constantemente.

Não sendo de outra forma, após um ano e seis meses vivendo pelo interior do Estado de São Paulo, Bandoni decidiu seguir em direção à capital paulistana no início de 1902, em um momento em que a República brasileira lentamente se estabelecia.

1.2.2. – Enquanto isso, na República Federativa...

¹³⁰ ACS, CPC. Boni Tobia, b. 733, “Cenno biografico, prefettura di Siena, 12 settembre 1898”.

¹³¹ Entre outras publicações ver: *Palestra Social*, n. 01, 04 de novembro de 1900, “Corrispondenza amministrativa”. Veja também Giani Gimida anagrama de Gigi Damiani, que aparece na lista de assinantes do jornal.

¹³² *Palestra Social*, n. 03, 23 de dezembro de 1900, “Piccola posta”.

¹³³ BANDONI, Angelo. *La Protesta Umana*, 21 de julho de 1901, Eldorado. Sobre o teor da obra ver segundo capítulo deste trabalho.

Antes de falarmos sobre a chegada de Angelo Bandoni na capital do Estado de São Paulo, cumpre traçar um breve panorama da República que, no início do século XX, se estabelecia após décadas de vigência de um Brasil imperial.

Segundo a historiadora Silvia Magnani, o Estado republicano foi responsável por concretizar a “hegemonia política da burguesia cafeeira de São Paulo, em aliança com os setores fundiários de Minas Gerais, no seio da classe dominante”. A proclamação da República, entre outras coisas, “significou a ascensão política da burguesia comercial cafeeira (que representava os interesses dos demais setores agroexportadores)” (1982, p. 38). Ainda nesse sentido, no livro de Edgard Carone “A primeira República”, um capítulo inteiro é dedicado à organização social do período da República Velha, onde as oligarquias alcançaram seu ápice no Brasil.

No império, os grupos oligárquicos encontram um obstáculo para o controle total do governo das províncias: É o poder moderador do imperador, que permite a escolha dos presidentes provinciais. O federalismo republicano derruba esse empecilho: e as oligarquias irão atingir, então, o ápice de sua expansão. (CARONE, 1976, p. 21).

O Estado republicano, a partir da Constituição Federal de 1891, estabeleceu uma democracia representativa burguesa, alicerçada nos ideais do liberalismo clássico, onde todos os brasileiros maiores de 21 anos conquistariam a cidadania adquirindo, portanto, direitos civis e políticos. Por direitos civis, entendia-se o mínimo necessário para o exercício da liberdade individual, que se desdobrariam no direito de locomoção, liberdade de imprensa, pensamento e fé, direito à propriedade, a execução dos contratos válidos e direito à justiça (RESENDE, 2008, p. 91-95).

Portanto, em razão dos fundamentos basilares do liberalismo (livre comércio e livre mercado), o Estado estaria desobrigado a regulamentar tanto as condições contratuais de compra e venda de qualquer mercadoria, como, da mesma forma, não interviria na regulamentação da relação de trabalho (patrão X empregado). Seriam os indivíduos, todos livres e proprietários, os articuladores das relações civis. Assim, tanto o mercado de trabalho, como o mercado em geral, deve auto regular-se (ADDOR, 1986, p. 50)¹³⁴.

¹³⁴ Ao Estado apenas caberia o dever de garantir a execução dos contratos, sobretudo àqueles que versassem sobre relação de trabalho. Não à toa, foi durante a República liberal que o primeiro Código Civil foi publicado, em 1916, no Brasil, o qual seria a base normativa para toda e qualquer celebração contratual. Até Getúlio Vargas, toda relação trabalhista deveria ter como referência normativa o Código Civil.

O assunto foi muito bem sistematizado nas palavras de Silvia Magnani:

(...) Os direitos civis fundamentais – liberdade de locomoção, de contratos e direito à propriedade – garantiam constitucionalmente a livre circulação da força de trabalho e a sua exploração (formalmente o trabalhador poderia alocar a sua força de trabalho onde e a quem lhe conviesse, como também o proprietário poderia utilizar-se livremente de seus bens e empregar a força de trabalho melhor que conviesse. Os direitos civis encobrem a desigualdade fundamental entre trabalho e capital) (1982, p. 38).

Os direitos políticos ativos e passivos (votar e ser votado) na primeira República simbolizavam o caráter representativo do Estado, onde os cargos públicos políticos eram eletivos. Entretanto, apenas possuíam o direito ao voto os eleitores homens, maiores de 21 anos, e alfabetizados; percebe-se, assim, que o sistema político arquitetado pela oligarquia nacional excluía parcelas significativas da população do processo eleitoral. Como bem ressaltou Carlos Addor, cerca de apenas 3% da população brasileira participava do processo eleitoral. Além disso, o pleito, geralmente, era “um jogo de cartas marcadas” (ADDOR, 1986, p. 46).

Cartas marcadas porque a classe dominante agroexportadora (burguesia comercial) consolidou normas de dominação política por meio do pacto denominado *política dos governadores*. Às classes mais poderosas econômica e eleitoralmente (SP e MG), ou parte dela, foi garantido o controle das instituições políticas federais, que efetivamente foram colocadas a seu serviço, como atestam as políticas de defesa do café (RESENDE, 2008, p. 112), que, eventualmente, poderiam não coincidir com os interesses dos demais Estados.

Diante disso, atesta-se que os demais setores da sociedade (os não proprietários) tiveram obstada, em certa medida, a participação política autônoma. Para José Murilo de Carvalho, a estrutura republicana inviabilizava qualquer noção de cidadania, pois ou se aceitava o Estado como um mal necessário ou “o nega totalmente, à moda anarquista”. Na prática, ele acaba por revelar uma atitude paternalista em relação ao povo, ao considerá-lo vítima impotente diante das maquinações do poder do Estado ou de grupos dominantes, e conseqüentemente “acaba por bestializar o povo” (CARVALHO, 2012, p. 10-11).

No que diz respeito aos direitos sociais esses sempre foram repudiados em nome do individualismo liberal. Desta forma, durante todo o período da primeira República, os detentores do poder político, amparados pela burguesia industrial, resistiram a todas as tentativas de introdução de direitos sociais, tais como direito à aposentadoria, às férias, à

indenização e à regulamentação das relações entre capital e trabalho (BATALHA, 2008, p. 176-177).

Portanto, o liberalismo clássico, que foi tomado como referência pelos construtores da República, na prática, sofreu um processo de reelaboração, resultando no *liberalismo oligárquico*. O Estado constitucionalmente democrático e representativo definiu-se como uma democracia elitista e limitada, reservada ao uso dos proprietários rurais e de uma fração das populações urbanas (RESENDE, 2008).

No entender das oligarquias, os direitos civis seriam próprios e exclusivos dos homens cultos; em outras palavras, os que tinham acesso à educação, que nesse momento era a classe dominante e as camadas médias. Citando mais uma vez a historiador Silva Magnani:

(...) os direitos civis não poderiam ser utilizados para contestar o padrão de dominação política vigente e tampouco para contestar a organização socioeconômica do país. Assim, quando exercido pelas classes dominadas ('incultas') o direito à palavra, ao livre-pensamento e à associação, foram objeto de repressão policial (que coibia o exercício dos direitos constitucionais), como provam os empastelamentos de jornais operários, a prisão de líderes sindicais e anarquistas, e a lei de expulsão de estrangeiros (Lei Adolfo Gordo) (1982, p. 41).

Quer dizer, nesse campo de disputa pela palavra, especificamente em relação à crítica, os 'incultos' saem na desvantagem, ou seja, não possuem esse direito. A liberdade de opinião, na República arquitetada pela oligarquia brasileira, tem destinatários certos e proprietários específicos, não pertencendo a todos os setores da sociedade. Portanto, quando o exercício do direito cai em mãos erradas, este deve ser duramente reprimido; aí entra em ação todo o aparato Estatal colocando 'cada qual em seu lugar'.

Na primeira República, portanto, a preocupação maior deu-se no campo dos direitos civis individuais, já que asseguravam a exploração capitalista. Todavia, o Estado, diante do operariado, limitou-se a implementar a política de exclusão e da repressão. A questão operária deveria ser resolvida basicamente na esfera policial; o lema geralmente atribuído a Washington Luiz, quando secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo era: "A questão social é um caso de polícia"¹³⁵.

¹³⁵ No que tange ao operariado, de acordo com Boris Fausto, a constituição de um movimento pertencente à classe trabalhadora está diretamente relacionada com o crescimento das cidades e a diversificação de suas atividades. Foi no meio urbano, portanto, que se concentraram as fábricas e a prestação de serviços, fato que permitiu reunir centenas de trabalhadores que participavam de uma condição comum. As cidades proporcionaram, de certo modo, uma maior circulação das ideias, "por maiores que fossem as diferenças de

1.2.3. – São Paulo no *boom* industrial

Agora que falamos um pouco sobre a República proclamada em 1889, podemos voltar a tratar do momento em que Angelo Bandoni chega à capital paulistana em 1902. Mas, antes, é necessário tecer breves considerações sobre a cidade no contexto do início do século XX.

No ano de 1893 a cidade de São Paulo contava com mais de 70 mil estrangeiros (54%), na maioria italianos, e uma parte espanhóis e portugueses, isso em relação a uma população total com cerca de 130 mil habitantes (BIONDI, 1994, p. 03)¹³⁶.

A presença estrangeira na área urbana da cidade de São Paulo lentamente caminhou em direção às fabricas, quer dizer, esse contingente populacional serviu de mão de obra farta e abundante para o trabalho fabril dentro de um processo de industrialização, que apesar de bastante incipiente, ganhava cada vez mais corpo e solidez (HARDMAN; LEONARDI, 1991, p. 122). Em 1907, comparativamente, o Rio de Janeiro possuía cerca de “30% das indústrias de todo o país, enquanto São Paulo ficava com a proporção de 16% das empresas tomando-se o mesmo parâmetro” (SAMIS, 2004, p. 133). Entretanto, essa soberania industrial fluminense seria superada pela indústria paulista entre 1907 e 1919, quando ela deu um salto quantitativo crescendo mais que o dobro da indústria do resto do país. Já no período entre 1919 e 1929, a indústria paulista passou a diversificar alguns segmentos mais dinâmicos de bens de produção, buscando atender o mercado nacional (Ver: DEAN, 1969, p. 03-15)¹³⁷.

Além da forte presença estrangeira, devemos nos atentar para o processo de industrialização da capital paulistana a partir de 1907. Tal processo, por sua vez, teve como base a produção e a venda do café para um mercado internacional em expansão, na medida

instrução e a ausência de veículos amplos de divulgação, como viriam a ser o rádio e televisão” (FAUSTO, 1995, p. 297).

¹³⁶ Esse inchaço urbano, em grande medida, deu-se em razão do insucesso do imigrante na experiência de trabalho no campo, notando, desta maneira, o deslocamento para as cidades, “onde passavam a viver quase clandestinamente de uma profissão modesta, escondidos de parentes e amigos para não demonstrar fracasso”. Muitos que adentraram ao Brasil, no momento da chegada, já optavam pelos centros urbanos ao invés de se dirigirem para as fazendas. No Estado de São Paulo, portanto, estima-se que, entre os italianos, 30% dos que desembarcaram em Santos tiveram como destino a vida urbana, e 70%, o campo (ALVIM, 2006, p. 286).

¹³⁷ Em 1901, o setor industrial do Estado de São Paulo era composto apenas por 10% de operários industriais brasileiros, o que evidencia uma notória predominância de imigrantes na manufatura. Já em 1911, uma pesquisa feita na indústria têxtil pela Secretaria de Trabalho do Estado de São Paulo revelou que de 10.204 operários em 23 fábricas, 7.499 eram estrangeiros, dos quais os italianos constituíam 6.044, os portugueses 824, os espanhóis 338, sendo os demais de diversas nacionalidades (MARAM, 1979, p. 16).

em que possibilitou o acúmulo de capital que posteriormente seria reintroduzido na forma de investimento para construção das primeiras fábricas (DEAN, 1969, p. 04)¹³⁸.

Tendo reunido tais elementos, São Paulo disparou na corrida pela indústria em comparação com outras Capitais do país. Mesmo assim, até a década de 1920 os paulistas produziam, com algumas exceções, apenas bens de baixo valor, como: material para a agricultura local, cotonetes, couro, açúcar, cereais, e madeira ou minerais não metálicos e a exploração do setor têxtil (DEAN, 1968, p. 09-10).

Esse *boom* frabil contribuiu para o processo de urbanização da Cidade, que na verdade já havia sido iniciado desde a década de 1870 em grande parte ligado ao movimento do capital comercial e financeiro da economia cafeeira (HARDMAN; LEONARDI, 1991, p. 121). Com o crescimento urbano, e a formação das primeiras Zonas industriais, surgem os primeiros bairros operários que eram formados predominantemente por estrangeiros, especialmente de italianos, como por exemplo, Brás, Bom Retiro, Bexiga, Barra Funda, Belenzinho, Mooca, Lapa, Luz, Vila Mariana e Ipiranga.

Relatos do início do século XX ajudam na compreensão de como rapidamente se deu o crescimento urbano de São Paulo, e conseqüentemente a chegada de problemas comuns a qualquer metrópole:

“Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas” (GATTAI, 1994, p. 14).

Sobre os bairros operários ainda há pouco mencionados, quando Angelo Bandoni chega à capital paulistana, possivelmente no início de 1902, estabelece-se exatamente no Bom Retiro junto à comunidade italiana radicada naquela região. Ali, em fevereiro desse mesmo ano, organiza o seu primeiro jornal produzido no Brasil, cujo nome seria *Germinal*. Tal

¹³⁸ Outro ponto importante desse processo foi à utilização da extensa malha férrea construída no Estado em função da expansão cafeeira, possibilitando a conexão da capital com o porto de Santos, viabilizando o escoamento da produção industrial. Somado a isso, deve-se mencionar a exploração do setor de energia elétrica a partir do investimento estrangeiro (inglês e Norte-americano), matriz energética para a industrialização (DEAN, 1969, p. 08).

periódico estampava em seu cabeçalho, que se tratava de um “órgão socialista-anárquico”, meio de propaganda do “Círculo, Educativo, Libertário *Germinal*”¹³⁹ criado por Bandoni.

Nos meses seguintes, este jornal, que majoritariamente publicava textos em italiano e alguns artigos em Português e Espanhol, foi capaz de construir uma densa rede de contatos com muitos grupos anarquistas no Brasil e em particular do Estado de São Paulo. Em suas páginas apareceram numerosas informações sobre a criação de novos grupos libertários, alguns dos quais formados com a ajuda do próprio periódico (URRIOLA, 2016, p. 406).

Esta rede de contato se estabeleceu em razão da constante troca de correspondências entre o editor do jornal e inúmeros militantes espalhados não apenas no Brasil como no estrangeiro. Além disso, essa conexão se deve muito em razão do trabalho de propaganda feita por Bandoni em várias regiões do interior paulista, como pode ser observado no anúncio abaixo:

Aviso

Acreditamos ser oportuno prevenir os companheiros do interior que possivelmente um conferencista, de acordo com a redação do *Germinal*, partirá de São Paulo para cumprir um giro de propaganda em várias localidades das cidades vizinhas (...).

A Redação¹⁴⁰

Em março de 1902, nos dias 16 e 23, Angelo Bandoni saiu em um giro de conferências na então cidade de Eldorado, na qual aproveitou para realizar a propaganda do jornal *Germinal* e apresentar uma palestra, cujo tema era *A Luta de Classe*¹⁴¹. No início de maio desse mesmo ano, Bandoni fez uma apresentação na cidade de Jundiaí, onde contribuiu na constituição de um grupo anárquico naquela localidade e que seria denominado de círculo *Germinal* (réplica daquele organizado por ele na capital), e alguns meses depois é fundada outra organização libertária em São João da Boa Vista, e que também receberia esse mesmo nome¹⁴².

¹³⁹ *Germinal*, n. 01, 10 de fevereiro de 1902, p. 1.

¹⁴⁰ “Avviso. Crediamo opportuno prevenire i compagni dell’interno che prossimamente un conferenziere, d’accordo colla redazione del *Germinal* partirà da S. Paolo per compiere un giro di propaganda in varie località degli stati circonvicini; quei compagni che desiderassero – per ragione di propaganda (...)” (*Germinal*, n. 02, 1º de março de 1902, p. 4 “Avviso”).

¹⁴¹ *Germinal*, n. 02, 1º de março de 1902, p. 4, “Avviso”.

¹⁴² *Germinal*, n. 06, 16 de maio de 1902, “Conferenza a Jundiaí”; n. 08, 15 de junho; n. 01, 31 de janeiro de 1903, “Dall’Idea”; e n. 04, 21 de março de 1903.

Esse giro de conferências pelo interior e a formação de círculos libertários em outras regiões do Estado de São Paulo passaram a despertar interesse da polícia colocando Angelo Bandoni sob constante vigilância. As informações policiais eram fruto de um esforço conjunto entre as autoridades investigativas de algumas regiões da Itália, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, visando à implementação de medidas de cooperação internacional no combate ao anarquismo considerado à época um mal que comprometia a segurança nacional destes países (GALEANO; ALBORNOZ, s.d., p. 16).

Durante os meses de março e abril, portanto, a polícia do Rio de Janeiro seguiu os passos de Bandoni no Estado de São Paulo, relatando que este estaria envolvido na formação de círculos libertários, cujas reuniões aconteciam com frequência e em caráter sigiloso:

(...)

Ele tem formado um círculo anárquico chamado Germinal ao qual participam sessenta sócios, que pagam uma mensalidade de dois mil réis. Também fundou um jornaleco anárquico Germinal do qual é diretor, administrador responsável e redator principal. Realiza com frequência várias conferências em público e a qual fez uma impressão. [...] Reúne com frequência os mais perigosos afiliados sigilosamente em reuniões secretas.

(...)

Julgo de muita utilidade conhecer mais breve o possível tudo os procedentes de Bandoni (...)¹⁴³

As notas prestadas pela polícia, muitas vezes realizadas por investigadores infiltrados, tendem a exacerbar a tom de periculosidade dos eventos narrados. Um bom exemplo disso foram as informações colhidas pela polícia de Buenos Aires em um intercâmbio de informações com as autoridades Cariocas, onde descrevem que Angelo Bandoni, junto ao seu companheiro Gigi Damiani, estavam por trás de um complô anárquico no Brasil. Relata, também, que os dois vinham fazendo viagens pelo interior de São Paulo em busca de auxiliar a formação de centros anarquistas. O agente infiltrado aproveita, ainda, para mencionar que tais ações se tratavam, na verdade, de uma empreitada criminosa, contudo não chegou a descrever em detalhes:

Sigiloso

¹⁴³ “(...) ha formato un circolo anarchico denominato Germinal al quale appartengono una sessantina di socè, che [...] una retta mensile di due mitreis. (...) fundato um giornoletto anarchico, Germinal di [...] direttore responsabile e redattore principale” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Legazione D’Italia, n. 13766, Rio de Janeiro, 28 aprile 1902”).

O R. Ministro da Itália em Buenos Aires vem chamado novamente a atenção da polícia italiana sobre Bandoni Angelo, que já foi relatado na nota de 31 de maio n.s. n.º 13640, como um dos cabeças do ousado complô anárquico em Brasil. Aquele R. Ministro na ocasião relatou que o Bandoni junto com o Damiani Luigi, “di ane” também para [...] nota adotando fazendo viagens em vários locais do Brasil auxiliando centros anarquistas, para encontrar, ao que parece o indivíduo adequado a fazer as empresas criminosas que os participantes do complô que se proponham.

(...) ¹⁴⁴.

Tais empreitadas criminosas, de outro modo, são bem descritas nas notas prestadas pela Prefeitura de Livorno sobre Angelo Bandoni. As informações ali contidas esclarecem do que se tratava esse suposto complô anárquico. De acordo com as informações, Bandoni e Damiani estariam envolvidos na organização de um atentado contra a vida do presidente da República do Brasil, e contribuindo na formação de centros anarquistas pelo interior de São Paulo:

Se estabelece em São Paulo por mais de 18 meses, tem formado um círculo anárquico denominado Germinal ao qual fazem parte sessenta sócios, que pagam uma mensalidade de dois mil reis. Era assinalado como um dos cabeças de um recente complô ardiloso em São Paulo de fazer um atentado contra a vida dos [...] Presidente da República, seguidamente da Europa [...]. A. Bandoni [...] com Damiani Luigi as cabeças do complô de [...] fazendo viagens em vários locais do Brasil onde existem centros anarquistas para encontrar o quanto [...] o direito do indivíduo de fazer empresa criminosas [...] de [...] o complô é proposto. (...) Tem além disso [...] fundado um pequeno jornal anárquico, Germinal de qual foi diretor responsável e redator principal. Realizou muitas vezes conferências em público reunido sempre [...] perigosas afiliações em segredo conciliável ¹⁴⁵.

¹⁴⁴ “Dal R. Ministro D’Italia a Buenos Aires vien richiamata novamente l’attenzione della polizia italiana sul Bandoni Angelo che già venne cegulato nella nota 31 maggio n. s. n.º 13640, come una dei capi del complotto anarchico ardito al Brasile. Quel R. Ministro in proposito riferisce che il Bandoni insieme al Damiani Luigi, di ane anche alla [...] nota si adopera facendo viaggi in varie località del Brasile [...] centri anarchici, per trovare, a quanto sembra l’individuo adatto a compiere le criminose imprese che i partecipanti al complotto si propogno” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Direzione Generale Della P. S. da Prefettura di Roma”).

¹⁴⁵ “Stabilitasi in San Paolo da oltre 18 mesi, ha formato un circolo anarchico denominato Germinal al quale appartengono una sessantina di socè, che [...] una retta mensile di due mitreis. È statu segnalato come una dei capi di un complotto arditose di recente in San Paulo fere attentare contra la vita dei [...] di Presidenti di repubbliche sequitamente di Europa [...] [...] ed [...] [...] del nostro [...] A. Bandoni [...] com Damiani Luigi, dei capri del complotto di [...] facendo viaggi in varie località del Brasile dove esistono centri anarchini per trovare a quanto [...] l’individuo adulto compriere le criminose imprese [...] di [...] al complotto si propogono non si conoscere all’estero abia riportato condonne. Ha inotre [...] fundato um giornaleto anarchico, Germinal di [...] direttore responsabile e redattore principale. [...] molto spesso conferenze in publico riunisce spesso [...]

Apesar de o relato ser revelador, novamente percebe-se certo exagero por parte das autoridades policiais. O que pode ter acontecido é que durante a reunião de uma dessas organizações anárquicas tenham sido proferidas críticas ao presidente da República brasileira e havido comentários sobre a necessidade de ações insurrecionárias contra a vida de um determinado Governante (seja ele um Rei, Primeiro-Ministro ou Presidente), fato comum aos anarquistas da segunda metade do século XIX, inclusive na Itália, com o sempre rememorado caso (pela imprensa anarquista italiana no Brasil) do atentado praticado por Gaetano Braschi em 1900. Entretanto, entre a prática e teoria existe um abismo enorme. Assim, acreditamos que esse complô tenha acontecido apenas no campo das ideias, sem o respectivo ajuste de ações mais concretas.

Em julho de 1902, o periódico *Germinal* comunicava que, por “incumbências inevitáveis de caráter privado”, Angelo Bandoni abandonava a redação do jornal, passando a ficar sobre a responsabilidade de Duilio Bernadoni¹⁴⁶. Tais “incumbências inevitáveis”, além da perseguição policial, podem ser explicadas em razão de duas frentes de trabalho as quais Bandoni se envolveu e que talvez o tenha influenciado a deixar a redação do periódico. A primeira delas é que ele passou a concentrar esforços, a partir de maio do mesmo ano, na montagem de uma Escola Racionalista Libertária, a qual estaria diretamente vinculada ao seu Círculo Libertário *Germinal*¹⁴⁷. A segunda frente a qual Bandoni encontrava-se envolvido e o que fez desviar do foco do seu próprio jornal foi o auxílio prestado, a partir de abril de 1902, na organização do periódico *O Amigo do Povo*, que teve como colaboradores Neno Vasco, um dos principais nomes, Benjamim Mota, Gigi Damiani, Giulio Sorelli, Oreste Ristori, Tobia Boni, entre outros.

O periódico, editado em língua portuguesa, tinha como proposta a constituição de um movimento político e sindical organizado, que contrariava o posicionamento antissindical do grupo *Germinal*. Apesar da proposta, em torno desse jornal se reuniram vários grupos anarco-comunistas, “que constituíam uma dimensão própria da ação anarquista e tinham uma concepção diferenciada da estratégia a ser seguida” (TOLEDO, 1998, p. 92). Embora tenha

pericolosi affiliati in segreti conciliabili” (ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Prefettura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”).

¹⁴⁶ *Germinal*, n. 10, 13 de julho de 1902, “Compagni!”. O operário italiano Duilio Bernardoni chegou ao Brasil no século XIX cf. Edgar Rodrigues (1995, p. 28-29).

¹⁴⁷ *Germinal*, a. I, n. 6, 16 de maio de 1902, “Avviso”; *Germinal*, n. 01 e n. 02, 24 de janeiro e 21 de fevereiro de 1904 respectivamente, “La Scuola Libertaria”.

ajudado na propaganda do jornal¹⁴⁸, Bandoni não chegou a contribuir com publicações de artigos, mantendo, porém, sua assistência ao periódico dirigido por Neno Vasco até 1904, ano em que esse veículo de imprensa faz a sua última aparição.

No mês de janeiro de 1904, Angelo Bandoni, depois de vários meses em silêncio se dedicando exclusivamente a realização de conferências pelo interior de São Paulo¹⁴⁹, voltou a publicar no *Germinal*¹⁵⁰. Em que pese a sua participação, esse novo esforço em reerguer o jornal foi efêmero, e, em razão de questões financeiras, o periódico deixou de existir em março de 1904¹⁵¹.

Mesmo com o desaparecimento do seu primeiro periódico editado no Brasil, Angelo Bandoni continuava em voga na realização de suas conferências. Em maio de 1904, realizou duas apresentações em Piracicaba das quais deixou boas impressões ao público. Nessa mesma localidade, no dia 22 do mesmo mês, seria a vez da apresentação de um conferencista recém-chegado ao Brasil, e que se tornaria o seu grande companheiro de militância, Oreste Ristori.

Piracicaba

Depois da ótima impressão feita pelas duas conferências do camarada Bandoni, chegava a esta localidade, a 22 do mês passado, um outro conferente, o camarada Oreste Ristori, chamado pelo Círculo anarquista de estudos sociais.

(...)¹⁵².

Após a dissolução do *Germinal*, Bandoni ainda permaneceu um tempo na capital paulistana, mas, em seguida, partiu em direção ao interior, onde começou a assumir uma tendência que lhe foi muito peculiar durante a sua estadia no Brasil, que seria estar frequentemente transitando por inúmeras cidades sem possuir permanência fixa em nenhuma delas. Também foi do interior, a partir de setembro de 1904, que Bandoni passou a contribuir com artigos no recém-criado jornal *La Battaglia*, fundado por seu companheiro Oreste Ristori.

¹⁴⁸ “(...) encarregamos o camarada Angelo Bandoni, que em breve fará um giro de propaganda pelo interior, de recolher assinaturas e donativos para <O Amigo do Povo>” (*Amigo do Povo*, n. 15, 16 de novembro de 1902, “Aos Camaradas do Interior”).

¹⁴⁹ Falaremos sobre tais conferências do Capítulo 2.

¹⁵⁰ As suas publicações serão debatidas no Capítulo 3.

¹⁵¹ *Germinal*, n. 01, 24 de janeiro de 1904, “Ai compagni dell’ interno”.

¹⁵² *O Amigo do Povo*, n. 55, 11 de junho de 1904.

1.2.4 – Fazendas paulistas: um inferno de Dante

Tobia Boni e Oreste Ristori, que já vinham se reunindo em torno do grupo *La Propaganda*, decidem juntar interessados na impressão de um periódico semanal, que deveria ser escrito em língua italiana e se estabelecer aberto a todas as tendências do anarquismo, “com o objetivo de aglutiná-las e denunciar as precárias condições de vida e trabalho a que estavam submetidos o operário urbano e o colono das fazendas”. Oreste Ristori seria o seu diretor principal, que se encarregaria de juntar recursos iniciais para a sua publicação. A Ristori e Boni juntou-se Angelo Bandoni que também ajudaria os seus companheiros nessa empreitada (ROMANI, 2002, p. 130).

O nome escolhido foi *La Battaglia* e sua primeira edição foi publicada em junho de 1904. Além de conseguir agrupar todos os anárquicos contrários à organização dos militantes em sindicatos, o jornal de Ristori, após o encerramento do grupo *O Amigo do Povo*, serviu como refluxo para aqueles anarquistas de variadas matizes, incluindo aqueles que defendiam a atuação por meio dos sindicatos, como por exemplo, Sorelli e outros (ROMANI, 2002, p. 130).

Durante os longos anos de existência do *La Battaglia*, Bandoni publicou inúmeros artigos sobre variados temas. Costumava identificá-los com as iniciais do seu nome (A. B.) ou, quando o sigilo era necessário, fazia uso do pseudônimo A. Doannib¹⁵³.

A partir de 1905, Bandoni marcou presença no interior de São Paulo, sobretudo nas regiões rurais produtoras de café. Dessa localidade submetia constantemente artigos ao jornal de Ristori, no quais, em muitos casos, tinha por finalidade denunciar as condições de trabalho que os colonos estavam submetidos nas fazendas.

A crítica da qualidade da relação trabalhista dos colonos italianos foi imensamente denunciada na coluna *Dalle Caienne Brasiliane*, no sentido de que as formas de exploração dos agricultores migrantes eram semelhantes às práticas feudais, mantendo o mesmo tratamento dado ao escravo, sustentando a ideia de que a escravidão, na verdade, nunca foi abolida.

No início do mês de maio de 1906, após uma breve passagem pela cidade de Araraquara em fevereiro desse mesmo ano¹⁵⁴, Bandoni se encontrava em Dobrada, importante

¹⁵³ *La Battaglia*, n. 42, 12 de maio de 1905, p. 4, “Altra pubblicazione”.

¹⁵⁴ *La Battaglia*, 29 de julho maio de 1906, p. 4, “Dalle Caienne Brasiliane”.

local de produção cafeeira. Sobre aquela região, relatou as condições de fome as quais estavam submetidos os colonos que trabalhavam na fazenda S. Ernestina. Os agricultores estrangeiros, no início do século XX, eram contratados com base no sistema de empreitada, onde cada família recebia de acordo com a quantidade da colheita. Tal sistema acabava deixando o trabalhador sujeito às flutuações naturais. Assim, nos períodos entre safras, muitos ficavam praticamente sem receber qualquer remuneração, tendo que se virar para conseguir uma forma de sustento (HOLLOWAY, 1984, p. 115). Na denúncia relatada por Bandoni, inúmeras famílias, tendo em vista a escassez de alimento e a ausência de pagamento por conta da baixa produção, passaram por uma situação de calamidade, pois sem ter o que comer, estas chegavam a se alimentar com ervas encontradas no campo, ou seja, “um verdadeiro inferno”.

E próprio tempo perdido revoltar com este estrume. Malgrado todos os gritos dos jornais, os colonos, na maior parte das fazendas, continuam a... não receber um tostão furado... e as abóboras e o milho até agora estão esgotados: os colonos da fazenda S. Ereustina não sabem mais onde bater a testa, eu não sei como fazem para viver imaginem só que esses comiam para não morrer uma erva chamada “pucaú...”, mas agora está para acabar, coisa que vão comer agora eu não sei.

Cada manhã chegam novas famílias de colonos espanhóis, quando o vejo prosseguir lentos como condenados para as suas masmorras me vem o desejo de chorar, porque me recordo a “via crucis”, daquelas 60 famílias italianas que foram retiradas até mesmo as roupas íntimas...

Pobres desgraçados como será triste o vosso calvário¹⁵⁵.

Além dessa deplorável situação econômica, cabe registrar as atitudes dos fazendeiros ao manter uma abordagem coercitiva nas relações de trabalho, talvez um resquício da escravidão que tinha sido recentemente abolida (HOLLOWAY, 1984, p. 113).

Em razão da sua presença nas Zonas rurais de São Paulo no período de tempo compreendido entre 1900-1906, Bandoni foi conquistando tato no trato com os trabalhadores

¹⁵⁵ “È próprio tempo perduto a rivoltare questo letamaio. Malgrado tutte le grida dei giornali, i coloni, nella maggior parte delle ‘fazendas, continnano a... non ricevere il becco di un quattrino... e le zucche e il granturco ormai son esauriti: i coloni della fazenda S. Ernestina non sanno più dove battere la testa, io non so come facciano a vivere tiguratevi ch’essi mangiavano per non morire um erba chiamata ‘picaú’..., ma ora anche questa sta per finire, cosa mangeranno allora io non lo so. Ogni giorno giungono nuove famiglie di coloni spagnnoli, quando li vedo proseguire lenti come condannati verso il loro ergastolo mi viene voglia di piangere, poiché mi ricorda la ‘via crucis’, di quelle 60 famiglie italiane che furono derubate perfino della loro biancheria... poveri disgraziati come sarà triste il vostro calvario” (*La Battaglia*, 06 de maio de 1906, p. 4, “Dalle Caienne Brasiliane”).

rurais imigrantes. Acostumado a fazer giros de propaganda e realizar conferências, seu nome foi ganhando fama e confiança entre os colonos.

Depois de alguns meses pelo interior, em julho de 1906 Bandoni retorna à capital paulistana para organizar uma festa popular visando o levantamento de fundos que seriam destinados ao periódico *La Battaglia* e à sua Escola Libertária Germinal, que ainda se encontrava em funcionamento.

1.2.5 – Na capital da República

Na sempre lotada agenda de compromissos de Angelo Bandoni, o próximo lugar marcado para visita e realizar uma ação propagandística seria a cidade do Rio de Janeiro, a então capital da República.

No ano de 1907, o Rio de Janeiro, sobretudo após as reformas urbanas do Prefeito Pereira Passos, possuía uma rede urbana bastante superior em relação a outras cidades. Em razão dos recursos financeiros oriundos do comércio internacional e nacional através do porto, além de excedentes de capital gerados na primeira fase de expansão cafeeira pelo Vale do Paraíba, a cidade era detentora da maior concentração de capital industrial naquele centro em relação ao resto do país (HARDMAN; LEONARDI, 1991, p. 124).

Além disso, nos primeiros anos da República, a localidade era a mais povoada do país, com mais de 500 mil habitantes. Desde a independência e, particularmente, desde o início do Segundo Reinado, quando se deu a consolidação do governo central e da economia cafeeira na província adjacente, a cidade passou a ser o centro da vida política nacional (CARVALHO, 2012, p. 13). O processo de abolição da escravidão lançou o restante da mão de obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregados e desempregados. “Além disso, provocou o êxodo para a cidade proveniente da região cafeeira do Estado do Rio e um aumento na imigração estrangeira especialmente de portugueses” (2012, p. 16).

Bandoni já havia estado uma vez na cidade Maravilhosa, dois anos antes (em 1905), na tentativa de formar um círculo libertário na região junto aos companheiros Agrelle Aris, Barzacchini Ettore e Crivella Ugo, que possuem trajetória desconhecida, mas, ao que se

percebe, eram também de origem italiana¹⁵⁶. Todavia, parece-nos que essa primeira tentativa foi não bem-sucedida, e em razão disso seria a hora de realizar um novo esforço.

Assim, por volta do mês de maio de 1907, Bandoni saiu da cidade de São Paulo e partiu em direção ao Rio de Janeiro. Porém, dessa vez, por questões de cautela, não pode viajar sozinho como de costume. Teve que seguir até à capital da República acompanhado de sua esposa Maria Capello Bandoni, que naquela ocasião encontrava-se grávida do primeiro filho do casal.

Maria Bandoni era de origem italiana e havia se casado com Angelo em São Paulo¹⁵⁷. Maria permaneceu ao lado de seu companheiro por longos 40 anos, uma união não apenas voltada para os assuntos matrimoniais, como também os relativos a militância, principalmente quando ajudou o marido no processo de organizações de escolas libertárias.

No dia 06 de junho de 1907, a esposa de Bandoni deu à luz, no Rio de Janeiro, ao seu primeiro filho. O pai, cheio de entusiasmo com a criança recém-nascida, o registra com o nome de Spartaco¹⁵⁸, nome de forte inspiração revolucionária. De acordo com Eric Hobsbawm¹⁵⁹, a tal prática de alguns militantes em nomear seus filhos com nomes de personagens famosos de um determinado evento histórico foi muito comum desde o final do século XIX, o que seria uma tentativa de pendurar “manifestos políticos bem conhecidos em volta dos pescoços de seus pobres filhos” (HOBSBAWM, 2005, p. 65). Spartaco, por exemplo, muito provavelmente tenha sido uma tentativa de Bandoni de fazer referência ao *Spartacus* (em Latim), um gladiador que viveu entre os anos de 109 a.C. a 71 a.C., líder da mais célebre revolta de escravos na Roma Antiga.

De qualquer forma, poucos sabemos sobre a trajetória de Spartaco, mas temos notícias que viveu a maior parte da vida em São Paulo, vindo a falecer em setembro de 1982, deixando esposa (Silvia Bandoni) e filhos¹⁶⁰. O casal Bandoni (Angelo e Maria) ainda viria a ter mais

¹⁵⁶ ACS, CPC. Bandoni Angelo, b. 305, f. 75150, “Preffetura di Livorno, Rapporto del 10 ottobre 1902”.

¹⁵⁷ TRE-RJ. Edital para conhecimento de interessados com prazo de 10 dias [4.ª Zona]. Diário Oficial do Estado, São Paulo, n. 92, Seção I, 04 abr. 1982. p. 47.

¹⁵⁸ TRE-RJ. Edital para conhecimento de interessados com prazo de 10 dias [4.ª Zona]. Diário Oficial do Estado, São Paulo, n. 92, Seção I, 04 abr. 1982. p. 47.

¹⁵⁹ “(...) Pelo contrário, as ideias populares não podem ser compreendidas sem se recorrer à hegemonias da cultura superior. Tomemos, por exemplo, o fenômeno que Ragionieri situa, em sua aldeia toscana, nas últimas décadas do século XIX e sobretudo durante os quinze anos primeiros anos do século XX: a prática de abandonar nomes de batismo católicos por nomes seculares, que tem implicações políticas e ideológicas óbvias. Na verdade, os militantes algumas vezes penduravam manifestos políticos bem conhecidos em volta dos pescoços de seus pobres filhos: Spartacus, Galileu, Benito Mussolini (...)” (HOBSBAWM, 2005, p. 65).

¹⁶⁰ *O Estado de São Paulo*, 01 de setembro de 1982, p. 16, “Falecimentos”.

dois filhos, um menino (o caçula) o qual desconhecemos completamente o seu paradeiro e um terceiro, no caso uma menina que viria falecer pouco tempo depois do seu nascimento¹⁶¹.

1.2.6 – Anarquismo e o operariado no Brasil

Da capital da República, Bandoni retorna ao Estado de São Paulo com a sua família. Quando fez o caminho de volta a esta cidade, o anarquismo no Brasil fervilhava, e o grau de repressão policial, por consequência, se intensificava, principalmente com prisões (às vezes arbitrárias), expulsões de estrangeiros e o empastelamento de jornais. Cabe neste momento, portanto, suspendermos momentaneamente a narrativa sobre Angelo Bandoni, e falarmos um pouco do panorama entre a consolidação do anarquismo enquanto movimento e o seu processo de repressão, particularmente nas duas maiores Capitais do país, ressaltando os eventos mais importantes entre 1890 a 1915.

A história do movimento operário na primeira República refletiu a imagem de um período extremamente conturbado, onde tivemos a forte presença do anarquismo, do socialismo, do sindicalismo revolucionário (como estratégia de luta sindical) e, posteriormente, a partir da década de 1920, do comunismo. De qualquer modo, começemos pelos anarquistas em seus anos iniciais.

Mensurar exatamente a recepção do anarquismo no Brasil não é um processo pacífico entre a historiografia. Juntamente com algumas experiências coletivistas no país, é possível observar, a partir da década de 1890, cada vez mais a presença de militantes anarquistas chegados do exterior em “meio às ondas migratórias que vinham sobrecarregar a oferta de braços, principalmente para as lavouras cafeeiras dos latifúndios paulistas” (OLIVEIRA, 2009, p. 50).

Os estrangeiros adeptos às ideias anarquistas seriam estigmatizados pelas autoridades policiais e políticos da primeira República, sob a pecha de que o movimento estava relacionado diretamente com as práticas de crimes, violência e atentados com explosivos de dinamite e subversão da ordem (CARNEIRO; KOSSOY, 2003, p. 27). Além disso, as ideias libertárias passaram a ser consideradas um perigo de procedência externa que contaminavam

¹⁶¹ Em dezembro de 2016, quando ainda estava na fase da pesquisa, uma senhora de nome Vânia Aparecida Bandoni Sanches, gentilmente entrou em contato conosco se apresentando como bisneta de Angelo Bandoni, foi nesse contato que ela disse sobre essa filha do meio que tragicamente faleceu tempo depois do nascimento.

os trabalhadores brasileiros. A lógica, portanto, era simples: o anarquismo penetrava no território nacional por causa dos estrangeiros (LEAL, 2006, p. 08).

Como bem salientou Claudia Leal, entre os indivíduos suspeitos da prática do anarquismo, os italianos eram os mais temidos no Brasil, tanto por suas ideias anarquistas e práticas subversivas, personificadas nas figuras dos regicidas – todos italianos – “que atentaram contra os chefes de Estado e realeza na Europa”, como pela grande presença de imigrantes dessa nacionalidade que aqui aportavam. Como consequência, a Itália aparece como o país com maior procedência de anarquistas que se instalaram no Estado São Paulo desde os primeiros anos da década de 1890 (LEAL, 2006, p. 09).

Nesta mesma cidade, encontravam-se também militantes fugidos de suas terras natais em razão de sua atuação política. Traziam consigo as ideias libertárias, sob grande influência das concepções de Bakunin e Malatesta, e ainda, do mesmo modo, do socialismo, inspirado, sobretudo em Marx, e do sindicalismo revolucionário, que, segundo Edilene Toledo, eclodiu não como teoria, e sim uma prática sindical, possuindo um teórico importante, o francês Georges Sorel¹⁶².

Em 1892, um grupo de anarquistas italianos fundava em São Paulo o primeiro jornal libertário do país, *Gli Schiavi Bianchi* (Os Escravos Brancos), cujo diretor era o italiano Galileo Botti, chegado ao Brasil dois anos antes, depois de uma experiência migratória na Argentina. Tal precedente inaugurou uma fase posterior onde uma série de outros jornais em língua italiana, de vertente anárquica, foram publicados em São Paulo entre o fim do século XIX e o início do novecentos, como por exemplo: *La Bestia Umana*, *L'Avvenire*, *Il Risveglio*, *La Nuova Gente*, *La Battaglia* e vários outros. Em segundo momento, na tentativa de ampliar o público alvo, depreende-se um esforço na circulação de uma propaganda em português, porém frequentemente escrita por italianos, consumada no lançamento do *Germinal*, *O Amigo do Povo*, *A Terra Livre*, e outros.

Um componente importante para o arrefecimento dessa produção foi a chegada, a partir de 1900, de militantes que já possuíam contato e experiência com o anarquismo e que vão contribuir diretamente na propagação deste movimento, como foi o caso do romano Gigi Damiani, que chegou a São Paulo no ano de 1897, de Alessandro Cerchiai, de origem toscana,

¹⁶² Segundo a autora, apesar de serem minoria, esses militantes estavam em conexão constante com as bases, permitindo que os trabalhadores em geral tivessem contato e certa receptividade às ideias e práticas que “pudessem contribuir para o melhoramento da sua vida cotidiana e que apontassem para uma emancipação futura” (TOLEDO, 2009, p. 01).

que aportou à cidade em 1901, do próprio Angelo Bandoni, como vimos, de Tobia Boni e posteriormente de Oreste Ristori.

Além do anarquismo, em São Paulo, sobretudo no interior da comunidade italiana, houve forte presença do socialismo, tanto de caráter mais revolucionário na figura do sindicalista revolucionário Alceste De Ambris (que fundou, no ano de 1900, o jornal *Avanti!*, edição autônoma paulista do homônimo italiano), quanto de caráter mais reformista com Antonio Piccarolo (que na Itália havia participado do congresso constitutivo do PSI – Partido Socialista Italiano, chegando ao Brasil em 1904) (BIONDI, 1994, p. 06).

Desta forma, durante os primeiros decênios de 1900, tanto o movimento socialista quanto o anárquico encontraram larga difusão no interior da colônia italiana no Estado de São Paulo, embora quase exclusivamente entre os artesãos urbanos e operários. Os grupos anarquistas, todavia, demonstraram uma maior vitalidade e difusão, o que pode ser atestado por um número maior de associações dedicadas à propaganda ou à atividade sindical, e da constante presença de ao menos um periódico em circulação (BIONDI, 1994, p. 06).

Segundo Sheldon Maram, em um primeiro momento, a maior penetração e influência lograda pelos anarquistas entre os trabalhadores foi a partir de 1903 quando vão conseguindo adentrar em sindicatos e em federações, “numa época em que as correntes ideológicas ainda não estavam claramente definidas” (1979, p. 89).

De todo modo, a história do anarquismo no Brasil, sobretudo a partir dos sindicatos, não deve ser vista distante de uma relação conflituosa. A sua aceitação como meio de luta contra o capitalismo não aconteceu por todas as correntes internas do movimento¹⁶³. A concepção de um sindicalismo fortemente influenciada pelo viés libertário, que passou a ser conhecida como anarcossindicalista, compreendia a organização do proletariado em associações profissionais como base para se alcançar a revolução social. Além disso, “essa organização deveria não somente girar em torno aos sindicatos, como a partir dele e dos grêmios operários” (ROMANI, 2002, p. 170).¹⁶⁴

¹⁶³ Neste sentido, segundo Alex Côrtes “o mais correto seria referir-se, não ao anarquismo, como único e monolítico, mas aos anarquismos, ideias plurais e práticas baseadas na propaganda pela ação direta, meios de construção de uma sociedade libertária” (2006, p. 56).

¹⁶⁴ No Brasil, a maior influência anarcossindicalista exercida sobre os anarquistas brasileiros teve origem nos embates sindicais realizados pela FORA na Argentina (Federación Obrera Regional Argentina). Isso em muito contribuiu para que os militantes nacionais engrossassem esse segmento. Ainda segundo Carlo Romani, em São Paulo, em um primeiro momento os adeptos do anarquismo sindicalista teriam se articulado em torno do jornal *Amigo do Povo*. Após 1906, criariam o seu primeiro canal de expressão no jornal *Terra Livre* (2002, p. 170); a partir daí o anarcossindicalismo prosseguiu germinando ao longo dos anos, organizando jornais e fundando federações operárias, tornando-se, portanto, um segmento importante na história do movimento operário brasileiro.

1.2.7 – Eu conheço cada palmo desse chão: *La Propaganda Anarchica*

Após a breve estadia no Rio de Janeiro em 1907, Bandoni retorna a São Paulo e dá início a uma forte campanha de propaganda pelo interior do Estado. Ademais, vê-se concentrado na formação de mais uma escola libertária, só que dessa vez estruturada na Zona Rural, mais especificamente no Município de Cândido Rodrigues.

Em razão do seu envolvimento com a pedagogia libertária, passou a ser reconhecido pela alcunha de “o professor”. Além disso, segundo relatos de quem viveu o mesmo ambiente social, Bandoni era possuidor de um grande conhecimento em cultura geral, mesmo que sem formação acadêmica, sendo um homem do improviso, justamente em razão da sua facilidade em fazer joguetes com palavras, pequenas rimas, representações teatrais e poesias¹⁶⁵ (GATTAI, 1994, p. 132).

Por consequência, após uma década de experiência na realização de conferências (1900-1910), seu nome vai ganhando notoriedade¹⁶⁶ não apenas entre os demais anarquistas, como também entre o operariado urbano e o trabalhador nas fazendas cafeeiras, esses últimos mais necessitados de atenção, pois, via de regra, no campo o cotidiano transcorria entre o trabalho e a igreja, e de um modo geral os camponeses não se interessavam pela política e nem participavam dela. Muitos porque nem sequer “sabiam ler e, portanto, não podiam acompanhar qualquer manifestação a respeito. Outros porque o seu nível de vida não lhes permitia ocupar-se de nada além do cotidiano” (ALVIM, 2006, p. 229).

Em razão de sua eloquência e grande carisma, suas palestras vão se tornando cada vez mais constantes e aclamadas pelo público, conforme noticiou o periódico *A Lanterna*, sobre um giro de propaganda que Bandoni fez na região serrana de São Paulo, onde foi ovacionado por diversas pessoas que o aguardavam na estação do trem em razão de em “um vibrante discurso” por ele proferido dias antes¹⁶⁷.

Essa pesada agenda de conferências impossibilitava a sua permanência em um emprego fixo. Bandoni, portanto, passou a viver com parte do dinheiro arrecadado das

¹⁶⁵ Sobre a sua produção enquanto poeta, ver Capítulo 02.

¹⁶⁶ “(...) Reconheci alguns homens da comitiva que o acompanhavam ao palco. Eram todos figuras importantes: professores e jornalistas renomados. Entre eles estava Edgard Leuenroth, José Oiticica, Alexandre Cerchiai, Angelo Bandoni e Orestes Ristori” (GATTAI, 1994, p. 132).

¹⁶⁷ *A Lanterna*, n. 86, 13 de maio de 1911.

apresentações que fazia do borderô levantado com a cobrança de ingresso de eventuais festas libertárias realizadas no seio da comunidade italiana espalhada em São Paulo, que tinham por finalidade combinar o “prazer do entretenimento às tarefas de convencer o público da necessidade de ‘emancipação social’” (HARDMAN, 2003, p. 13-14). Além das apresentações em formato de palestras, os seus jornais, embora fossem um canal de propaganda anárquica, forneciam uma renda a partir das contribuições que recebiam de outros militantes e leitores, que o auxiliavam no sustento de sua família.

Assim, Bandoni viveu e ganhou a vida falando sobre o anarquismo. A paixão e a convicção por suas ideias eram tantas, que mesmo quando exercia atividade remunerada, aproveitava para voluntariamente propagar o anarquismo. Isso foi o que aconteceu em 1908, quando ao trabalhar como vendedor ambulante de filtros, ao passar de porta em porta, aproveitava o ensejo para, disfarçadamente, distribuir a edição de algum periódico libertário recém-chegado da França, da Itália e da Espanha e os de São Paulo e Rio de Janeiro (BATINI, 1991, p. 55).

A maior parte das conferências realizadas por Bandoni acontecia em salões e em teatros pertencentes a uma pequena comunidade instalada nas cidades por onde viajava. Nem sempre seus discursos eram pronunciados em tais localidades, e em algumas vezes eram realizados em praça pública ainda que sem a menor expectativa da existência de um público. Em julho de 1914, em uma de suas viagens pelo interior, mais especificamente na cidade de Bauru, Bandoni participa de um comício cuja finalidade é alertar aos mais jovens sobre a necessidade de não aceitarem ser “carne de canhão”, ou seja, de recusarem ir lutar na Europa na Primeira Guerra Mundial.

E isso quando nosso país se preparava para entrar nesse mesmo conflito de 1914-17 e à mesma cidadezinha de Bauru aportava o ácrata italiano Angelo Bandoni, o qual numa noite de domingo subia ao coreto da praça Rui Barbosa e corajosamente – eram os tempos do ferrenho Partido Republicano Paulista, que torturava políticos da oposição nas masmorras do bairro do Cambuci, também denominada ‘a Bastilha’ – se dirigia num mesmo alerta aos jovens da Linha de Tiro 275, ali fundada por inspiração das jornadas cívicas do poeta Olavo Bilac (BATINI, 1991, p. 25).

O discurso inflamado realizado em praça pública foi interrompido por uma enxurrada de vaias e por gritos chamando Bandoni de estrangeiro traidor ao passo que lhe atiravam pedras, tudo na tentativa de inibir o prosseguimento do comício (BATINI, 1991, p. 103).

E assim sobrevivia o nosso personagem, e como havia feito na Itália, permanecia no Brasil, especificamente em São Paulo, vagando de uma região para outra, sem se fixar em nenhuma delas e aproveitando para realizar a divulgação não só das experiências de algumas das suas escolas, como também do lançamento de um novo periódico, ou para a realização de conferência. A partir de 1910, seus passos vão ficando cada vez mais pulverizados, tornando-se tarefa árdua acompanhá-los. Por esta razão, apresentamos a seguir um quadro sintético das localidades por onde passou entre os anos de 1911 a 1944, demonstrando que o seu intenso deslocamento pelo interior do Estado simbolizava que Bandoni conhecia “cada palmo desse chão” paulista, e durante este período falou sobre o que mais possuía conhecimento e mais lhe entusiasmava – o anarquismo.

Quadro 02 – Lista de Locais por onde Angelo Bandoni passou entre os anos de 1911 a 1944

Data	Localidade	Ação
Mai de 1911	Alto da Serra	Conferência ¹⁶⁸
Agosto de 1911	Cândido Rodrigues	Organizando Escola ¹⁶⁹
29 de Junho de 1912	Guariroba	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷⁰
30 de Junho de 1912	Barrinha	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷¹
1º de Julho de 1912	Taquaritinga	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷²
03 de Julho de 1912	Dobrada	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷³
06 de Julho de 1912	Araraquara	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷⁴
07 de Julho de 1912	Jaboticabal	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷⁵

¹⁶⁸ *A Lanterna*, n. 86, 13 de maio de 1911.

¹⁶⁹ *La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911.

¹⁷⁰ *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

¹⁷¹ *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

¹⁷² *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

¹⁷³ *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

¹⁷⁴ *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

¹⁷⁵ *La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912.

Julho de 1912	Monte Alto	Conferência ¹⁷⁶
Outubro de 1912	Cândido Rodrigues	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁷⁷
Junho de 1914	Bauru	Giro de Propaganda ¹⁷⁸
Novembro de 1915	Ribeirão Preto	Formação de Círculo Libertário ¹⁷⁹
Dezembro de 1915	Taquaritinga	Conferência em prol do Guerra Sociale ¹⁸⁰
Dezembro de 1915	Pitangueiras	Conferência ¹⁸¹
Abril de 1916	São Paulo	Apresentação de uma Comédia ¹⁸²
30 de Abril de 1916	São Paulo	Festa Libertária ¹⁸³
Junho de 1916	Sorocaba	Conferência sobre a Escola Moderna ¹⁸⁴
Julho de 1916	Sorocaba	Conferência e Debate ¹⁸⁵
Janeiro de 1919	São Paulo	Direção do Alba Rossa ¹⁸⁶
Junho de 1919	São Paulo	Conferência ¹⁸⁷
Julho de 1919	Poços de Caldas	Giro de Propaganda ¹⁸⁸
Julho de 1919	São João de Araririnha	Giro de Propaganda ¹⁸⁹
Outubro de 1919	São Paulo	Propaganda do Jornal Germinal! ¹⁹⁰

¹⁷⁶ *O Estado de São Paulo*, n. 12.204, 15 de julho de 1912.

¹⁷⁷ *La Barricata*, n. 368, outubro de 1912.

¹⁷⁸ *La Barricata*, n. 368, outubro de 1912.

¹⁷⁹ *Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915.

¹⁸⁰ *Guerra Sociale*, n. 09, 04 de dezembro de 1915.

¹⁸¹ *Guerra Sociale*, n. 12, 08 de janeiro de 1916.

¹⁸² *A Lanterna*, n. 288, 15 de abril de 1916.

¹⁸³ *Guerra Sociale*, n. 07, 29 de abril de 1916.

¹⁸⁴ *A Lanterna*, n. 290, 22 de julho de 1916.

¹⁸⁵ *Guerra Sociale*, n. 52, 23 de junho de 1917.

¹⁸⁶ *Alba Rossa*, n.1, 26 de janeiro de 1919.

¹⁸⁷ *O Combate*, 17 de março de 1919.

¹⁸⁸ *Germinal!*, n. 13, 12 de julho de 1919.

¹⁸⁹ *Germinal!*, n. 13, 12 de julho de 1919.

¹⁹⁰ *Germinal!*, n. 12, 12 de julho de 1919.

Após 1921, as informações sobre os passos praticamente somem.

Dezembro de 1944

São Paulo

Recadastramento de
Estrangeiro¹⁹¹

Fonte: informações retiradas a partir das edições dos jornais mencionados em nota de rodapé. Elaboração do autor

Para a viabilização de todo esse deslocamento, Bandoni se valia da extensa malha ferroviária construída para o escoamento da produção cafeeira. Deste modo, lhe foi comum a utilização dos ramais que cortavam o Estado até as regiões Norte e Noroeste, áreas com forte predomínio do povoamento europeu (HOLLOWAY, 1984, p. 43).

Mapa 04 – Traçado da Estrada de Ferro no Estado de São Paulo no início do Século XX



Fonte: Mapa disponível no portal – http://www.estacoesferroviarias.com.br/por_ramal/index_spm.htm . Consultado em: 21 out 2016

Além da intensa atuação enquanto conferencista e professor entre os anos 1911 e 1921, a sua ação anárquica também foi marcada pela grande produção tipográfica, cujo objetivo maior era a propaganda libertária. Em momento oportuno (no Capítulo 03), faremos

¹⁹¹ ANRJ. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. *Recadastramento de Estrangeiros*, São Paulo, 14-12-1944.

uma detalhada análise de todos esses periódicos ressaltando a posição teórica de cada um deles, bem como a apreciação dos artigos produzidos por Angelo Bandoni, fazendo a devida contextualização quando necessária. Por ora, cabe apresentar, panoramicamente, a sua ação enquanto articulista, especificamente após a dissolução do grupo editorial *La Battaglia*. Assim, quando este periódico chegou a seus momentos finais em 1912, o jornal passou a ser editado sob outro nome – *La Barricata*, o qual teve sobrevida até outubro de 1913. Bandoni também participou como articulista em algumas edições.

Em julho de 1913, faz presença no periódico organizado pelo anarquista Alessandro Cerchiai, *La Propaganda Libertaria*. Dois anos depois, em 1915, Bandoni com seus velhos companheiros de luta organizam o periódico *Guerra Sociale*, que ousaria fazer às vezes do *La Battaglia* de Ristori e foi diretor-responsável até a edição de n. 16, quando Gigi Damiani assume a direção. Este jornal durou até o ano de 1917 e teve papel crucial na organização da greve geral de São Paulo em 1917. No ano de 1919, editou o jornal *Alba Rossa*, contribuindo até a edição de n. 11. O jornal teve breve duração, intercalada por sucessivas interrupções, encerrando as suas atividades definitivamente em 1934. Bandoni havia deixado o *Alba Rossa* em 1919 para dar prosseguimento ao seu antigo periódico – o *Germinal!*, que encerra no mesmo ano. Seu último escrito que se tem conhecimento é o terceiro opúsculo intitulado, *La Fatalità Storica della Rivoluzione Sociale*, publicado em 1921¹⁹². Sob outra perspectiva, a sua ação propagandística poderia ser assim representada:

¹⁹² BANDONI, Angelo. *La fatalità storica della Rivoluzione sociale*, São Paulo, 1921.

Quadro 03 – Publicações tipográficas de Angelo Bandoni

Ação propagandística de Angelo Bandoni				
	Como Redator e Diretor	Apenas como articulista	Apenas como noticiado	Opúsculo
1900-1911	Germinal	Palestra social	Amigo do Povo	La protesta Umana
		La Battaglia		I Martiri di Chicago
1912-1916	Guerra Sociale	La Battaglia - La Barricata	A Lanterna	-
		L'azione Anarchica	Correio Paulistano	
		La Propaganda Libertaria	Estadão	
1917-1921	Alba Rossa	-	O Combate	La Fatalità Storica della Revoluzione Sociale
	Germinal!			

Fonte: Elaboração do autor

1.2.8 – A Greve de 1917 e a Repressão policial contra o anarquismo a partir da década de 1920

O período entre 1915 a 1919 foi de intensa atividade para o movimento operário, uma vez que a Revolução Russa de 1917 adicionou aos debates sindicais uma dose acessória de entusiasmo e, com manifestações públicas de apoio ao processo russo, “os sindicalistas revolucionários interferiram ainda mais na cena pública das principais cidades do país”. Somado a isso, a conjuntura de guerra mundial (1914-1918) e um certo aquecimento do setor industrial, “colaboraram para que as manifestações dos operários assumissem caráter, por vezes, insurrecional” (SAMIS, 2004, p. 138).

Entre os anarquistas italianos de São Paulo, a guerra mundial que eclodiu em agosto de 1914 não foi uma preocupação central entre aqueles que escreviam no então jornal *La Propaganda Libertaria*, que acabou absorvendo e sendo porta-voz dos militantes oriundos do periódico *La Battaglia* quando este chegou ao fim em setembro de 1912. A atitude desses anarquistas apenas viria a mudar quando a Itália entrou na guerra, em maio de 1915. Exatamente dentro desse contexto que, em setembro do mesmo ano, foi organizado por

Angelo Bandoni um novo periódico denominado *Guerra Sociale*, cujo foco principal, em um primeiro momento, seria quase exclusivamente a guerra¹⁹³.

Os escritores que atuavam no *Guerra Sociale* eram quase todos italianos, exceto o espanhol Florentino de Carvalho, cuja cooperação no jornal foi frequente e de grande importância. Como já mencionado, o periódico foi dirigido inicialmente por Angelo Bandoni, e, em um segundo momento, como já tinha acontecido com o *La Battaglia* e o *La Propaganda Libertaria*, Gigi Damiani assume a sua gestão¹⁹⁴. Com desabrochar dos anos, todavia, o periódico passou a acompanhar mais de perto as notícias da vida social do operariado paulistano deixando as notícias internacionais em um segundo plano. Isso foi claro a partir dos meses de maio e junho de 1917, quando a tensão em São Paulo aumentou em razão do contexto de emergência de greves por toda a cidade (FELICI, 1994b, p. 206).

Mas voltando ao contexto do ano de 1917, além da ampliação da realização de Congressos e do aumento na formação de Federações, esse período também foi marcado por greves recorrentes. Somente entre os anos de 1917 a 1920, no Rio de Janeiro e em São Paulo, mais de duzentas greves foram deflagradas pelo operariado.

Deste modo, outro evento marcante em 1917 foi a deflagração de uma grande greve na cidade de São Paulo. A “Greve Geral de 1917”, como ficou conhecida, contou com participação direta dos anarquistas à frente de diversas associações de classe, sobretudo reunidos em torno dos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe*¹⁹⁵, que agregados ainda aos socialistas que gravitavam no jornal *Avanti!* decidem compor o CDP (Comitê de Defesa Proletária) no intuito de melhor organizar os grevistas e intermediar as negociações (LOPREATO, 2000, p. 26). Nesta ocasião, a carestia havia semeado uma profunda revolta entre os operários, inflamando, de certa forma, os espíritos dos trabalhadores contra o governo. A segunda metade de 1917 marcou o fim da crença dos operários nas promessas feitas por políticos e empresários. Assim, o custo de vida, associado aos baixos rendimentos salariais, oportunizou uma mistura de revolta e êxtase revolucionários (SAMIS, 2004, p. 141). A greve terminou com alguns avanços para a classe operária paulistana. Neste sentido, a

¹⁹³ *Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, “Per Guerra Sociale”.

¹⁹⁴ DAMIANI, Gigi, “Dichiarazione”, *Guerra Sociale*, n. 23, 20 de julho de 1916.

¹⁹⁵ Em 1917, Leuenroth passou a editar o periódico *A Plebe*, tornando-se um importante veículo de comunicação do movimento anarcossindicalista de São Paulo, afirmando ser a continuação do periódico *A Lanterna* em 1916. Durante todo o período de sua existência, posicionava-se como um jornal dedicado à luta dos trabalhadores contra a opressão e a miséria, assumindo o papel de instrumento de luta do movimento grevista. Edgard Leuenroth, no ciclo greves em 1917 foi preso sobre o argumento de incitar os operários. Em 1918 foi solto e *A Plebe* volta a circular em 1919 (KHOURY, 1997, p. 13).

implantação, em algumas fábricas, das 8 horas de jornada e aumentos salariais, foram, sem dúvidas, as maiores vitórias do movimento¹⁹⁶.

Em janeiro de 1921, em razão da grande onda de greves gerais nas maiores capitais do país (1917 e 1919), foi editado o decreto n.º 4.247 (LOPREATO, 2003, p. 75-91), que visava regulamentar a entrada de estrangeiros no território nacional. É quase uníssono entre a historiografia que essa medida se restringiu aos estrangeiros residentes no país de uma forma geral, não sendo a intenção do legislador afetar exclusivamente o operariado militante do anarquismo (SAMIS, 2002; LEAL, 2006 e BONFÁ, 2008).

A propaganda anarquista viria a sofrer seu golpe legal mais direto em 17 de janeiro de 1921, com a edição da lei de n.º 4.269 que objetivava a criminalização da prática do anarquismo, cujo conteúdo era muito semelhante às leis e decretos promulgados na década de 1890 na Europa visando reprimir os atentados e agitações anarquistas, principalmente no que diz respeito ao uso de explosivos e dinamites e ao controle da imprensa. Mas, no caso da lei brasileira o legislador procurou, no entanto, restringir principalmente a propaganda subversiva “por escrito ou por qualquer outro meio de publicidade, ou verbalmente” que incitasse à prática de crimes “tais como dano, depredação, incêndio, homicídio, com o fim de subverter a ordem social” (LEAL, 2006, p. 289).

1.2.9 – Última parada: a *Quarta parada*

Apesar dos avanços da classe operária, os últimos acontecimentos grevistas, principalmente a partir do ano de 1919, despertaram no governo republicano a necessidade de controlar as entidades de classe, sobretudo na sistematização da repressão para com os subversivos¹⁹⁷.

¹⁹⁶ No Rio, a Federação Operária do Rio de Janeiro foi fechada pela polícia em agosto de 1917. Em seu lugar surgiria a União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (UGT). Segundo Alexandre Samis, essa União era “uma tentativa clara de reagrupamento de sindicatos de resistência” e que contou com a adesão imediata de 13 entidades classistas. No dia 18 de novembro de 1918 ocorreu um movimento que ficou conhecido como a *Insurreição anarquista*, onde diversas fábricas do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé, deflagraram uma greve. No mesmo dia, à tarde, o Campo de São Cristóvão estava tomado por centenas de trabalhadores. A pretensão dos anarquistas era a ocupação de prédios do governo e o estabelecimento de um soviete no Rio de Janeiro, que se faria em articulação com a greve. Entretanto, por força da infiltração de um tenente do exército, em colaboração com a polícia, que denunciou militantes e forneceu os seus planos ao governo, a investida não obteve êxito. Novamente, a repressão atingiu os anarquistas numa tentativa de desarticular o movimento (SAMIS, 2004, p. 144 e ADDOR, 1986).

¹⁹⁷ Entre outras medidas, destacam-se a constante instauração do Estado de Sítio pelo Chefe do Executivo Federal (o período mais extenso durou de 1924 a 1927), uma maior restrição na entrada de estrangeiros “nocivos

A partir de 1922, por exemplo, com a posse do Presidente Arthur Bernardes, foi criada a 4ª. Delegacia Auxiliar que significou atingiu o auge da ação repressiva do Estado. Segundo Carlo Romani, a partir da criação desta Delegacia, iniciou-se “(...) a prática política de infiltração de agentes policiais dentro dos sindicatos e associações operárias” (2011, p. 171). Com se não bastasse, outra medida utilizada pelo governo foi a deportação de indesejáveis para a colônia agrícola em Clevelândia¹⁹⁸, no Estado do Amapá.

Na década de 1920, o jovem Bandoni de um passado remoto atingia agora meio século de vida e dois decênios de permanência no Brasil. Aquela década, como dito, foi uma época espinhosa para a classe proletária organizada no país. Após parte de o operariado nacional experimentar uma efervescência com as greves de 1917 e 1918, a repressão policial juntamente com uma onda de expulsão de estrangeiros¹⁹⁹ atingiu em cheio os libertários.

Em seu continente de origem, as coisas não iam nada bem. O fim da Primeira Guerra Mundial havia deixado um espólio terrível de inúmeras baixas, instabilidades políticas e econômicas que contribuíram para o aumento de uma massa proletária ainda mais carente. Para acrescentar, a Revolução bolchevique de 1917 despertou um horizonte de possibilidade de mudança da ordem social. Especialmente no caso italiano, após os anos do *Biennio Rosso*²⁰⁰, uma onda reacionária ganhava intensidade com o objetivo de frear a possibilidade de uma revolução social na península itálica. Assumindo a dianteira desse conservadorismo político, emergem os *fasci di combattimento*, germe do Fascismo propriamente dito, comandados por seu líder Benito Mussolini²⁰¹.

à ordem pública”, e a sumária expulsão dos estrangeiros residentes no país sob a suspeita de envolvimento em prática “subversiva”.

¹⁹⁸ “Para a Clevelândia, região fronteira à Guiana Francesa, no extremo Norte, junto ao rio Oiapoque, foram enviados operários anarquistas, trabalhadores desempregados, meninos de rua, presos comuns e soldados rebeldes. Tal acontecimento, uma verdadeira tragédia, só conhecida pelo público após o fim do estado de sítio e de censura a imprensa, no início de 1927, envolveu quase mil pessoas. Desse número, mais de 50% não retornou ao lar após o governo de Bernardes, ficaram sepultados, vitimados por doenças e pelo abandono” (SAMIS, 2004, p. 171).

¹⁹⁹ Em janeiro de 1921, em razão da grande onda de greves gerais nas maiores capitais do país (1917 e 1919), foi editado o decreto n.º 4.247, que visava regulamentar a entrada e permanência de estrangeiros no território nacional. A permanência poderia ser obstada por meio da expulsão o qual já vinha acontecendo desde 1907 com a primeira Lei Adolpho Gordo (Lei de expulsão de estrangeiros considerados subversivos).

²⁰⁰ O *Biennio Rosso* (1919-1920) foi caracterizado por uma intensa agitação por parte da classe trabalhadora italiana, que promoveu uma série de greves, culminando com as famosas greves com ocupação de fábrica e controle da produção (LEVY, 1999, p. 119).

²⁰¹ *Fasci di combattimento* foi um movimento que surgiu em 23 de março de 1919, em Milão, sob o comando de Benito Mussolini, e que posteriormente foram crescendo em número em algumas regiões da Itália. Os primeiros *fasci* eram formados, em sua maioria, de antigos membros dos *Fasci d'azione rivoluzionaria*, de intervencionistas de esquerdas, anarquistas sindicalistas e republicanos, e também composto por *arditi* desmobilizados (tropas de assalto de elite do exército italiano na Primeira Guerra Mundial). Tal movimento tem

Seja no plano internacional ou no Brasil, a resistência a esse conservadorismo autoritário não era um mero capricho, mas sim uma necessidade. O dever chamava o velho anarquista. Como um último suspiro, Bandoni no ano de 1919, junto a outros velhos companheiros, funda o grupo editorial do jornal *Alba Rossa* e renova os laços com a Anarquia²⁰², que nesse momento cambaleava enfraquecida e perdera alguns dos seus maiores militantes²⁰³.

O *Alba Rossa* foi um jornal anarquista com diversas propostas, mas sobretudo com a pretensão de informar os trabalhadores italianos no Brasil acerca dos movimentos revolucionários no mundo e especialmente na Itália. Atingiu também a primazia²⁰⁴ na luta de resistência ao fascismo (nas edições publicadas a partir 1920), todavia, este embate assumiu uma pretensão secundária nas páginas do periódico. Além disso, Bandoni permaneceu pouco tempo no grupo editorial, deixando a posição para organizar, em abril de 1919, um novo jornal – *Germinale!* – que duraria até outubro daquele mesmo ano.

Os últimos momentos da vida de Bandoni não são precisos. Os seus artigos vão pouco a pouco desaparecendo das páginas da imprensa anarquista remanescente. As suas pegadas somem, mas alguns de seus rastros ainda são encontrados até meados da década de 1940. Permanece morando no mesmo bairro (Bom Retiro) com a sua esposa²⁰⁵. Talvez, já cansado, o velho professor tenha decidido que era hora de pendurar as chuteiras e retirar o time de campo.

Os anos 1940 no Brasil foram exigentes com os libertários. Encontravam-se espremidos; de um lado o trabalhismo varguista e a repressão do Estado Novo; do outro, o comunismo ganhava terreno entre a classe proletária. Diante desta realidade, certamente a sua trajetória e seus escritos à época não foram reconhecidos por seus pares e acabaram caindo no esquecimento.

sido considerado o embrião do fascismo propriamente dito. Teve vida curta (1920), mas acarretou na criação do PNF – Partido Nacional Fascista em 1921, também por Mussolini (PARIS, 1993, p. 65).

²⁰² *Alba Rossa*, ano I, n.1, 26 de janeiro de 1919, “Os nossos propósitos”.

²⁰³ Principalmente a partir do ano de 1919, despertaram no governo brasileiro (presidente Epitácio Pessoa) a necessidade de controlar as entidades de classe, sobretudo na sistematização da repressão para com os subversivos. Em razão de uma série de expulsões de estrangeiros, especialmente aqueles adeptos ao anarquismo. Além disso, registra-se uma extrema repressão policial (SAMIS, 2004 p. 144).

²⁰⁴ Nessa esteira, já em 1919, periódicos de esquerda que circulavam entre a comunidade italiana (como foi o caso do periódico anarquista *Alba Rossa*) começaram a publicar escritos contra o fascismo. Outra manifestação, de certa forma mais direta, de um antifascismo italiano em São Paulo foi a partir de fundação do jornal *La Difesa* (1923), sob a coordenação de um socialista reformista Antonio Piccarolo (BERTONHA, 1999b, p. 56-57).

²⁰⁵ Arquivo Nacional. Serviços de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras dos estados. *Recadastramento de Estrangeiros*, São Paulo, 14-12-1944.

O corpo gasto pela ação do tempo e a mente em descompasso anunciavam o auge de sua velhice aos 78 anos, o que impossibilitava a sua ação de propagandista. Bandoni morreu praticamente demente, sendo sepultado no dia 08 de janeiro de 1947 no cemitério da Quarta Parada, por tanto a sua “última parada”, deixando dois filhos e a sua esposa e para trás uma verdadeira vida repleta de utopias e aventuras²⁰⁶. Mesmo tendo produzido imensamente, e militado com afinco, deixou o mundo sob a sombra do esquecimento, não sendo lembrado nem mesmo pelos anarquistas organizados que sobraram no auge da Era Vargas.

Curiosamente Bandoni esteve por trás, seja como diretor ou principal redator, dos jornais anarquistas mais importantes de São Paulo (talvez do Brasil), mas por seu gênio indomável sempre dado a embates, tendeu a ser jogado à margem, inclusive pela historiografia nacional e especialistas de plantão que o vão rechaçando por suas críticas, sobretudo às organizações sindicais²⁰⁷.

²⁰⁶ RCPN 6ª Subdistrito da Capital. Certidão de óbito. Oficial: Virgílio Maurício de Mattos Barroso Filho. São Paulo, SP, Brás, 08 de janeiro de 1947. folha 050, livro 0003, n.0000533.

²⁰⁷ Justiça seja feita a alguns trabalhos recentes, citados neste trabalho, que se dedicaram em ressaltar a atuação de Bandoni.

Capítulo 2 – “O professor”, o poeta e o Conferencista

As práticas libertárias de Angelo Bandoni, como tivemos oportunidade de ressaltar, não se restringiram apenas à produção tipográfica. Mas, em igual medida, tais práticas desenvolveram-se tanto no campo da pedagogia e na realização de conferências, quanto na confecção de poesias. Tendo em vista essa questão, neste capítulo trataremos destes três ramos de suas ações anárquicas, ressaltando as peculiaridades, os embates enfrentados com outros militantes e a importância que tiveram no processo de propaganda anarquista entre o proletariado.

2.1 - A educação libertária como “nova tendência revolucionária”

“Trabalhadores, estudem! Não deixem crescer os vossos filhos na ignorância”.

Angelo Bandoni²⁰⁸

Mesmo antes do movimento anarquista se firmar enquanto corrente político-filosófica da maneira como a compreendemos hoje, utilizando inclusive essa nomenclatura, as diversas experiências libertárias existentes, bem como seus pensadores, via de regra, tentaram formular um modelo teórico visando uma proposta educacional (PASSETI; AUGUSTO, 2008, p. 31).

Nesse sentido, concordamos com Francesco Codello quando afirma que os ideais libertários são *ahistóricos* (2007, p. 15), isto é, não se fizeram presentes e aprisionados a partir de um determinado contexto histórico²⁰⁹, como se houvesse um “mito fundador” (BERTHIER, 2014). Do mesmo modo, também concordamos que nessas perspectivas educacionais as práticas pedagógicas, sobretudo posteriormente à consolidação do anarquismo na segunda metade do oitocentos, assumiriam extrema importância no processo da tão almejada emancipação social do operariado (GALLO, 2007, p. 36).

Tais concepções educacionais libertárias, portanto, que foram melhores desenvolvidas após a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864), espalharam-se por distintas partes

²⁰⁸ “Lavoratori, studiate! Non lasciate crescere vostri figli nell’ignoranza” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “L’emancipazione dei lavoratori”).

²⁰⁹ Refiro-me a divergência existente entre aqueles que defendem o surgimento do anarquismo em experiências pre-proudhoniana, ou a partir de Proudhon, ou, finalmente, após a expulsão, em 1872, de Bakunin, de seus seguidores, e de outros antiautoritários, da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) por Marx, no Congresso de La Haye.

da Europa ao longo da segunda metade do século XIX, através do anarquismo presente no bojo de inúmeros movimentos de trabalhadores. Esse foi o caso, por exemplo, da experiência italiana. Errico Malatesta²¹⁰, personagem crucial na formação de uma seção internacionalista na península itálica e grande propagador do ideal anárquico principalmente após o contato que manteve com Bakunin (PERNICONE, 2009), foi, de certa forma, um grande defensor da necessidade de um modelo educacional distinto capaz de “educar para a liberdade, de elevar a consciência de sua própria força e de sua capacidade dos homens que estão habituados à obediência e à passividade” (MALATESTA, 2007, p. 170-172).

Quando o anarquismo chegou ao Brasil, que especificamente no Estado de São Paulo se deu em razão da imigração italiana no fim do século XIX, a defesa pela prática de uma pedagogia libertária também passou a ser defendida por alguns militantes, que se envolveram na organização de inúmeras escolas sob tais perspectivas.

Desse modo, no início do século XX, quando uma segunda onda de imigrantes saiu da Itália com destino ao porto de Santos, alguns dos estrangeiros que lá desembarcaram e que já possuíam o contato com o anarquismo fora do país, tornaram-se responsáveis pela formação de algumas dessas escolas, que foram, inclusive, pioneiras no Brasil. Caso exemplar foi Angelo Bandoni, que desde o momento em que aportou em terras americanas, esteve envolvido na execução da prática pedagógica sob o viés libertário. Além de ser reconhecido pela organização de uma das primeiras escolas, e de ressaltar o papel da educação no processo revolucionário, as suas experiências se destacam, como veremos, em razão do uso de um método de ensino distinto das proposições defendidas pelo catalão Francisco Ferrer (racionalismo), fato que, aliás, contribuiu para que Bandoni fosse alvo de inúmeras críticas.

Tendo em vista o anseio de Angelo Bandoni por fundar escolas atravessadas pelas ideias anarquistas destinadas a instrução dos filhos dos trabalhadores pertencentes à comunidade italiana em São Paulo, e em razão de sua dedicação ao magistério ao longo dos 40 anos em que viveu no país, mesmo não possuindo uma instrução formal acadêmica que o permitisse lecionar, é que as suas propostas escolares merecem ser ressaltadas.

As práticas pedagógicas do “professor”

²¹⁰ Assim como Carlo Cafiero e Andre Costa, ver PERNICONE, 2009.

Chamado por companheiros desta próspera localidade para dirigir a Escola Francesco Ferrer não desertei, sem demasiado arrependimento, ao improbo trabalho na Serra Brumosa. O trem me transportava veloz, atravessou a planície [...] e zonas cafeeiras, (...), a não breve, distância de cerca de 500 km, enquanto o pensamento, mais veloz do que o trem, percorria inquieto para o destino desconhecido, perdendo-se na mais problemática dos reconhecimentos. O meu coração exultava. Aos meus filhos, que me perguntavam ansiosos: ‘onde estamos, pai? é bonito Candido Rodrigues?’ respondia: não sei, meus caros... Mas, lá, nos esperam os irmãos gentis; lá, uma quantidade de meninos, como vocês, serão a mim confiadas e eu terei a imensa satisfação de ensinar a esses e vocês, a distinguir o bem do mal e a verdade do engano²¹¹.

O relato, com um leve toque poético, uma característica sempre peculiar de seus textos, faz parte de um artigo publicado por Angelo Bandoni no periódico *La Battaglia* em setembro de 1911. Na ocasião, escrevia dando notícias sobre a sua nova empreitada que consistia na fundação de uma escola libertária no município de Cândido Rodrigues, cidade pertencente ao Estado de São Paulo e localizada aproximadamente a 400 quilômetros da capital.

À época, Cândido Rodrigues era uma cidade cujo perímetro estava cercado por fazendas dedicadas ao cultivo do café e que, por esta razão, recebeu intenso contingente de colonos imigrantes, principalmente de origem italiana, destinados ao trabalho nas lavouras. Bandoni já conhecia a região de longas datas, isso é, do período em que realizou diversos giros de conferências e de propaganda anarquista pelo interior de São Paulo, servindo-se sempre da malha ferroviária para o seu deslocamento. Só que dessa vez o seu objetivo era outro.

De acordo com o próprio Bandoni, a tarefa tinha tudo para dar errado, tamanha eram as expectativas negativas das situações adversas que poderiam ser encontradas. Entretanto, os colonos estabelecidos naquela localidade conseguiram “tirar uma riqueza econômica” do trabalho que realizavam, tornando-se, uma boa parte, “pequenos proprietários”, pequenos agricultores, na verdade, fato que possibilitou uma qualidade de sobrevivência acima do

²¹¹ “Chiamato – come v’è noto – dai compagni di questa fiorente località per dirigere la *Scuola Francesco Ferrer* disertai, senza troppo rimpianto, l’improbo lavoro nella Serra Brumosa. Il treno mi trasportava veloce, attraverso pianure selvose e zone cafeeife, per cuoprire nel giorno, la non breve, distanza di circa 500 km, mentre il pensiero, più veloce del treno, precorreva irrequieto alla meta sconosciuta, perdendosi nella più problematica delle ricognizioni. Il mio cuore exultava. A’ miei bambini, che mi chiedevano ansiosi: ‘dove andiamo, babbo? É bello *Candido Rodrigues*?’ rispondevo: non so, cari miei... Ma, là, ci attendono dei fratelli premurosi; là, uno stuolo di bimbi, come voi, mi saranno affidati ed io avrò l’immena soddsfazione d’insegnare ad essi ed a voi, a distinguere il bene dal male e la verità dall’inganno” (*La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Un’eccezione alla Regola?...”).

esperado. Além disso, as famílias buscavam um melhoramento de vida e também almejavam conceder uma educação formal a seus filhos²¹².

Por tais razões, Bandoni julgou a cidade como sendo uma “exceção à regra”. Tanto assim, que foi em Cândido Rodrigues que conseguiu organizar a sua terceira experiência pedagógica, a mais bem sucedida de todas desde que chegou ao Brasil. Fundou ali, portanto, “a Escola Moderna Francisco Ferrer”, como lhe foi designada, tendo sido considerada por ele como uma “propriedade inalienável, aberta indistintamente a todos os filhos do povo”, onde “o ensinamento é certamente libertário, (...), isto é isento de superficialidade e mentiras”²¹³.

A educação para Bandoni era, se não o único, talvez o mais importante caminho para o anarquismo. Em sua opinião, a emancipação dos trabalhadores apenas seria possível por meio do processo educacional, onde a partir dele “a classe trabalhadora saberia separar-se da massa”, e de sua inércia. Nesse sentido, a escola libertária assumiria a sua nova e verdadeira finalidade, qual seja: a “TENDÊNCIA REVOLUCIONÁRIA”. Em razão disso, defendia sempre que possível a instrução do proletariado, e de seus filhos, com a finalidade de, acima de tudo, garantir a sua participação social²¹⁴:

(...)

A instrução, (...), é, não unicamente útil, mas necessária por todos aqueles que têm o legítimo desejo de ser, na sociedade, em que vivem, qualquer coisa a mais do que estômagos ambulantes. E nós devemos sempre considerar o estudo, como uma fonte inexaurível de novos conceitos e de legítima satisfação. Tanto mais que – se o estudo é bom e profícuo por render mais estima e melhora – isso se impõe, incontestavelmente como legítima defesa.

(...)

Trabalhadores estudem! Faça estudar os vossos filhos, proponham indefesamente pelo triunfo da Escola Moderna.²¹⁵

²¹² *La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Un’eccezione alla Regola?...”.

²¹³ *La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Un’eccezione alla Regola?...”.

²¹⁴ “Gli anarchici conoscono la massa: essi hanno sempre capito che non è possibile irreggimentare a partito delle conscienze indipendenti. Ed é cosé che – convinti d’aver sempre fatto opera, meritoria e proficua, di emancipazione intellettuale – salutano oggi i prodromi della NUOVA TENDENZA RIVOLUZIONARIA: *la Scuola Moderna di Ferrer, la Arte Naturale di Duncan e l’Internazionale del Pensiero*, che, nella storia delle vicende umane, non mancherà di sorivere delle pagine immortali” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “L’emancipazione dei lavoratori”).

²¹⁵ “L’istruzione, quindi, é, non soltanto utile, ma necessaria per tutti coloro che hanno il legittimo desiderio di assere, nella società, in cui vivono, qualcosa di più che degli stomache ambulanti. E noi dobbiamo considerar sempre lo studio, come un fomite inesauribile di concetti nuovi e di legittime soddiafazione. Tanto più che – se lo studio è buono e profícuo per renderci più stimati e migliori – esso s’impone, incontestabilmente come necessità di legittima difesa” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “L’emancipazione dei lavoratori”).

A escola organizada em Cândido Rodrigues, como dito, não foi a primeira experiência pedagógica de Angelo Bandoni no Brasil. Aliás, o seu capital cultural no campo da pedagogia vai sendo aperfeiçoado com o decorrer do tempo de estadia no país, ganhando reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana da qual fazia parte. Deste modo, Bandoni passou a ser reconhecido pela alcunha: o *professor*²¹⁶, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino. A prática de lecionar foi sendo adquirida no cotidiano e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras, tendo o seu contato preliminar acontecido ainda no estrangeiro.

Logo nos primeiros anos vivendo no Brasil, o *professor* desenvolveu duas experiências de escolas influenciadas pelas concepções libertárias. Foi no então bairro em que residia – Bom Retiro – que fundou (1902) a *Escola Libertária Germinal*. A notícia reverberou na imprensa anarquista, que passou a noticiar, em forma de propaganda, informações sobre a referida escola. A publicação, constante no periódico *Amigo do Povo* de janeiro de 1904, revela alguns detalhes de seu funcionamento, custo e a localização:

Há 15 meses que funciona com êxito verdadeiramente surpreendente no Bairro do Bom Retiro (Rua Solon, 138) uma escola elementar racionalista, para ambos os sexos. A praticabilidade e a rapidez dos métodos aplicados nesta escola souberam despertar tantos interesses e tantas simpatias que, hoje, um bom núcleo sempre crescente de homens de boa vontade assegura-lhe o material escolar para distribuir, gratuitamente, todo o ano, aos alunos e - com uma cota mensal de 500 réis a título de incitamento - permite reduzir o pagamento mensal de cada criança a 2\$500 réis. Quem duvide da superioridade do ensino libertário sobre quaisquer outros métodos, é convidado a visitar a nossa escola, das 9 horas ao meio-dia e da 1 às 3 da tarde. Trabalhadores: Pensai no futuro de vossos filhos.²¹⁷

Apesar de um sucesso efêmero, a *Escola Libertária Germinal* só funcionou até junho de 1905, quando foi obrigada a interromper suas atividades, pois não conseguiu mais se sustentar financeiramente. O então editor do periódico *La Battaglia*, Oreste Ristori, grande amigo e companheiro de militância de Bandoni, ressaltou em uma nota publicada no jornal que a escola “tem dado resultado surpreendente”, porém a carência de recursos era insuficiente até mesmo para que o professor se dedicasse com exclusividade ao magistério, de

²¹⁶ Ver também: *O Combate*, 17 de março de 1919, onde um pequeno trecho anunciando uma conferência a ser proferida “pelo professor Angelo Bandoni”.

²¹⁷ *O Amigo do Povo*, n. 63, de 26 de janeiro de 1904.

modo que se “os companheiros que se empenharam neste propósito não doar nem apenas um décimo do comprometido, (...) naturalmente a escola ameaça naufragar”²¹⁸.

Contudo, Bandoni não desistiria tão fácil. Dois anos depois deu continuidade ao seu projeto inicial. Seguindo os mesmos moldes da experiência anterior, em setembro de 1907, pôs em funcionamento a segunda fase da *Escola Libertária Germinal*. Novamente a inauguração ganhou as páginas da imprensa anarquista:

Estamos, de verdade, honrados de poder anunciar, que por plausível iniciativa de um grupo de voluntários – virá reaberta no rincão do Bom Retiro, A ESCOLA LIBERTÁRIA GERMINAL. Os iniciadores estão organizando uma quermesse libertária para fazer frente às despesas de implantação.²¹⁹

O objetivo das escolas adeptas às concepções libertárias era ocupar um espaço onde o poder público ainda não atuava, já que a educação pública, nos primeiros anos da república, resumia-se a algumas “escolas existentes nas áreas burguesas da cidade que dificilmente conseguiam ser frequentadas pelos filhos dos operários” (ROMANI, 2002, p. 179). Agindo em outra zona ociosa da ação Estatal, a Igreja oferecia o seu ensino clerical pago para a parcela restante da burguesia (CODELLO, 2007, p. 232).

Diante da escassez de oportunidades, restava ao filho do operário tentar uma “remotíssima vaga na escola oficial ou pagar caro pelo ensino religioso” (ROMANI, 2002, p. 177). A realidade é que a maioria dos filhos do proletariado não frequentava a sala de aula. Assim, o ambiente era propício para o desenvolvimento de uma educação de base popular de tendência libertária, buscando garantir um mínimo de educação aos filhos do operariado e fazer frente às realidades sociais (MORAES, 2010, p. 09).

Como podemos observar, não se tratou de um modelo educacional tradicional. Reinava entre o proletariado adepto dos ideais libertários a educação racional. Este modelo por sua vez representou um ensino de caráter científico, empírico, onde os anarquistas “concebiam a escola como uma comunidade que deveria estar organizada segundo os valores fundamentais de uma sociedade libertária” (GALLO, 2012, p. 10). Ou seja, igualdade, liberdade, solidariedade, anticlericalismo e antiestatismo deveriam ser os pilares da comunidade escolar. Além disso, tais escolas caminharam na vanguarda e inovaram ao

²¹⁸ “Ora dei compagni che s’impegarono per questo scopo solo una diecina adempioso al loro impegno, e naturalmente la scuola minaccia di naufragare” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 04, “Un grido di allarme”).

²¹⁹ *La Battaglia*, n. 137, de 15 de setembro de 1907.

implementarem modelos de ensino que possibilitavam o convívio de crianças de sexos diferentes na mesma sala de aula.

A proposta mais importante das escolas libertárias era promover um tipo de ensino onde não servisse de modelo propagador de um controle social por determinadas instituições, como por exemplo os hospitais, as penitenciárias e as escolas (militar, a religiosa ou a proposta pelo Estado), como muito bem salientou Michel Foucault (1983).

De todo modo, até que o modelo do famoso catalão Francisco Ferrer, com sua escola moderna e seu método racionalista, entrasse em voga entre os anarquistas no Brasil, as primeiras experiências buscaram constituir escolas com métodos e concepções que possuíssem um programa de ensino libertário próprio. Esse foi o caso de Angelo Bandoni em sua *Escola Germinal*, uma vez que aplicou uma metodologia de ensino denominada *mnemológico-resolutivo*²²⁰, tendo sofrido, por essa razão, críticas contundentes de seus companheiros. A pedagogia da escola moderna de Ferrer, possuidora de uma maior qualidade, sobretudo do ponto de vista técnico, foi açambarcando todas as outras organizações escolares que vinham sendo desenvolvidas entre os libertários.

Essa clivagem entre o melhor modelo educacional a ser adotado possuiu maior ênfase no Brasil a partir de 1909, com o fuzilamento de Francisco Ferrer na Espanha, provocando intensa reação e mobilização entre os anarquistas. No calor dos embates “formou-se a Comissão Pró-Escola Moderna, que, entre 1909 e 1912, procurou criar as condições necessárias ao desenvolvimento do ensino libertário em São Paulo” (MORAES; CALSAVARA; MARTINS, 2012, p. 1001) tendo como paradigma o racionalismo ferreriano. Além disso, a intenção dos militantes era a de afastar impostores que se diziam professores, e que iniciavam campanhas entre os trabalhadores solicitando doações visando à organização de escolas, mas que desapareciam sem deixar paradeiro²²¹.

As propostas educacionais agregaram militantes como Orestes Ristori, Gigi Damiani, Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, Edgard Leuenroth, Octavio Brandão, João Penteado, José Oiticica, Rodolpho Felipe e Zeferino Oliva, Leão Aymoré, entre outros, resultando na composição de “um grupo heterogêneo de sindicalistas, antiorganizadores e comunistas, que decidem somar seus próprios esforços a outros companheiros não declaradamente anarquistas” (ROMANI, 2017, p. 68). Como resultado, nesta década

²²⁰ Falaremos em maior detalhe sobre o referido método, porém, *a grosso modo*, consistia basicamente em um aprendizado por meio da memorização de uma série de definições de distintos temas, assuntos e disciplinas. Ver: *La Barricata*, n. 375, 31 de Outubro de 1912, p. 02, “Ancora del metodo mnemologico-risolutivo”.

²²¹ *La Battaglia*, n. 265, 10 de julho de 1910, p. 04 e edições seguintes.

vivenciou-se uma “certa profissionalização da atividade pedagógica libertária” baseada na concepção racionalista de Ferrer, acarretando a organização de Escolas Modernas em São Paulo e no Rio de Janeiro (2017, p. 68).

O modelo pedagógico concebido por Francisco Ferrer defendia a organização de escolas mista (para ambos os sexos) e aberta a todos os meios (conquanto paga, o preço da mensalidade em função da renda dos pais); “laica e bane todo ensino religioso. Enfim, é também racional e científica” (LIPIANSKY, 2007, p. 49). Outro elemento fundamental de sua pedagogia é o uso da prática no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a proposta é que a criança vivencie o conhecimento junto ao professor em substituição a instrução puramente teórica, em que a aquisição de conhecimento não apresenta uma significação para o aprendiz. Para tal, o ponto de partida deve ser uma instrução prática, com objetivos claros traduzidos pelo ensino do trabalho manual (FERRER, s.d., p.126 *apud* MORAES, 2010, p. 08).

Mesmo com as críticas, Bandoni não abandona o seu²²² método *mneumônico*, que diferentemente do racionalismo ferreriano, baseava-se no aprendizado a partir da memória, pois para ele a “memória é, para sempre, a faculdade psíquica mais importante”, e que a “curiosidade abre a memória às imaginações”²²³. Tanto é assim, que parte em direção ao interior de São Paulo e lá funda, em 1911, a já ressaltada Escola Moderna de Cândido Rodrigues, que paradoxalmente foi intitulada com o mesmo nome daquela organizada por Francisco Ferrer, em 1901, na cidade de Barcelona. Na verdade, a intenção dele era demonstrar que a sua proposta era libertária mesmo que utilizando intensamente da memorização. Seu objetivo, contudo, era não se afastar da experiência do pedagogo catalão²²⁴, que nesse momento era um paradigma entre os anarquistas.

Imagem 02 – Fotografia da Escola Moderna Francisco Ferrer, Cândido Rodrigues, São Paulo

²²² Não pretendemos afirmar com isso que o método tenha sido criado e desenvolvido por Bandoni. Tudo leva a crer que teve conhecimento desta metodologia ainda no estrangeiro. Mas apesar dessa suposição, as fontes (seus textos) não permitem compreender a origem, a verdadeira autoria e em que momento precisamente teve contato com esta modalidade pedagógica.

²²³ *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, p. 02, “Per la Scuola Moderna”.

²²⁴ “Il prof. Angelo Bandoni della Scuola Moderna di Candido Rodrigues sta per iniziare l’anunciato suo giro di propaganda Pro-Scuola, in tutte le località più importante dello stato. Egli si propone di fomentare (...) di continuazione e di sviluppo della Scuola Razionalista fondata in Spagna nel 1901 da Francesco Ferrer” (*La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912, p. 04, “Per la Scuola Moderna”).



No canto direito (em pé), podemos ver Angelo Bandoni, e à esquerda uma mulher que acreditamos ser Maria Bandoni, sua esposa (Fonte: *La Battaglia*, n. 340, 03 de fevereiro de 1912, p. 02).

No segundo semestre do ano seguinte (1912), Bandoni decidiu não apenas sair pelo interior paulista como também retornar brevemente à capital paulistana para falar de suas experiências em Cândido Rodrigues, e de alguns sucessos da sua Escola Moderna. Com ele, levou dois de seus alunos no intuito de demonstrar, na prática, a eficácia dos seus métodos durante a sua exposição nas conferências.

Em que pese à tentativa, a passagem pela referida capital foi desastrosa. Bandoni, em tom melancólico e arrependido, relata o episódio como um momento em que recebeu severas críticas de seus companheiros em razão do seu método:

Como é notório aos leitores do *La Battaglia* e do *A Lanterna*, o dia vinte e nove de junho, acompanhado de dois alunos da minha escola, iniciei o meu giro de conferências pró-escola.

(...) Em todos os lugares me foi possível efetuar as minhas exibições do meu método, (...).

Em São Paulo, a burrice da minha boa vontade e do meu entusiasmo, vacilo e queda. Em São Paulo, não se brinca: A Atenas do Brasil!... Falei, falamos com o usual entusiasmo; o efeito foi... desastroso!...²²⁵.

²²⁵ “Com’è noto ai lettori della *Battaglia* e della *Lanterna*, il giorno 29 de giugno, accompagnato da due alunne della mia scuola, iniziai la mia tournèe di conferenze pro-scuola. (...) Ovunque mi fu possibile di effettuare le mie esibizioni di método, (...). In S. Paulo, *não se brinca*: é l’Atene del Brasile!... Parlai, parlamo col consueto entusiasmo; l’effetto fu... desastroso!” (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Per la Scuola Moderna”).

Na ocasião, os anarquistas em São Paulo censuram asperamente a sua “obra modestíssima, concluindo que (...) ensinamento é amansamento e que não tinha feito mais do que pôr no presente o mais do velho”, acusando, ainda, ser “o mais inconcludente e o mais exótico dos métodos”. Por fim, Bandoni revelou que “foi dito pelos intelectuais de São Paulo, que tudo que eu faço, na escola, não se revela mais que a boa vontade”. Em sua própria defesa, afirmou que seu método é “não apenas verdadeiramente moderno, mas alcança o melhor de todos os resultados. Com isso, não pretendo afirmar que a razão está do meu lado: [pois] nenhum é infalível”²²⁶. Além disso, contra-argumentou que:

(...)

O meu método mnemológico-resolutivo é fundado sobre esta verdade incontestável: todos os nossos conhecimentos racionais ou posteriores não têm origem em uma intuição vaga, (...).

(...)

A memória, meus caros, gostem ou não, é a nossa faculdade psíquica mais importante: essa, unicamente, tem o dom da continuidade... E o cientista de hoje – se não será um cretino amanhã – o deve exclusivamente a constância da memória.

(...).²²⁷

O jornal *La Battaglia*, entre os meses de agosto a outubro²²⁸, continuou publicando o embate entre Bandoni e outros anarquistas a despeito se seu método era de fato *Racionalista*, com base nos preceitos de Ferrer, ou se se tratava de uma proposição pedagógica *dogmática*. Emblemático nessa celeuma foi o artigo publicado, em outubro de 1912, no periódico *La Barricata*, de autoria de Leone Aymoré, intitulado “Escola Racionalista ou dogmática?”.

De acordo com Aymoré, o que estava ocorrendo na Escola de Bandoni em Cândido Rodrigues era um processo de “inculcar”, nas crianças, por meio do ensino via memorização, “os discursos filosóficos já postos (...)! Como fazem os padres com as doutrinas deles”. Nessa ocasião, aproveitou-se ainda para demonstrar aos leitores como deveria funcionar a pedagogia racionalista. O exemplo utilizado foi a de um aluno que, de forma dedutiva, é “levado” a

²²⁶ “Io credo fermamente che il metodo da me impiegato nella sculoa, sai, non solo veramente moderno, ma altresì il migliore di tutti: *al meno di qualli a mia conoscenza*. Com ciò, non pretendo affermare che la ragione stia proprio dal mio lato: nessuno è infallibile!...” (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Per la Scuola Moderna”).

²²⁷ “Il mio metodo *mnemologico-risolutivo* è fondato su queste verità inoppugnabili: tutte le nostre cognizioni *razionali o a posteriori*, hanno tutte origine da un’intuizioni vaga, (...). (...) La memoria cari miei, vi piaccia o no è la nostra facoltà psichica più importante: essa sola, ha il dono della continuità... E lo scienziato d’oggi – se non sarà un cretino domani – lo deve esclusivamente alla costanza della memoria” (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Per la Scuola Moderna”).

²²⁸ Como exemplo: *La Battaglia*, n. 367, 01 de setembro de 1912, p. 02, “Scuola razionalistica o dogmática?” e seguintes.

perceber que, em toda circunferência, a razão entre o diâmetro e o seu raio tem sempre como resultado aproximadamente 3,1416 (PI). Contudo, pelo método de Ferrer, a criança deveria compreender esse processo e ao mesmo tempo construir autonomamente o conhecimento, e não apenas memorizar tais informações:

(...)

Bandoni vou lhe dar um exemplo, aplicado ao ensino, do método dedutivo e tanto para nos mantermos alegres (...).

(...)

Em meu artigo: a iniciação ao ensino na Escola Moderna eu já comecei a dar um exemplo de indução simplíssima e que tem em mente de desempenhar progressivamente. Darei no entanto aqui o exemplo de qualquer indução mais complicada, supondo que os nossos alunos já conhecem as quatro operações fundamentais.

Pedimos, aos discípulos, que meçam uma circunferência de um círculo e em seguida que meçam o diâmetro. Dividamos a circunferência pelo diâmetro e constatamos que isto é o conteúdo na aquela 3,1416 aproximadamente.

Façamos a mesma medição com um círculo maior e com outro maior e teremos, sempre, a mesma proporção. A circunferência é sempre três vezes o diâmetro (não tendo em conta os décimos).

Depois tais constatações concluímos, ou concluem os nossos discípulos, com as nossas orientações que todas as circunferências têm sempre a mesma relação com os seis diâmetros e vice-versa. (...).

Tal ensino por este método nunca se esquecerá, ensinado em vez com o método dedutivo, dos teoremas, fórmulas, definições, fuge da memória como vapor.²²⁹

Posto em xeque a credibilidade de seu método e a sua capacidade na área do magistério, a saída de Bandoni foi publicar, em uma longa série de artigos, do que se tratava em detalhes a pedagogia *meneumônico-resolutiva*. Apesar das críticas que cercaram a sua metodologia de ensino, a publicação possui certa relevância na medida em que permite compreender, um pouco, as informações acerca de suas escolas, sobretudo, aquela organizada em Cândido Rodrigues, visto ser uma experiência praticamente desconhecida e pouco

²²⁹ “(...) Bandoni vuole darci un esempio, applicato all’insegnamento, del metodo induttivo e tante per tenerci allegri, lo prescata in un modo speciale. (...) Nel mio articolo: L’iniziazione all’insegnamento della “Scuola Moderna” Io già comicià a dare esempi d’induzioni semplicissime e che ho in mente di svelgere progressivamente. Darò intanto qui l’esempio di qualche induzione più complicata, supponendo che i nostre tri alunni già conoscono le quattro operazioni fondamentali. Chiediamo, ai discepoli, che misurino una circonferenza di un circolo ed in seguito che ne misurino il diametro. Dividiamo la circonferenza per il diametro e constatiamo che questo è contenuto in quella 3,1416 approssimativamente. Facciamo la stessa misurazione con un circole maggiore e con un altro minore ed avremo, naturalmente, sempre la stessa proporzione. La circonferenza è sempre tre volte il diametro (non tenendo conto del decimali). Dopo tale constatazione concludiamo, o concludono i nostri discipoli con la mostra orientazione che tutte le circonferenze hanno la stessa relazione con i loro diametri e viceversa. E perciò conoscendose il diametro di un circolo ne è nota la circonferenza, o conoscendo questa, è noto quello moltiplicando o dividendo per 3,1416. Ciò insegnato per tale metodo mai si dimenticherà; insegnato invecce con il metodo deduttivo, dei teoremi, formule, definizioni, sfugge dalla memoria come vapore etéreo” (*La Barricata*, 375, 31 de outubro de 1912, p. 02, “Scuola razionalistica o dogmática?”).

estudada pela historiografia. Deste modo, é possível perceber, por exemplo, quais disciplinas eram lecionadas e qual a composição do conteúdo programático mínimo (como: noções de geografia, matemática, botânica, gramática e história natural)²³⁰.

Além disso, Bandoni fez questão de ressaltar, mais uma vez, o papel da memória no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno. Segundo ele, somente um ensino que concedesse a fixação de conceitos e bases sólidas, poderia direcionar as crianças a um estudo e a uma metodologia mais complexa:

(...)

Para educar convenientemente, nas crianças, a faculdade de definição, é oportuno comunicar-lhes uma série gradual de conhecimentos exatos de coisas simples e facilmente reconhecíveis pela experiência. Quando o menino já conhece um número bastante relevante de coisas isoladas e o modo, melhor e mais completo, com qual vêm geralmente definidas, se pode, então, encaminhá-la para estudos mais complexos. E é um esse o ponto, quero dizer quando ele estuda gramática, geografia, história natural, etc., que o mestre pode comunicar e adestrá-lo a definição.

E inútil insistir que a base de uma boa educação intelectual não pode ser por meio da memória.

(...).²³¹

A empolgação do *professor* com o ramo da pedagogia havia aumentado sobremaneira, que em setembro de 1912 publicou um anúncio no jornal *Estado de São Paulo* no qual faz uma campanha solicitando doações e apoio para a publicação de uma Revista sobre a pedagogia racionalista, cuja periodicidade seria bimestral, e o primeiro número deveria ser publicado no décimo quinto dia de janeiro do ano seguinte (1913).

A revista teria como proposta principal oferecer aos interessados um material didático cujo objetivo seria ofertar uma espécie de “ensino à distância”, isso a partir “da verdadeira orientação pedagógica”, contando com um “mestre sempre a disposição dos alunos de ambos os sexos, crianças ou adultos” que não pudessem frequentar presencialmente as aulas. Além disso, o referido material, em língua italiana, seria dividido em três partes: uma primeira direcionada à alfabetização para os interessados que ainda não fossem alfabetizados; uma segunda, contendo conteúdo elementar para aqueles que já possuísem “noção básica”; e

²³⁰ *La Barricata*, 376, 07 de novembro de 1912, p. 03, “Ancora del metodo mnemologico-risolutivo”.

²³¹ “Per educare convenientemente, nel bambino, la facoltà di definizione, è oportuno comunicargli una serie graduale di conoscimenti e [...] di cose semplici e facilmente riconoscibili per esperienza. Quando il bambino già conosce un numero assai rilevante di cose isolate ed il modo, migliore e più complete, coa cui vengono generalmente definite, si può, allora, incamminarla verso studi più complesso. Ed è a questo punto, voglio dire quand’egli studia grammatica, geografia, storia naturale ecc., che il mestro può comisciare ad addestrarie alla definizione. È inutile insistere che a base d’una buona educazione intellettuale non può essere che la memoria” (*La Barricata*, 375, 31 de outubro de 1912, p. 03, “Ancora del metodo mnemologico-risolutivo”).

finalmente uma terceira para aqueles já portadores de um conhecimento básico mais sólido, e que conteria apenas textos sobre pedagogia racionalista:

(...)

A revista consistirá de três partes:

1 – Um curso elementar inferior para crianças e para adultos analfabetos, aos quais uma pessoa qualquer queria servir de guia no aprendizado.

2 – Curso elementar superior para qualquer um que já adquiriu, como se queira, as noções de tratadas no curso inferior.

3 – Uma rubrica de complemento, no qual vão ser publicadas – traduzidas em italiano – as obras mais importantes da educação racionalista.

De todos os problemas, os teoremas e das regras enunciadas em qualquer número da *Rivista*, daremos, no número seguinte, a mais clara explicação, por torna o aluno possa tornar-se em conta exato se tem operado convenientemente.

A assinatura anual da Revista custa 10\$000; semestral 5\$000

(...).²³²

Apesar do esforço empreendido na campanha da publicação da *Rivista bimensale di Pedagogia Razionalista*, Bandoni anunciou melancolicamente não ter recebido nenhum apoio, muito menos de caráter financeiro²³³. Ao que parece, a imagem do *professor* encontrava-se, nesse momento, desgastada do ponto de vista da credibilidade, tanto entre os trabalhadores da capital, quanto entre seus companheiros de militância. Talvez os longos embates enfrentados com os outros anarquistas a despeito das incongruências de sua metodologia tenham contribuído para tanto.

A escola em Cândido Rodrigues durou até meados de 1914, quando, por razões desconhecidas, Angelo Bandoni decidiu deixar a cidade e regressar à capital paulistana e se dedicar na organização de seu novo jornal (*Guerra Sociale*). Após essa experiência pedagógica, Bandoni não esteve mais envolvido em organização escolar. Talvez em razão da idade avançada (aproximadamente 50 anos) o fôlego já não era mais o mesmo. Além disso, este momento marca o início de uma reação violenta “das instâncias policial e jurídica do aparelho do Estado”, no intuito de fechar inúmeras Escolas Modernas, alegando, como

²³² “La rivista conterà di ter parti: 1 – un corso elementare inferiore per bambini e per adulti analfabeti, ai quali una persona qualunque voglia servire di guida nell’apprendimento. 2 – corso elementare superiore per chiunque abbia già acquisite, come si voglia, le ragioni trattate nel corso inferiore. 3 – una rubrica di complemento, in cui verranno pubblicato – tradotte in Italiano – le opere più importante di educazione razionalista. Di tutti i problemi, i teoremi e le regole e enunciati in qualunque numero della Rivista, daremo, nel numero seguente, la più chiara spiegazione, afunchè l’alunno possa redendersi conta exato se ha operato convenientemente. L’abbonamento annuale alla Rivista costa 10\$000; semestrale 5\$000” (Recorte do jornal *Estado de São Paulo* publicado no periódico *La Barricata*, 368, 1912, p. 04, “La Scuola razionalista”).

²³³ *La Barricata* n. 380, 20 de dezembro de 1912, p. 01.

pretexto, “que não obedeciam às normas em vigor com respeito à legislação do ensino” (HARDMAN, 2003, p. 75).

Mesmo assim, até o seu falecimento (1947), continuou sendo reconhecido como “professor” e a defender, em seus textos, a importância da instrução da classe trabalhadora como fator preponderante para a revolução social em direção à anarquia²³⁴. Esse é um ponto assaz importante de sua percepção acerca do anarquismo, pois para Bandoni o processo revolucionário não aconteceria por meio de uma organização sindical ou específica anarquista, mas exclusivamente através das escolas, através da educação.

Quanto ao seu método, certas ou erradas as suas preposições, o que deve ser ressaltado é o seu desejo enquanto militante em se empenhar por fundar escolas cuja finalidade era resistir aos valores sociais burgueses, religiosos e a um nacionalismo anedótico. Por esta razão, cabe mencionar a importância de sua ação enquanto educador, pois era um intelectual pertencente às bases sociais, sem titulações acadêmicas, que, por sua própria dedicação, tentou garantir uma instrução mínima ao operariado, fato muito ousado, sobretudo em um país onde o projeto republicano era (era?) instituído para manter os trabalhadores em completa exclusão social, haja vista que a educação sempre foi considerada como uma “coisa para elite”. Isso sim era subverter a ordem!

2.2 – Poesias e Conferências

Nesta parte, faremos uma análise detalhada de algumas poesias e conferências de autoria de Angelo Bandoni que foram publicadas nos periódicos anarquistas no Brasil entre anos de 1900 a 1921. Pretendemos com isso compreender, especialmente, a função que estas práticas exerceram enquanto estratégia de propaganda anárquica. Porém, antes de tudo, algumas considerações teóricas sobre essas duas modalidades precisam ser ressaltadas.

Entre os diversos grupos libertários formados no país ao longo da primeira República, sejam eles de matriz estrangeira ou não, os anarquistas integrantes de tais grupamentos foram versáteis na produção e no desenvolvimento de práticas culturais variadas, marcadas intensamente pela diversidade étnica. Tais práticas, além de privilegiar o prazer e o entretenimento da classe trabalhadora, buscavam convencer o seu público alvo da “necessidade de emancipação social” (HARDMAN, 2003, p. 13-14 e 32).

²³⁴ Um último texto sobre educação de autoria de Bandoni que tivemos conhecimento, ver: *Germinal!*, n. 22, 13 de setembro de 1919, p. 01, “A escola moderna”.

No que tange às variadas formas da cultura libertária, especialmente as praticadas no interior da comunidade italiana em São Paulo, que nessa pesquisa possui maior relevância, estas tendiam a se manifestar a partir da organização de jornais, festas, ações teatrais, escolas, conferências, poesias, entre outras atividades. Entretanto, nesse momento, interessa-nos as duas últimas modalidades, já que ambas exploravam intensamente o universo da literatura tornando-se importantes instrumentos para o “proselitismo libertário” (LEAL, 1999). Além disso, principalmente no caso das conferências, por seu teor pedagógico, a cultura era pensada fundamentalmente como meio de emancipação (HARDMAN, 2003, p. 43).

Por outro lado, percebe-se a estruturação de uma “moral anarquista” voltada para consolidar uma cultura que fosse capaz de resistir aos “males da ordem dominante”. De acordo com Francisco Hardman, no plano estético, esta perspectiva traria uma tensão mal resolvida entre os valores conservadores e a “energia explosiva do desconhecido”, do novo. De certo modo, ainda segundo o autor, a presença dessa tonalidade conservadora possibilitou produzir contradições que muitas vezes “chegavam às raias da ética protestante”, muito embora isso acontecesse em casos excepcionais (HARDMAN, 2003, p. 85)²³⁵.

Nas produções literárias (em prosa ou em verso), de uma maneira geral, pode-se distinguir os escritores²³⁶ anarquistas como: profissionais que aderiam à causa momentaneamente; os militantes que “escreviam para a classe trabalhadora, incorporando-se ao movimento pelo trabalho de divulgação doutrinária e pedagógica” (podemos inserir nesse caso Angelo Bandoni); o escritor-operário que geralmente colaborava anonimamente para os periódicos; e finalmente o militante político do anarquismo, que conduzia a liderança do movimento e ocasionalmente fazia literatura (também reconhecemos um pouco do Bandoni nesta categoria) (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011, p. XIX-XX)

De uma maneira geral, afirma-se que a literatura anarquista nas primeiras décadas do século XX no Brasil mesclou a insubordinação política com certos traços do parnasianismo, movimento literário que foi hegemônico no país até a década de 1920. Entretanto, há quem argumente que para o escritor libertário, por não ser um profissional, a sua obra é mais um

²³⁵ Como veremos em momento propício, essa contradição esteve bastante aparente nos textos de Angelo Bandoni. Por exemplo, se por um lado foi ousado ao falar sobre sexo, por outro idealizou a prática deste de maneira um tanto conservadora. Outro exemplo de paradoxo foi a constante presença de valores cristãos em um universo onde o contato do divino era desprestigiado, etc.

²³⁶ Sobre a autoria dos escritos, cabe ressaltar que: “Grande parte dos escritores anarquistas não cultivava a arte de escrever como um fim em si mesma, e o próprio texto nasce, circunstancialmente, da sucessão dos embates que vão preenchendo a pauta militante dos jornais operários: a denúncia de maus-tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a repressão, o registro quase expressionista da miséria, a crônica corrosiva da cena burguesa, a caricatura impiedosa dos inimigos da causa, com ênfase para o burguês, o militar e o padre”. (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011, p. XX).

resultado da experiência coletiva do que efeitos da percepção estética, importando, para o seu trabalho, o impulso criador “mais do que o próprio texto” em si (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011, p. XXIII). Em que pese esta afirmativa, como veremos em momento oportuno, a forma da escrita, por diversas vezes, no caso de Bandoni (e de outros anarquistas como Gigi Damiani), obedecia a um critério estético rigoroso, tanto na métrica quanto na rima.

Nesse sentido, talvez essa combinação de estilos servisse também como uma “maneira de ocupar o código das classes dominantes e forçar a se abrir por dentro um novo modo de convivência cultural, sempre como forma de conduzir as transformações da ordem burguesa”. Dito de outra forma, a literatura anarquista possuiria uma dupla perspectiva: a mobilização da classe operária, por um lado; e pelo outro o “contraponto da vanguarda política à vanguarda estética” (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011, p. XIII).

De todo modo, seja como for, como bem salientou Claudia Baeta Leal, os textos literários tanto em verso quanto em prosa tinham como horizonte, em primeiro lugar a propaganda pois, o lugar que tais publicações ocupavam na imprensa anarquista indicavam este fato. Além disso, a literatura libertária em verso “respondia também a outras funções, ou mesmo abria espaço para elas, entre as quais a musicalidade, a harmonia, a emotividade, o entretenimento” (LEAL, 1999, p. 85 e 92).

Os textos em prosa (como, por exemplo, as inúmeras conferências que eram publicadas nos jornais ou em formato de opúsculos) exerciam uma função menos festiva ou menos voltada para o entretenimento, privilegiando, assim, o seu caráter didático que contribuía para a “formação da consciência anárquica junto aos trabalhadores” (LEAL, 1999, p. 131 e 132). Entretanto, como veremos a seguir, determinadas conferências proferidas por Bandoni foram produzidas em forma de verso, fato este que possibilitava amalgamar a alegoria peculiar a este estilo a uma via pedagógica.

2.2.1 – Poesias

As poesias de Angelo Bandoni exploravam temas variados, que iam desde uma declaração de amor à anarquia, a homenagens de anarquistas que se tornaram mártires pela causa, a sua paixão pela educação, explicações quanto a conjuntura política, até a um engajamento antifascista. Bandoni possuía uma enorme capacidade rítmica, que somada ao seu capital cultural e a sua oratória, permitia-lhe a criação de textos complexos, e por vezes

apenas escritos musicados resultantes de meros improvisos. Por tais habilidades, também passou a ser reconhecido na comunidade italiana a qual fazia parte em São Paulo. De acordo com o relato de Zélia Gattai:

Angelo Bandoni frequentava muito nossa casa. Falava sempre em tom oratório, cantava, declamava, discutia qualquer assunto, estava por dentro de tudo, um poço de sabedoria! Era autor de uma paródia ao hino fascista: '*Con il terrore / Con il fascismo / non si vince il comunismo...*'²³⁷. Distribuía a letra de sua autoria entre os amigos e filhos dos amigos; sempre que aparecia, organizava um coro para cantar essa sua versão. Adorava fazer conferências, a qualquer pretexto saía com um improviso. Era professor, eu nunca soube de quê" (GATTAI, 1994, p. 132).

Algumas obras e determinados poetas, tradicionais entre os imigrantes italianos nesse contexto, foram recorrentes nas publicações de seus jornais. Assim, via-se circular, constantemente, trechos e referências de *A Divina Comédia*, de Dante, *Germinal*, de Émile Zola, *Guerra e Paz* de Leon Tolstói e os escritos do anarquista italiano Pietro Gori, cujo estilo imprimiu um traço marcante nas poesias de Bandoni²³⁸ (VEGLIANTE, 1996, p. 70-71).

Dentre outros militantes que escreveram poesias, as produções de Bandoni tenderam a abordar temas mais leves (menos radicais em relação a alguns valores libertários), porém a expressão rimada foi um artifício que possuiu maior presença em sua literatura em comparação com outras autorias. Consoante já ressaltado, em algumas ocasiões expressou conferências em versos longos, que eram publicados nos jornais de maneira fracionada e em distintas edições, como foi o caso de *Progresso e Civiltà*, cuja métrica e a estética eram verdadeiros "rios" de hendecassílabos²³⁹²⁴⁰ (ver: VEGLIANTE, 1996, p. 72), conforme demonstrado no trecho abaixo:

(...)
Di titaniche lotte e di studio indefeso;
(Di ti/tani/che lot/te e di s/tu/dio in/de/fe/so;)

²³⁷ Infelizmente não sabemos se esta paródia foi publicada em alguns de seus periódicos. Deste modo, não tivemos acesso ao inteiro teor deste texto.

²³⁸ A influência das obras de Gori foi intensa para diversos anarquistas em São Paulo e mesmo no Brasil, pois "foi autor de vários poemas dramáticos, encenados com enorme frequência pelos grupos de teatro operário de São Paulo e Buenos Aires: *Il Primo Maggio; Senza Patria; Ideale*. (...) Os diálogos em verso entremeiam o tema do amor e do ideal anarquista" (HARDMAN, 2003, p. 38-39).

²³⁹ Hendecassílabo é uma forma métrica que cada verso contém onze sílabas métricas.

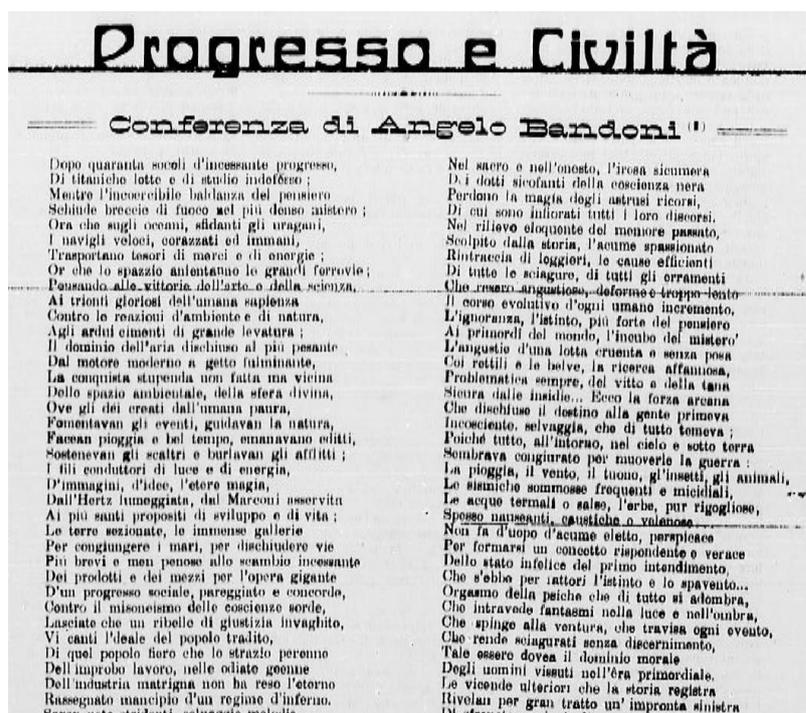
²⁴⁰ Esta não foi uma tendência exclusiva dos textos de Bandoni. Isabelle Felici, em trabalho intitulado *Poesie d'un rebelle*, ao analisar as poesias do anarquista Gigi Damiani, identifica essa mesma métrica para os seus textos (ver: FELICI, 2009, p. 19).

Mentre l'incoercibile baldanza del pensiero
(Men/tre l'in/coer/ci/bi/le bal/dan/za del pen/sie/ro)

Schiude breccie di fuoco nel più denso mistero;
(Schiu/de bre/ccie di fuo/co nel più den/so mis/te/ro)

Ora che sugli oceani, sfidanti gli urugani,
(Ora che su/gli o/cea/ni, sfi/dan/ti gli u/ru/ga/ni,)
(...)241

Imagem 03 – Trecho da poesia *Progresso e Civiltà*



Fonte: *Guerra sociale*, n. 01, 11 de agosto de 1915, p. 04

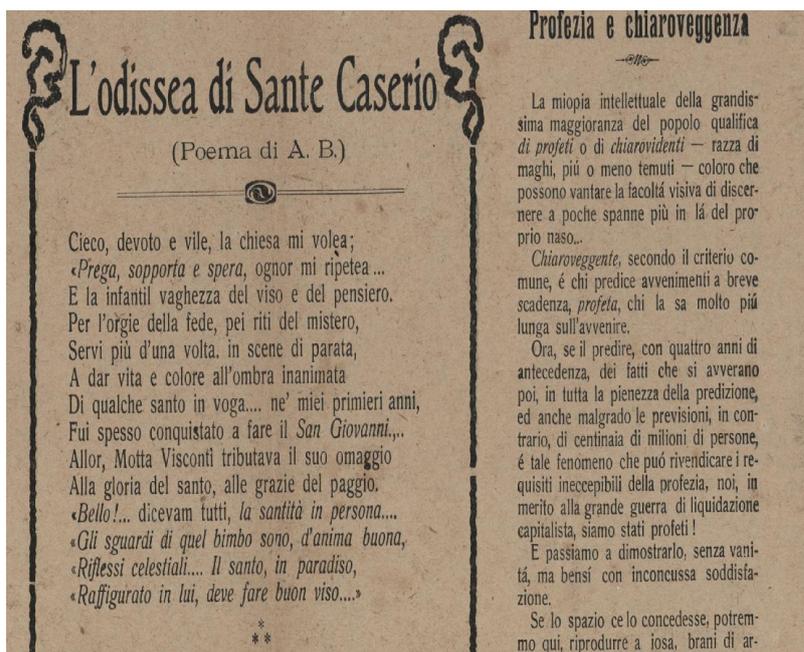
Quanto à rima, nem sempre seguia uma coerência, isso para os poemas longos. Mas as poesias curtas tendiam trilhar um padrão *emparelhado* obedecendo a uma sequência, como no caso da poesia *L'odissea di Sante Caserio*²⁴², cuja organização, ao sotto tenos na primeira estrofe, seguia o modelo AABBAACC (...), o que possibilita produzir uma sonoridade perfeita. Além disso, as rimas são ricas, já que Bandoni buscou rimar palavras de classes gramaticais diferentes para cada verso (ver: FELICI, 2009, p. 19, que fez análise semelhante nas poesias de Damiani).

²⁴¹ *Guerra sociale*, n. 01, 11 de agosto de 1915, p. 04, "Progresso e Civiltà".

²⁴² *Alba Rossa*, n. 01, 26 de janeiro de 1919, p. 03, "L'odissea de Sante Caserio".

Cieco, devoto e vile, la chiesa mi volea; **A**
 «Prega, sopporta e spera, ognor mi ripetea ... **A**
 E la infantil vaghezza del viso e del pensiero. **B**
 Per l'orgie della fede, pei riti del mistero, **B**
 Servi più d'una volta, in scene di parata, **A**
 A dar vita e colore all'ombra inanimata **A**
 Di qualche santo in voga.... ne' miei primieri anni, **C**
 Fui spesso conquistato a fare il San Giovanni.,... **C**

Imagem 04 – Trecho da poesia *L'odissea de Sante Caserio*



Fonte: *Alba Rossa*, n. 01, 26 de janeiro de 1919, p. 03

Ao reunir toda a produção poética de Angelo Bandoni elaborada entre os anos de 1900 a 1920, isso a partir dos jornais anarquistas em que ele publicou, poderíamos esquematizá-la de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 04 – Poesias publicadas por Angelo Bandoni

Título	Assinatura	Autor	Localização	Data
Primo Maggio		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 05 a. I	01 de maio de 1902
Sciopero generale	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> , n. 09 a. I	30 de junho de 1902
Sans titre		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 01 a. III	24 janeiro 1904

Figli di Plebe		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 01 a. III	24 janeiro 1904
Sans titre		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 02 a. III	21 fevereiro 1904
Canzone a Michele Angiolillo	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>La Battaglia</i> n. 342	17 fevereiro 1912
Canzone di Pietro Gori	A. B	Angelo Bandoni	<i>La Prop. Libertaria</i> n. 20	19 dezembro
Progresso e Civiltà	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Guerra sociale</i> , n. 01 e ss	11 de agosto de 1915
L'Odissea di Sante Caserio	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Alba Rossa</i> n. 1 ao 5, 7 e 8	De 29 janeiro a 15 março de 1919
Figli di Plebe		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 05	17 maio de 1919
Germinal!		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 05	17 maio de 1919
I coloni Ribelli		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 07	31 maio de 1919
Ribellione		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 07	31 maio de 1919
Proprietà pivada e miséria		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 08	7 junho de 1919
In memoria di M. Angiolillo		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 08	7 junho de 1919
Ricordando l'impresa libica		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 10	21 junho de 1919
L'impresa triplolina		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 10	21 junho de 1919

Fonte: informações retiradas a partir das edições dos jornais citados no quadro. Elaboração do autor

Tendo em vista as considerações expostas até aqui e que privilegiaram, sobretudo, as questões teóricas, voltaremos, nesse momento, a atenção para a análise temática de algumas poesias de Bandoni. Não apreciaremos todas, mas somente aquelas que julgamos relevantes enquanto instrumento de propaganda anárquica, já que muitas apenas continham elucubrações e divagações filosóficas.

Nesse sentido, comecemos pela poesia publicada em seu periódico *Germinal*, no ano de 1902, em comemoração ao primeiro de maio, que, como já foi ressaltado, foi uma prática comum na imprensa libertária. Na ocasião, o jornal veiculou uma capa especial contendo um texto e uma poesia em exaltação àquela data. A pretensão de Bandoni era despertar entre os

trabalhadores a importância da luta que o operariado enfrentava contra o patronato, transformando este embate em um verdadeiro campo de batalha cuja redenção do proletariado contra as injustiças deveria ocorrer não por outorga, mas pela luta autônoma:

Corre-nos nas veias demasiado sangue diluído,
De lentas palavras tem demasiada inércia:
As doces retóricas do amor, da fraternidade,
Penetrou na alma com mentirosa esperança.
Os nossos mortos, entretanto, dos patíbulo atroz
Suspensos [...], os massacres ferozes,
E vingança e tortura e insultos sanguinários
(...)
Oh Primeiro de Maio fúlgido, venha a nós o teu glorioso
Mas seja dos fortes o dia, (...);
Seja, não do céu a mística contemplação inerte
Não a apatia impotente dos braços cruzados
(...)
A hora da justiça, da grande vitória,
Quando do sangue vivido surge a nova história
A cancelar as infâmias e as vergonhas da servidão...
Será aquele apenas o nosso Primeiro de Maio²⁴³

Ainda dentro dessa temática pertencente ao mundo do trabalho, a greve geral também possuiu guarida na poética bandoniana. Como já ressaltamos no capítulo anterior, esta, de acordo com ele, deveria ser entendida como movimento cujo objetivo seria a revolução social e não apenas a luta por conquistas trabalhista mais imediata:

Sobre a greve geral

Irromperemos nos aposentos
Vossos, o potente, como um furacão:
Então vai suplicar-te em vão,
Serão vans as lágrimas, os lamentos.
Aos vossos tetos vamos pendurar ardentes
Língua de fogo, deixaremos a canção
A canção, e aos corvos, com furor insano,
Daremos os corpos ensanguentados extinto
E, pisando aqueles em ruínas
Em chamas ainda, ou tirando os anêmicos,
Que vive da infâmia e da rapina,
Saudaremos prazerosos o novo,
Que, depois de tantos desconhecidos cuidados,

²⁴³ “Ci scorre nelle vene troppo sangue annacquato;/ Di languide parole si hanno tropo inabbrialo;/ Il dolcume rettorico d’amor, di fratellanza./ Ci penetró ne l’animo con sperenza./ I nostre morti, instanto, dai potiboli atroci/ Pendono [...], e massacri feroci./ E vendetta e torture e sanguinari insulti./ (...) O Primo Maggio fulgido venga il tuo di glorioso/ Ma cia de forti il diorno, (...)/ Cia, non del cielo la mística contemplazione inerte./ (...) L’ora de lagiustizia da la grande vittoria./ Quando dal sangue vivido spunti la nova storia/ A cancellar le infamie e le onte del servaggio.../ Sarà quello soltanto il nostro Primo Maggio!” (*Germinal*, n. 05, 01 de maio de 1902, p. 01, 03 e 04, “Primo Maggio”).

Por nós remido surgirá mais belo!²⁴⁴

As poesias não eram apenas publicadas nos jornais. Elas, antes de correrem nas páginas da imprensa anarquista, deveriam, em muitos casos, ser lidas em público. Geralmente isso se dava em festas libertárias realizadas em teatros por iniciativa dos anarquistas. Lá o orador se apresentava ao público e executava sua performance. Nessa prática, Bandoni tornou-se perito ao longo do período em que esteve no Brasil e por vezes discursava sozinho ou dividindo o tablado com outros militantes, como na comemoração do primeiro aniversário de seu *Centro educativo libertário Germinal*, em setembro de 1902, no qual ficaria encarregado de realizar uma apresentação e ter recitada uma de suas conferências poéticas (*La Miseria*²⁴⁵) por um dos seus companheiros (Gioavanni Gargi):

Centro educativo libertário Germinal

Em ocasião de primeiro aniversário da constituição deste círculo, os aderentes estão organizando um grande sarau que terá lugar o dia 13 do próximo setembro, a hora 20:30 no teatro Andrea Maggio, citado na rua dos Imigrantes, 180.²⁴⁶

²⁴⁴ “Lo sciopero generale sarà il nostro ultimatum! o cederete o.../ Irromperemo negli appartamenti/ Vostri, o potanti, come un uragano:/ Allora voi supplicherete invano,/ Saran van le lagrime, i lamenti./ Al vostri tetti appiccheremo ardenti/ Lingue di fuoco, vi faremo a brano./ A brano, e ai corve, con furore isano./ Daremo i corpi insanguinati e spenti/ E, calpestando poi quelle rovine/ Fumanti ancora, o anemici tiranni,/ Che viveta d’infamie e di rapine./ Saluteremo lieti il di novello./ Che, dopo tanti inauditi affanni./ Per noi redanti sorgerà più bello!” (Germinal, n. 09, 30 de junho de 1902, p. 01, “Sullo Sciopero Generale”).

²⁴⁵ Que não chegou a ser publicada, e por conta disso desconhecemos o seu conteúdo.

²⁴⁶ *Germinal*, n. 14, 06 de setembro de 1902, p. 04.

Imagem 05 – Anúncio da festa de comemoração de um ano do C. E. Libertário Germinal



Fonte: *Germinal*, n. 14, 06 de setembro de 1902, p. 04

Outra temática enfrentada por Bandoni era a homenagem realizada em memória de alguns militantes anarquistas que, porventura, tivessem sido presos e condenados à pena de morte. Neste sentido, podemos ressaltar duas poesias portadoras dessa perspectiva: a *Canção de Michele Angiolilo*²⁴⁷, publicada no *La Battaglia*, e uma verdadeira odisseia intitulada *A Odisseia de Sant Caserio*²⁴⁸, cuja veiculação percorreu diversas edições do jornal *Alba Rossa*.

De semelhante, além de cultivarem a memória de dois anarquistas, as poesias buscam sacralizar as ações destes militantes que estiveram envolvidos em regicídios. Além disso, como era de se esperar, condenam toda a ação repressora das autoridades envolvidas no julgamento de ambos os ácratas e os transformam em verdadeiros heróis. O ponto de distinção das artes está na métrica e na estética, onde na *A Odisseia de Sant Caserio*, Bandoni buscou

²⁴⁷ Foi um tipógrafo anarquista italiano que assassinou o primeiro-ministro espanhol Antonio Cánovas del Castillo em agosto de 1896.

²⁴⁸ Trata-se de uma homenagem feita pelo Bandoni para o anarquista Sant Geronimo Caserio, um anarquista nascido na Itália e que ganhou fama após apunhalar o presidente da República francesa Carnot com um único golpe. Um dos motivos do regicídio foi a vingança da execução de um outro anarquista francês: Ravachol.

maior complexidade e riqueza, enquanto que em a *Canção de Michele Angiolilo* a rima tenha como fim maior uma certa musicalidade.

Canção de Michele Angiolilo

No castelo maldito²⁴⁹
Sucumbia, torturados,
Os companheiros infelizes
Borras, Rochez e Bernich
Se pretendia, com o terror,
Sufocar as rebeliões
Contra os padres e os patrões,
Contra todos os opressores
(...)
Sempre ousados, sempre fortes
Superaram o mártir.
Mas a iniquidade
Em Cánovas del Castilho,
Da Itália um filho
(...)
De anarquista tem o pensamento
E a heroica coragem;
Mais não um único momento
Enquanto a hora soar.
Aos termos salutares
(...)
Ao cadafalso da história:
D'um Castilho, a memória
Execrada a todo momento será!
Pela humanidade,
Ao garrote ascendido e riu
E lançou o grito
De: Germinal!!²⁵⁰

A Odisseia de Sant Caserio

(...)
Da justiça e da paz iluminou por algumas vezes
Não foi pela minha dor, não foi pela minha revolta
Contra os rigores injustos da terra ou do céu...
A fé, aos olhos meus, havia tecido um véu
(...)
Creio que grande parte do infortuno humano
Se devem ao caso e as paixões insanas
Que conturbam o pensamento correto da mente

²⁴⁹ N. do autor: a fortaleza de Monte Juic, em Barcelona, tristemente conhecida pela atrocidade cometidas contra os anarquistas detidos.

²⁵⁰ “Nel Castello maleditto/ Soccombevan, torturate./ I compagni sventurati/ Borras, Rochez, Bernich/ Si voleva, col terrore,/ Soffocar le ribellioni/ Contro i preti ed i patroni,/ Contro tutti gli oppressor;/ (...) Sempre audaci, sempre forti/ Superarono il martir./ Ma l’iniquità/ In Canovas del Castiglio/ D’Italia un figlio,/ (...) Dell’anarchico ha il pensiero/ E l’eroico ardimento;/ Più non posa un sol momento/ Finchè l’ora suonerà./ Alle terme suonerà./ (...) Alla gogna della storia:/ D’un Castiglio, la memoria/ Esecratata ognor sarà!/ Per l’umanità,/ Al garotte ascendo e rido/ E lancio il grido/ Di: Germinal!!” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 04, “Canzone di Michele Angiolillo”).

(...)
 De ser atingido por mil inquietudes,
 D'Único, que insurge contra a sociedade.
 Odiava imensamente; gostaria ter
 De Aquiles, o legendário recurso de poder
 E, somente, conta todos, padres, guardas, patrões
 Magistrados, laçao e leões...
 (...)
 Com o inferno no coração com o fogo no cérebro,
 (...)
 Sem ter o que comer, sem repouso²⁵¹

Além de render homenagens a militantes, Bandoni valeu-se, também, de sua poesia para denunciar as “injustiças da sociedade”, que seriam produzidas pela burguesia. Novamente a luta de classe emergiria em seus textos, transformando o poema em um verdadeiro campo de batalha. Como reação, caberia ao anarquista resistir aos valores e às imposições burguesas, como: a propriedade, a pátria, o sistema judiciário e os patrões. Em outras palavras, o poeta, no caso em tela, torna-se um verdadeiro rebelde, incrédulo das instituições, e um propagador da desobediência:

Os nossos tutores

Guerra a gente burguesa

(...)
 Orgulhosos pelo impacto tremendo,
 Arqueiros da humanidade,
 Radiaremos, com foco e com sague,
 As infâmias da propriedade:
 (...)
 Não mais patrões e tiranos!
 Não mais governos, nem rei!
 Não mais magistrados, nem padres!
 Abaixo a lei e a fé!²⁵²

²⁵¹ “(...) Di giustizia e di pace m’illuminò talvolta,/ Non fu pel mio dolor, non fu già per rivolta/ Contro rigore ingiusti della terra o dell cielo.../ La fede, agli ocche miei, avea tessuto un velo/ (...) Credevo che gran parte dele sventure umane/ Si dovessero al caso e alle passioni insane/ Che conturbano il retto ragionar della mente/ (...) Dell’essere colpito da mille iniquità,/ Dell’Unico, che insurge contro la società./ Odiavo immensamente; avrei voluto avere/ D’Achille, il leggendario ricorso di potere/ E, solo, contro tutti preti, birre, padrone/ Begnine, magistrati, tirapiedi e lenoni,/ (...) Coll’inferno nel cuore, col fuoco nel servello,/ Senza voglia di cibo, non curante il riposo,/ (...)” (*Alba Rossa*, n. 1, 26 de janeiro de 1919, p. 07, “L’Odissea di Sante Caserio”). A odisseia continua nas edições: n. 3, 8 de fevereiro de 1919, p. 03; n. 4, 16 de fevereiro de 1919, p. 03, e ainda nos números 4, 5 (22 de fevereiro de 1919), 6, 7, 8, 9, 10. Mesmo assim não chegou a ser publicado íntegra, pois antes disso Bandoni havia se retirado do grupo editorial do jornal).

²⁵² “(...) Fieri nell’curto tremendo,/ Arceri dell’Umanità,/ Ragieremo, col fuoco e col sangue,/ Le infamie della proprietá:/ Non più patroni e tiranni!/ Non più governi, né re!/ Non più magistrati, né preti!/ Abbasso le leggi e la fé! (...)” *La Battaglia*, 23 de março de 1912, p. 03, “I nostri tutori”.

A partir de 1914 a grande maioria dos textos de Angelo Bandoni tendeu a tratar da conjuntura internacional, sobretudo com a deflagração da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Se seus artigos em prosa foram afetados por esse contexto, sua poesia não ficaria à margem desta tendência. Em novembro deste mesmo ano, no periódico de língua italiana *La Propaganda Libertaria*, publicou um poema fazendo críticas contundentes à guerra europeia.

Este texto tratou-se de um ensaio se comparado a outro bem maior que viria a ser publicado também em forma de poesia alguns meses depois (*Progresso e Civilização*, já mencionado). Mas na poesia em questão, Bandoni de forma incipiente apontou quais seriam para ele os elementos causadores da guerra (a pátria, o nacionalismo e o capitalismo) e sustentou ainda que todas as instituições, por servirem-se de tais elementos, são as motivadoras do conflito bélico na Europa que foi responsável pela morte de inúmeros inocentes. Além disso, sugere o fim das fronteiras, rememorando a máxima anarquista de autoria do anarquista Pietro Gori – “minha pátria é o mundo inteiro”:

Enquanto o impacto tremendo de inúmeros abates,
Os vales, os montes, o mar, disseminam a morte;
Enquanto as mães choram seus filhos trucidados,
Que o estado assassinou e tirou a fé dos soldados;
Enquanto cessa o trabalho e por todo lado a dor,
A maldade e a fome maltratam o corpo e o coração;
Deixem que um anarquista, o malfeitor audaz
Vos faleis, com grande fé da liberdade e da paz...
Mas não de paz armada, de liberdade nos grilhões;
(...)
Hoje o apocalíptico furor da guerra,
Que invade, que se estende, que ameaça cada terra,
Que investe e que varre as casernas, os hospícios, igrejas,
Edifícios e habitações, que raparigas indefesas
Imaculada mata, atormenta, que não poupa os padres
(...)
Mentirosa é a justiça, - e a pátria o engano,
A religião fantasia, o capital um dano,
A política um jogo de otários e de idiotas,
A moral e a honra... Talismã falsos e vazios!...
(...)
Abatem-se as fronteiras, - e a pátria se amplia!
(...)
Que a pátria é o engano, já o disse, mas não basta
Faz do efeito realçar o engano para quem domina...
Qual é a pátria nossa? De nós deserdados?
O lugar no qual nascemos. No qual fomos criados
(...)²⁵³

²⁵³ “(...) Mentre l’urto tremendo d’innumeri coorti/ Le valli, i monti, il mare, dissemina di morti;/ Mentre la mamme piangono su i figli trucidati,/ Che lo stato assassino lor tolse e fé soldate;/ Mentre cessa il la lavoro ed ovunque il dolore,/ La nequizia e l afame straziano il corpo e il cuore;/ Vi parli, con gran fede, di libertà e di

Já tivemos a oportunidade de mencionar anteriormente alguns aspectos técnicos do longo poema *Progresso e civilização*. Agora, seria o momento ideal para a compreensão das temáticas tratadas nele por Bandoni. De maneira geral, ele ressaltou o papel ambíguo que a ciência possuiu ante a sociedade, pois se por um lado representou o progresso da humanidade e a libertação após anos de dominação da religião, por outro foi a grande causadora da Primeira Guerra, conflito este que será compreendido por ele como o grande colapso da civilização e a chegada da tão aguardada crise do capitalismo que cairia abatido de joelhos de uma vez por todas.

Mesmo assim, a sua fé na ciência era inabalável. Ela seria a grande proclamadora da morte de todas as divindades (como na proposta de Nietzsche, presente em seus textos), e por meio dela haveria o progresso e o desenvolvimento humano. Com tais considerações, é possível perceber que Bandoni orbitava ao redor de um pensamento típico da segunda metade do século XIX, já que possuía uma percepção da história em torno de um processo autônomo, incontrolável, um progresso involuntário e automático (historicismo).

Além disso, há uma zona de influência do marxismo em seus textos, posto que a luta de classe assume papel crucial no curso da história. Há, do mesmo modo, uma percepção escatológica do processo histórico, talvez ainda pela influência do marxismo ou apenas por conta de alguns dogmas do cristianismo²⁵⁴ (comum em seus escritos), afinal, mesmo pretendendo ser um anarquista, escapar de tais zonas de autoridade não era tarefa fácil, tanto em razão de seu continente de origem (uma Europa católica) quanto no Brasil nos primeiros anos do século XX.

Progresso e Civilização

(Continuação)

Erradicado o poder da nobreza e do clero,
Se inicia epopeia do pensamento livre;
Começa aquele progresso grandioso, universal,
Que penetra as profundezas, que sobre o céu

pace.../ Ma non di pace armata, di libertà nel ferri;/ (...) Oggi, l'apocalittico furore dele guerra./ Che invade, che si estende, che minaccia ogai terra,/ Che investe e che travolge caserme, ospizio, chiese,/ Palazzi ed abituri, che fanciulle indifese/ Insozza uccid, pistrizia, che non risparmia i preti,/ (...) Menzogna é la giustizia, - e la patria un inganno,/ La religione fisima, il capitale un danno,/ La politica un giuoco di succhioni e d'idioti,/ La morale e l'onore... ciondoli falsi e vuoti!.../ (...) Si abbatton le frontieri, - e la patria ingrandisce./ (...) Che la pátria é l'inganno, già dissi, ma non basta/ Fa d'uopo lumeggiare l'inganno a chi sovrasta.../Qual'e la patria nostra?Di noi diseredati?/ Il luogo in cui nascemmo? In cui fummo allevati/ (...) (*La Propaganda Libertaria*, n. 18, 21 de novembro de 1914, p. 04).

²⁵⁴ Refiro-me a percepção judaico-cristã do tempo. Nessa perspectiva, as ações históricas percorreriam de forma linear um processo que, ao final, inexoravelmente, chegaria a um fim (o apocalipse).

Para arrancar o raio da mão divina,
Que salva o gênero humano da última ruína
De um fatalismo cego... grandiosa renascença
De viril coragem, despertar de consciência,
Titânica revolta contra o dogma e a fé
Contra a onipotência, conta aos destinos (...)
(...)
Mas tesouros da ciência que mudam o destino,
Arrancará os abismos da terra e do céu,
Da riqueza, da paz e da justiça desejada.²⁵⁵

Na segunda estrofe dessa parte, Bandoni exaltou a ciência e algumas de suas descobertas científicas do século XIX, como por exemplo a eletricidade, a ferrovia, a química, a biologia, o telescópio, entre outros. Ademais, realiza uma homenagem a inúmeros cientistas, desde Galileu, Newton, entre outros. Seguindo a poesia:

(*Continuação*)
(...)
O progresso caminha, não estamos com a aurora
Do grandioso despertar
(...)
De Londres ou de Paris na condição de Receptores,
Quería os meios da falsa possessão
E o progresso avança sobre o mar e sobre a terra,
Benéfico, se tem paz, terrível, se tem guerra²⁵⁶

(*Continuação*)
“(...)
O progresso social na ciência e na arte,
Não é, da civilização, nem início nem parte;
O progresso é um influxo de potência nos meios,
Que refina os produtos, e modifica os preços,
Que acelera, que acresce as escassas produções
Pode fazer ricas e potentes várias populações,
Porém no entanto não traz fraternidade, não desarmam os rancores,
Não nos guia à paz, não atenua as dores,
Não cura o escravo preso nas correntes,
Não dá à miséria, a sua parte de bem.
(...)
Se a luta incivilizada e não sempre incruenta,

²⁵⁵ “Debellato il potere de'nobile e del clero./ S'inizia l'epopea del Libero Pensiero;/ Comincia quel progresso grandioso, universale./ Che penetra gli abissi, che su nel cielo sale/ A strappare la folgore dalla mano divina,/ Che salva l'uman genere dall'ultima rovina/ D'un fatalismo cieco... Grandiosa rinascenza/ Di virili ardimenti, risveglio di coscienza,/ Titanica rivolta contro il dogma e la fede,/ contro l'onnipotenza, c'ai distini presente:/ (...) Ma tesori di scienza, che mutano il destino,/ Strapperá dagli abissi della terra e del cielo./ Di ricchezza, di pace e di giustizia anelo/ (...)” (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 03 e 04, “Progresso e Civiltà”).

²⁵⁶ “Il progresso cammina, non siamo s'all'aurora/ Del grandioso risveglio. Domani ci diranno,/ Di Londra o di Parigi, purchè di *Ricellori*./ Abbiamo voglia e mezzi di farsi possessori./ Ed il progresso avanza sul mare e sulla terra,/ Benefico, s'è pace, terribile, s'è guerra; (...)” (*Guerra Sociale*, n. 04, 23 de outubro de 1915, p. 04, “Progresso e Civiltà”).

Pelo pão maldito, que os rancores fomentam,
Não houvesse cada senso de humanidade falseado;
Se o véu não fizesse, o interesse privado,
Aos olhos de Caim, conciliante ao direto
Do Pai, despojado, que lhe garante a alimentação.²⁵⁷

A propriedade privada também foi criticada nas poesias de Angelo Bandoni, posto que no seu entender era a fonte das misérias. A burguesia, com a sua ganância, contribuía para a rebelião dos despossuídos. A anarquia era um valor sacralizado, e pelo que conseguimos extrair, possuía como significado a liberdade, fraternidade e a igualdade, ou seja, os mesmos princípios norteadores da Revolução francesa, que de acordo com Bandoni, seria um grande exemplo da tomada de poder por vontade do povo, dos camponeses, dos trabalhadores²⁵⁸:

Propriedade privada e miséria.

Vermelho do nosso sangue
(...)
Choro e suor,
Os campos, privativos e cercados,
Negam, aos derrotados
A colheita e a flor.
Mas a canalha que pão não tem,
Que não tem casa, nem liberdade;
(...)
Vão propagando,
E apressando,
A rebelião
A cruel burguesia
Se apressa em reagir,
Mas contra a anarquia
Vã e fraudada insano e ousadia.
(...)
Mas com a alavanca da razão
Removeremos as religiões
Da injustiça, da vida.
Por igualdade,
A fraternidade

²⁵⁷ “(...) Il progresso sociale nella scienza e nell’arte./ Non é, di civiltà, né indice, né parte;/ Il progresso é un influxo di potenza nei mezzi,/ Che raffina i prodotti ne modifica i prezzi,/ Che accelera, che accresce le scarse produzioni/ Può far ricche e potenti varie popolazioni./ Però, non al fratello, non disarma i roncori,/ Non cí guida ala pace, non lenisce i dolore./ Non cura dello schiavo le ferrigne catene./ Non porge, ala miseria, la sua parte di bene./ (...) Se la lotta incivile e non sempre incruenta,/ pel pane maleditto, ch’i rancore fomenta,/ Non avesse ogni senso d’umanità falsato;/ Se velo non facesse, l’interesse privato,/ Agli occhi di caino, conculcante il diritto/ Del fratello, spoglito, che limosina il vitto,/ (...)” (*Guerra Sociale*, n. 05, 06 de novembro de 1915, p. 03, “Progresso e Civiltà”).

²⁵⁸ Veremos nos capítulos seguintes, que a sua compreensão sobre a Revolução francesa é equivocada de acordo com as atuais análises posições historiográficas que redimensionam o papel do terceiro estado nesse processo, pois os camponeses, ao que se sabe atualmente, não teriam agido de forma autônoma, e nem imbuídos de tais princípios que originalmente foram defendidos pela burguesia.

As duas próximas e últimas poesias que serão analisadas a seguir versam sobre a prática anarquista com a qual Bandoni melhor se identificou: a pedagogia libertária. A primeira delas, *Primavera Redentora*, que inclusive foi publicada em português, fato raro já que praticamente ele pouco produziu em vernáculo (ao menos que tenha ganhado publicidade), buscou ressaltar o papel da educação e da escola no processo de revolução social. Cabe atentar-se, também, para métrica utilizada, que neste caso, foi a *alternada*, seguindo a sequência ABAB:

Primavera Redentora

As blandícias desta primavera **A**
São penhores de libertação; **B**
A maldade que no mundo impera **A**
Não se salva da conflagração **B**
(...)

Nós, crianças cheias de bondades,
Nossa pedra levarem, também,
A grande obra da fraternidade
Redentora que o por vir contém.
(...)
O desvelo da Escola Nova
Nos dá luzes, para triunfar,
Nos permite de vencer a prova
Mas penosa, sem tergiversar.
(...)²⁶⁰

E finalmente, a segunda poesia recebeu como título *Na Escola* (publicada em italiano), e que basicamente é uma exaltação do amor ao conhecimento, à aprendizagem e à prática do ensino, uma verdadeira homenagem à profissão de professor por aquele que dedicou parte de sua vida a esta tarefa:

Na Escola

(...)
No forte amor;
Folgas e brincadeiras,
Jogos e asneiras
Fazem perder

²⁵⁹ “Rossi del nostro sangue,/ (...) Pianto e sudor,/ I campi, or privati e recinti,/ Negano, ai vinti,/ Messe e i flor/
(...) Ma la canaglia che pan non ha,/ Che non ha casa, né libertà;/ Van propagando,/ Ed affrettando./ La rebellion/
La truce borghesia/ Si appresta a reagir,/ Ma contro l’anarchia/ Vana e la fronde ed insano l’ardir./ (...) Ma colla
leva della ragion/ Rimuoveremo le religion/ Dell’ingiustizia, della viltà/ Per l’eguaglianza/ La fratellanza/ E la
libertà” (*Germinal!*, n. 10, 21 de junho de 1919, p. 03, “Proprietá privada e Miséria”).

²⁶⁰ *Germinal!*, n. 13, 12 de junho de 1919, p. 03, “Primavera Redentora”.

O tempo mais propício
E o benefício
De compreender

Não há mais grata ocupação
De ler, compor e calcular;
Na glória do saber
Só pode-se gozar.
(...)
Belo é folgar, depois de ter
Estudado com proveito
E seguido com respeito
Do professor a boa lição
Que o coração
Nos faz vibrar
Cheio de fulgor, ao longe está
O pendão da liberdade
De fremente humanidade;
De lá chegar, certeza tem
Quem muito e bem
Sabe estudar²⁶¹

Apesar da mensagem contida no poema, de forma nítida percebe-se uma tendência de Angelo em expor e abraçar certa “moral anarquista”, ao defender a necessidade de obediência e respeito aos ensinamentos do professor.

Talvez aí possamos encontrar uma das muitas contradições existentes nas ideias libertárias, pois propõe fazer coexistir em um mesmo indivíduo a rebeldia contra algumas imposições sociais, e por outro lado a aceitação de valores oriundos de determinados grupos (principalmente quando tais valores são invocados como necessários à sobrevivência do coletivo); em outras palavras, o que se vê é em choque entre a liberdade individual, a máxima potência do indivíduo – o eu Único de quem fala Stirner, em detrimento da coletividade. Há quem diga que por esses e outros paradoxos o anarquismo é “esquizofrênico” (ROMANI, 2013, p. 13), o que lhe faz ser tão peculiar, ao tentar juntar duas situações aparentemente antagônicas: “o individualismo e o socialismo”.

Seja como for, esse proselitismo de uma “boa moral” anárquica esteve constantemente presente nos textos de Bandoni, sobretudo em suas poesias, servindo como um importante instrumento de propaganda libertária.

2.2.2 – O conferencista

²⁶¹ *Germinal!*, n. 13, 12 de junho de 1919, p. 03, “Na Escola”.

Numa bela noite, apareceu Angelo Bandoni. Trazia no bolso do paletó volumoso catatau de folhas de papel almaço dobradas (...). Ele que sempre improvisara — e era famoso por isto — desta vez preferira escrever, pondo no papel o que lhe vinha do coração.

Tivera muito trabalho na redação, empregara frases fortes(...). O discurso saíra a seu gosto (...). No correr do tempo, Bandoni releu muitas vezes sua “obra-prima”, encaçada numa gaveta; aproveitava então para burilá-la, mudando uma palavra aqui, um adjetivo ali...

Bandoni tomou impulso, pediu silêncio. Levantou-se, puxou do bolso o calhamaço de papel, colocou os óculos e em tom oratório (...) iniciou a leitura. Comovido com as próprias palavras, interrompia-se de vez em quando para enxugar suor e lágrimas, limpar as lentes embaçadas dos óculos, assoar o nariz (GATTAI, 1994, p. 179-180).

Diversas foram as conferências proferidas por Angelo Bandoni ao longo do período em que residiu no Brasil. Encontramos, ao longo desta pesquisa, inúmeras referências na imprensa anarquista sobre os seus “giros de conferências” na capital e no interior do Estado de São Paulo. O objetivo era único: propagandear o anarquismo. Mas como já foi ressaltado, diferentemente de outras formas de manifestações da cultura libertária, a conferência possui, de igual maneira, uma proposta pedagógica que servia para informar e educar o público, em geral trabalhadores, não apenas a respeito dos ideais anárquicos, mas também questões filosóficas e muitas vezes notícias da conjuntura política nacional e estrangeira.

Apesar disso, apenas tivemos conhecimento daquelas conferências que foram publicadas em seus jornais. De uma maneira geral, Bandoni escrevia de forma rebuscada, sempre em língua italiana, imprimindo em seus textos constantemente elementos que pertenciam à sua bagagem cultural. Além disso, buscou tratar de temas variados, porém geralmente de forma prolixa e contendo divagações filosóficas, que certamente por um lado lhe davam um contorno de intelectualidade, por outro gerava certa desconfiança em seus leitores. Entretanto, nosso conferencista soube lidar bem com essa questão, tanto foi assim que seus escritos vão “amolecendo” com o passar dos anos. Aquelas palavras mais exóticas e incompreensíveis vão lentamente sendo deixadas para trás, sendo substituídas por outras mais familiares. Ademais, tem as suas habilidades em oratórias paulatinamente melhoradas, conforme o relato constante na epígrafe.

Grosso modo, foram oito as conferências publicadas. A primeira delas, *Ragio e amore*, cuja publicação se deu em 1901, a segunda *La Protesta Umana* (1901), que posteriormente seria impressa em formato de opúsculo. A terceira, *I Martiri di Chicago* (1902, também editada em formato de opúsculo), uma homenagem aos trabalhadores anarquistas que foram

assassinados pelo governo americano, em maio de 1886, enquanto reivindicavam por uma jornada de trabalho de 8 horas.

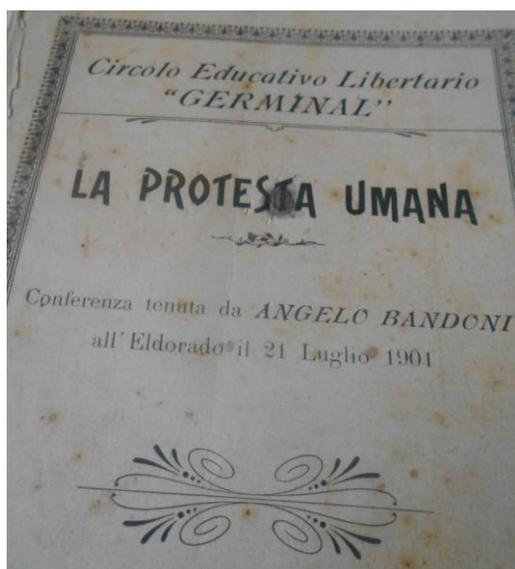
Além dessas conferências, Bandoni ainda realizou mais três outras: *Quattro fasi della Protesta Umana* (1902), sendo esta apenas uma ampliação da *La Protesta Umana*. A quinta foi a *Pro e Contra L'esistenza di Dio* (publicada no jornal *Germinal*, 1902), seguida pela *Egoismo e Altruismo*,²⁶² que correu as páginas do periódico *La Battaglia e Guerra Sociale*. Já a sexta foi *La guerra europea e la questione sociale*, proferida em 1914. Finalmente, temos a *La Fatalità Storica della Rivoluzione Sociale* (1921), que resultou em seu último opúsculo, e foi uma síntese de todo o seu pensamento político e social do contexto do início da década de 1920.

Assim como as suas poesias, fizemos uma seleção das conferências as quais iremos analisar de um modo um pouco mais detido. De forma que privilegiamos aquelas que, ao nosso sentir, contribuíram para a propaganda libertária e que, do mesmo modo, possuem uma proposta mais pedagógica e voltadas para manter o seu público informado a respeito de determinados eventos políticos e sobre o próprio anarquismo.

Imagem 06 – Opúsculos publicados por Angelo Bandoni



²⁶² Por essas duas conferências não terem sido publicadas na íntegra, mas apenas alguns trechos em forma de artigo, ambas serão analisadas no terceiro capítulo desta pesquisa.



Fonte: AEL, Documento digital – Fundo Edgard Leuenroth

O periódico *Palestra Social*, dirigido pelo anarquista Tobia Boni, na edição de junho de 1901, publicou uma nota sobre a conferência, *Ragio e Amore*, de autoria de Bandoni, cuja temática a ser tratada, de acordo com Boni, era “coisa delicada, cheias de espinhos que se não fossem o saber e o mérito oratório do conferencista”²⁶³ não seria possível enfrentar a questão com a devida competência. Naquela ocasião, o tema principal versaria, entre outros assuntos, sobre o amor livre:

Razão e amor

Temo o prazer de anunciar, proximamente, o nosso companheiro Angelo Bandoni, fará a sua primeira conferência em pagamento a exclusivo benefício do jornal libertário e anticlerical de São Paulo. (...) tem-nos gentilmente comunicado, aguardaremos bem pronunciar-se, em mérito, em modo determinado e favorável a *Amore e Ragione* é o título capcioso desta conferência (...). Da tribuna e dos seus jornais, tem se falado já tanto de amor livre que é conceito de muitos não existir, em matéria, mas nada de relevante de imaginar. O nosso companheiro, possui um conhecimento singularíssimo (...). Ele, possuindo orientação a razão, trará as observações críticas através de todas as fases do amor, através dos conceitos (...) do sentimentalismo escolástico.²⁶⁴

²⁶³ *Palestra Social*, n. 12, junho de 1901, p. 02, “Ragio e Amore”.

²⁶⁴ “Siamo lieti d’annunziare che, prossimamente, io nostro compagno Angelo Bandoni, terrà la sua prima conferenza a pagamento ad esclusivo beneficio della stampa libertaria ed anticlericale di San Paulo. (...) che, a mostra richiesta, ci ha gentilmente comunicati, ci guarderemmo bene dal pronunciarci, in merito, in modo determinato e favor [...] *Amore e Ragione* é il titolo capcioso di questa conferenza, (...). (...) Dalla tribuna e su pei giornali, si è parlato già tanto di libero amore che è concetto di molti non esservi, in materia, più nulla di relevante da lumeggiare. Ebbene io nostro compagno, mercé un indagine singolarissima. (...) Egli, prendendo a guida la ragione, porterà l’osservazione critica attraverso tutte le farse dell’amore, attraverso i concetti dommatici del sentimentalismo scolastico” (*Palestra Social*, n. 12, junho de 1901, p. 02, “Ragio e Amore”).

Em síntese, questões como amor, sexo, casamento são intensamente explorados na conferência. A beleza também foi tema debatido. De tudo, cabe frisar a sua percepção em relação à noção de amor livre para os anarquistas. Para Angelo Bandoni, se traduziria na união entre casais onde prevalecesse unicamente o amor, sem interesses sociais e econômicos envolvidos. Seria um tipo de relacionamento em que ambos os indivíduos, e sobretudo a mulher, pudessem escolher o melhor momento e com quem se relacionar, e que possibilitasse a separação no caso de relações sem afinidades.

Além disso, Bandoni fez questão de pontuar que o amor livre não significaria para ele, uma “pulsão sexual desenfreada”, como equivocadamente vinha sendo defendido por alguns, mas uma prática pertencente aos libertários conscientes de acordo com os preceitos mencionados:

Amor e Razão Conferência de PSICOPATIA-ERÓTICA

(Continuação...)

O estudo filosófico tem revelado, além disso, que o indivíduo tem uma tendência afiada a assimilar tudo o que o serve, tudo o que tem causado e pode ainda causar-lhe prazer. Ora se, por determinismo evolutivo, reconhecer, de consciência, que o vínculo positivo, a consciência matrimonial seria, nesta sociedade, ineficaz e injusto.

1º Não obrigados a prevenção na escolha 2º amar-nos enquanto dura o amor 3º para aceitar pela justa e moral a separação dos acoplamentos sem afinidade: é o amor livre mal interpretados por alguns, de tantos males interpretados; o amor livre tal qual o concebem todos os libertários conscientes.²⁶⁵

Além do amor livre, também foi tema de suas conferências: a revolução, a pátria e o capitalismo, e de acordo com Bandoni, esses elementos deveriam ser analisados a partir de “quádruplos protestos humanos: o religioso, o filosófico, o político e o social”. Tal perspectiva foi tratada em a *Quatro fasi dela Protesta Umana*, que, de forma geral, seria uma explicação com o intuito de compreender “o estado atual de incivilidade”, que todas as sociedades, ou seja, “a sociedade em todas as suas formas: império, monarquia, república” deveria atravessar.

²⁶⁵ “Lo studio filosófico ci ha rivelato, inoltre, che o individuo ha una tendenza spiccatissima ad assimilari tutto ciò che gli serve, tutto ciò che gli ha causato e può ancora causargli piacere ora se, per determinismo evolutivo, ammettiamo l'avvento d'una società di liberi e di uguali, dovremo ammettere, di conseguenza, che il vincolo positivo, l'istituzione matrimoniale sarebbe, in questa società e inefficace ed ingiusta. 1º non costretti a provenzioni nella scelta. 2º amarci finché dura l'amore. 3º costare per giusta e moral la separazione degli accoppiamenti senza affinità: ecco, il libero amore da alcuni travisato, da tanti frainteso; il libero amore tal quale lo concepisco tutti i libertarie coscienti” (Teor publicado nas edições: *Germinal*, n. 01, 10 de fevereiro de 1902, p. 02; n. 04, 05 de abril de 1902, p. 03 e 04; n. 05, 01 de maio de 1902, p. 01, 03 e 04; n. 07, 31 de maio de 1902, p.03 e 04).

Sobre a revolução, esta seria um fato inevitável e necessário, pois qualquer sistema (político e econômico) estaria fadado ao fracasso. Nesse momento, Bandoni aproveita para conceder ao seu público uma verdadeira aula sobre a Revolução francesa, citando os seus princípios, pensadores e os principais agentes deste movimento. Entretanto, este não teria sido um fenômeno exclusivo dos revolucionários ali envolvidos, mas uma situação de “crise social” eclodida por razões externas à vontade da população francesa:

As quatro fases do protesto humano

(...)

A revolução é o nó górdio para a questão social; a lentidão ou a rapidez de seu advento depende da nossa compreensão; mas como o contingente incumbe sempre ao absoluto, para o advento da revolução social é hoje inevitável, necessário.

(...)

A escola francesa, a Montesquieu, a Voltaire, a Rousseau, aos filósofos enciclopedistas: Turgot a Condorcet, de Diderot a Dalambert, nós devemos permanentemente reconhecimento; está sob os golpes profundos que recaiu a vergonhosa mansão, que, entre os homens, cessou o antagonismo da nefasta, mentirosa, nobreza de sangue.

Eu não repetirei, com superficialidade, que a revolução francesa seja obra exclusiva deles; os revolucionários, ao meu ver, são fenômenos fisiológico do grande organismo social. Nós podemos agilizar, regular, em muitos casos, a manifestação, evitar-lhes é impossível.

(...)²⁶⁶

Continuando a sua exposição sobre a Revolução francesa, o conferencista ressaltou que, durante o período em que o movimento esteve sob o controle da burguesia, a guilhotina foi o instrumento mais utilizado contra os opositores.

Além disso, Bandoni menciona que, apesar de ter representado o fim do domínio da nobreza em todo o mundo, a Revolução também significou a ascensão da burguesia no comando das civilizações. Valendo-se de uma metáfora, argumentou que essa nova classe dirigente reutilizaria a conhecida guilhotina, que nesse momento não seria o famoso instrumento de decapitação, mas estaria representando o capitalismo, o nacionalismo e a pátria. A partir daí, passou a citar nomes de anarquistas famosos (e alguns nomes de outros movimentos sociais) que se empenharam no combate de tais sistemas, fato bastante curioso já

²⁶⁶ “La rivoluzione è il gordiano del a quistione sociale; la lentezza o la rapidà del suo avvento dipendono dalla mostra comprensibilità; ma come, al contingente, incombe sempre l’assoluto, così l’avvento della rivoluzione sociale è oggi inevitabile, necessario. (...) Alla scuola francese, ai Montesquieu ai Voltaire, ai Rousseaux, ai filosofi enciclopedisti: da Turgot a Condorcet, da Diderot a Dalambert, noi dobbiamo perenne riconoscenza; è sotto i loro colpi assennati che cadde il vergognoso maniero, che, fra gli uomini, cessò l’antagonismo della nefasta, bugiarda nobiltà del sangue” (*Germinal*, n. 08, 15 de junho de 1902, p. 03 e 04, “Le quattro fasi della protesta umano”).

que, ao longo de toda a sua publicação tipográfica, jamais chegou a mencionar algum teórico do anarquismo. Seja como for, essa passagem serve para elucidar o conhecimento que possuía do movimento libertário:

(...)

É o ídolo pátria que se desmorona e caí é internacional que surge! Já ninguém ignora mais que além da fronteira do próprio país, existem privilegiados descarados e prepotentes que, com arma de um código monstruoso, assassinam o direito, a liberdade, a integridade de seus compatriotas deserdados. Na Inglaterra são os Godwin, os Adam Smith, os Owen, que corajosamente afirmam as aspirações do povo! Na França: Sant Simon, Fourier, Proudhon, Dejac, Rollin, na Alemanha: Marx, Engels, na Itália: Mazzini, Garibaldi, Cafiero, na Rússia Bakunin, Kropotkin, etc.²⁶⁷

A última conferência a ser analisada é *La guerra europea e la questione sociale*, que foi discursada por Bandoni no mês de novembro de 1914 e transmitida por uma rádio local do Teatro de Taquaritinga. Os temas centrais da conferencia foram o progresso da civilização, o desenvolvimento do capitalismo e o nacionalismo dos impérios, ou seja, fatos que foram geradores de conflitos entre os países europeus e que acarretaram a Primeira Guerra Mundial. O texto utilizado no discurso, e que foi publicado no periódico *La Propaganda Libertaria*, destaca-se pela forma da escrita: neste momento mais objetiva, menos rebuscada e de curta duração evitando a prolixidade.

Para além desta temática central, Bandoni aproveitou a ocasião para mencionar os efeitos negativos que a autoridade dos sistemas políticos, a propriedade privada e a religião exercem sobre a sociedade, que por isso tende ao colapso. Por outro lado, reforça a importância do anarquismo na luta contra tais pressupostos e na emancipação social dos trabalhadores, e que essa tarefa vinha sendo realizada pelos militantes por meio de inúmeros jornais anarquistas:

A guerra europeia e a questão social

Conferência pronunciada na tarde de 17 de outubro na rádio Teatro de Taquaritinga

(...)

²⁶⁷ “È l’ídolo patria che si agretola e cade, è l’internazionale che surge! Ormai nessuno ignora più che abilità della fronteira del proprio passo, vi sono, come in esso, esso privilegiati sfacciati e prepotenti che, col’arma d’un codico mostuoso, assassinano il dritto, la libertà, l’integrità dei loro diseredati compatriotti. Inghilterra sono i Godwin, gli Adam Smith, gli Owen, che coraggiosamente affermano le aspirazioni del popolo! In Francia: Sant Simon, Fourier, Proudhon, Dejac, Rollin, in Alemagná: Marx, Engels, in Italia: Mazzini, Garibaldi, Cafiero, in Russia Bakunin, Crotokine, ecc” (*Germinal*, n. 09, 30 de junho de 1902, p. 03 e 04, “Le quattro fasi della protesta umano”).

Nós não gostamos dos fariseus que esmagam a pedra e escondem a mão. Se nela nossas conferências, atacamos frequentemente o princípio da autoridade, a propriedade privada e talvez Deus, nós o fazemos sempre com pleno sentimento da própria responsabilidade moral: daquela jurídica não me importa nem um pouco. Porque assim, tendo, está tarde, de tratar um tema quanto mais escabroso e urgente, tenho julgado conveniente prevenir-me contra as possíveis aberrações da fantasia. (...).

(...)

Realidade sintomática e incontestável é para aquela que o ideal anárquico se acende de luz sempre mais viva e abre sempre mais salutareis no entendimento proletariado. A manipulação da ousadia inovadora de meio século, é por agora tornado legião; as críticas fragmentadas as instituições burguesas, afirmações catastróficas disparates e demasiadas unilaterais, tem bem breve devido ceder o campo a teoria organicamente inaceitável. Hoje, temos periódicos anarquistas em todas as línguas, uma literatura exuberante e sem enfeite, que, no marasmo da vida ativa do povo, porta a nota viril da indignação e dos propósitos sãs.

(...)

Angelo Bandoni²⁶⁸

Assim, no texto em análise, como já tivemos oportunidade de salientar, existe a recorrente defesa de uma moral anárquica, e que esta seria a mais justa e a única legítima. É possível perceber, também, uma influência de passagens bíblicas que são utilizadas pelo autor como recurso para auxiliar na identificação entre os opressores (que seriam os fariseus) e os “deserdados” (apedrejados – o anarquista proletário).

De todo modo, mesmo concedendo às ideias libertárias uma tonalidade de “fé redentora e salvadora do mundo”, semelhante à mensagem do cristianismo, não se pode descartar a importância que tais conferências possuíram na instrução dos trabalhadores e na propaganda anarquista.

²⁶⁸ “La Guerra Europea e la Questione Sociale – Conferenza pronunciata la sera del 17 ottobre nel Radium Teatro di Taquaritinga – (...) A noi non piacciono i farisei che scagliano il sasso e nascondono la mano. Se nelle nostre conferenze, attacchiamo sovente il principio d’autorità, la proprietà privata e magari il padreterno, noi lo facciamo sempre col pieno sentimento della propria responsabilità morale: di quella giuridica non ce ne importa un fico. Cosicchè, dovendo, questa sera, trattare un tema quanto mai scabroso e scottante, ho giudicato conveniente premunirmi contro le possibili aberrazioni della fantasia. (...) Realtà sintomatica ed inoppugnabile é pur quella che – adonta delle più inique persecuzioni – l’ideale anarchico si acende di luce sempre più viva, ed apre spirargli sempre più salutar nell’intendimento proletario, il manipolo di audaci novatori di mezzo secolo fà, é ormai diventato; le critiche frammentarie alle istituzioni borghesi, affermazioni catastrofiche disperate e troppe unilaterali, hanno ben presto dovuto cedere il campo a teorie organicamente ineccepibili. Oggi, abbiamo periodici anarchici in tutte le lingue, una letteratura esuberante e senza fronzoli, che, nel marasmo della vita coattiva del popolo insofferente, porta la nota virile dello sdegno e dei propositi sani” (*La Propaganda Libertaria*, n. 18, 21 de novembro de 1914, p. 04, “La Guerra Europea e la Questione Sociale”).

Capítulo 3 – Angelo Bandoni: um articulista da imprensa libertária

Se no primeiro e no segundo capítulo foram pesquisados, respectivamente, a trajetória biográfica de Angelo Bandoni e a sua prática enquanto educador, poeta e conferencista, neste buscamos esquadrihar as suas ações de propaganda anárquica a partir da análise dos textos produzidos durante o período de sua permanência no Brasil, cuja publicação alcançou alguns jornais anarquistas sob a forma de pequenos artigos.

Para facilitar a compreensão, dividimos toda a produção tipográfica de Bandoni em três fases: a primeira, entre os anos de 1900 a 1911, a partir dos periódicos, *Palestra Social*, *Germinal* e *La Battaglia*; a segunda, compreendendo os anos de 1912 a 1917, por meio dos jornais *La Propaganda Libertaria* e *Guerra Sociale*; e finalmente uma terceira através dos artigos publicados no *Alba Rossa* e no *Germinal!* (segunda fase), no intervalo de 1919 a 1921.

Desse modo, a partir da análise dos diversos artigos, pretendemos observar a “visão de mundo” de Angelo Bandoni²⁶⁹. Em outras palavras, o objetivo desta parte foi tomar conhecimento das percepções do ácrata acerca de temas variados, que foram de interesse e atravessaram o operariado no Estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, como: greves, datas comemorativas, casos cotidianos, o imigrante, religiões, revoluções e guerra. Além disso, buscou-se perceber os equívocos existentes em algumas destas análises, bem como as possíveis contradições e mudanças de posição sobre uma determinada temática ao longo tempo.

3.1 – O reconhecimento: “*momento di palpitante*” (1ª fase – 1900-1911)

Nesta seção, analisamos alguns dos artigos escritos por Angelo Bandoni e que foram publicados, especificamente, nos periódicos, *Palestra Social*, *Germinal* e *La Bataglia*. Ou seja, basicamente uma produção que traspassou cerca de dez anos (1900-1911), e cuja elaboração realizou-se após a sua chegada ao Brasil. Por essa razão, consideramos este momento como sendo a fase de reconhecimento de sua militância por parte não só dos seus companheiros anarquistas, mas de igual modo pelo proletariado paulista. É neste período,

²⁶⁹ Segundo Edilene Toledo: “Os jornais operários contribuíam para transmitir os trabalhadores a ideia de fazer parte de um conjunto, de uma classe social e de uma luta que ultrapassava os limites do Estado nacional. Seu papel era informativo, mas também era o de propagar uma visão de mundo” (TOLEDO, 2004, p. 29).

assim, que paulatinamente, artigo após artigo e jornal após jornal, que a sua imagem passou a ser notabilizada, permitindo que seu nome saísse do anonimato.

A sua primeira aparição na imprensa libertária foi no *Palestra Social*, periódico anarquista, dirigido por Tobia Boni, entre os anos de 1900 a 1901, e que manteve as páginas abertas para todos aqueles defensores “do direito, da verdade e da justiça” e que pudessem contribuir, com doações ou com artigos, na luta “pela defesa da emancipação humana”²⁷⁰. Bandoni, em artigo publicado em dezembro de 1900, comentou a respeito do então recente caso envolvendo o libertário, Gaetano Bresci, que foi preso e condenado à morte (em agosto de 1900) por ter assassinado o rei Umberto I, em julho daquele mesmo ano, após ter disparado e acertado, contra o peito do monarca, três tiros (Ver: MONTEIRO, 2009).

Bandoni ressaltou que, o sentenciamento do anarquista italiano pelos “inconscientes patrióticos”, “os servos das instituições sacras”, representou, na prática, a condenação de um grande nome da experiência anárquica – um representante dos povos – que teria agido contra os “salvadores da pátria, os vassalos da monarquia”. Por outro lado, o atentado seria um ato importante para o estopim da revolução social, e que os trabalhadores italianos no Brasil, sobretudo os defensores de um “republicanismo velado” e os seguidores de Karl Marx, nomeado por ele como detratores, não deveriam comover-se com o atentado e ainda evitar serem contaminados por um sentimento nacional²⁷¹.

Bresci, nas páginas do jornal de Boni, não seria o único militante homenageado por Bandoni. Os anarquistas condenados em Chicago após a revolta de maio de 1886 também foram lembrados como heróis, como mártires, contra a repressora ação da burguesia estadunidense:

²⁷⁰ “Nossos companheiros de infortuno, encontrarão em nossas decisões a defesa de seus direitos, e não vacilaremos em afrontar as iras dos iníquos exploradores das entranhas que pelo afã de lutar não vacila em espremer impiedosamente a quem deles dependem. (...) assim, reclamamos a cooperação e auxílios de nossos queridos companheiros, como de todos aqueles defensores do direito, a verdade e a justiça que podem favorecer-nos e ajudar-nos com sua inteligência, e sobrelevar, a missão espinhosa que nos tem sido encomendada e que a comete em verdadeira fé. A redação do *Palestra Social*, saúda cordialmente o proletariado de ambos hemisférios e dedica um recado carinhoso a todos os que sofrem perseguições pela defesa da emancipação humana” (“Nuestros companeros de infortúnio, encontrarán en nosotros decididos adolices en la defensa de sus derechos, y no vacilaremos en afrontar las iras de los inicuos explotadores sin entranãs que por afan de lucha no vacilan em estrujar despidadamente a los que de ellos depeden. (...) asi reclamamo la cóoperacion y auxílios de nuestros queridos compañeros, como de todos aquellos campeones del derecho, la verdade y la justicia que puedan favorecernos y ayudarnos com su inteligencia, y sobre llevar, ia misión espinosa que nos há sido encomendada y que acomete em verdadeira fê. La Redaccion de la *Palestra Social*, saluda codialmente al proletariado de ambos hemisferios y dedica um rucuerdo cariñoso á todos los que sufren persecuciones por la defensa de la emancipacion humana”, *Palestra Social*, n. 01, 04 de novembro de 1900, p. 01, “Nuestro programa”).

²⁷¹ “E si saran detto – i salvatori della pátria, i vassalli della monarchia – confortati dal soprassoldo e dall’acquiscenza più o meno velata dei repubblicani e dei denigratori di Carlo Marx” (*Palestra Social*, n. 03, 23 de dezembro de 1900, p. 01 e 02, “La lotta continua”).

ANIVERSÁRIO XIII

Faz hoje treze anos que os nossos companheiros de Chicago, de simples mortais que eram, se elevaram a categoria de heróis mártires pela feroz malvadez da burguesia republicana.

Heróis, porque preferiram antes a morte que recorrer a vileza de solicitar perdão de seus verdugos

Mártires, porque não esperando recompensa alguma terrestre nem celeste, subiram impávidos a forca republicana, com a inteireza e orgulho próprios dos que sabem que morrem por uma causa justa e humana.

(...)

Perante vossos túmulos, irmãos de Chicago, prometemos solenemente não titubear um estante, não sossegar um momento até que, com o pé sobre o pescoço da hidra burguesa, possamos dizer como o personagem do Otelo: eis aí o leão.²⁷²

Um tema também bastante presente nos artigos de Angelo Bandoni foi a religião a partir da crítica anarquista. Na maior parte dos casos a corrente religiosa em cheque era o catolicismo, e, por consequência, esta análise pejorativa se estendia à Igreja, já que no início do século XX era praticamente a única instituição responsável pela pregação do cristianismo.

Para Bandoni, esta instituição eclesiástica tratava-se de “uma máfia”, que se dedicava em encher “de patranhas crapulosas o espírito do povo”. E que por conta disso arrancavam dos trabalhadores, que viviam na penúria realizando as “rudes fainas”, a alma e o dinheiro para o sustento “das debochadas orgias desse turbilhão de parasitas de origem divina”. Além disso, recomendava aos leitores que procurassem se afastar da embriaguez étlica e dos discursos pertencentes ao senso comum, pois eram apenas “gargalhadas de perfeitos alienados”, e que a luta contra as injustiças deveria continuar “sem tréguas até que enfim brilhe no horizonte a aurora da liberdade que marcará uma nova era”. Ainda segundo ele, apenas deste modo as mulheres estariam livres da prostituição em que se transformou o casamento²⁷³; “e os nossos filhos escapos ao contágio venenoso e corruptor dos quartéis e do funcionalismo público”. Ao final, assim declarou: “Eis! Coragem! Todos os nossos inimigos estão simbolizados em duas palavras: Deus e Estado. Um é o resultado do outro e precisam morar juntos”²⁷⁴.

²⁷² *Palestra Social*, suplemento, 11 de novembro de 1901, p. 01, “ANIVERSÁRIO XIII”.

²⁷³ Acreditamos, que sobre a prostituição, Bandoni quisesse se referir a mulher, que por vontade paterna, submetia-se a um casamento onde muitas vezes o fator econômico era preponderante. Este tipo relação, que não privilegiava os laços sentimentais, foi duramente combatido pelos anarquistas. Por essa razão, prostituição, nesse caso, era uma forma de designar a condição feminina ante a estas uniões matrimoniais.

²⁷⁴ “Estos personajes patibularios son los que te tienen supeditado á la más vil miseria, vistiendo como vistes con pingajor, habitando em inmunda zahurda y respirando las emanaciones de las marismas que circunda tú desmantelada morada. Mientras que ellos viven rodeados de todas las comodidades. Oh Pueblo tiranizado y

A crítica, entretanto, não era exclusiva ao catolicismo²⁷⁵. Em um artigo publicado no jornal *La Battaglia*, tomamos conhecimento de sua posição a respeito do espiritismo. Para Bandoni, algumas atividades mediúnicas como “as pernas das mesas que dançam um giro de valsa”, o aparecimento “de almas humanas”, que em alguns casos são explicados como a manifestação de “um espírito zombeteiro, numa via de transmigração, que se diverte um pouco”, nada mais seriam que a imaginação de mentes que “divagam no incógnito”, “um truque bem organizado”. Mas, alguns fenômenos “misteriosos” deveriam ser explicados como uma manifestação natural ou como efeito da telepatia²⁷⁶, e não resultantes de uma religiosidade.

De acordo com o articulista, as explicações religiosas para alguns fenômenos deveriam restringir-se ao campo da fé, e que mesmo nas religiosidades possuidoras de um embasamento filosófico ou científico, como no caso do espiritismo (religião bastante presente nos textos da imprensa anarquista), carece da crença daqueles o propagam²⁷⁷.

Após as suas esporádicas participações no *Palestra Social*, Angelo Bandoni centrou esforços na organização de um próprio jornal, que seria nomeado como *Germinal*, e que contou a com a participação de alguns militantes como Giulio Sorelli, Motta Assumpção (residente no Rio de Janeiro), entre outros. O periódico, em um primeiro momento, manteve-se aberto à participação dos anarquistas de distintas vertentes²⁷⁸, além de contar com a contribuição de artigos em língua portuguesa e espanhola.

famélico! Hasta cuando permanecerás em tu criminal apatia! Despierta súbito del sueño de la indolência y proclama tus dorecho à la faz de tus tiranos” (*Palestra Social*, n. 04, 12 de janeiro de 1901, p. 03).

²⁷⁵ A crítica sobre a religião apareceu também em outro artigo intitulado *Pró e contra a existência de Deus*, assinado com o pseudônimo de La Hache. O texto gerou uma grande polêmica com um de seus leitores chamado Alfonso Bevilacqua, o qual escreve uma correspondência ao jornal. Esta foi publicada e continha argumentos em prol da existência de deus. Fato intrigante é o conhecimento que ambos possuem sobre a bíblia e sobre questões ligadas a uma filosofia teológica (para maiores detalhes, ver: *Germinal*, n. 02, 01 de março de 1902, p. 01 a 04).

²⁷⁶ “Não conheceis os fenômenos da telepatia? Não? Ora, aqui está um. Um belo dia, veio em minha cabeça o maldito presságio que a vossa sogra foi morta em um acidente na testa, na Itália, onde ela estava entre um mês recebi uma carta na qual se anunciava que vossa sogra morreu... Naquele próprio dia, naquela mesma hora em qual vós pensastes que era morta. Eis a telepatia! Milhões de outros indivíduos haveriam pensado o mesmo (...)” (“Non conoscete i fenomeni di telepaida? No? Ebbene, eccone uno. Un bel giorno, vi salta in testa il maledetto presagio che la vostra suocera è crepata di um acidente nella testa, in Italia, dove l’avete lasciata. Fra um mese ricevete una lettera in cui vi si annunzia che vostra suocera mori... próprio in quel giorno e in quella medesima ora in cui voi pensate che era morta. Ecco la telepatia I Milioni di altri individui avranno pensato lo stesso, (...)”, *La Battaglia*, n. 59, 27 de agosto de 1905, p. 02 e 03, “Gli Spiritisti”).

²⁷⁷ *La Battaglia*, n. 59, 27 de agosto de 1905, p. 02 e 03, “Gli Spiritisti”.

²⁷⁸ Na capa, na parte do cabeçalho, encontram-se as seguintes descrições sobre o jornal: “Órgão socialista-anárquico”, Bandoni como editor responsável, periodicidade incerta, “Editado aos cuidados do Círculo, Educativo, Libertário Germinal” (“Organo socialista-anarchico – Editado a cura del Circolo, Educativo, Libertario Germinal”, *Germinal*, n. 01, 10 de fevereiro de 1902, p. 01 a 04).

O primeiro jornal de Bandoni circulou até maio de 1904, porém a sua participação enquanto diretor ficou restrita até a edição de número 11, quando Duilio Bernadorni²⁷⁹ assumiu a direção do periódico. Além disso, grande parte dos textos possuía uma escrita densa e abordava temáticas que, muitas vezes, se distanciam de ações mais práticas para os trabalhadores, como consta o relato na carta escrita por Felice Vezzani, que tinha vivido no Brasil, e escreve de Paris para Gaetano Sandri em São Paulo, comentando sobre o *Germinal*:

Eu gostaria de saber o que pode aprender um pobre coitado de um operário em todo aquele monte de suposta filosofia, naquela porosa confusa e disforme. Se ao menos houvesse alguma coisa incrente à luta terrível dos explorados para iluminar as mentes, mas cada ou quase nada do que é o ponto realmente importante e todo o espaço é reservado a artigos de polêmica barroca, quase incompreensível elucubrações grotescas inúteis. E necessário um pouco de bom senso, bom senso operário e nada mais” (TOLEDO, 2004, p. 280)²⁸⁰.

De todo modo, Bandoni aproveitava desse espaço para fazer publicar os seus textos, que, em muitos casos, possuíam um intenso teor filosófico. Um exemplo disso foi o artigo que tratava sobre a distinção entre o Egoísmo e Altruísmo²⁸¹, onde para o autor o egoísmo possui qualidades e defeitos relativos, e que este se dividiria em “racional, sentimental e transcendental”. Entre esses, o essencial ao homem seria a modalidade racional, que “se explica na aquisição do bem-estar somático e intelectual” do indivíduo. Ou seja, seria a hipótese do “homem que se move à procura de alimento de roupas, de livros instrutivos etc, etc”.

Em contrapartida, o altruísmo, não aquele baseado na caridade (posto que este apenas teria o condão de tornar os indivíduos escravos e dependentes), seria uma manifestação de

²⁷⁹ Já tratamos das razões de sua saída no capítulo 01. Cabe ressaltar que posteriormente, a partir de 1903, Bandoni retorna como diretor do jornal.

²⁸⁰ Apesar da crítica ao *Germinal*, Motta Assumpção defende o jornal em carta enviada a Angelo Bandoni, na qual afirma que: “Ao contrário do que fazem do que fazem todos os propagandistas de ideias – religiões, partidos ou escolas - , que procuram divulgar por entre o povo os seus livros e jornais com o mais possível caráter local, para chamar a sua simpatia, os anarquistas no Brasil tem limitado a mandar vir do estrangeiro outras publicações que apenas poderão satisfazer o seu diletantismo e fazer uma propaganda efêmera e estreita entre aqueles somente que podem entender a língua em que elas vem escritas.

É, conseqüentemente, como desviam para o estrangeiro – sob o mais fútil pretexto, como atesta o *Germinal* – o sangue que deveria dar vida ao periódico local, a morte deste é prematura e fatal. Nunca há razão para deixar de prestar auxílio a um jornal libertário, visto que ele deve ser incontestável mente uma tribuna livre. Quando nela vemos emitida uma opinião, um conceito, uma teoria com a qual não estamos de acordo, o nosso dever é provocar a controvérsia e demonstrar que o seu autor estar em erro. Quando se vê um artigo mal escrito, escreve-se outro melhor; mas nunca fazer o que alguns tem feito até aqui: cavar a morte do periódico. (...) Avante, pois, camaradas do *Germinal*; eu vos saúdo! (*Germinal*, n. 02, 01 de março de 1902, p. 01 a 04, “Seção brasileira”).

²⁸¹ Cumpre ressaltar que este artigo foi parte de uma conferência realizada por Bandoni e que possuía o mesmo título.

princípios sublimes que são a ajuda-mútua e a solidariedade²⁸², os quais teriam papel relevante na sociedade, fato que o afastaria de ações egoístas:

(....)

‘Fazes aos outros aquilo que queira que os outros te fizesse’ é este princípio sublime sintetizante. A igualdade natural e social, é este o princípio sublime implicante o mútuo auxílio, a solidariedade que deve imprimir-lhe na consciência humana por cortar o egoísmo, o amor de si a tendência a aversão, ao ódio pelo outro.

‘O homem não vive unicamente de pão’, continuamente na luta por viver, frequentemente desapontado, por vezes sobretudo ele necessita de quando em quando de refrescar-se no afeto de pessoas amigas...

(...)

Eis as razões que me levam a negar, as ações individuais, o cachê do altruísmo; faça-me conhecer aquelas ações de um homem que não vá subordinar-se à potência trina e una que eu entendo pelo egoísmo e estarei satisfeito de professar-me altruísta.²⁸³

Além de discussões filosóficas, Bandoni utilizou o seu jornal para publicar artigos contra a posição dos grupos socialistas. Em um deles, elabora uma espécie de “carta aberta” ao redator do *Itália democrática*, pontuando que a diferença entre os referidos socialistas e os anarquistas, é que estes acreditam que “uma revolução social por intrusão legalista”, ou seja, “sem atingir um domínio instaurado no sangue de uma força armada e brutal”, não permitiria o ato insurrecional. Pois, para o autor do artigo, a perspectiva libertária, de maneira imprescindível, o processo revolucionário necessita reconstruir o “edifício social e cancelar, da mente do escravo, a funesta lembrança do patrão”²⁸⁴.

O mesmo tom crítico contra os socialistas aparece novamente na edição de junho de 1902, quando Bandoni comenta sobre o Segundo Congresso Socialista brasileiro. Basicamente utilizando os mesmos pressupostos mencionados acima, argumenta que “para crer na eficácia de uma ação política qualquer necessita crer, em primeiro lugar, ser o

²⁸² Nitidamente uma influência das proposições de Kropotkin e Malatesta.

²⁸³ “Fai agli altri quello che vorresti gli altri ti facessero’ è questo principio sublime sintetizzante. L’uguaglianza naturale e sociale, é questo principio sublime implicante il mutuo ausilio, la solidarietà che deve imprimersi nella coscienza umana per troncane all’egoismo, all’amore di sè la tendenza all’avversione, all’odio per gli altri. ‘L’uomo non vive di solo pane’, continuamente in lotta per vivere, sovente deluso, talvolta sopraffatto, egli há bisogno di quando in quando di ritemparsi all’affetto di persone amiche... Ecco le ragioni che m’inducono a negare, alle azioni individuali, il cachet dell’altruismo; mi si faccia conoscere quell’azione di um uomo che non vada subordinata alla potenza trina ed una ch’io intendo per egoísmo e sarò lieto di professarmi altruísta.” (*Germinal*, n. 01, 10 de fevereiro de 1902, p. 01 a 04, “Egoísmo e altruísmo”).

²⁸⁴ “Proseguiamo: al concetto di uma rivoluzione sociale per intrusione legalitarie, io risposi che um domínio instaurato nel sangue e retto da una forza armata e brutale, non si lascierà debellare da ciancie tribunizie o da stoccate di carta; che tutti gli stadi del progresso umano sono stati chiusi col sacrificio di milioni di vittime e che la ricostruzione dell’edifício sociale e a cancellare, dalla mente dello schiavo il funesto ricordo del padrone” (*Germinal*, n. 02, 01 de março de 1902, p. 01 a 04, “Il cervello allo stomaco”).

ordenamento burguês expugnável”, e que “encucar no povo, a possibilidade da transformação política das coisas – equivale fazer compreender que as ações violentas são um absurdo”. Mas tais ações não seriam uma preocupação do socialismo, já que esta corrente não defende “minimamente uma expropriação categórica; esses apenas querem proceder lentamente”²⁸⁵.

Nessa primeira fase de sua produção, considerações sobre a pátria já aparecem em seus textos. Em um dos seus artigos elaborado na forma de diálogo entre personagens fictícios, Bandoni trata do tema a partir de uma série de exposições denominadas *Mentiras convencionais*. A segunda mentira a ser analisada foi a *Mentira da Pátria*, em que um dos interlocutores saíria em defesa e o outro se posicionaria contra.

De acordo com a personagem contrária ao sentimento patriótico (Antonio), a pátria apenas teria como finalidade alistar seus cidadãos para morrer nas guerras promovidas pela burguesia. Por outro lado, para ele (na verdade para o próprio Bandoni), tal noção de pátria teria um significado muito maior, que seria as relações étnicas e culturais estabelecidas com outros indivíduos de um mesmo grupo independentemente da região, do país ou do continente em que esteja sendo habitado ou que tenha nascido, e, que por esta razão, se consideraria italiano por ainda possuir certa afinidade identitária²⁸⁶. A mesma temática ainda voltaria a ser explorada por ele nos anos seguintes.

Além de artigos que visavam à instrução do proletariado, os jornais, usualmente, serviam como canal para a realização de denúncias contra qualquer prática repressiva aplicada por parte das instituições estatais. No mês de junho de 1902, por exemplo, Bandoni publicou no *Germinal* uma queixa a respeito de uma ação policial considerada arbitrária, que teria ocorrido no dia 09 daquele mesmo mês.

De acordo com o relato, durante uma festa promovida por trabalhadores no bairro do Brás, para “suprir a despesas de uma reimpressão do opúsculo *Entre Camponeses* de E. Malatesta traduzido em língua portuguesa”, o local onde estava sendo realizado o evento foi

²⁸⁵ “Per credere all’efficacia d’um’azione politica qualunque bisogna credere, anzitutto, essere l’organamento borghese espunabile. Ora inculcare nel popolo, la possibilità della trasformazione politica della cosa – equivale a fargli comprendere che l’azione violenta é un assurdo. Ma, del resto, avresti dovuto convincerti, da quanto si é detto in questo 2° congresso che i socialisti non pensano menomamente as un’espropriazione categorica, essi vogliono procedere lentamente...” (*Germinal*, n. 08, 15 de junho de 1902, p. 01 e 04, “Sul 2° Congresso Socialista Brasileiro”).

²⁸⁶ “Quando parlo della pátria, io non vedo che il paese in cui son nato; gli italiani, per me, sono soltanto coloro che ho frequentati e che tuttora rivedo con piacere nel ricordo. Se io desidero talvolta ritornare al paese, è il clima, l’aria che vi si respira, l’alimentazione più affacenti al mio organismo, il bisogno di rivedere l’oggettività di tanti quadri, ritenuti fin dall’infanzia, di tante associazioni incatevole d’idee che mio malgrado si avvicendano nella mia mente...” (*Germinal*, n. 03, 15 de março de 1902, p. 02 e 03, “propaganda munita – Menzogne convenzionali – II LA MENZOGNA DELLA PATRIA).

invadido subitamente pelo capitão e pelo subdelegado do posto policial da região, concedendo novo enredo àquela celebração que se dava de forma pacífica. Os policiais alegaram que a reunião era suspeita e que não havia sido concedida permissão para a sua realização. Como desfecho, mesmo sob protestos, o festival acabou sendo interrompido²⁸⁷.

Para além das denúncias, e dos textos informativos, Bandoni, em seus periódicos, também esteve envolvido em campanhas visando o levantamento de quantia financeira destinada ao auxílio de companheiros no exterior. Assim, desde o seu primeiro número, o *Germinal* deu suporte a uma ação com o objetivo de recolher fundos a favor do anarquista florentino Giovanni Gavilli e de Ludovico Tavani, de Ravenna, com o propósito de financiar a vinda de ambos ao Brasil.

Enquanto Gavilli havia se empenhado na realização de um longo giro de propaganda, principalmente na Toscana e em algumas cidades no norte da Itália, Tavani foi expulso de Marselha em novembro de 1901 e retornou a Ravenna depois de um breve período na Suíça. O encarregado pela distribuição e pelo recolhimento do dinheiro era o bolonhês Gaetano Sandri. A campanha, além de ter tido uma curta duração, não obteve muito sucesso, e os militantes apenas tiveram a contribuição de um único doador, o conterrâneo de Tavani, Luigi Bezzi (URRIOLA, 2016, p. 410).

Além disso, como declarado pelo próprio Ludovico Tavani em junho de 1902, os companheiros do Brasil enviaram à Itália a quantia de 268 liras²⁸⁸, das quais apenas 68 teriam chegado até ele. Segundo os relatos do informante da polícia italiana em Paris, Enrico Insabato (conhecido como Dante), as quantias recolhidas em São Paulo por Angelo Bandoni, Gaetano Sandri, seu filho Pietro e outros, deveriam ter chegado até Tavani através do companheiro Pietro Mori²⁸⁹. De todo modo, a despeito da tentativa da realização de campanhas de auxílio a militantes no estrangeiro, o episódio também permite ilustrar as redes transnacionais que eram estabelecidas entre os anarquistas, e que o próprio Bandoni, através do *Germinal*, contribuiu para a ampliação de tais conexões²⁹⁰.

Bandoni também reservou espaço para falar do operariado, especialmente ao noticiar a realização de alguma greve. No jornal *La Battaglia*, por exemplo, publicou informações a

²⁸⁷ *Germinal*, n. 08, 15 de junho de 1902, p. 01 e 04, “Le solite della polizia”.

²⁸⁸ *Germinal*, n. 14, 06 de setembro de 1902, p. 04. O caso foi detalhado nas edições seguintes do jornal.

²⁸⁹ ACS, CPC, b. 5049, fasc. Tavani Ludovico, “Relatório da Prefettura di Genova diretta alla DGPS, 13 de junho 1902”.

²⁹⁰ Basta contemplar as trocas epistolares entre Bandoni e diversos anarquistas localizados nos Estados Unidos, em alguns países da Europa e da América do Sul. Os trechos de tais correspondências costumavam ser publicados no *Germinal* na seção *Pequenas Notas*.

respeito de uma paralisação deflagrada, em junho de 1906, pelos trabalhadores do porto de Santos, que almejavam aumento de salário e a jornada de oito horas de trabalho. O artigo também denunciou a repressão das autoridades públicas contra os grevistas, que contou, nas ruas, com a participação da guarda da cavalaria para “perseguir o povo, despertando um pânico indescritível e ferindo pessoas”. No mar, o navio da marinha – Tamandaré – foi enviado para “servir de fortaleza penitenciária”²⁹¹.

Notícias sobre o operariado no estrangeiro também foram rotineiras. Além de manter os leitores informados, tais informações do contexto internacional serviam para despertar uma efervescência entres os trabalhadores no Brasil mantendo sempre acessa a chama da revolução popular. Nesse sentido, Bandoni comentou sobre o que se passava na Rússia, em 1905, sobretudo após as manifestações de janeiro daquele ano (que ficou conhecida como Domingo Sangrento). Deste modo, de acordo com o articulista, “o movimento insurrecional se alastrava com as campanhas”, onde a “miséria e a fome são os fatores mais potentes da revolução que vai amadurecendo na Rússia e que a humanidade saúda como acontecimento mais importante para a redenção de um povo oprimido”²⁹².

Ao longo da existência do periódico *La Battaglia* (1904-1912), Bandoni se encarregou de publicar, com certa frequência, na coluna *Dalle Caienne Brasiliane*, que por um tempo passou a ocupar lugar permanente no jornal. De uma maneira geral, os artigos desta seção tratavam das péssimas condições vivenciadas pelos colonos que chegavam do estrangeiro para trabalharem nas fazendas de café do interior de São Paulo.

Em uma edição de março de 1906, por exemplo, Bandoni denunciou um fato recorrente, em algumas fazendas, qual seja a cobrança pelos patrões de uma determinada quantia em dinheiro em razão dos gastos gerados pelos colonos durante o período em que permanecem a trabalho, nas propriedades dos fazendeiros (como: alimentação, moradia, transporte, etc). Tal fato foi interpretado pelo articulista como um verdadeiro furto contra os trabalhadores. Em suas palavras:

²⁹¹ “(Santos, 13-6-1905) ‘Ieri alle 2 pom. gli scaricatori del porto ci sono messi in sciopero, per un aumento di salario e per le 8 ore di lavoro’. ‘Due navi coi cannoni puntali verso gli scali e la dogana, dicono, col loro mutismo diabolico, che non è troppo si curo l’aggirarsi per quei paraggi in attitudine menche rispettosa’. ‘Anzi pare che vogliano dire di più: poichè questa mattina, all’alba, sino, da esse, discesi a terra molti soldati, i quali sono andate difilati a fare il cosiddetto ‘fascio d’armi’ dinanzi alla dogana...’ (...). La nave ‘Tamandare’ è adibita – nell’evenienza – a fortezza penitenziaria. Già l’operaio Francisco de Almeida vi è stato tradotto per aver ossato predicare l’astensione al lavoro” (*La Battaglia*, n. 46, 23 de junho de 1905, p. 02, “Lo sciopero generale”).

²⁹² “La miseria e la fame saranno il fattore più potente della grande rivoluzione che va maturazione in Russia e che l’umanità, saluta come l’avvenimento più importante per la redenzione di un popolo opresso” (*La Battaglia*, n. 52, 16 de setembro de 1905, p. 02, “Flagrar, non Flectar”).

Nas fazendas, entretanto a miséria cresce pavorosamente o choro se faz geral; a lista dos colonos roubados cresce mais a cada manhã.

Nos arredores de Córrego Rico, na fazenda do senhor Carlos Augusto de Andrade, os colonos (o autor citou vários nomes) são assaltados inteiramente pela soma de 50 contos de réis.

Não vou dizer mais nada os nomes dos assaltados são quem: DESAFIA O PROFESSOR MAIS TALENTOSOS DO MUNDO a provar-me que isto não seja um outro grosso furto consumado em dano dos trabalhadores com beneplácito da lei brasileira e sem a ameaça dos rifles que ameaçam na Itália os camponeses que ousam trabalhar a terra e que os latifúndios desejam manter desabitada”²⁹³.

Conforme tomava conhecimento da realidade do trabalhador rural estrangeiro, Bandoni postulava que as míseras condições oferecidas aos colonos, implementadas em forma de lei, eram semelhantes ou até piores que aquelas “que regulavam no passado a vida dos escravos negros”, pois a fome tem sido crônica e a carabina, como vinha acontecendo em uma fazenda nas vizinhanças de Dobrada, era a ordem²⁹⁴. Em que pese a comparação feita e os seus possíveis equívocos, essas denúncias permitiam manter o operariado urbano ciente do que se passava nos rincões paulistas.

As denúncias, entretanto, não se restringiam unicamente a tratar das condições de trabalho do imigrante. O trabalhador rural brasileiro, do mesmo modo, foi contemplado nesses artigos. Bandoni relatou que, em uma manhã durante o mês de junho de 1906, observou alguns camponeses sendo brutalmente agredidos por terem reclamado dos baixos salários recebidos. No episódio em apreço, segundo o autor do artigo, foram espancados: um mulato, de nome Espedião, um jovem negro (Gerônimo), que teria sofrido o castigo maior, e outros três indivíduos que não tiveram seus nomes e nem suas etnias identificados:

Esta manhã enquanto passava pela fazenda [...] nas vizinhanças da estação de Fortaleza eu vi um verdadeiro extermínio: diversos camaradas foram massacrados a pauladas, por haver ousado apresentar uma justa reclamação aos seus senhores – reclamavam de seus salários: que ousados!

O mulato Espedião foi vestido para festa, José Esperança, Francisco Amadio, Carmilo Fansole foram espancados, [...] : Um jovem negro de 18 anos, Gerônimo Caetano foi reduzido a um *ecce homo*: ele foi o mais massacrados de

²⁹³ “Nello fazendas, intanto la miseria cresce spaventosamente: il pianto si la generale; la lista del coloni derubati cresce ogni giorno più. Nei dintorni di COURREGO RICO, nella fazenda del signor Carlos Augusto De Andrade i coloni (...) sono stati derubati complessivamente per la somma di CINQUANTA CINQUE CONTOS DE REIS. Non dieo altro, i nome dei derubi sono qui: [...] il PROFESSORE PIÙ DOTTO DEL MONDO a provarmi che questo non sia un altre grosso furto consumato in danno di lavoratori col beneplacito della leggi brasiliana e senza la minaccia dei fucili che uccidono in Italia i contadini che osano lavorare la terra abbandonata e che i latifondisti desiderano mantenere incolla. (...)” (*La Battaglia*, n. 73, 25 de março de 1906, p. 01, “Dalle Caienne Brasiliane”. No mesmo teor, ver: *La Battaglia*, n. 87, 06 de maio de 1906, p. 01 “Dalle Caienne Brasiliane”).

²⁹⁴ *La Battaglia*, n. 74, 01 de abril de 1906, p. 02, “Dalle Caienne Brasiliane”.

todos. Dos outros não se sabe muito, nem pôde ter o nome: os escravos receiam ainda de dizer o nome das outras vítimas e dos carrascos.²⁹⁵

Ainda escrevendo nas páginas do *La Battaglia*, Angelo Bandoni publicou artigo em outubro de 1906, trazendo considerações sobre o militarismo. De acordo com ele, esta prática nada mais seria que uma constrição, por meio de intensa disciplina dos homens, “a obedecer o comando de poucos, havendo por base o uso da força e glorificação dos poderes”. Ademais, pretensamente traçou uma origem histórica, considerando que a sua gênese “se perde nas mais remotas antiguidades e na verdade as suas tradições começam dos tempos míticos”.

Bandoni menciona, ainda, que o militarismo, em tempos de paz, é semelhante a um vampiro que suga as riquezas das nações. Quanto à influência que este exerceria sobre o indivíduo, para o anarquista italiano, o soldado seria “instrumento dócil na mão da fria disciplina militar, que por meio de uma hierarquia pesada e graduada do alto ao baixo, o homem sofre o vasto poder, e é obrigado a assumir uma espécie de transformação moral, na virtude da qual, a sua razão renuncia a cada juízo”²⁹⁶.

Para encerrar esta parte, cabe mencionar que ele também se ocupou do notório Caso Idalina Stamato, fato que ganhou indignação e grande destaque na imprensa libertária entre os anos de 1910 a 1912. Idalina, uma menina 10 anos, que se encontrava internada no Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, teria desaparecido. O *La Battaglia* e *A Lanterna*, seguidos por outros jornais libertários, acusaram o padre Stefani de a ter estuprado, e que ela teria sido morta a golpes de pá na cabeça pelo padre Faustino Consoni, diretor do orfanato, ao tentar fugir (ROMANI, 2002, p. 187-197).

Os periódicos que denunciavam o estupro e a ocultação do cadáver exigiam o fechamento do local e a punição dos envolvidos. Também ocorrem manifestações e comícios com protesto contra Igreja. Nessa ocasião, em meio e um turbilhão de notícias sobre o caso,

²⁹⁵ “Quest’oggi mentre passavo dalla [...] nelle vicinanze della stazione di Fortaleza, ho veduto un vero sterminio: disersi *camaradas* sono stati massacrati dalle legnate, per aver osato presentare un giusto reclamo al loro signore – reclamavano il loro salario: che temerari! Il mullato Spidião tu conciato per le feste, José Speranza, Francisco Amadio, Carmelo Fansole sono stati pestati, ridotti al *più non posso*: un giovanni negro di 18 anni, Gerolamo Caetano è stato ridotto un *ecce homo*: egli è il più massacrato di tutti. Degli altri, e ve ne sono ancora parecchi, non ho potuto avere il nome: gli schiavi temono anche – son tutti terrorizzati – di direi il nome delle loro vittime e dei loro carnefici. Ecco il nome di alcuni alguzzini; FIRMINO FRANCO, ammistratore; PASQUALE ARROME, capo-turma; CAROSERO GIUSEPPE, fiscale” (*La Battaglia*, n. 88, 29 de junho de 1906, p. 04, “Dalle Caienne Brasiliane”).

²⁹⁶ “Docile strumento in mano della fredda disciplina militare, che per mezzo di una grarchia pesa gradualmente dall’alto al basso, l’uomo ne subisce il vasto potere, è obbligato ad assumere una specie di trasformazione morale, in virtù della quale, la sua regione rinunzia ad ogni giudizio e i suoi sentimenti più purê rimangono paralizzati, invertiti obliterati” (*La Battaglia*, n. 97, 14 de outubro de 1906, p. 03, “Il militarismo dovrà scomparire”).

Bandoni publicou um artigo, novamente em formato de seus tradicionais diálogos, onde por dias amigos conversam sobre o assassinato de Idalina e comentam a cobertura que o *La Battaglia* tem dado ao caso, principalmente por meio do esforço de Oreste Ristori, ao tentar reconstituir o evento criminoso, ganhando publicidade quer entre os anarquistas, quer entre os trabalhadores que não possuíam uma filiação ideológica:

Gigi: Tòh, também você lê *La Battaglia*.

Beppe: Que queres o desaparecimento da Idalina Stamato e os outros delitos, que se imputam aos muitos reverendos do orfanato são coisas que dão arrepio, que estimulam para procurar as notícias mais amplas e precisas.

Ora, neste caso, necessita reconhecê-lo, *La Battaglia* está dando prova de grande lealdade e de grande coragem.

- É verdade, mas *La Battaglia* é um periódico anarquista; e vê-lo nas tuas mãos...

(...)

- Monarquistas e católicos, apostólico, chinês. Não me impressiona; pois eu estou seguro que o teu patrão a lê por raiva e na vã esperança de [...] dos pontos da possível embreagem.

- (...) lendo *La Battaglia*, me vem o pensamento a figura imortal de Emílio Zola, no ato de gritar o seu heroico: *J'accuse!* Eu não sou anarquista, nem me importa saber de anarquia, pois neste momento, leio *La Battaglia* com ânsia de apaixonado; porque esse me mostra dos temerosos indefesos que desafiam serenamente a ira e a violência dos padres e da autoridade.²⁹⁷

Assim, em razão destes e outros artigos publicados após os primeiros dez anos de permanência nas regiões dos trópicos, Bandoni passou a ser reconhecido pelos seus companheiros anarquistas, pelos trabalhadores rurais e urbanos de São Paulo e pela comunidade italiana a qual fazia parte. Mesmo tendo se envolvido em polêmicas, e sofrido críticas contundentes, este momento foi de “consagração” e anunciava que a sua ação tipográfica ainda lhe renderia muitas celeumas.

²⁹⁷ “- Gigi: Toh, anche tu leggi *La Battaglia*.

- Beppe: che vuoi... la sparizione dell'Idalina Stamato e gli altri delitti, che si imputano si molto reverendi dell'orfanotrofio, sono cose che danno dei brividi, che stimolano a ricercare le notizie più ampie e precise. Ora, in questo caso, bisogna riconoscerlo, *La Battaglia* sta dando prova di grande lealtà e di grande coraggio.

- É vero, ma *La Battaglia* è un periodico anarchico; e vederlo nelle tue mani...

- Monarchico e cattolico, apostolico, cinese. Non mi meraviglia; però io sono sicuro che il tuo *padrone la legge* per rabbia e nella vana speranza di senoprivirvi dei punti di possibile apigglio.

- (...) leggendo *La Battaglia*, mi torna al pensiero la figura immortale di E. Zolá, nell'atto di gridare il suo eroico: *J'accuse!* Io non sono anarchico, né m'importa sapere di anarchia, però, in questo momento, leggo *La Battaglia* coll'ansia dell'innamotaro; poiché essa mi mostra degli ardimentosi indifesi che stidano serenamente l'ira e la violenza dei preti e delle autorità” (*La Battaglia*, n. 300, 02 de abril de 1911, p. 03, “Tutti leggono ‘*La Battaglia*’”).

3.2 – A Guerra Social: “*Non ho più patria!*” (2ª fase – 1912-1917)

Quando o grupo do *La Battaglia* encerrou as suas atividades em setembro de 1912, os anarquistas em torno do jornal ainda tentaram dar uma sobrevida ao periódico, que a partir daquela data passaria a circular com o nome *La Bataglia-La Barricata*. Contudo, apesar desse último esforço, em outubro de 1913, definitivamente esse órgão de imprensa teve a sua veiculação abandonada (FELICI, 1994b, p. 283).

A partir de julho de 1913, Damiani, Bandoni e Cerchiai, se empenharam na formação de um novo jornal, que receberia o nome de *La Propaganda Libertaria*, e que basicamente sustentaria posição contrária às organizações sindicais e traria notícias sobre a conjuntura política europeia. O periódico possuiu curta duração deixando de circular em dezembro de 1914 (BIONDI, 1994).

Na edição publicada em dezembro de 1914, o *La Propaganda Libertaria* trouxe, nas suas páginas, um longo artigo de Angelo Bandoni, intitulado *A Guerra Europeia*, cujo teor seria uma detalhada explanação sobre o conflito internacional no velho mundo e que teria acarretado na deflagração da Primeira Guerra Mundial. Como já tivemos oportunidade de ressaltar, esta temática seria, a partir de então, muito explorada por Bandoni, onde as suas análises ficariam centradas em problematizar a respeito do capitalismo, do desenvolvimento industrial, do aumento do poderio bélico dos grandes países desenvolvidos, da guerra propriamente dita e, finalmente, do nacionalismo.

Em razão desse novo recorte temático que seria explorado por Bandoni a partir de 1914 temos por hipótese que esse ano marcaria uma nova fase de seus escritos. Fase essa que, sobretudo, imprimiriam em seus textos uma intensa crítica ao nacionalismo, razão pela qual a intitulamos com uma exclamação feita por ele, em um dos seus textos, como protesto contra o patriotismo: *Non ho più patria!* (Eu não tenho mais pátria). Além disso, esse momento também será marcado por grandes greves nas duas maiores capitais do país (muito em razão do contexto revolucionário russo de 1917), despertando a atenção de Angelo também para essa questão.

De acordo com o nosso anarquista corso-italiano, a guerra deflagrada em julho de 1914 em solo europeu, rapidamente tomaria proporções maiores e se estenderia para o restante do mundo onde a civilização tivesse alcançado um estágio mínimo de progresso. O conflito, para Bandoni, seria uma fatalidade inevitável, cuja ruína faria parte da própria

evolução social. O regime “burguês tem feito a sua parábola ascendente: ora iniciando rapidamente o tombamento, à catástrofe”²⁹⁸.

Mesmo com toda a tecnologia e desenvolvimento científico à disposição (“máquinas poderosas, o vapor, a eletricidade, e os comburentes”), que viabilizariam superar muitos dos obstáculos produzidos pelo conflito europeu, ainda assim não seria possível reverter o quadro crítico que vinha sendo desenhado pela conjuntura internacional. Isso, principalmente em razão do processo de militarização e do aumento do poder bélico dos grandes países, sobretudo dos Impérios alemão e austro-húngaro, que somados ao desprezo concedido à “insistente invocação de paz e de desarmamento partidos da Rússia e da Inglaterra”, tornou o ambiente em um verdadeiro “barril de pólvoras”²⁹⁹.

Ainda segundo Bandoni, o mal-estar econômico “crescente das populações, as invencíveis dificuldades de desenvolvimento coletivo – imperante na burguesia” tem fomentado a guerra política, enquanto “que a única reação verdadeiramente resolutive” seria a revolução social, e não um conflito bélico. Que dizer, para o articulista, se o embate europeu que tomara proporções mundiais tivesse sido causado pelo capitalismo, a única solução possível para o salvamento do mundo seria o processo revolucionário com a extinção definitiva desse sistema econômico.

Em tom profético, Bandoni traça um panorama de quais seriam os efeitos da guerra, que giraria em torno de inúmeras mortes, mudanças econômicas e de um sentimento de revanchismo entre as nações. Por outro lado, ao final a Europa ficaria dividida em três regiões (setentrional, central e meridional) e os países, ou seja, as demarcações territoriais, desapareceriam. Quanto à Itália, apesar de sua posição neutra, não ficaria de fora de tais consequências, e que a referida neutralidade em nada contribuía para um possível armistício:

Em primeiro lugar, milhões de jovens com a subsistência prejudicada em uma luta improficua, tesouros de energias dissipadas sem necessidade, a resto e desordem na produção e nos comércios, ódio e ressentimentos implacáveis. E, se a guerra for contrária as nossas mais seguras previsões ficará apenas europeia. A inconsciência e as paixões mórbidas do proletariado prometem de chegar a um

²⁹⁸ “La guerra europea, che non tarderà molto a estendersi a tutto il mondo sedicente seivile, seminando ovunque lutto e rovina, é fatalità ineluttabile di evoluzione sociale. Il regime borghese ha compiuto la sua parabola ascendente: ora, ci avviamo rapidamente al *ruzzolone*, alla catastrofe” (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “La Guerra Europea”).

²⁹⁹ “Da oltre venti anni, lo spettro della guerra europea si affacciava minaccioso in tutte le conferenze della diplomazia, in tutti i consigli ministeriali, in tutti i consigli di regno. Le insistenti invocazioni alla pace e al disarmo partite dalla Russia e dalla Inghilterra, la stessa Conferenza dell’Aia non erano forse dei pacifisti, istintivi consiglieri dall’angustioso presentimento?” (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “La Guerra Europea”).

epílogo a quase certeza de uma organização política da Europa em três grandes Estados: o setentrional, o central e o meridional...

Então, adeus Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Portugal, Espanha, Andorra, Sérvia, Bulgária, Romênia, Montenegro, Turquia, Grécia, Albânia, Mônaco e San Marino; adeus grandes potências beligerantes derrotadas!...

E a Itália?!...

A Itália, por quanto em uma atitude neutra, é de considera-se como uma grande potência em conflito.

E quem não vê a criada da Inglaterra está a espera do sinal acordado, para lançar ao ar os seus trapos?... A neutralidade da Itália é inócua e do mesmo tipo que aquele da Turquia.³⁰⁰

Bandoni finaliza o artigo com uma série de questionamentos que servem para que o leitor tenha uma síntese de suas proposições e de tudo que havia sido exposto. Outrossim, possuía certeza que a guerra não se transformaria em uma revolução social, pois muitos anarquistas, socialistas e internacionalistas tinham deixado se encantar pelo momento e passaram a apoiar o conflito:

O ALBA ROSSA

(...)

Seja como for, a guerra eclodiu, faz massacre e se perpetua.

- Durará muito tempo? Horrível!

- Por quê? – porque não é mais possível concretar a base do acordo pela paz, e a paz é o sudário do nacionalismo moribundo.

(...)

- E a guerra se estenderá além dos confins europeus?

- É certíssima, pois o nacionalismo tem o fato as coisas sem o taberneiro; a guerra política será sufocada pela guerra civil; pela revolução social.

- Impossível!...

O fato que muitíssimos internacionalistas revolucionários, socialistas ou anarquistas tem deixado sugestionar, encantar, trair pela corrente do momento, não se surpreende, nem se acorda; é um fenômeno de psicopatia que em menores proporções, tem os seus elementos de prova bem conhecidos.

(...)

³⁰⁰ “Anzitutto, milioni di giovani esistenze spezzate in una lotta improficua, tesori di energie sperperate senza costruito, arresto e disordine nella produzione e negli scambi, odio e risentimenti implacabile. E, se le guerra – contro le nostre più sicure previsioni – dovesse rimanere soltanto europea e che l’inconscienza e la passione morbosa del proletariato le permettessero d’arrivare all’epigolo – ‘vincitore i Cosacchi o gli Ulani’ – la quase certezza dell’organizzazzione politica dell’Europa in tre grandi Stati: io ‘Settentrionale, io Centrale e io Meridionale’...”

Allora, addio Svezia, Norvegia, Danimarca, Olanda, Belgio, Lussemburgo, Svizzera, Portogallo, Spagna, Andorra, Serbia, Bulgaria, Rumenia, Montenegro, Turchia, Grecia, Albania, Monaco e S. Marino; addio grandi potenze belligeranti sconfitti!...

E l’Italia?

L’Italia, per quanto in attitudine neutrale, é da considerarsi come una ‘grande’ potenza in conflitto.

E chi non vede l’ancella dell’Inghilterra sta aspettando il segnale convenuto, per geratte all’aria i suoi cenci?...

La neutralità dell’Italia é del medesimo ‘acabit’ di quella della Turchia” *La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “La Guerra Europea”.

Esperamos as doces duchas das mais negras desilusões; as derrotadas irreparáveis, os bombardeamentos, os incêndios, a fome, as epidemias... Oh, ainda, o espírito revolucionário soprará para tomar o controle.
(...)³⁰¹

Se por um lado partes dessas análises elaboradas no calor dos fatos se confirmariam, por outro, algumas acabariam se afastando dos acontecimentos que se desenrolariam nas próximas décadas do século XX que estava apenas começando. Entretanto, dentre aquelas que se ratificaram, talvez a que previu o prolongamento do conflito merece destaque, pois os anos que se seguiram mostraram ao mundo novamente um processo de militarização da Alemanha e o surgimento de mais conflito mundial (com a Segunda Guerra Mundial).

Quando a Itália deixou de lado a sua posição de neutralidade em maio de 1915 passando a participar da guerra, Angelo Bandoni, a partir do mês de setembro, junto a alguns de seus velhos companheiros, decidiu editar o jornal *Guerra Sociale*. No editorial da primeira edição, Bandoni chamava a atenção dos trabalhadores para o conflito internacional, e defendia a importância e a necessidade de se manterem contrários ao embate militar:

AOS ANARQUISTAS

Aos revolucionários conscientes irresolutos, de qualquer tendência política
A todos os intolerantes da barbárie militar e o governista que funesta a humanidade

Companheiros!

Enquanto o mais formidável dos flagelos humanos, registrados pela história, investe e rompe os ordenamentos econômicos, políticos, morais e religiosos da civilizadíssima Europa; enquanto um pesadelo de terror e de consternação pesa sobre toda a humanidade, trepidante pelo visível amadurecimento dos acontecimentos transcendentais; enquanto destas terras de exílio os transatlânticos partem cheios de tímidos e de ilusões, a nossa abstenção, ascético e puramente negativo, além de uma vergonha, é uma inqualificável covardia!...

³⁰¹ “L’ALBA ROSSA

(...) Comunque sia, la guerra é scoppiata, la strage e si protraì.

- Durerá molto tempo? Malíssimo!

- Perché? – Perché non é più possibile concretare delle basi d’accor per la pace perché la pace sarebbe il sudario dell nazionalismo moribundo.

(...)

- E la guerra si estendera al di la dei confini europei?

- É certissimo; però il nazionalismo ha fatto i conti senza l’oste; la guerra politica sarà soffocata dalla guerra seville; dalla Rivoluzione Sociale.

- Impossibile!... – Possibilissimo; anzi certo!

Il fatto che moltissimi internazionalisti rivoluzionari, socialisti od anarchici, si sono lasciati suggestionare, affascinare, traviare dalla corrente del momento, non ci sorprende né ci accora; é un fenomeno di psicopatia che in minori proporzioni, ha i suoi riscontri stonci ben conosciuti. (...) Aspettamo le docce freddissime delle più nere delusioni; le sconfitte irreparabile i bombardamenti gl’incendi la fame, le epidemie... Oh, allora lo spirito rivoluzionario saprá riprendere il sopravvento” (*La Propaganda Libertaria*, n. 20, 19 de dezembro de 1914, p. 02 e 03, “La Guerra Europea”).

Por onde tem andado para acabar os nossos mais orgulhosos propósitos de luta a todo custo contra todas as formas de opressões veladas e arrogantes?...³⁰²

Na publicação, mencionava que a guerra se tratava de um conflito entre as nações europeias, e que a noção de nacionalismo e pátria seria apenas uma enganação da burguesia. Ademais, repetiu as suas teses proferidas no periódico *La Propaganda Libertária*, ao mencionar que a referida guerra poderia se transformar em um grande conflito civil:

Nós não queremos lutar na defesa de uma pátria, porque a pátria é uma mentira convencional, um anacronismo evolutivo, uma prisão para todos os deserdados; nós prevemos que está guerra se estenderá a todos os organismos capitalistas e essa guerra se tornará mundial, que terá como epílogo a guerra civil, e muito provavelmente, a Revolução Social... E deixamos que os mistificadores da imprensa mercenária prossigam, a vontade, para desafiar os ingênuos filhos do proletariado vadio e a ameaçar as probabilidades refratárias com fantasma da falsa posição jurídica.³⁰³

Os trabalhadores, de qualquer vertente política, deveriam aproveitar o momento e lutar “com coragem consciente pela legítima defesa”, visando que a então grande guerra militar se transformasse em uma verdadeira Guerra Social “com visão serena e segura da redenção civil do proletariado de todas as pátrias”. Ao concluir, afirmou o articulista, “lutaremos sem consternação, inexoravelmente, até o último anseio: ou a liberdade ou a morte”³⁰⁴.

Ainda nesta mesma edição do *Guerra Sociale*, Bandoni publicou um artigo onde novamente a pátria seria objeto de sua análise. Ironicamente, inicia o seu discurso afirmando: “Se tal [local de nascimento] é a pátria do homem sinto-me, portanto a amá-la, também eu; estou disposto a gritar: viva a Córsega! Porque nasci em Bastia”. E, a partir daí, realizou um breve relato sobre a vida de sua família na ilha francesa, mencionando que as míseras

³⁰² “AGLI ANARCHICI. Ai rivoluzionari coscienti e risoluti, di qualunque tendenza politica. A tutti gl’insofferenti della barbarie militarista e governativa che funesta l’umanità. (...) Mentre il più formidabile del flagelli umani, registrati dalla storia, investe e scompagina gli ordinamenti economici, politici, morale e religiosi della *civilissima* Europa; mentre un incubo di terrore e di agomento grava su tutta l’umanità, trepidante pel visibile maturarsi di avvenimenti trascendentali; mentre da queste terre d’esilio i transatlantici salpano affollati di timidi e d’illusi, il nostro *abstencionismo*, ascentico e puramente negativo, oltrechè uma gogna, é una inqualificabile vigilaccheria!...

Dove sono andati a finire i nostri più fieri propositi di lotta ad oltranza contro tutte le sopraffazioni larvate e traconanti?” (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01).

³⁰³ “(...) noi non vogliamo batterci in difesa d’una patria, perché la patria é una mensogna convenzionale, un anacronismo evolutivo, una galera per tutti i discredati; noi prevediamo che questa guerra si estenderá a tutto l’organismo capitalista, che questa guerra deverta mondiale che avrá como epílogo la guerra civile e, molto probabilmente, la Rivoluzione Sociale... E lasciamo che i mistificatore della stampa mercenaria proseguano, indisturbati, a sobillare gl’ingenui figil del proletariato randagio e a minacciare i probabili refratari collo spauracchio delle false posizioni giuridiche” (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01).

³⁰⁴ *Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01.

condições de sobrevivência impeliram a saída de sua terra natal, e que a “amada nação” não foi capaz de fazer nada para assisti-los. Por conta desse fato, argumentou o autor, não possuir mais nacionalidade:

Mas quando recordo que ainda pequenino, via o meu pobre pai trabalhar como um condenado, por não ganhar tanto o suficiente para sustentar os animais. Quando penso naquele maldito *Monte de Piedade*, sempre que minha mãe, com os olhos vermelhos e inchados de pranto, corria para vender os lençóis ou das indumentárias humildes, para nos alimentar, enquanto os vizinhos davam, aos seus cães pratos fundos de todo tipo de comida, quando penso que para não morrer de inanição, tivemos que fugir do país nato e emigrar sem direção, incompreendidos e ridicularizados em todo lugar, então amaldiçoo todas as pátrias e me inflamo de santa indignação contra todos os paladinos, astutos ou idiotas, da pátria íntegra.³⁰⁵

Em seguida, trouxe argumentos sobre qual seria, para ele, o verdadeiro conceito de pátria, e não aquela que serve como “propriedade de especuladores” pertencentes a uma única classe:

Pátria cara!... Gostaria de dar-te até a última gota do meu sangue, mas para ver-te sem proteção, livre para oferecer a todos os teus filhos, os feitos dos trabalhos produzidos e da solidariedade; gostaria ver-te sem barracos, sem prostíbulos, sem prisões, sem hospitais, sem abrigos de medicina... Rica de escolas, animada pela concórdia, honrada pelos civis corajosos...
(...)
Eu não tenho pátria!³⁰⁶

Por conta da posição contrária à guerra e pelas previsões sobre o conflito, Bandoni recebeu críticas que colocam sob dúvida o seu conhecimento a respeito da política internacional dos países europeus, desqualificando assim as suas opiniões. Além disso, a censura de seus opositores incidiu sobre a percepção utópica que os anarquistas possuíam

³⁰⁵ “(...) Se tale è la patria dell’uomo, mi sento portato ad amaria, anch’io; anch’io sono disposto a gridare: Viva... la Corseca! Poichè nacqui a Bastia. (...) Ma quando ricordo che, ancor piccino piccino, vedevo io mio povero babbo lavorare comme un dannato, per non guadagnere tanto da poterci sustentare da bestie, quando penso a quel maladetto *Monte di Pietà*, ove la mia mamma cogli occhi rossi a gonfi dal pianto, correva ad impegnare la lenzuola o dei miseri indumenti, per sfamarci, mentre del vicini davano, ai loro cani piatti colmi d’ogni ben di dio, quando penso che, per non morire d’inedia dovemmo fuggire dal paesi natto, emigrare randage, incompresi e derisi dovunque, allora malédico tutte le patrie e m’inflammo di santo sdegno contro tutti i paladini, scaltri o minchioni, della patria integrità” (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01, “La patria”).

³⁰⁶ “Patria, cara!... Io vorrei darti fino all’ultima goccia del mio sangue, ma per vederti senza siepi, libera di offrirti, a *tutti* i tuoi figli, i frutti del lavoro fecondo e della solidarietà; vorrei vederti senza tuguri, senza prostriboli, senza prigionieri, senza ospedali, senza ricoveri di mendicância... Ricca di scuole, alietata dalla concordia, onorata dal civili ardimenti... (...) Non ho più patria!” (*Guerra Sociale*, n. 01, 11 de setembro de 1915, p. 01, “La patria”).

sobre a forma de organização política da sociedade. Em defesa, Angelo mencionou que, ao final deste processo, todos poderiam assistir a ruína dos países e o triunfo das utopias:

Os anarquistas têm dito que?!... Pobres homens...esses são os sonhadores, dos ilógicos, dos profetas de meia tigela...qual o vir podem haver nos juízos dos anarquistas?!... Esses não estudam; esses especulam no vazio: as suas previsões, os seus cálculos de origem do renascimento social não são mais que castelos de areia, miragem de coisas cobiçadas, infelizmente, mas, não por isto, menos ostensivamente realizado, absurdas...o eclodir da guerra na Europa, pela predatória cobiça dos impérios centrais; guerra que, ainda que os cegos estão em grau de prevê-lo, terminará, o mais rápido possível, como castigo exemplar e meritório dos Estados que a provocaram... E os anarquistas começam a bordar em torno de mil franjas evanescentes, através dos quais todos os enfeitados, como eles, podem antever a ruína da nossa civilização e o triunfo de suas utopias.³⁰⁷

Já em relação às acusações sobre o seu desconhecimento a respeito da conjuntura política do continente europeu, Bandoni afirmou que todas as suas conclusões estavam historicamente respaldadas nas considerações do “distinto historiador italiano Guglielmo Ferrero³⁰⁸”, que também possuía uma “visão apocalíptica e desorganizadora da conflagração europeia”. Portanto, diria Angelo Bandoni, o pensamento dos anarquistas está alinhado aos “conceitos de todos os pensadores idôneos e especializados no mérito a causa eficiente e as consequências da terrível conflagração”³⁰⁹.

Na edição seguinte, Bandoni torna a publicar seu texto sobre a guerra, suas causas e efeitos, reafirmando que o grande conflito “que consterna e perturba a humanidade, é o princípio do fim da irreparável bancarrota de todos os princípios autoritários: é a *Alba Rossa* pelo protesto Social”, e que “se estenderá, ameaçador esmagador, através do Atlântico, através do Pacífico, vencendo todas as resistências, esmagando inexoravelmente todos os sagrados institutos da civilização decrépita”. Para ele, esta seria uma percepção diferenciada

³⁰⁷ “Gli anarchici han detto questo?!... Poveretti... Essi sono dei sognatori, degl’ illogici, dei profeti da istrapasso... Qual valore possano avere i giudinazi degli anarchici?!... Essei non studiano, *come noi*; essi speculano nel vuoto: le loro previsioni, i loro calcoli di palingenesi sociale non sono che dei castelli in aria, miragge di cose agognate, purtroppo, ma, non per questo, meno ostensibilmente irrealizzabile, assurde... Scoppia la guerra in Europa per la brigantesca avidità degl’ imperi centrale; guerra che, anche i ciechi sono in grado di prevederla, finirà quanto prima, col castigo esemplare e meritato degli Stati che l’ hanno provocata... e gli anarchici cominciano a ricamarvi attorno mille frangie evanescenti, attraverso le quali tutti gl’ infatuati, come loro, possono facilmente antivedere lo sfacelo delle nostre civiltà ed il sicuro trionfo delle loro utopie” (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 01, “Il valore dei nostri giudizi sulla guerra attuale”).

³⁰⁸ Guglielmo Ferrero foi um historiador e escritor italiano adepto do radicalismo republicano e coevo de Bandoni. Em 1915 publicou dois títulos provavelmente conhecidos de Bandoni: *La guerra europea. Studi e discorsi* e *Le origini della guerra presente*.

³⁰⁹ “Tale è, dunque, il concetto degli anarchici, il concetto di tutti i pensatori idonei e spaccionati in merito alle cause efficienti ed alle inevitabili conseguenze della terribile conflagrazione” (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 01, “Il valore dei nostri giudizi sulla guerra attuale”).

do conflito, sendo o momento propício para que os trabalhadores também declarem uma guerra social, pois se tratava de um período de transição e “não poderia terminar, se não com a transformação da propriedade e com a abolição das fronteiras nacionais”³¹⁰.

Além disso, o embate entre os países europeus significou uma nítida demonstração da existência “dos vícios essenciais do regime burguês”, que de forma inexorável o levariam a um estado de fatalidade da evolução social, e continua o discurso afirmando que:

(...)

A sociedade capitalista não é mais capaz de assegurar as condições de vida e de desenvolvimento coletivo. Observadas a desordem caótica que rende na administração dos bens sociais...que coisa poderíamos hoje perder para ser relativamente todos felizes?³¹¹

Ao final deste artigo, concluiu que “fenômeno mais certo da dissolução do regime capitalista que nós vemos de fato é o aumento vertiginoso da produção, inversamente proporcional à capacidade do consumo” e que este fato significaria “a ruína da humanidade”³¹². Em outras palavras, o que Bandoni estava tentando explicar aos seus leitores, é que o surgimento das novas tecnologias associado ao aumento da industrialização acarretou a mecanização do processo produtivo nas fábricas, fazendo com aumentasse a produção, dispensasse e ao mesmo tempo barateasse a mão de obra. Assim, com menos pessoas empregadas, menor seria o consumo.

A solução dos grandes impérios capitalistas para o desafogamento econômico foi reiniciar o processo colonizador na Ásia e África na busca por matéria-prima e mercado de consumo. Quando esta solução chegou ao seu limite no início do século XX, as nações entrariam em choque, e a Primeira Guerra representaria uma das facetas do imperialismo

³¹⁰ “La guerra tremenda, che sgomenta e sconvolge l’umanità, é il principio della fine della irreparabile bancarotta di tutti i principi autoritare: è l’alba rossa della *Protesta Sociale*. (...) Ed il flagello si stenderá, minaccioso, travolgente, attraverso l’Atlantico, attraverso il Pacifico, vincendo tutte le resistenze, travolgendo inesorabilmente tutti i *sacri* istituti della civiltà decrepita. (...) Questa guerra é di transizione sociale e non può finire, se non colla trasformazione della proprietà e l’abolizione delle frontiere nazionali” (*Guerra Sociale*, n. 04, 23 de outubro de 1915, p. 03, “Reminiscenze, Previsioni e Speranze”).

³¹¹ “La società capitalista non é più in grado di assicurare condizioni di vita e di sviluppo collettivo. Osservate il disordine caotico che regna nell’amministrazione dei beni sociali... Che cosa ci mancherebbe, oggi, per essere relativamente tutti felici?” (*Guerra Sociale*, n. 06, 13 de novembro de 1915, p. 01, “La nostra orientazione rivoluzionaria in rapporto alla grande guerra di liquidazione capitalista”).

³¹² “Il fenômeno più sicuro di dissoluzione del regime capitalista noi lo vediamo nel fatto che, mentre aumenta prodigiosamente la produzione, diminuisce spaventosamente il consumo” (*Guerra Sociale*, n. 06, 13 de novembro de 1915, p. 01, “La nostra orientazione rivoluzionaria in rapporto alla grande guerra di liquidazione capitalista”).

iniciado no oitocentos, resultando na Era das Catástrofes, como designou Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 2002).

Na edição de novembro de 1915, a guerra ainda se fazia presente nos textos de Bandoni. O articulista reforçava a ideia de que os trabalhadores no Brasil deveriam aproveitar o embate mundial para iniciar um grande conflito entre as classes. Para ele, esse discurso deveria percorrer e penetrar em todos os segmentos sociais, pois:

Um grito de guerra é o nosso, grito que corre pela cidade, pelos campos, pelas colinas e pelos planos, passa de razão a razão, penetra nos barracos, nas oficinas, se repercute nas casernas e retorna em grito de [...]. Guerra aos nossos carrascos, aos nossos patrões!³¹³

Porém, como deveria ser essa guerra social? Bandoni responde a indagação da seguinte forma:

A guerra, cujo nós somos devotos não guerra de domínio, de conquista, de colonização, de destruição, de rápida e de domínio político e comercial; é guerra de emancipação, de redenção, de salvação. Não é guerra de ódio, mas guerra de amor; não é guerra de barbárie, mas de civilização, de progresso, de elevação do homem.³¹⁴

E que, além disso, os operários deveriam manter-se afastados do parlamentarismo, já que este não possibilitava a completa emancipação social, tratando-se, assim, de um jogo onde somente o político era o maior beneficiado.

A partir do início de 1916, o *Guerra Sociale* enfrentou uma série de dificuldades em virtude do alto custo para a publicação e da baixa procura dos leitores. A realidade econômica não facilitava, pois, em razão da guerra, a venda do café brasileiro, considerado à época um produto supérfluo, sofreu quedas significativas no mercado internacional. O custo de vida e a carestia, nesse momento, começavam a subir. Se já estava ficando difícil para o trabalhador sobreviver, contribuir para a circulação de um jornal era um desafio. A solução encontrada por Bandoni foi realizar giros de propaganda pelo interior, buscando assim arrecadar doações,

³¹³ “Un grido di guerra é il nostro, grido che corre per la città e pei capi, per le colline e pei piani passa di regioni in regioni, penetra nei tuguri, nelle officine, si ripercuote nelle caserne e ritorna in grido di sommosa. Guerra ai nostri carnefici ai nostri padroni!” (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 01, “Il nostro grido di guerra”).

³¹⁴ “La Guerra, cui noi siamo, devoti non é guerra di dominio, di conquista, di colonizzazione, di distruzione, di rapina e di predominio politico e commerciale é guerra di emancipazione di redenzioni, di salvezza. Non é guerra di odio ma guerra de amore; non é guerra di barbarie, ma di civiltà, di progresso, d’elevamento dell’uomo” (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 01, “Il nostro grido di guerra”).

divulgar a anarquia e difundir o periódico. Além disso, a situação se agravava em meio a uma onda nacionalista que crescia entre os colonos italianos, e a posição de antiguerra de Angelo não contribuía nesta tentativa de propaganda do periódico³¹⁵.

Em que pese a tentativa, em razão das dificuldades que se apresentavam, Angelo Bandoni não conseguiu manter-se como responsável da direção e edição do *Guerra Sociale*. Em março de 1916, abandona o posto e em seu lugar assume seu antigo companheiro de militância Gigi Damiani. Sob os cuidados de Damiani, o periódico passaria a deixar de lado as notícias sobre a conjuntura internacional, concederia maior foco nas questões que envolviam a realidade do operariado em São Paulo, e manteria uma política de “portas abertas” para que os libertários de distintas vertentes colaborassem com artigos. Além disso, o anarquista romano possuía posição diferente em relação aos diagnósticos sociais do pós-guerra, afastando-se das perspectivas que até então vinham sendo defendidas por Bandoni.

Em razão dessa falta de coesão acerca do conflito europeu, o grupo editorial do *Guerra Sociale* receberia uma crítica do socialista italiano Teodoro Monicelli. Como resposta, Bandoni publicou um artigo com o título *Torre de Babel*, mencionando que qualquer veículo da imprensa libertária é formado por um conjunto de vozes, e que nem sempre são uníssonas. Para o articulista, a discrepância de opiniões seria um mero detalhe, e o momento crítico que se aproximava deveria possuir maior relevância nas discussões dos militantes³¹⁶.

No dia 29 de abril de 1916, o grupo editorial publicou um suplemento especial em comemoração ao Primeiro de Maio. A publicação saiu dias antes da data comemorativa, pois o jornal convocava os trabalhadores para participarem de grande comício no Largo da Concordia, no Brás, marcado para o dia 09 de maio. Na parte da tarde, também seria realizado outro comício de discursos no Largo da Sé, “sob o nariz da burguesia”. O convite foi feito aos operários de todas as categorias e pertencentes aos diversos grupos étnicos existentes em São Paulo. Aproveitou-se ainda para ressaltar o cenário econômico crítico que vinha sendo desenhando naquele período, e novamente a guerra no continente Europeu era invocada, e o proletariado deveria aproveitar o momento para combater a luta social (apesar de publicado de forma anônima, pelo teor do discurso, tudo leva a crer que a autoria do texto pertencia a Angelo Bandoni):

Aos trabalhadores de todos os países.

³¹⁵ *Guerra Sociale*, n. 09, 04 de dezembro de 1915.

³¹⁶ *Guerra Sociale*, n. 16, 02 de março de 1916, p. 01-04, “La Torre di Babele”.

Austríacos ou turcos, franceses ou russos, saxões ou ibéricos, negros ou brancos – trabalhadores, nossos irmãos ouçam!

(...)

Sobre os vossos interesses diretos, porque ativos entre vós, possam prevenir pela vossa defesa; pela vossa guerra; pela guerra fatal inevitável que precipita pela força das coisas: a guerra dos ventres vazios, contra uma sociedade louca e esbanjadora.

(...)

Aumenta dia após dia o desemprego que gradualmente se reduzem as relações marítimas que nos ligam aos outros continentes, cessando os comércios, faltando as matérias prima, por vontade do capitalismo. As indústrias se fecham com o aumento da crise e o custo de vida aumenta a um preço fabuloso, (...)

(...)

Trabalhadores de todos os países que aqui chegastes expulsos de todas as pátrias e trabalhadores de países não menos estrangeiros, dos vossos companheiros imigrantes, na pátria vossa, reafirmada hoje a vossa fé naquela internacional do trabalho que não pode e não deve ser morta pela loucura do rei e pelo apaziguamento de políticos que mentiram ontem e traíram hoje.³¹⁷

Bandoni também deixou algumas ponderações no *Guerra Sociale* a respeito do período que antecedeu a Greve geral de 1917 em São Paulo, deflagrada a partir da primeira quinzena daquele ano. A sua participação foi importante no período, sobretudo por ter feito parte tanto do Comitê Popular de Agitação, quanto do Comitê de Defesa Proletária, criado em 09 de julho, para coordenar o movimento, contando com a participação de anarquistas e de socialistas (LOPREATO, 2000).

Como o momento exigia cautela em razão da intensa atividade repressiva da polícia, os anarquistas do *Guerra Sociale* passaram a publicar seus artigos assinando-os com pseudônimos. No final de junho de 1917, Bandoni, sob o nome de Corso³¹⁸, comentou: “sinceramente: nunca conseguimos ter visto em São Paulo uma agitação tomar vastas proporções como aquela na qual, nos últimos jornais, se tem concentrado quase todo o proletariado paulistano”. O anarquista acreditava que a classe trabalhadora em razão de um aparente conforto não encontraria mais “ânimo e força de pôr uma barreira para alastrar da miséria, abusos e covardias”. Ainda segundo Bandoni, o movimento contrariava as

³¹⁷ “Ai lavoratori di tutti i paesi. Austriaci o turci, francesi o russi, sassoni o iberici, neri o Bianchi – lavoratori, fratelli nostri. Ascoltate! (...) su i vostri diretti interessi, perchè intendendovi tra voi, passiate prevenirvi per la vostra difesa; per la vostra guerra; per la guerra fatali inelutrabile, che precipita per forza di cose; la guerra dei ventri vuoti, contro una società pazza e dilapidatrice. (...) Aumenta giorno per giorno la disoccupazione; man mano che si riducono i rapporti marittimi che ci legano agli altri continenti, cessando gli scambi, difellando le materie prime, per voluta imprevidenza capitalistica, le industrie si arrestano la crisi aumenta ed il costo della vita assurge ad un prezzo favoloso, (...). Lavoratori di tutti i paesi che qui arrivaste cacciati da tutte le patrie e lavoratori del paese non meno stranieri, dei vostri compagni immigrati, nella patria vostra, riaffermale oggi la vostra fede in quell'internazionale del lavoro che non può e non deve essere uccisa per follia di re e per acquiescenza di politicanti che mentirono ieri e tradirono oggi” (*Guerra Sociale*, n. 17, 29 de abril de 1916, p. 07, “1º de MAIO”).

³¹⁸ Acreditamos que pseudônimo seja em razão de sua nacionalidade.

expectativas dos “profetas” que não conseguiam enxergar uma reação feita pelo operariado (“os escravos”), “mas ao fim estes escravos, vítimas da fome, têm encontrado em si mesmos, sem o bastão dos agitadores subversivos, as forças para rebelar-se”³¹⁹.

Ao fazer uma síntese analítica de seus textos, percebemos pelo que se verificou até o momento, uma zona de influência de alguns conceitos teóricos, como por exemplo: uma percepção orgânica da sociedade semelhante às estruturas biológicas (traços do organicismo de Spencer e do positivismo de Auguste Comte), a percepção da ciência como parte do processo do desenvolvimento da humanidade que teria, de uma vez por todas, afastado os homens das religiosidades (talvez aqui podemos encontrar um pouco de Nietzsche, em *A Gaia Ciência*, o que não seria algo incomum, pois era autor lido pelos anarquistas no Brasil) e, finalmente, uma compreensão histórica baseada na luta de classes associada a uma interpretação linear e teleológica do tempo (aqui por conta da influência do marxismo). Por essas possíveis associações, concluímos que Bandoni possuía um conhecimento, ou ao menos rudimentos básicos, das teorias que estiveram em voga entre a segunda metade do oitocentos e os primeiros anos do século XX.

Supondo que esta gama de informações não tenha sido adquirida a partir da leitura direta das obras desses autores, e mesmo que tenha tomado ciência destes conceitos a partir de grandes enciclopédias, ainda assim temos que reconhecê-lo como um indivíduo intelectualizado, um pensador da sociedade da qual fez parte. Além disso, mesmo que a sua visão de mundo tenha se limitado aos postulados dos teóricos da época, que em grande parte, nos dias atuais, encontram-se ultrapassados, devemos compreender Bandoni como afinado com as perspectivas sociais daquele período. Tal fato não merece julgamento, pois implicaria incorremos em um anacronismo, já que à época muitos desses preceitos eram considerados a vanguarda e estavam em plena maturidade³²⁰.

³¹⁹ “Confecciamolo sinceramente: mai abbiamo veduto in S. Paolo una agitazione prendere cosi vaste proporzioni come quella nella quale, nei giorni scorsi si è trovato impegnato quasi tutto il proletariato paolistano. Vivaddio! Era convinzione in noi che la classe lavoratrice per un lento adattamento subito, non trovasse più l’anima e la forza di porre un’argine a cotanto di lagare di miseria, soprusi e vigliaccherie. (...) Perché i milioni che in questi due o tre anni di sfrenata speculazione avete guadagnato ricordatevi o inclito signore sono stati accumulati accrescendo sempre più la miseria e gli stenti dei vostri schiavi; che cotesti milioni voi l’avete amucchiati attraverso il sangue dei vostri connazionali schiavi, questi vinti dalla fame, hanno ritrovato in sé stessi, senza il pungolo di agitatori sovversivi, la forza di ribellarsi e si sono ribellati” (*Guerra Sociale*, n. 53, 30 de junho de 1917, p. 01, “Divagazioni”).

³²⁰ Nesse sentido, cabe ressaltar a posição de Nancy Stepan que teceu as mesmas considerações sobre a eugenia. Se hoje este preceito encontra-se ultrapassado, no passado foi um postulado válido do ponto de vista científico, e por isso não devemos desqualificar a qualidade dos seus antigos seguidores, sob pena de incorremos em um anacronismo (STEPAN, *A hora da Eugenia*, 2005).

3.3 – Um último suspiro: “*Noi siamo anarchici*”³²¹ (3ª fase – *Alba Rossa* e *Germinal!*)

Nesta terceira parte do capítulo, buscamos analisar alguns artigos publicados por Angelo Bandoni em seus últimos dois periódicos publicados no Brasil: o *Alba Rossa* (1919-1921) e o *Germinal!* (1919). Ambos duraram um breve período de tempo e, de uma maneira geral, tenderam a veicular, com grande frequência, algumas palavras de ordem bastante usuais naquele período. Assim, viu-se nos textos de Bandoni (e de uma maneira geral em toda a imprensa anarquista) temas como: maximalismo, ditadura do proletariado, informações sobre a Revolução Russa, soviets, bolchevique, fragmentos de escritos de Lenin, entre outros.

Essa tendência surgiu em decorrência da Revolução Russa (1917), que provocou forte impacto no proletariado no Brasil (e de outras partes do mundo, como por exemplo, na Argentina), ao criar, especialmente entre os anarquistas, uma expectativa de que a luta por direitos e conquistas mais imediatas pudesse ser convertida em uma luta efetivamente revolucionária. Assim, em razão deste fato, os libertários vivenciaram entre 1917 e 1920 um estado de certa confusão ideológica ao avaliarem a Revolução Russa como sendo um movimento produzido pela junção de todos os trabalhadores russos (ADDOR, 1986 e OLIVEIRA, 2009, p. 128).

Deste modo, no Brasil, até o fim de 1921, os anarquistas saíam em defesa da Revolução Russa, uma vez que esta havia se tornado em uma prova da viabilidade da revolução social. Foi diante dessa premissa que os libertários vislumbraram a constituição de uma aglutinação (coalizão) de todas as outras correntes políticas (interpretada como bolchevique) que se diziam propugnadoras de uma nova sociedade, tal qual supostamente teria ocorrido na Rússia. Ao menos essa era percepção que possuíam naquele momento (ver: ROMANI, 2002, p. 236-237). A confusão ideológica foi tamanha, que passou a ser comum encontrar publicações em diversos vetores da imprensa libertária fazendo referências a Karl Marx, a ditadura do proletariado, além da transcrição de textos de Lenin e Trotsky como se fossem aliados dos anarquistas. Apesar disso, cabe esclarecer que na Rússia nunca houve de fato uma maximização das forças, já que desde a AIT (Associação Internacional do Trabalho) a ala dos internacionalistas antiautoritária e bakuninista havia rompido com Marx e os marxistas.

³²¹ Em português: “Nós somos anarquistas”.

De outro modo, estudos mais recentes defendem que “maximalista” seria uma das traduções possíveis para o português do termo “bolchevista”, e que, no entanto, a proliferação deste termo e o debate em torno dele não se esgotariam apenas como um efeito de uma tradução mal concebida ou uma interpretação enganosa, mas como consequência de um “debate em torno de um novo tipo de Revolução Social e o desenvolvimento de interpretações particulares por parte de militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários a partir das informações que vinham da Europa” (BARTZ, 2016, p. 236).

Ainda em razão da influência do processo revolucionário russo, em 1922 foi fundado o PCB (Partido Comunista Brasileiro) no Rio de Janeiro, cuja composição era de militantes egressos da fileira do anarquismo. A divisão ocorreu fruto de uma *crise do anarquismo*, como avaliou o próprio Astrojildo Pereira, “dentro de um processo internacional de mudanças de organização operária, o qual o autor qualificou de crise internacional do proletariado” (OLIVEIRA, 2009, p. 165).

Desta forma, em março de 1922, Astrojildo Pereira e outros onze companheiros, quase todos ex-anarquistas, fundaram o Partido Comunista Brasileiro – PCB, com o objetivo de levar os companheiros libertários para a III Internacional. Os novos comunistas buscavam se distanciar daquilo que entendiam ser um “*espontaneísmo* sem base teórica dos anarquistas, fator que teria impedido o sucesso de eventos revolucionários anteriores, agora corrigido pela doutrina marxista-leninista”. Por sua vez, foi nesse momento que os militantes libertários se tornaram fervorosos antibolchevistas, “acusando-os de serem burocratas, traidores e oportunistas, pois, para os anarquistas, como previra Malatesta, o comunismo à força seria a tirania mais odiosa que o espírito humano possa conceber” (ROMANI, 2011, p. 167).

De todo modo, o ano de 1919 foi implacável para os libertários. Ficaram entre a cruz e a espada, dividindo-se entre uma constante repressão policial (prisões e, dependendo do caso, expulsão do país), e a uma atração em relação ao comunismo, os anarquistas acabam por enfraquecer a chama libertária, recolhendo do mastro a bandeira preta. Entretanto, esse não seria o caso de Angelo Bandoni, que permaneceu fiel à sua tradição, e como resultado passou a editar o *Alba Rossa*. É por conta disso que compreendemos o momento como a terceira fase de seus escritos, que estaria simbolizado como “um último suspiro” (como aludimos no título desta seção).

No texto inaugural dos editores³²² (em janeiro de 1919), a primeira coisa feita pelos articulistas foi pontuar a sua posição dentro do movimento operário declarando serem anarquistas. Dizia assim a chamada:

Retomando a nossa posição de combate contra os polvos malditos da vida social, os arrogantes paladinos da ordem e as bases masturbatórias do pensamento proletário, nos pressiona de atribuir, em modo categórico e bem claro, a índole das nossas resoluções.

O fazemos para não fomentar mal-entendido, como dever para todas as pessoas, as quais nos recorreremos para ajudas, morais ou materiais, e também para nossa íntima satisfação. (...). Hoje, inauguramos *Alba Rossa*, acesa pelo furor guerreiro, queremos tentar todas as possibilidades táticas, por um novo e mais seguro ordenamento.

Quem somos? (...)

Nós somos os revolucionários conscientes, mas não daqueles que creem possível de poder arrombar o céu com o punho: somos dos humildes... para nós, as revoluções – falamos daquelas de caráter econômico – não se premeditam, não se improvisam. Essas são explosões históricas de caráter [...], que alguns apresentam, com larga antecedência e das quais é possível avaliar o âmbito com bastante aproximação.

(...)

Nós somos anarquistas, consideramos, por convencimento, que as instituições econômicas e políticas do regime burguês não respondem mais as necessidades humanas e que, por isso, quer queiramos ou não todos os conservadores ferozes do atual ordenamento, o estado capitalista corre veloz através da bancarrota mais desastrosa (sem grifo no original)³²³.

Ainda nessa mesma edição, Bandoni elaborou uma análise sobre os acontecimentos na Rússia, e argumentou que o processo revolucionário, diferentemente do imaginado por grande

³²² Eis os editores que assinaram o editorial: A. Bandoni, S. Antonelli, E. Ferreira, C. Borgomoni e F. Escudellario (*Alba Rossa*, n. 01, 27 de janeiro de 1919, p. 01).

³²³ “Riprendendo la nostra posizione di combattimento contro le piovre maledetta della vita sociale, gli arrogante paladini dell’ordine e i turpissimi masturbatori del pensiero proletario, ci preme di stanziare, in modo categorico e ben chiaro, l’indole dei nostri proponimenti.

Lo facciamo per non fomentare malintesi, per dovere verso tutti coloro, ai quali ci rivolgeremo per aiuti, morali o materiali, ed anche per nostra intima soddisfazione. E’ già troppo che andiamo a rimorchio di concetti arretrati, contentandoci di sfoghi biliari di nessuna efficacia risolutiva... Oggi, nell’augurale *alba rossa*, accesa dal furore guresco, vogliamo tentare tutte le probabilità tattiche, per un nuovo e più sicuro orientamento.

Chi siamo? (...)

Noi siamo dei rivoluzionari coscienti, ma non di quelli che credono possibile di poter sfondare il cielo con un pugno: *siamo degli umili*... Per noi, le rivoluzioni — parliamo di quelle di carattere economico — non si premeditano, né s’improvvisano. Esse sono esplosioni storiche di carattere ineditabile, che taluni presentono, con larga antecedenza, e delle quali é possibile valutare la portata con bastante approssimazione.

Ci dichiariamo rivoluzionari, perché, nell’evoluzione tormentosa, ma pur sempre ascendente, della società borghese, vediamo distintamente i segni precursori d’una non lontana catastrofe; e ci dichiariamo pure tali, pel diritto che ci conferiscono i vari lustri, durante i quali abbiamo consacrato alla propaganda libertaria le nostre migliori energie di volontà e di raziocinio.

Noi siamo anarchici, riteniamo, per convincimento saldissimo, che le istituzioni economiche e politiche del regime borghese non rispondono più ai bisogni umani e che, quindi, volenti o nolenti tutti i feroci conservatori dell’odierno ordinamento, lo Stato capitalista corre veloce verso la bancarrota più disastrosa” (*Alba Rossa*, n. 01, 27 de janeiro de 1919, p. 01, “I nostri propositi”).

parte da imprensa operária, não significou o surgimento de “novas teorias do reordenamento social”. E que termos como “bolchevismo, menchevismo, maximalismo, minimalismo, extremismo, etc” não representariam nenhuma novidade, onde o primeiro significaria o mesmo que maximalismo, que compreenderia, no caso russo, o agrupamento de anarquistas e socialistas a favor da revolução social. Percebemos, portanto, que nem de longe ele possuía a noção de que apenas os comunistas de Lenin, neste momento, assumiam o controle e a direção da Revolução. Pontuada essa questão, assim ressaltou o anarquista:

Maximalistas e minimalistas vale dizer daqueles que querem muito e daqueles que se contentam com pouco, a sempre estados, em todos os movimentos de reivindicação social.

Bolchevismo significa maioria; menchevismo significa minoria.

Os bolcheviques são maximalistas que, nos conselhos dos operários e soldados, têm conquistado a maioria; os mencheviques são minimalistas, ficaram na minoria.

Nos movimentos revolucionários da Europa estão empenhados socialistas e anarquistas.

Os socialistas são da gente honesta e sensata que se contenta com pouco; (...).

Reformistas moderados, reformistas radicais e pretensos revolucionários, todos os socialistas propunham a Assembleia constituintes, onde os legítimos representantes do povo poderão elaborar uma nova Constituição, um novo projeto de ordenamento social, mais consentâneo a vida coletiva do povo, (...) ³²⁴.

Além de analista social e crítico político, Bandoni também se vestiu com os “trajes” de historiador e se propôs a formular um conceito sobre a história. Nesse sentido, este ramo do saber teria como objetivo registrar e classificar, “na mais escrupulosa ordem cronológica e segundo os mais intrínsecos caracteres da derivação, do desenvolvimento e do contraste, todos os estados ambientais de índole filosófica, científica, artista, econômica, política, moral”. Ainda de acordo com o anarquista, ela poderia ser definida como “a memória do gênero humano”, pois “recorda o passado, ilustra o presente e abre o futuro”, e que a “luz da experiência, demonstra a inanidade ou a eficácia do esforço feito, o valor, intrínseco e relativo

³²⁴ “Massimalisti e minimalisti, vale a dire di quelli che vogliono molto e di quelli che si contentano di poco, ve ne sono sempre stati, in tutti i movimenti di rivendicazione sociale.

Bolscevismo significa maggioranza; menscevismo significa minoranza. I bolscevichi sono massimalisti che, nei consigli di operai e soldati, hanno conquistato la maggioranza;

Riformisti moderati, riformisti radicali e sedicenti rivoluzionari, tutti i socialisti propugnano l’elezione d’una assemblea Costituente, dove i legittimi rappresentanti del popolo potrebbero elaborare una nuova costituzione, un progetto di riordinamento sociale, più consentaneo alla vita collettiva del popolo, (...)” (*Alba Rossa*, n. 01, 27 de janeiro de 1919, “I caratteri del Movimento Rivoluzionario Europeo”).

de todos os fatos sociais e traça, com mão segura, o trâmite evolutivo da nossa perfectibilidade”, evitando o cometimento de erros no porvir³²⁵.

Angelo Bandoni ainda aproveitou para fazer uma síntese de todas as suas previsões que foram realizadas entre os anos de 1914 até 1917, a respeito dos efeitos da Primeira Guerra Mundial e do panorama político e econômico internacional após o conflito. Para tanto, trouxe grandes citações de seus próprios textos publicados nos periódicos *La Propaganda Libertaria* e *Guerra Sociale*. Uma após uma, demonstrou os acertos de suas “profecias” que se confirmaram com o passar dos anos³²⁶. O que é de se estranhar é que todas as análises, que já tivemos a oportunidade de apreciar, previam hipóteses para um futuro distante. Entretanto, ainda não havia passado nem exatos cinco anos desde o primeiro prognóstico.

A partir da quarta edição do periódico, Angelo Bandoni teria se envolvido em uma polêmica por conta de algumas proposições teóricas que passou a defender. Como a tendência do momento era falar sobre a Revolução na Rússia, não perdeu tempo e foi conceder o seu parecer sobre o movimento por meio de um artigo publicado no *Alba Rossa* em fevereiro de 1919. Na ocasião, Bandoni elogiou o processo revolucionário, ressaltou que ela seguia cumprindo uma agenda comunista, porém um comunismo de viés libertário. Eram os anarquistas, de acordo com o autor do texto, que comandavam o episódio. Até que, em meios as suas análises, ressaltou que foi a ditadura do proletariado que possibilitou a abolição da propriedade privada e o fim dos privilégios:

É como se fará a revolução?
(...), Como se está fazendo na Rússia.
Quando a transação formidável da história terá partido a corda da nossa resignação, nos rebelaremos.
Vinda a reação do poder organizado, ainda nos proclamaremos a ditadura proletária e formaremos os conselhos de trabalhadores e soldados.
A ditadura decreta a abolição da propriedade privada e de todos os privilégios; cria os comissariados do povo; o comissariado da produção, do consumo, e dos transportes, etc, etc.³²⁷

³²⁵ “La storia registra e classifica, nei più scrupoloso ordine cronologico e secondo i più intrinseci caratteri di derivazione, di sviluppo e di contrasto, tutti gli stati ambientali d’indole filosofica, scientifica, artistica, economica, politica, morale ecc., ecc. Ed é da questa imparzialissima rasségna dei valori sociali ed umani che deriva il progresso. (...) La storia ricorda il passato, illustra il presente e dischiude l’avvenire; essa, a lume di esperienza, dimostra l’inanità o l’efficacia dello sforzo compiuto, il valore, intrinseco e relativo, di tutti i fatti sociali e traccia, con mano sicura, il tramite evolutivo della nostra perfectibilità” (*Alba Rossa*, n. 01, 27 de janeiro de 1919, “Storia e Rivoluzione”).

³²⁶ *Alba Rossa*, n. 01, 27 de janeiro de 1919, “Profezia e chiaroveggenza”.

³²⁷ “E come si fará la rivoluzione? Su per giu, come si sta compiendo in Russia. Quando la trazione formidabile della storia avrà spezzato la corda della nostra rassegnazione, ci ribelleremo. Vinta la reazione del potere organizzato, anche noi praclameremo la dittatura proletaria e formeremo i consigli di lavoratori e soldati. La dittatura decreta l’abolizione della proprietá privata e di tutti i privilegi; crea i commissariati del popolo; il

Em razão desse artigo publicado, um dos leitores do *Alba Rossa* enviou uma carta aos editores do jornal na qual pedia para que explicassem a posição de Bandoni acerca da ditadura do proletariado. Além disso, o autor da correspondência fez menção a uma publicação do jornal *A Plebe*, veiculada no mesmo dia (22 de fevereiro), que antagonizava, indiretamente, os argumentos utilizados por Angelo Bandoni. Assim dizia o teor da missiva:

Eis a carta: 'Caríssimos de *Alba Rossa* resistente do jogo capitalista, convencido, também eu, que a sociedade deve mudar e que a revolução social é inevitável e iminente me pergunto muitas vezes: como poderá o proletariado brasileiro, de origem ou de escolha, desorganizado como é, sem uma direção segura, fazer o trabalho ciclópico só reordenamento social, sem desencadear o mais horrível das guerras fratricidas?!

(...)

No número 5 do *Alba Rossa* e no número 1 de *A Plebe*, eu me surpreendi com dois conceitos, de grandes significados, que, amigavelmente, e se contradizem.

(...)

Em *Alba Rossa* (n. 5, 22/02/19, artigo de fundo) se lê:

(...) *Vinda a reação do poder organizado, ainda nos proclamaremos a ditadura proletária e formaremos os conselhos de trabalhadores e soldados. A ditadura decreta a abolição da propriedade privada e de todos os privilégios; (...).*³²⁸

E continua a correspondências, trazendo uma breve citação do jornal *A Plebe*:

Vós, portanto, sois pela ditadura proletária, e tem a vossa boa razão para defender o conceito entre o povo. Mas, eles, no entanto, que dos vossos companheiros [do periódico *A Plebe*], estudiosos e conscientes, no mesmo dia, sem saber da publicação, isto é, desconhecendo o que poderia ser publicado em *Alba Rossa*, escreve:

A maioria dos anarquistas italiano, porém, sem se recusar a prestar o seu apoio a um movimento maximalista, faz suas reservas sobre a questão da constituinte, e a ditadura proletária opõe a propaganda pela constituição das Comunas Libertárias.

Essas reservas são lógicas e ponderáveis. A ditadura, mesmo com fim revolucionário, é exclusivista e opressora e tende fatalmente a exercer funções de conservação.

commissariato della produzione, del consumo, dei trasporto, ecc, ecc.” (*Alba Rossa*, n. 05, 22 de fevereiro de 1919, p. 01, “La Rivoluzione Sociale é inevitabile e... inevitabilmente anarchica!”).

³²⁸ “Ecco la lettera: ‘Carissimi di *Alba Rossa* insofferente del giogo capitalista, convento, anch’io, che la società deve cambiare e che la rivoluzione sociale é inevitabile e imminente mi domando spesso: come potrà il proletariato brasiliano, di origine o di elezione, disorganizzato com’è, senza sicura direttiva, compieri il lavoro ciclopico del riordinamento sociale, senza scatenare la più orribile delle guerre fratricide?! (...) Nel n.º 5 di ‘*Alba Rossa*’ e nel n.º 1 di ‘*A Plebe*’, ho sorpreso due concetti, di alto significato, che, amichevolmente, se la facevano a calci e pugne fra loro. (...) In ‘*Alba Rossa*’ (n.º 5, 22-2-19 articolo di fondo) si legge: (...) Vinta la reazione del potere organizzato, anche noi proclameremo la ditatura proletaria formeremo i consigli dei lavoratori e soldati” (*Alba Rossa*, n. 07, 08 de março de 1919, p. 01, “Dittatura Proletaria o Comune Libertaria? – Appunti Notas interessanti e doverosi”).

Podem objetarmos que foi ela que salvou a Revolução Russa mas nós pensamos que os comunistas russos, se quiserem chegar a prática integral do socialismo, devem derruba-la (...) (A Plebe, n. 01, 22/02).

Como podeis conciliar coisas estritamente contrastante de visões?

A ditadura proletária: é um bem ou um mal?³²⁹

Como a autoria do artigo pertencia a Bandoni, coube a ele dar a resposta ao seu leitor. Em primeiro lugar, agradeceu a indagação e oportunidade concedida para esclarecer o assunto. Afirmou, ainda, que havia lido o jornal a Plebe, porém não teria se atentado para o mencionado artigo, e que a divergência de ideias era uma coisa natural, já que “são dois jornais distintos, escritos em duas línguas diversas, que sustenta o contrário um do outro. Pior era quando no mesmo jornal, escrito na mesma língua se pregava aos trabalhadores: organizativos, não organizativos”. Ademais, defendeu-se alegando que o articulista daquele periódico fala em ditadura proletária sem conhecer o verdadeiro significado da palavra³³⁰.

Para o anarquista franco-italiano, “a ditadura proletária é um meio, a comuna libertária é o fim”. Em outras palavras, advindo o processo revolucionário, este apenas poderia se estabelecer por meio de uma ditadura implantada pelos trabalhadores, já que esse seria o momento onde as forças da revolução deveriam ser mais intensas a fim de obter êxito na expropriação da propriedade privada. Passada essa fase aí sim seria possível a organização da sociedade em um modelo libertário de base comunista³³¹.

Apesar das justificativas de Bandoni, cabe assinalar que a proposta libertária inibiria qualquer forma de ação autoritária. Como argumentaria Bakunin, na segunda metade do século XIX, “a liberdade sem socialismo é um privilégio, uma injustiça; e o socialismo sem liberdade é escravidão e bestialidade” (BAKUNIN, 2010). Ainda nesse mesmo sentido, Luigi Fabbri, analisando o caso russo, esclareceu que a violência no processo revolucionário seria legítima enquanto servisse para destruir qualquer forma de escravidão. Porém se esta

³²⁹ “Voi, dunque, siete per la dittatura proletaria, ed avrete le vostre buone ragioni per diffonderne il concetto fra il popolo. Ma, ecco, intanto, che dei compagni vostri, studiosi e coscienti, quanto potete esserlo voi, nel medesimo giorno, senza sapere, cioè, quello che potevate pubblicare in ‘Alba Rossa’, scrivono: [trecho em português no original] (...) Come potete conciliare così stridente contrasto di vedute? La dittatura proletaria: é un bene o é un male?” (*Alba Rossa*, n. 07, 08 de março de 1919, p. 01, “Dittatura Proletaria o Comune Libertaria? – Appunti Notas interessanti e doverosi”).

³³⁰ “Ringraziamo, anzitutto, l’amico d’averci fornito la buona occasione di riparare ad una deplorabile svista. (...) Oggi, per esempio, sono due giornali distinti, scritti in due lingue diverse, che sostengono il contrario l’uno dell’altro. Peggio era quando, nel medesimo giornale scritto nella medesima língua, si predicava ai lavoratori: ‘Organizzatevi!’ ‘Non vi organizzate!’” (*Alba Rossa*, n. 07, 08 de março de 1919, p. 01, “Dittatura Proletaria o Comune Libertaria? – Appunti Notas interessanti e doverosi”).

³³¹ “La dittatura proletaria é un mezzo, la Comune libertaria é un fine; come si può stabilire un rapporto fra due termini che non esistono... É aberrazione” (*Alba Rossa*, n. 07, 08 de março de 1919, p. 01, “Dittatura Proletaria o Comune Libertaria? – Appunti Notas interessanti e doverosi”).

violência assumisse contornos de um governo ditatorial, a revolução perderia a sua legitimidade. Para o anarquista italiano, precisaria ficar claro que “ditadura não é revolução”:

(...) E ao contrário, violência libertária, quer dizer, ato de liberdade e libertação, quando é empregada contra ao que manda pelo ao que já não quer obedecer; quando está dirigida a impedir, diminuir ou destruir uma escravidão qualquer, individual ou coletiva, econômica ou política, e é adotada pelos oprimidos diretamente, indivíduos ou povos ou classes, contra o governo e as classes dominantes. Tal violência é a revolução em ação. Mas deixa de ser libertária e por seguinte revolucionária quando, apenas vencido o velho poder, quer ela mesma converter-se em poder e cristaliza em uma forma qualquer de governo (FABBRI, 1971, p. 13-14).

Por conta da sua defesa em relação à ditadura do proletariado, o grupo editorial do *Alba Rossa* publicou em abril de 1919 um esclarecimento acerca de seus princípios norteadores e pontuou a sua posição se afastando e se distanciando da Revolução Russa. Os textos de Lenin desaparecem das páginas do jornal dando lugar a alguns trechos dos escritos de Bakunin. Como última medida, os editores resolvem que Bandoni, antes de iniciar qualquer polêmica com algum periódico libertário, deveria ter autorização dos demais integrantes do conselho diretor:

Grupo editorial do *Alba Rossa*

Reunião extraordinária

O grupo editorial deliberou o que se segue:

Para evitar possíveis equívocos e para facilitar o trabalho do jornal, o grupo editorial julga conveniente que a redação e a administração voltem a ser no mesmo lugar. E independentemente disto, resolve que o companheiro Bandoni não deverá empreender polêmica com os companheiros e com os jornais libertários, sem previamente deliberação do grupo editor, confirme decidido ao fim da primeira reunião, e no caso que ele insistir sobre este ponto, será livre de fazê-lo chamando para si a responsabilidade dos seus escritos, (...) ³³².

Em reação a decisão, Angelo Bandoni deixou o conselho editorial do jornal e, em seguida, se dedicou a veiculação do *Germinal!* (1919), que possuiu apenas seis meses de duração (de abril a outubro). Bandoni ainda tornaria a publicar no *Alba Rossa* fazendo críticas ao fascismo, porém foram poucas as participações ³³³.

O novo jornal, de um modo geral, concentrou-se na publicação de artigos opinativos sobre o movimento operário no Brasil e no plano internacional. Foram poucas as campanhas buscando ações práticas que envolvesse os trabalhadores. Por outro lado, grande parte dos

³³² *Alba Rossa*, n. 11, 03 de abril de 1919, p. 01, “Grupo editorial do *Alba Rossa* – Reunião extraordinária”.

³³³ *Alba Rossa*, n. [ilegível], 02 de abril de 1921.

textos era veiculada em língua italiana, em um momento em que o *A Plebe*, escrito em português, notabilizava-se hegemonicamente entre o operariado. Assim, o idioma acabava sendo um limitador para alcançar um público mais amplo. Além disso, o periódico de Bandoni mantinha posição contrária às associações sindicais, em um período em que os sindicatos haviam se fortalecido e ganhando a confiança do proletariado.

Além da oposição à via sindical, o *Germinal!* também se manteve contrário a iniciativa de alguns grupos anarquistas que se empenharam na formação de um “partido anarquista”, como foi o caso do periódico *Spartacus* (1919-1920), do Rio de Janeiro, dirigido pelos anarquistas Jose Oiticica e Astrojildo Pereira (esse último antes de se tornar comunista em 1922). A intenção dos militantes não era formar um partido na concepção política republicana como concebemos na atualidade, mas sim contribuir na organização de um grupo especificamente anárquico (acreditavam, assim, estar seguindo a orientação de Malatesta).

A notícia correu as páginas do jornal do Bandoni, sobretudo quando os anarquistas do Rio lançaram um programa contendo os princípios com orientações para o partido (PCA – Partido Comunista Anarquista)³³⁴. Sobre a proposta, o anarquista italiano afirmou que “qualquer partido é o pior inimigo da revolução”, sendo uma “uma espécie de ditadura revolucionária”, pois “partido é a disciplina, a amarra, o freio”, é uma “unidade programática e pretensiosa, o capricho da maioria numérica”³³⁵. Nesse momento, emergia uma notória contradição em seus discursos, não quanto à sua posição em relação ao desejo de uma organização partidária, mas pelo fato de compara-la à “ditadura proletária”. Afinal, a ditadura, para ele, era ou não legítima?

A contradição seria resolvida nas edições seguintes. Assim, Bandoni defendeu a sua posição ao afirmar que a revolução seria um evento inevitável, em razão das próprias crises geradas pelo capitalismo, e que a nova sociedade seria organizada no formato de um

³³⁴ “Foi realizada domingo passado uma assembleia desta associação e ficou decidido quanto segue: a) apresentação dos trabalhos para realizar uma conferência pública com o tema maximalismo e anarquismo; (...); c) nominar os delegados que deverão fazer parte da comissão para o festival em benefício do jornal *A Plebe*; e) mandar um saúdo ao novo paladino da ideia libertária *Spartacus*; e) fazer publicar o projeto do programa do partido comunista anarquista; (...)” (*Germinal!*, n. 20, 29 de agosto de 1919, p. 03, “Partido Comunista”).

³³⁵ “Qualunque partito rivoluzionario é una specie di dittatura proletaria che si sbizzarrisce sopra una parte del proletariato, una dittatura bighellona e parolaia: la dittatura del pane senza farina, il partito é la disciplina, la pastoia, il freno nel partito, sono sempre pochi sedicenti intellettuali che spadroneggiano, che fanno tutto, prevedono tutto e pensano a tutto” (*Germinal!*, n. 10, 21 de junho de 1919, p. 01-02, “Piantiamo la nostra bandiera”).

comunismo libertário. Entretanto, a retirada dos conservadores e da oligarquia do poder apenas seria possível ao “impor a nossa ditadura, a ditadura proletária”³³⁶.

Tema que também esteve presente no jornal foi o final da Primeira Guerra e as tratativas de acordos de paz que foram propostas pela Liga das Nações, organização essa criada em junho de 1919 a partir do Tratado assinado em Versalhes³³⁷. Mas as informações que predominaram foram as notícias sobre a Rússia e o processo revolucionário, que serviam para criar uma efervescência e fortalecer as esperanças para que o movimento se ampliasse e chegasse a outras regiões do mundo³³⁸.

Se realmente possuísse a exata compreensão do que se passava na Rússia, talvez Bandoni não fosse um grande defensor da revolução. Isso principalmente quando tomasse ciência de que os bolcheviques, que representavam os adeptos do comunismo de Lenin, eram autoritários e eliminaram do processo revolucionário as outras correntes políticas e seus respectivos seguidores (como por exemplo, os anarquistas). A perspectiva maximalista e fé de que os trabalhadores russos caminham para um comunismo libertário cariam por terra nesse momento.

³³⁶ “(...) Debellato il potere conservatore, agominata la truce oligarchia dei cattivi pastori, bisogna imporre la nostra dittatura, la dittatura proletaria” (*Germinal!*, n. [ilegível], 11 de outubro de 1919, p. 01, “Rivoluzione e Dittatura”).

³³⁷ *Germinal!*, n. 12, julho de 1919, p. 01-04.

³³⁸ “Nós vivemos na ânsia de transição; o trabalho assalariado não tem mais esperança para ninguém; o desconfia os capitalistas e o abominam os deserdados. As paralizações e as greves se sucedem com um crescendo que reconforta. O carbono diminui em quantidade sempre mais exígua, os tráficos ferroviários, os transportes marítimos, o funcionamento das grandes indústrias têxteis, a iluminação dos centros mais populosos sofre cotidianamente dos prejuízos sensibíllimos. E a cada dia, a desorganização do trabalho tornam-se mais alarmantes, porque se prever bastante próximo o momento, na qual não poderá mais prover adequadamente o consumo” (Noi viviamo nell’ansia di transizione: il lavoro salariato non ha più speranze per nessuno; lo diffidano i capitalisti e lo abborrono i diserati le serrate e gli scioperi si succedono con crescendo tutt’altro che rassicurante. Il carbone sorte dalle miniere in quantità sempre più esigua, i traffici ferroviari, e trasporti marittimi, il funzionamento dei grandi opifici, l’illuminazione dei centri più popolose subiscono quotidianamente dei pregiudizi sensibíllimi. E ogni giorno, la disorganizzazione del lavoro diviene più allarmante, poiché si prevede assai prossimo il momento, in cui non potrà più provvedere adeguatamente al consumo” (*Germinal!*, n. 23, 20 de setembro de 1919, p. 02., “Verso la grande rivoluzione”).

Considerações Finais

Após as novidades teóricas trazidas pela micro-história, a biografia, que se encontrava em descrédito desde o final do século XIX, ganhou novo fôlego, passando a conceder importância às trajetórias de indivíduos “comuns”, e a percebê-los como sujeitos históricos capazes de interferir nas realidades sociais. Se antes a atenção se voltava para a experiência de vida daqueles que eram considerados atores relevantes socialmente (como os reis, heróis, etc.), na atualidade privilegia-se, em suas singularidades, os operários, os camponeses, os escravos, os anarquistas, as mulheres, entre tantos outros que foram desconsiderados na leitura realizada no *oitocentos* ou mesmo durante a hegemonia do estruturalismo em tempos mais recentes.

A nova biografia, além do interesse pelos sujeitos ordinários, ocupa-se também das trajetórias daqueles indivíduos que tentaram romper com as homogeneidades do cotidiano e imprimiram uma resistência contra os valores sociais impositivos de um determinado período histórico. Ela, do mesmo modo, possibilita compreender as percepções que estes indivíduos possuem acerca do mundo em que vivem e se relacionam. Por outro lado, a partir dessa abordagem, não se pode assimilar o percurso da vida como um processo linear, mas sim como um campo repleto de escolhas e possibilidades que nem sempre tendem a ser coerentes. Por esta razão, torna-se mais fácil entender o emaranhado de contradições e encruzilhadas enfrentadas por esses sujeitos.

Os estudos históricos dedicados à escrita da vida possuem peculiaridades complicadas para os historiadores. A primeira delas diz respeito ao recorte temporal, que costuma ser amplo e abarca períodos diferentes o que implica elaborar contextualizações para épocas distintas. O lugar onde a biografia se desenvolve pode, do mesmo modo, variar com o tempo, o que nos obriga tomar conhecimento das especificidades sociais da região. A segunda tem a ver com as fontes, pois, em sua maioria, não se encontram armazenadas em apenas um fundo de um determinado arquivo. Mas, o corpo documental tende a ser fragmentado e espalhado, deixando fraturas e lacunas para o pesquisador.

Todas essas especificidades foram, em grande medida, enfrentadas ao longo desta pesquisa que visou resgatar a trajetória biográfica de Angelo Bandoni, anarquista de origem francesa (Córsega), porém sob grande influência familiar e depois regional da cultura italiana. Este trabalho, portanto, além de reconstruir a sua biografia tanto no período em que residiu no estrangeiro, como durante os anos em que viveu no Brasil (1900-1947), permitiu compreender

alguns pormenores do “anarquismo à italiana” daqueles militantes que migraram do velho mundo e se estabeleceram em São Paulo.

Em vista da problemática central que permeou este trabalho, e tendo em vista as fontes consultadas, sobretudo a partir dos textos de Angelo Bandoni que foram publicados na imprensa anarquista, passamos a conhecer que para ele o anarquismo significaria uma forma de organização social para a qual toda a sociedade caminharia após um processo revolucionário, que obrigatoriamente seria enfrentado pelas civilizações em razão das próprias contradições impostas pelo capitalismo. Nesse modelo social, de acordo com o nosso biografado, as religiões deveriam ser abolidas e a ideia de pátria ganharia uma nova dimensão, onde as relações culturais e as afinidades étnicas no interior de uma coletividade fortaleceriam o sentimento de pertencimento. No plano político, todo o aparato estatal (as instituições e o ordenamento legislativo) deixaria de existir assumindo, assim, uma proposta libertária. Na composição econômica, o paradigma a ser seguido teria como base o comunismo libertário por conta da proximidade teórica que Bandoni assumiu em relação aos pressupostos de Errico Malatesta, grande nome do movimento anarquista italiano e militante importante no processo de formação da seção da AIT na Itália após o contato estabelecido com Bakunin.

Em relação à crítica contra as organizações, esta possuiu maior ênfase nas associações sindicais. Mesmo assim, essa relação de antagonismo estabelecida por Angelo Bandoni, apesar de evidente em seus textos, não foi coerente na prática, tendo em vista que as escolhas assumidas ao longo de sua militância contrariaram esse posicionamento. Apesar disso, foi possível ressaltar que esse antissindicalismo possuiu como explicação histórica a realidade sindical italiana no final do século XIX, já que era lugar ocupado hegemonicamente pelos socialistas reformistas. É por essa razão, que Bandoni tendeu a compreender as organizações profissionais como um empecilho a tão almejada revolução social. Essa percepção, inclusive, pode ser estendida a outros anarquistas de origem italiana e aos grupos editoriais da imprensa libertária aos quais fizeram parte no Brasil e que também se opuseram aos sindicatos enquanto estratégia de luta, como foi, por exemplo, o caso do jornal *La Battaglia*.

Por essa razão, não é possível supor, como fizeram algumas análises historiográficas, que esse antissindicalismo dos anarquistas italianos em São Paulo tivesse como explicação uma possível proximidade com o individualismo (ou insurrecionalismo para alguns) proposto por Luigi Galleani. Mas, tratando especificamente de Angelo Bandoni, a pesquisa, portanto, demonstrou a inconveniência de usar classificações para definir um militante entre as

correntes do anarquismo. De tal modo que, pelas multiplicidades teóricas assumidas, as contradições e as complexidades apresentadas, a melhor maneira encontrada para defini-lo seria a de um “anarquista sem adjetivo”, saindo, assim, em defesa de uma síntese entre as vertentes.

No tocante à prática pedagógica, Angelo Bandoni, durante os anos de permanência no Brasil, foi responsável pela organização de três escolas libertárias em São Paulo destinadas a instrução dos trabalhadores e à luz dos ideais libertários. A educação assumiu significado importante na sua proposta anárquica, pois ela teria papel crucial na emancipação dos indivíduos. Neste sentido, buscamos ressaltar a ênfase concedida por Bandoni à educação do proletariado no processo revolucionário, frisando as peculiaridades de seu método de ensino, e os embates que enfrentou com outros companheiros por ter desenvolvido uma metodologia distinta (*mnemológico-resolutivo*) da pedagogia racionalista proposta por Francisco Ferrer y Guardia na Espanha.

Se seus periódicos (*Germinal*, *Guerra Social*, *Alba Rossa* e *Germinal!*) e suas experiências pedagógicas foram percebidas, no decorrer deste trabalho, como instrumentos de propaganda anárquica, devemos, de igual maneira, incluir neste *hall* suas conferências e poesias. Nessas últimas, para além do anarquista-militante, nos deparamos com o Bandoni envolvido com a manifestação artística e produtor de uma cultura libertária, onde tanto a estética quanto o conteúdo textual dos versos faziam parte de uma estratégia que visava a difusão do anarquismo entre os trabalhadores.

Posto desta maneira, a trajetória biográfica de Angelo Bandoni possibilitou contato direto com um dos segmentos do movimento anarquista brasileiro que floresceu durante a primeira República. Se no passado o anarquismo no país era considerado uma voz uníssona em todas as regiões que se desenvolveu, as recentes interpretações históricas voltadas para os percursos individuais fazem emergir novas perspectivas que antes passavam despercebidas. Assim, no âmbito do cenário nacional, os militantes em São Paulo possuíam características próprias (o mesmo vale para as demais regiões do país). Que por sua vez, entre aqueles que pertenciam à comunidade italiana, as manifestações libertárias se davam sob o crivo de outras especificidades fazendo ramificar ainda mais essas seções. Por essas e outras razões, consideramos que as diversas classificações existentes não dão conta de definir toda a complexidade existente nas ações de militância, motivo pelo qual, entre a propaganda e a educação, a incapacidade de adjetivação de Bandoni faça ressaltar a sua multiplicidade teórica.

Referências

Fontes

Instituições pesquisadas

Archivio Centrale dello Stato, ACS, Roma. Fotocópia dos documentos gentilmente cedidos por Giovanni Stiffoni.

Archivo General de la Nación Argentina, Buenos Aires, ANA

Archivo General de La Nación, Buenos Aires.

Archivo Intermedio, Buenos Aires.

Arquivo do Movimento Operário do Rio de Janeiro, AMORJ/UFRJ.

Arquivo Edgard Leuenroth, AEL/IFCH/UNICAMP. Acervo digital (hemeroteca) disponível em: <http://www.ael.ifch.unicamp.br/ael-digital>.

Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, ANRJ.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, AESP, Delegacia Especializada de Estrangeiros da Capital (1939 a 1984), solicitação feita através do site: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/memoria_do_imigrante/pedido_certidao_fich_a_delegacia.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ.

Biblioteca Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro.

Biblioteca Digital da UNESP. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/1>.

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Cartório do 6º subdistrito do Brás, São Paulo.

Cemitério da 4ª Parada, São Paulo.

Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA), Buenos Aires,

Départamento de La Haute-Corse, Bastia. Disponível em: <http://www.haute-corse.fr/site/index.php?page=cadastre-napoleonien>.

Imprensa Oficial, Diário Oficial do Estado de São Paulo, DOESP. Disponível: <https://www.imprensaoficial.com.br/#19/03/2017>.

International Institute of Social History (IISH), Amsterdã.

Periódicos utilizados

A Lanterna, São Paulo.
A Plebe, São Paulo.
Alba Rossa, São Paulo.
Correio Paulistano, São Paulo.
Germinal!, São Paulo.
Germinal, São Paulo.
Guerra Sociale, São Paulo.
Jornal do Comércio, Rio de Janeiro.
L'Azione Anarchica, São Paulo.
La Barricata-La Battaglia, São Paulo.
La Battaglia, São Paulo.
La Difesa, São Paulo.
La Propaganda Libertaria, São Paulo.
La Rivolta, São Paulo.
O Amigo do Povo, São Paulo.
O Combate, Rio de Janeiro.
O Estado de São Paulo, São Paulo.
Palestra Social, São Paulo.
Spartacus, Rio de Janeiro.

Publicações Oficiais

BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Senado, 1890.

BRASIL. Decreto n. 979, de 06 de janeiro de 1903. Faculta aos profissionais da agricultura e industrias ruraes a organização de sindicatos para defesa de seus interesses.

Referências bibliográficas

ADDOR, Carlos A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1986.

_____. *Um homem vale um homem*. Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

AMBITO 8: PIANA-PISA-PONTEDERA. *Regione Toscana*: Ministero dei beni e delle attività culturali e del turismo. Disponível em: <http://www.regione.toscana.it/-/piano-di-indirizzo-territoriale-con-valenza-di-piano-paesaggistico>. Acesso em: fev.2016.

ANDERSON, Benedict. *Under Three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. Londres: Verso, 2005.

ANTONIOLI, Maurizio. A U.S.I. O Sindicalismo Revolucionário Italiano. In COLOMBO, E.; COLSON, D. et al. (orgs). *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, 2004a.

_____. et al. *Dizionario biografico degli anarchici italiani*. 2 volumes. Pisa: BFS, 2004b.

BAKUNIN, Mikhail. *Revolução e Liberdade*. Cartas de 1845 a 1875. São Paulo: Hedra, 2010.

- BANAT-BERGER, Françoise. *Les institutions judiciaires en Algérie*, 2010. Disponível em: <<http://www.archives-judiciaires.justice.gouv.fr/index.php?rubrique=10845&article=15477>>. Acesso: 28 de dez. 2016.
- BARTH, Fredrik. Introduction. In BARTH, Fredrik. *Process and Form in Social Life: Selected Essays of Fredrik Barth*. London: *Routledge & Kegan Paul*, v. 1, 1981
- BARTZ, Frederico Duarte. O maximalismo como problema: circulação e apropriação da ideia de bolchevismo no movimento operário brasileiro durante os primeiros anos da Revolução Russa. *Revista Izquierdas*, n. 31, p. 235-248, dez, 2016.
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. (orgs.) *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação República à Revolução de 1930*. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BATINI, Tito. *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.
- BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BERTHIER, Rene. *Anarquismo e sindicalismo: os debates sobre a herança de Bakunine antes da Grande Guerra*, 2014. Disponível em: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article557>. Acesso em: 20/10/2017.
- _____. *Commentaires sur “Black Flame” et divers autres ouvrages*. Reflexions sur l'anarchisme et le syndicalisme révolutionnaire. Cercle d'Études libertaires Gaston-Leval, 2017.
- BERTONHA, João Fábio. Libero Battistelli e giustizia e libertà no brasil: um aspecto da luta antifascista italiana na América, *Diálogos*, DHI/UEM, v. 3, n. 3, 213-234, 1999a.
- _____. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: FAPESP-Annablume, 1999b.
- BIONDI, Luigi. *Classe e nação*. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- _____. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea (Historia). Universidade de estudos de Roma La Sapienza. Itália: Roma, 1994.
- BLAY, Eva. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOAHEN Adu, Albert. *História geral da África*, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.), *Usos & abusos da história oral*, 8.ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRESCHI, Marco; MALANIMA, Paolo. Demografia ed economia in Toscana: il lungo periodo (secoli XIV-XIX). Prezzi, redditi, popolazioni in Italia: 600 anni (dal secolo XIV al secolo XX), Udine, 2002. Disponível em: <http://www.paolomalanima.it/default_file/Articles/Demografia_Toscana.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2016.
- BRITO, Rose Dayanne Santos de. *No rastro de Benjamim Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na primeira República (1901-1904)*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Memórias de uma jovem anarquista*. In: Seminário Zélia Gatai. Gênero e Memória. Apresentação Myriam Fraga. Salvador, FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002.

- _____.; KOSSOY, Boris. *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARONE, Edgard. *A primeira República*. (texto e contexto). 3. Ed. São Paulo: Difel, 1976.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Socialismo ou Barbárie: o conteúdo do socialismo*. Rio de Janeiro: brasiliense, 1979.
- CODELLO, Francesco. “*A boa educação*”: Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. Vol. 1: a teoria. São Paulo: Imaginário, 2007.
- _____. Un anarchismo senza aggettivi. *A rivista anarchica*. Milão, ano 47, n. 416, p. 59-60, maio, 2017.
- CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CÔRTEZ, Alex Sandro Barcelos. Raízes do anarquismo no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges e REIS Filho, Daniel Aarão (orgs.). *História do anarquismo no Brasil – Vol. I*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- DARTON, Robert. Apresentação in DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. E outros episódios da História Cultural Francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DEAN, Warren. *The industrialization of São Paulo 1880-1945*. Austin and London: The University of Texas Press, 1969.
- DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Egladit, 1962.
- DUARTE, Regina H. *A imagem rebelde: a trajetória libertaria de Avelino Foscolo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.
- FABBRI, Luigi. *Revolucion no es ditadura*. La gestion girecta de las bases en el socialismo. Buenos Aires: Accion Directa, 1971.
- FABRE, Martine. La condamnation des indigènes aux travaux forcés ou à la relégation. Simple sanction pénale ou stratégie coloniale? In *Le Juge et l’Outre-mer*. Le Royaume d’Aïétès. Produire de l’ordre, Lille, Centre d’histoire judiciaire, p. 223-259, 2008.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- FEDELI, Ugo. *Gigi Damiani*. Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo. Cesena: L’Antitato, 1954.
- FELICI, Isabelle. Gli anarchici italiani di San Paolo e il problema dell’organizzazione operaia (1898-1017). In: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emílio; PEPE, Adolfo. *La riscoperta delle Americhe: Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina (1870-1970)*. Teti Editore, 1994a.
- _____. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920*. Tese (doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994b.
- _____. *Poésie d’un rebelle: Gigi Damiani*. Poète, anarchiste, émigré (1876-1953). Lyon: Atelier de création libertaire, 2009.
- FERREIRA, Maria N. *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Michel. *Vigiar e punir; história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GALEANO, Diego; ALBORNOZ, Martín. *Anarquistas y policías en el atlántico sudamericano: una trama transnacional, 1890-1910*. [S.d.].
- GALLO, Sílvio. Anarquismo e educação libertária: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Revista de Ciências Sociais*, n. 36, p. 169-186, abril de 2012.

- _____. *Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Memórias, 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GHERARDI, Eugène F.-X. *Précis d'histoire de l'éducation en Corse Les origines: de Petru Cirneu à Napoléon Bonaparte*. Corse: CRDP, 2011.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O fio e os rastros: verdadeiros, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.
- GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2013.
- GORDON, Eric. *Anarchism in Brazil: Theory and practices 1890-1920*. Tese de PhD. Nova Orleans, Tulane University, 1978.
- HARDMANN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875 – 1914)*. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- _____. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Comp. das Letras, 2002.
- _____. *Mundo do Trabalho*. Novos estudos sobre a História Operária. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUTTER, Lucy Maffi. Imigração italiana: aspectos gerais do processo imigratório. *Rev. Int. Est. Bras.*, São Paulo, n. 27, p. 59-73, 1987.
- KROPOTKIN, Piotr. *A Conquista do Pão*. Lisboa: Guimarães editores, 1975
- KHOURY, Yara A. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. Edgard Leuenroth: Uma Vida e Um Arquivo Libertários. In: *Revista Brasileira de História*, ANPUH/Editora Unijuí, vol. 17, no. 33, p. 112-149, 1997.
- _____. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária*. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese de doutorado em História. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1988.
- LEAL, Claudia Feierabend B. *Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890*. Tese (doutorado em História), IFCH, Unicamp. Campinas, 2006.
- _____. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação de mestrado. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1999.
- LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Sobre a micro-história. In BURKER, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- LEVY, Carl. *Gramsci and the Anarchist*. New York: Berg, 1999.

- LIMA, N.T.; HOCHMAN, G. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médicosanitário e interpretação do país. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: Abrasco, v. 5, n. 2, p. 313-332, 2000.
- LIPIANSKY, Edmond. *A pedagogia libertária*. São Paulo: Imaginário, 2007.
- LOPREATO, Christina Roquette. O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil. *Verve – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Solidariedade Libertária*. São Paulo, n. 3, abril, p. 75-91, 2003.
- _____. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MAGNANI, Silvia I. L. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MALATESTA, Errico. La Propaganda Anarquista. in RICHARDS, Vernon (org.). *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Anarres, 2007.
- _____. Um pouco de teoria. In: *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Novos Tempos, 1989.
- MARAM, Sheldon. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARCONI, Pio. *Libertá Selvaggia*. Veneza: Marsilio Editori, 1979.
- MARINI, Gualtiero. *Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876)*. 378 f. Dissertação (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- MASINI, Pier Carlo. *Storia degli anarchici italiani: da Bakunin a Malatesta*, Milão: Rizzoli, 1974.
- MELLA, Ricardo. *Libre cooperación y colectivismo anarquista*, S. d.. Disponível em: <https://bibliotecanacionandaluzasevilla.files.wordpress.com/2008/09/libre-cooperacion-y-colectivismo-anarquista1.pdf>. Acesso: 02 ago 2017.
- MONTEIRO, Fabrício Pinto. O anarquista terrorista na imprensa escrita no século XIX. *Revista Temporalidades*, vol. 1, n. 2, ago./dez. 2009.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; CALSAVARA, Tatiana; MARTINS, Ana Paula. O ensino libertário e a relação entre trabalho e educação: algumas reflexões. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 997-1012, out./dez., 2012.
- MORAES, José Damiro. A educação anarquista no Brasil da Primeira República. *Revista HISTEDBR*, 2010, http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Jose_Damiro_de_Moraes_artigo.pdf.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho*. Pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- NETTLAU, Max. *História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.
- OITICICA, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Germinal, 1945.
- OLIVEIRA, Tiago B. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese de doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009.
- PARIS, Robert. *As origens do fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PASSETI, Edson; AUGUSTO, Acácio. *Anarquismo & Educação*. Belo Horizonte, 2008.
- PEREIRA, Syrlea Marques. *Entre Histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*. 2008. 280 f. Tese (doutorado) em História – Programa de Pós-graduação em História da UFF, Rio de Janeiro, 2008.

PERNICONE, Nunzio. *Italian Anarchism, 1864-1892*. Oakland: AK Press, 2009.

PERROT, Michelle. A vida em família. In ARIÈS, P. e DUBY, G. *História da Vida Privada*, Volume 4. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

PRADO, Antonio A. *Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____.; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Claudia Feierabend Baeta. (Orgs). *Contos anarquistas: temas e textos da prosa literária n Brasil (1890-1935)*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PROUDHON, J. P. O que é a propriedade? Lisboa: Estampa, 1975.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. *Feminismo e Anarquismo no Brasil*. Audácia de Sonhar. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

RAMALHO, Tiago. *O individualismo em Max Stirner*. Kaios: Revista de Filosofia e Ciências. Lisboa, n.14, p.31-49, nov. 2015.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. (orgs.) *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação República à Revolução de 1930*. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REY, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789. In: PESTEIL, Ph (Org.). *Histoire et mémoires des immigrations en région Corse*. Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008.

RIO, Cristiane Porfírio de Oliveira do. *O movimento operário e a educação dos trabalhadores na primeira república: a defesa do conhecimento contra as trevas da ignorância*. (Tese de doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

RODRIGUES, Edgar. *História do Movimento Anarquista no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1999.

_____. *Os Companheiros*, vol. 3. Florianópolis: Insular, 1997.

ROMANI, Carlo. A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 150-166, 1997. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3819>. Acesso em: 27 out. 2016.

_____. Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e as práticas de controle político e social. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 161-178, 2011.

_____. Experiências Compartilhadas e autonomia popular na história social: aproximação entre E. P. Thompson e Castoriadis. In *Projeto História*, São Paulo, n. 48, dez, 2013.

_____. História e historiografia do anarquismo italiano: das origens até 1907. *Rede-A*, [S.l.], v.3, n. 2, p. 3-23, jul/dez, 2013.

_____. La emigración europea y las escuelas libertarias en Argentina y Brasil en los albores del siglo XX. *Navegar*, v. 03, n. 04, p. 55- 71, jan./jun., 2017.

_____. *Oreste Ristori uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. Uma reflexão sobre biografia e subjetividade na história, In: *Revista de História e Estudos Culturais*, n.º 1, vol. 13, ano XIII, pp. 1-20, junho de 2016.

ROSSINERI, Patrick. *Entre a plataforma e o partido: as tendências autoritárias e o anarquismo*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2011.

- SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- _____. Introdução. In MALATESTA, Errico. *Entre Camponeses*. São Paulo: Hedra, 2009a.
- _____. *Minha pátria é o mundo inteiro*. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009b.
- _____. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo; COLSON, D. et al. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.
- SANTOS, Kauan Willian dos. “*Paz entre nós, guerra aos senhores*”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas *guerra sociale* e *a plebe* na segunda década do século XX em São Paulo. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016a.
- _____. Ultrapassando limites, conjurando a liberdade: revolução e nação na trajetória política de Angelo Bandoni em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX. *Revista Mundos do Trabalho*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-74, 2016b.
- SEGAWA, Hugo. Arquitetura de Hospedaria de Imigrantes. *Rev. Int. Est. Bras.*, São Paulo, n. 30, p. 23-42, 1987.
- SENTA, Antonio. *Luigi Galleani and anti-organizationist anarchism*. Glasgow: Edizioni Bruno Alpini, 2012.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- STIRNER, Max. *O Único e a sua propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.
- TARRIDA, Fernando. Anarquía sin adjetivos. *Germinal*, n. 4, p. 129-136, out., 2007.
- TESTA, Cecilia. Livorno: storia della città. Disponível em: <http://www.urbanisticainformazioni.it/IMG/pdf/Livorno_Storia.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- TETI, Vito. *Emigrazione, alimentazione, culture popolari*. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TOLEDO, Edilene. Em torno do jornal O amigo do povo: os grupos de afinidades e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. *Cadernos AEL: Anarquismo e anarquistas*. Campinas, n.8/9, p. 89-115, 1998.
- _____. Imigrantes e operários de origem italiana em São Paulo e em Minas da Primeira República ao Estado Novo, *Revista de Imigração Italiana em Minas Gerais*, p. 1-22, 2009.
- _____. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. Um século de imigração italiana ao Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.
- TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915, *IRSH, Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, n.º 52, p. 407-444, 2007.
- URRIOLA, Jorge. *Le valigie dell'anarchia: Percorsi e attivismo degli anarchici emiliani e romagnoli in Argentina e Brasile nella avoltadi fine Ottocento*. Tese de Doutorado (Storia). Università di Bologna. Itália: Bolonha, 2016.
- VALENTE, S.M.P. O movimento anarquista no Brasil. *Semina: Cio SocJHum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p.260-269, set.1994.
- VAN DER WALT, Lucien; SCHMIDT, Michael. *Black Flame. The revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism*. Oakland (CA): AK Press, 2009.

_____. *O movimento anarquista no norte da África (1877-1951)*, 2013. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/26498>>. Acesso: 28 de dez. 2016.

VARGAS, Maria T.; LIMA, Mariângela A. *O Teatro Operário na Cidade de São Paulo: Teatro anarquista*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Idart, 1980.

VEGLIANTE, Jean-Charles. *Gli Italiani all'estero: Tome 4, Ailleurs, d'ailleurs*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 1996.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Vol. 2 – O movimento. Porto Alegre: L&PM, 2002.

YAZBEK, Mustafa. *A Revolução Argelina*. São Paulo: Unesp, 2010.